

Pe. Leão Dehon

Memórias

(Notes sur histoire de ma vie)

Vol - VI

Janeiro 1874 - Dezembro 1876

Edições Noviciado

Aveiro 2008

Introdução e notas
de
Pe. Giuseppe Manzoni, scj

-

Versão portuguesa
de
Pe. Ângelo Caminati, scj

Apresentação à edição portuguesa

O Pe. Ângelo Caminati, nos seus tempos de vida "semi-anacorética" junto ao Santuário de Nossa Senhora da Rocha, em Carnaxide, ocupou parte do tempo na tradução para português das "*Notes sur l'histoire de ma vie*", escritas pelo nosso Fundador, o Venerável Pe. Leão Dehon. Pedi-lhe que me cedesse o trabalho. Os noviços lançá-lo-iam no computador, em ordem a uma possível e desejável publicação. Ao mesmo tempo aproveitariam para contactar com uma das mais interessantes obras manuscritas do Pe. Dehon. O Pe. Ângelo entregou-me cerca de duzentos cadernos, escritos à mão por ele, com as traduções. De 1996 a 2000, vários grupos de noviços, nos tempos livres, foram lançando os textos no computador. Ainda em 2000, o então noviço Victor Silva fez o tratamento informático do texto e, com a minha colaboração, a revisão do mesmo, uma revisão muito apressada. A 1 de Setembro do mesmo ano, saiu uma edição provisória. Começando a usar o texto, verifiquei que havia muitos erros e que faltava mesmo, aqui e ali, alguma linha ou parágrafo. Em 2005, pedi ao Pe. António Correia que fizesse uma nova revisão do texto, comparando-o com o original editado pelo Centro Geral de Estudos. O Pe. António fez essa revisão que, informaticamente tratada pelo noviço Antonino Gomes de Sousa, é agora publicada, apesar de subsistirem alguns erros ortográficos, que o computador nem sempre detecta, e mesmo outros de tradução de certas palavras e expressões, nem sempre facilmente traduzíveis. À espera que alguém, com mais tempo e melhor capacidade faça a revisão, à espera que o Centro Geral de Estudos faça uma nova edição crítica da obra, já anunciada, sai mais esta edição provisória, em português. Oxalá sirva àqueles que estão interessados em conhecer "pessoalmente" o Pe. Dehon, e não apenas pelas biografias escritas ou a escrever. Oxalá o Conselho Provincial possa incluir, na sua programação para os próximos anos, uma edição mais cuidada. Os religiosos dehonianos portugueses, ou de língua oficial portuguesa, poderão ler, com maior facilidade e proveito, esta obra tão interessante para conhecermos a caminhada humana e espiritual do Pe. Dehon, bem como os inícios da Congregação.

Aveiro, 12 de Agosto de 2008.

Pe. Fernando Fonseca, SCJ

Mestre de Noviços

Introdução

Este sexto volume dos Memórias abrange três anos bem cheios de apostolado de L. Dehon em S. Quintino e na diocese de Soissons (Janeiro 1874 - Dezembro 1876).

O Patronato S. José, inaugurado a 23 de Junho de 1872 (NHV IX, 129) desenvolve-se cada vez mais em toda a espécie de iniciativas.

L. Dehon é confessor e director espiritual das Irmãs Servas, fixadas em S. Quintino por seu intermédio, a 2 de Julho de 1873 (NHV X, 20).

São esses dois acontecimentos significativos que patenteiam duas exigências da personalidade de L. Dehon: a acção e a contemplação.

Exactamente, por necessidade duma vida espiritual e comunitária mais intensa, L. Dehon, com outros cinco sacerdotes, funda em 1874 o Oratório Diocesano. A primeira reunião efectuou-se a 28 de Julho na casa do Terceiro Ano dos Jesuítas em Laon (NHV X, 175). O desejo deles era de fundar na diocese um centro de vida comum, com a adesão de outros padres. *O Oratório*, afirma o Pe. Dehon, *fez certamente um imenso bem mantendo um certo número de padres na fidelidade ao seu regulamento diário* (NHV X, 177).

Entretanto, a 22 de Agosto de 1874, criou-se em Soissons o Secretariado Diocesano das Obras. L. Dehon é eleito secretário e quase todo o trabalho pesa sobre os seus ombros (NHV X, 153). Com a autorização do bispo, Mons. Dours, começa um grande inquérito sobre a situação das obras e das associações na diocese, e envia a todos os párocos um detalhado questionário (NHV X, 153 - 155).

Do conjunto das respostas ressalta uma situação desoladora. *Quanto a associações não existia quase nada e, em toda a parte, assinalava-se a indiferença e a irreligião dos homens* (NHV X, 155).

L. Dehon não se deixa abater. Em toda a parte em que havia alguma esperança de fundar ou desenvolver uma obra, ele escreve, encorajando e enviando documentos. O Secretariado Diocesano manteve uma actividade intensa até 1878, sustentada pela correspondência abundante de L. Dehon, por vários documentos e relatórios que ele mandou imprimir, e pela organização de três congressos: em Nossa Senhora de Liesse, em S. Quintino e em Soissons.

Como se isso não bastasse para a sua actividade, em Novembro de 1874 L. Dehon decide, com o Sr. Julien, fundar um jornal católico e monárquico. Assim nasce *Le Conservateur de l'Aisne*. Era um projecto corajoso, num ambiente tão pouco favorável como o da região de S. Quintino (NHV X, 187-188). L. Dehon não é homem para desistir diante das dificuldades. Encontra accionistas em S. Quintino desde o mês de Novembro, o jornal começou a aparecer e subsistiria durante dez anos até à sua fusão com o *Journal de Saint-Quentin*. *Encontrei também nesta nova obra não poucas preocupações, seta por causa da impressão como dos redactores. Todavia a afirmação católica neste departamento deu bons frutos* (NHV X, 189 - 190).

Apesar de todos estes compromissos que poderiam ocupar mais do que um homem, Leão Dehon sente-se tentado a aceitar o convite insistente de Mons. Hautcoeur para alguns cursos de Direito ou de Filosofia na Universidade de Lille. Renunciou a isso unicamente devido ao parecer contrário do seu director espiritual, o P. Freyd (cf. NHV XI; 3 - 10).

Pensando neste ano 1874, L. Dehon escreve. *Neste ano a Divina Providência abençoou os meus esforços e parece-me que este período foi um dos mais fecundos do meu apostolado. Consegui fundar e organizar várias obras e desenvolver o que existia* (NHV X, 97).

Mesmo no meio de tantas actividades apostólicas, L. Dehon conserva o cuidado da sua vida espiritual. As Servas do Sagrado Coração também lhe tomam algum tempo. Leão Dehon confessa-as, faz-lhes conferências, dá catecismo aos órfãos, ocupa-se também dos seus problemas económicos e administrativos. As Servas, por sua vez, restituem-lhe espiritualmente a ajuda que recebem: *Encontrava nelas proveito espiritual. Elas edificavam-me e a sua direcção mantinha-me numa corrente de vida espiritual de que a minha alma tinha sede* (NHV XI, 156).

É em relação com esta grande sede de vida espiritual que devemos situar o retiro de eleição de Laon, em Março 1876, retiro no qual L. Dehon coloca-se o problema de saber se deve continuar na vida sacerdotal diocesana ou abraçar a vida religiosa. A primeira pesa-lhe, a segunda atrai-o; mas a quem confiar as suas obras? *Retomei a minha vida de vigário com desejo sempre crescente de vida religiosa* (NHV XII, 3).

De 23 a 25 de Outubro realiza-se o congresso de S. Quintino: um belo congresso, mais do que diocesano. *Foi o apogeu do despertar católico na diocese* (NHV XII, 47). O

bispo, Mons. Thibaudier, exprime a sua satisfação nomeando L. Dehon cónego honorário da Sé de Soissons; ele tinha só 33 anos. *Não me faltaram felicitações e aclamações; vieram mesmo donde menos poderia esperá-las... era um período de sucessos; as cruzes viriam depois* (NHV XII, 82).

Estamos já na véspera da fundação dos Oblatos do Coração de Jesus; que terá lugar em 1877, o grande ano da vida de Leão Dehon, o ano decisivo. *Tudo me sorria na vida secular. Era estimado por todos. Tinha êxito nas minhas obras. Era cónego honorário aos 33 anos. Falava-se em nomear-me vigário geral na primeira ocasião. E todavia não era feliz... Achava que não estava no meu lugar e queria a vida religiosa* “(NHV XII, 115). A vida religiosa, tê-la-á, duma maneira que não previa, mas que estava nos desígnios de Deus, fundando a Congregação dos Oblatos do Coração de Jesus.

G. Manzoni scj

Cronologia da vida do Pe. Dehon, para este 6º volume.

1874

28 de Julho: a primeira reunião do Oratório sacerdotal diocesano.

22 de Agosto: criação do Secretariado Diocesano das Obras, de que L. Dehon é secretário (SRSL, 1874, p. 481 - 485).

Novembro: fundação do jornal *Le Conservateur de l'Aisne* (SRSL, 1874, p. 692 - 693).

1875

6 de Março: morte do P. Melchior Freyd, director espiritual de L. Dehon.

10 - 11 de Março: Congresso das obras em Nossa Senhora de Liesse.

15 de Maio: L. Dehon é nomeado segundo vigário da Basílica de S. Quintino.

1876

21 - 27 de Março: retiro de eleição de L. Dehon em Laon.

23 - 25 de Outubro: Congresso das Obras em S. Quintino.

24 de Outubro: L. Dehon é nomeado Cónego honorário da Sé de Soissons.

ABREVIACÕES

Como nos outros volumes; mais:

SRSL= "La Semaine religieuse du diocèse de Soissons et Laon".

1874 - Terceiro ano de Vicariato.

FUNDAÇÕES

Neste ano a Divina Providência abençoou os meus esforços e parece-me que este período foi um dos mais fecundos do meu apostolado. Consegui fundar e organizar várias obras e desenvolver o que existia.

O Patronato arranjava uma Comissão protectora e formava uma banda de música instrumental.

Criava-se em S. Quintino um Secretariado diocesano para a difusão de obras. Este Secretariado começava um grande inquérito sobre a situação das obras na diocese e a situação religiosa das nossas paróquias.

O Oratório diocesano, grupo de sacerdotes que seguiam a regra de Holzhauser¹, estava constituído. Eu tinha atraído a ele alguns bons padres e organizávamo-nos durante um retiro no mês de Julho.

No Outono, começava uma reunião interessantíssima de jovens. Preludiávamos ao que se chamariam grupos ou círculos de juventude católica. Eram todos alunos do liceu; discutia-se de literatura, de filosofia, de ciência social; tocava-se música. / (97) Várias vocações saíam destas queridas reuniões.

Finalmente, no Outono, preparávamos a fundação de um jornal católico, o *Conservateur de l'Aisne*, que mais tarde absorveria o jornal de S. Quintino. Voltarei a falar nisso.

PREGAÇÕES

Nesse ano escrevi só umas dez instruções que são mais notas ou esboços do que discursos cuidadosos.

Para o IIº Domingo da Epifania, alocução na Missa do meio-dia: Sobre os deveres das classes dirigentes. Estas notas seriam sempre boas para reler; tomo o trabalho de reproduzi-las aqui...

¹ Cf. nota 1, com X, p. 65

“Houve umas bodas em Caná da Galileia. A mãe de Jesus estava lá. Jesus e os Seus discípulos foram também convidados. Faltando o vinho, a mãe de Jesus disse-Lhe: *Já não têm vinho* (Jo. 2, 3). E depois do Salvador a ter experimentado com uma resposta que parecia repelir o seu pedido, ela diz aos criados: *Fazei tudo o que Ele vos disser* (Jo. 2, 4). - E o Salvador mudou milagrosamente a água em vinho. “Maria, meus irmãos, é aqui o nosso modelo, como em todos os momentos da sua vida. E esta narração detalhada do Evangelho tem a sua razão de ser. Maria é-nos dada como modelo de solicitude, de vigilância a favor dos que se encontram em necessidade, e de zelo para socorrê-los. / (98)

Esta lição, meus irmãos, dirige-se sobretudo às classes dirigentes. Como o Senhor se serviu da Sua santa Mãe para preparar o milagre que Ele queria realizar, assim se serve das classes dirigentes, que mais se aproximam d’Ele pela ciência ou pelo poder, para que sejam instrumentos da sua Providência a favor dos deserdados da fortuna. Se Deus eleva alguns, é para que sejam o apoio e o recurso dos outros. Ele descarrega sobre eles o cuidado dos fracos e dos pequenos; é por esse caminho que eles entram na ordem dos conselhos da Sabedoria eterna.

É neste sentido, meus irmãos, que está correcto dizer “nobreza obriga”, e qualquer superioridade em talento, fortuna ou posição, é realmente uma nobreza. As classes dirigentes, e falo especialmente dos cristãos, dos homens de fé, cumprem cabalmente essa tarefa providencial que lhes é dada? Velam elas, como Maria nas bodas de Caná, para ver se ao pobre não falta nada?

Infelizmente, meus irmãos, é possível encontrar homens desses que são indignos da sua missão providencial e que dão atenção unicamente aos seus prazeres e interesses pessoais. Mas são, sem dúvida, raras excepções entre os cristãos. Dignam-se pelo menos considerar com tristeza a miséria e afligem-se sinceramente com os sofrimentos físicos e com as degradações / (99) morais de que são testemunhas. Mas quantos, infelizmente, se limitam a essas vãs considerações ou não levam à miséria senão um socorro ineficaz! Só dizem com Maria: *Já não têm vinho* (Jo. 2, 3). A esses infelizes falta o que é preciso para a vida, faltam sobretudo os alimentos para a vida da alma. Falta direcção, educação: a vida deles precisa de ser estimulada pelo exemplo, pelo apoio, pelos conselhos, pelas obras. Todos reconhecemos isso, meus irmãos, mas como são raros os que se dedicam a remediar o mal! Ajuda-se muito a miséria física, mas parece não haver coragem para socorrer a miséria moral. Reinam uma apatia e uma

inércia espantosas. Tem-se medo de agir. Não se tem coragem de dizer o que Maria dizia aos servidores de Cana: *Fazei tudo o que Cristo, o verdadeiro Mestre, vos disser* (Jo. 2, 4), por Ele mesmo ou pelos Seus discípulos. - Vê-se o mal e não se tem a coragem de levar-lhe remédio. Meus irmãos, nesta apatia há a transgressão de uma obrigação grave. As classes dirigentes têm uma missão providencial. É necessário que dirijam os fracos e os pequenos pelo exemplo, pela acção, pelas obras, caso contrário incorrerão na maldição / (100) de Deus, e a sentença divina será severa a seu respeito. O próprio Deus adverte-as no livro da Sabedoria: “Foi Deus, diz ele, que vos deu o vosso poder e a vossa superioridade; Ele interrogará as vossas obras para punir o abuso que tiverdes feito desta superioridade. Os que mandam, acrescenta, serão julgados com extremo rigor. Há mais compaixão para os pequenos e mais facilmente se lhes perdoa; mas os poderosos serão poderosamente atormentados (*Potentes potenter torquentur*); e os maiores são ameaçados com maiores suplícios (*Fortioribus autem fortior cruciatio*)” (Cf. Sab. 6, 4-9). - Os deveres das classes dirigentes, meus irmãos, são portanto rigorosos. Eles abarcam o exemplo e a acção. Dai esse exemplo. Ajudai os ministros da Igreja nesta acção; e então, longe de dever prestar a Deus contas severas, vós tereis parte na Sua glória; e como tereis trabalhado para o bem dos outros, brilhareis no céu com um fulgor especial no meio dos Santos, rodeados como por uma coroa por todos os que tiverdes edificado.”

No Domingo da *quingagésima*², por ocasião do lausperene (as quarenta horas), fiz um sermão sobre *a reparação*.

Após ter lembrado o que a Sagrada Escritura, / (101) usando uma linguagem humana, chama em muitas ocasiões a cólera Divina e a tristeza de Deus e do Redentor, eu indicava quais eram os nossos deveres frente a esta atitude Divina...

“À cólera Divina deve responder da nossa parte a penitência e a expiação. Somente nesta condição a justa ira de Deus se acalma e evitaremos as suas terríveis vinganças. A cólera Divina é sempre condicionada. A aversão que Ele mostra para com o pecador cessa desde que o pecado é apagado pelo arrependimento e pelos sacramentos. E o rigor com que Ele exige do próprio penitente a expiação completa do pecado já perdoado pode ser satisfeito pelas mortificações e penitências voluntárias. O próprio

² Nt O “Domingo da quingagésima” era o Domingo Gordo, ou Domingo de Carnaval. Na liturgia anterior ao Vaticano II, a Quaresma era antecipada de três Domingos: Septuagésima, Sexagésima, Quingagésima; seguia-se a quarta-feira de Cinzas e os quatro Domingos da Quaresma.

Deus, todas as vezes que nos ameaçou com a Sua ira, também nos indicou os meios para aplacá-la. “Estou irritado contigo, ó meu povo, diz o Senhor, todavia volta para mim e receber-te-ei; *tamen revertere ad me et ego suscipiam te*” (Jer.). E ainda: “Pelo menos agora, faz apelo para a minha bondade; diz-me: Tu és o pai e o guia da minha juventude; *ergo saltem amodo voca me: Pater meus, dux virginitatis meae / (102) Tu es*” (Ibidem). E noutro passo: “Volta para Mim, ó meu povo inconstante Israel, e Eu não afastarei de ti o Meu rosto: *Revertere, adversatrix Israel et non avertam faciem meam a vobis*” (Cf. Jer. 3, 7-12). E quando Nosso Senhor ameaçava Jerusalém com os mais terríveis castigos que Ele alguma vez infligiu a uma cidade, Ele avisava-a de que ainda havia tempo e que o seu arrependimento poderia afastar essa sentença.

Hoje, meus irmãos, Deus já não nos manda um Jeremias para pintar-nos a Sua cólera e anunciar-nos os Seus castigos, mas a Sua justiça não é menos temível, e é dever dos Seus ministros vo-lo lembrar. Deus está irritado ao ver as nossas iniquidades. O Seu braço está levantado e pronto a bater. Os povos esquecem isso. A nossa França sobretudo, afastou-se em grande parte d’Ele. É tempo, meus irmãos, de voltar a Deus e de fazermos penitência, se quisermos que não se executem as ameaças divinas e os castigos da Providência. Diz-nos o Senhor: “Fazei dignos frutos de penitência: *Facite fructus dignos paenitentiae*” (Lc. 3, 8). E os frutos da penitência são suportar as penas da vida, ter paciência nas aflições, mortificar o corpo. Numa palavra, é o sacrifício, o sacrifício de nós mesmos unido ao sacrifício divino da Eucaristia, que é / (103) também uma fonte infinita de expiação sempre ao nosso alcance e que as almas devotas deveriam fazer oferecer mais frequentemente, para a salvação da Igreja e da pátria.

Deus, meus irmãos, vós o sabeis, digna-se aceitar a expiação dos justos pelos pecadores. A salvação da pátria está portanto nas vossas mãos, vós que cumpris os vossos deveres de cristãos. O Senhor pela boca de Jeremias diz: “Percorrei as ruas de Jerusalém, olhai e considerai, procurai nas suas praças: se encontrardes um homem que cumpra a justiça e que queira ser fiel, eu serei propício para com a cidade” (Jer. 5,1).

Finalmente, meus irmãos, a tristeza divina fala aos nossos corações e faz o mais insistente apelo ao nosso amor. Quem poderia resistir a este apelo divino? - Diz o Senhor:

A palavra “Quaresma” é a abreviação de “quadragésima” isto é, dos quarenta dias de Jejum de Nosso Senhor que querem ser imitados, com igual período de Jejum e de penitência, por todos os cristãos.

“Ó minha esposa, tu conspurcaste-te com amores impuros; todavia, volta para mim e eu receber-te-ei” (Jer 3, 1).

Meus irmãos, o Senhor pede-nos para gemer com Ele e para consolá-Lo. Já nos salmos Ele exprimia esse sentimento: “Esperei... *Sustinui qui simul mecum contristaretur et non fuit, et qui consolaretur et non inveni... Et dederunt in escam meam fel et in potum meum acetum...* (Sal 68, 21-22). Tinha sede de consolação e de afeição, e eles deram-me a beber a amargura / (104) do seu abandono e dos seus ultrajes.

Em especial na Sagrada Eucaristia, meus irmãos, o Senhor renova-nos os seus apelos. Dizia Ele à B. Margarida Maria: “O que mais me aflige é que no Sacramento do meu amor, em vez de agradecimento, Eu recebo da maior parte dos homens só ingratidões...

Tomemos portanto a piedosa resolução de praticar a penitência e de nos entregarmos a uma terna afeição por Nosso Senhor, que pede para ser consolado especialmente na eucaristia pelas nossas visitas, pelo Santo Sacrifício, pela comunhão reparadora...»

Pela *feira das Santas Relíquias*, no domingo depois da Ascensão, não me demoro em demonstrar a legitimidade deste culto, pois que me dirijo a crentes, mas quero afirmar a sua eficácia para estimular a devoção; e mostro aos meus ouvintes nas Relíquias uma fonte de luz, o firme apoio da nossa esperança e a origem de graças infinitas.

I. – “Para esclarecer esta eloquente pregação das Relíquias, lugar de ciência sagrada e de luz divina, seria preciso percorrer toda a história da Igreja, e mostrar-vos por toda a parte os povos cristãos alimentando a sua fé e as suas virtudes nessa nascente fecunda... / (105) Mas bastará uma passagem dessa maravilhosa história e, visto ser coisa boa que os nossos pensamentos e os vossos corações estejam onde está o nosso pai comum, em Roma, é aí que nós estudaremos a fecundidade do ensino das Relíquias. - O tempo que a Igreja destina de modo mais especial ao ensino cristão, vós o sabeis, é o tempo da Quaresma. Em Roma, durante esse tempo sagrado, mais de sessenta pregadores fazem ressoar do alto do púlpito as verdades eternas. Mas a Cidade Santa tem outra espécie de pregação, não menos eloquente e não menos eficaz. Com a Quaresma começam o que se chamam as estações. Cada dia uma das igrejas de Roma abre-se solenemente à oração. Ela é ricamente ornamentada, os altares são cobertos de flores, o chão e o pórtico atapetados com ervas perfumadas, as capelas e os pilares

revestidos de tapeçarias. Os lustres espalham a sua luz simbólica. Todos os relicários são abertos. - Levantando o véu que geralmente os cobre Roma mostra nesse dia os seus corpos, as ossadas desses mártires, os instrumentos dos seus suplícios, e conduzindo ao longo de quarenta dias os seus filhos a esses gloriosos túmulos, ao pé dos restos dessa multidão de heróis de todas as idades, sexo / (106) e condição, ela diz-lhes: “Olhai os vossos pais, vede o que eles fizeram; sois dignos deles? Atletas da fé, se fraquejastes, chegou a hora de vos levantardes e de vos entregardes ao combate. Para vos encorajar os vossos pais mostram-vos as suas coroas imortais; para vos guiar, os seus exemplos e as suas virtudes; para vos amparar, as suas orações. - Agora eu pergunto: Poderá haver alguma pregação mais eloquente e algum impulso mais poderoso? Se a vossa fé enfraquece, eis aí milhares de testemunhas, e os que eles representam são milhões, e eis aí os instrumentos dos suplícios que eles enfrentaram para afirmar a sua religião. Se vós não tendes coragem, corai à vista desses troféus. Se contais com a dedicação e o vosso coração está frio, eis esses heróis da caridade, que se entregaram ao serviço dos seus irmãos pelos séculos fora e que fundaram todas as obras do amor e da dedicação. Elevai os vossos corações, acreditai, e trabalhai. - E é desde os primeiros séculos que a milícia dos fiéis cumpre essas peregrinações anuais aos troféus desses heróis. Este santo costume já era antigo no tempo de S. Jerónimo, que o faz / (107) remontar ao II século. - São estes, meus irmãos, os ensinamentos que se encontram a cada passo na Cidade Santa. São estas as luzes que Roma faz brilhar por toda a parte, procurando nas suas necrópoles sagradas essas Relíquias, cuja pregação é tão eloquente e cuja influência é tão salutar, para enviá-las até aos extremos da terra.

A pérola mais preciosa dessa admirável coroa da Cidade Santa, são os corpos sagrados dos santos Apóstolos Pedro e Paulo. São eles os chefes dessas santas legiões. Junto deles respira-se a sua verdade com a fé, e as centenas de lamparinas que ardem continuamente à volta desse sepulcro não são um símbolo vão. É aí que os bispos do mundo inteiro, pastores e doutores dos povos, vão reforçar-se periodicamente na fé; é do **umbral dos Apóstolos** que eles devem regularmente lançar-se para o campo apostolado, para levar ao longe a verdade...

II. - As Relíquias dos santos são uma base firme para a nossa esperança. - Dizei-me: Haverá algo mais convincente e mais arrasador do que o testemunho dos séculos, especialmente quando as testemunhas confirmam a sua fé com acções, e colocam as suas práticas em relação com a sua fé? / (108) Ora, não é mesmo isso que se dá com a

fé cristã na imortalidade? Já são mais de dezoito séculos que o cristianismo venera os restos sagrados dos seus mártires destinados à ressurreição. Ele honra-os, considera-os troféus gloriosos destinados a reviver para sempre. E eu pergunto: haverá alguma crença mais confirmada, mais sensível e mais palpável? Mas para fazer-vos compreender toda a solidez das nossas esperanças, permiti-me transportar-vos mais um instante a Roma, a essa basílica do príncipe dos Apóstolos, tão majestosa e tão rica que pode ser encarada como uma imagem, terrestre, sim, mas impressionante, dos esplendores do céu. Ajoelhai sobre essas lajes sagradas, no meio duma multidão comovida e recolhida, num desses dias solenes em que se faz a exposição e a veneração das relíquias. Por cima de vós, na base da imensa e imponente cúpula, um vasto balcão é adornado com tapeçarias e luzes. Logo aparece um príncipe da Igreja. Os olhares levantam-se, depois as cabaças inclinam-se: foi anunciada a relíquia insigne do instrumento da salvação, da cruz sagrada do Salvador. Seguem-se outras relíquias da Paixão, / (109) o véu da Verónica, a lança do Centurião e todos as veneram, inclinam-se e recebem uma comovedora e fecunda bênção. Vêm depois os troféus dos apóstolos, alguns ossos de S. Pedro e S. Paulo, a cabeça de Santo André, a mão do Evangelista S. Lucas, que escreveu sob o ditado do Apóstolo das nações. Depois disso, são relíquias insignes de todas as épocas, tesouro inestimável, enriquecido continuamente pelo piedoso costume adoptado por toda a Igreja de oferecer à basílica do Príncipe dos apóstolos uma relíquia importante dos Santos recentemente canonizados. Embora não tenhais assistido, meus irmãos, a estas santas cerimónias, compreendeis o que elas têm de emocionante. Seria preciso não ter alma para não se sentir aí como no vestíbulo do céu onde os Santos terrão depositado os seus despojos sagrados até ao dia da ressurreição. Temos aí, para a nossa esperança, um apoio mais firme que a rocha e tão inabalável como a nossa fé. - Se quiserdes, meus irmãos, reencontrar na história da Igreja um traço saliente desta correlação da piedosa esperança dos fiéis com o culto das santas Relíquias, levai a vossa recordação ao grande movimento e ao santo arrebatamento das cruzadas. / (110) Os túmulos, como os corpos sagrados, são relíquias. Ora bem! Vós reconheceréis, relendo as crónicas desses tempos, que todo o móbil do ardor das Cruzadas era o seu desejo de possuir o sepulcro de Cristo ressuscitado. E se perguntardes a esses homens generosos porque não receiam enfrentar a morte nessas regiões longínquas, eles responder-vos-ão de estarem convencidos que junto do sepulcro de Cristo se está mais perto da ressurreição, e que pelo menos a esperança é aí mais firme e mais animadora. Mas é bastante claro, meus irmãos, que nas santas Relíquias temos um apoio firme para a nossa esperança. Vós

reconheceste e sentiste isso no vosso coração. Graças a Deus sejam dadas que nos deu, na glorificação das Relíquias pela Igreja, esse estímulo da nossa esperança.

III. - Resta-me lembrar-vos que as santas Relíquias são a fonte de graças infinitas. - Poderia dar primeiro uma prova indirecta, que me parece ter uma grande força. Vede o que o demónio sugere aos seus sequazes. Vede o que acontece nas épocas funestas em que a heresia, pegando numa arma sacrílega, leva a uma nação / (111) a desolação e a ruína. Ao lado do sangue derramado, das igrejas incendiadas, dos asilos da oração violados e saqueados, poupam-se ao menos os restos sagrados dos mártires e dos Santos? Ah, meus irmãos, se assim fosse, não experimentaríamos a tristeza dilacerante que nos oprime quando percorremos a nossa França procurando os sepulcros gloriosos dos seus apóstolos, nos respondem: esses restos que procurais foram queimados ou lançados à torrente dos rios, aqui pelos Albigenses, ali pelos Protestantes. E a impiedade revolucionária, essa outra operária do demónio, que fez ela das nossas relíquias? Vós sabeis que ela as ultrajou e destruiu e deu às nossas igrejas esse aspecto frio e triste que as faz parecer casas vazias. Tudo isso mostra-nos como o demónio, inimigo da graça, tem horror às relíquias. - Depois disto, basta-nos lançar um rápido olhar sobre as provas directas da salutar influência das Relíquias. Interrogai os Padres da Igreja, e eles vos dirão, com S. Gregório de Naziânco e S. Crisóstomo, que os corpos dos Mártires são para as cidades uma protecção mais poderosa do que as torres e as / (112) muralhas mais estáveis. Ide para as cidades privilegiadas que possuem esses gloriosos troféus, e vos mostrarão os esplêndidos monumentos levantados pela gratidão dos fiéis, os testemunhos do cumprimento dos seus votos, as narrações de inumeráveis milagres, uma devoção e um afecto popular fundados sobre os múltiplos benefícios devidos a esses preciosos restos. Ora, mas porque precisais vós de ir procurar longe essas provas que brilham aos vossos olhos? Estas abóbadas e estas colunas não falam por si mesmas? Não apregoam elas a glória das relíquias sagradas do nosso santo padroeiro? Não foram elas erguidas pela gratidão dos nossos antepassados para abrigá-las e glorificá-las? Sim! Elas protestam contra o vazio destes túmulos sagrados que nós ainda veneramos, mas com tristeza. Elas protestam contra a diminuição do nosso precioso tesouro por causa da Revolução. E as narrações da história local nos relatam numerosos milagres, à vista dos quais surgiu e gravou-se nos corações dos nossos antepassados uma gratidão e uma devoção que ainda persistem nos corações dos seus descendentes.

Veneremos então as nossas santas Relíquias. Honremo-las / (113) duplamente, temos um dever de reparação. Rezemos também com confiança ante esses gloriosos troféus. Os milagres são menos frequentes aí. Deus os reserva para Sua Mãe que Ele quer glorificar duma maneira excepcional nos Seus novos santuários, como em Lurdes, mas junto dos nossos santos alcançaremos muitos socorros providenciais, para a pátria, para nós, para as nossas necessidades temporais e para a nossa salvação eterna...»

Num *discurso aos operários* da Sociedade de S. Francisco Xavier, eu fazia um relato do Congresso de Lyon, “a reunião dos verdadeiros amigos do operário, aqueles que dedicam a sua vida a satisfazer as três grandes necessidades deles: religiosas, económicas e recreativas...”

Para a Pregação do XXI Domingo depois do Pentecostes,

Escrevi somente o exórdio. Dizia aos meus ouvintes que o sentido principal do evangelho do dia era uma exortação ao perdão das injúrias e que eu queria, frisando bem os pormenores, fazer-lhes alcançar, com a ajuda das luminosas interpretações dos Padres da Igreja, alguns traços dos sentimentos últimos do Senhor, cujo Coração sagrado deixa transbordar o amor através de todas as palavras que / (115) o Seu pensamento reveste...

Para a prática do XXIV Domingo depois do Pentecostes,

Escrevi um sermão completo e insisti sobre o *Juízo Universal*. Pensei que me seria sempre útil ter nas minhas notas um discurso sobre um assunto tão importante.

No exórdio, indicava o meu plano. “ Foi por esta grande visão do Juízo de Deus, que tantos pecadores foram tocados e convertidos, e que tantos justos foram sustentados e confirmados nos caminhos da devoção cristã. São estes, meus irmãos, os frutos habituais desta meditação, e portanto, eu posso sem ser temerário, tentar com o auxílio da graça, ou retirar-vos dos vossos desvarios, se por desgraça vos deixastes seduzir e arrastar pela paixão, ou estabelecer-vos numa santa perseverança e ligar-vos, mais fortemente que nunca, aos deveres de uma vida devota e regrada, se tivestes até agora a felicidade de abraçá-la e segui-la.”

Depois, anunciava o meu plano: “Sem seguir literalmente o evangelho proponho-me mostrar-vos primeiro como este grande facto do Juízo Universal é essencial para a

nossa fé, / (115) depois quanto ele é concordante com as deduções da nossa razão e finalmente, quanto convém excitarmo-nos com ele, desde hoje”.

I... “Não pretendo repetir-vos as sessenta ou oitenta circunstâncias em que o Espírito Santo, dirigindo-se a todas as gerações desde Moisés até aos Apóstolos, nos adverte a temermos o juízo de Deus e nos pinta os seus rigores e a sua terrível efectivação. Alguns textos serão suficientes para completar o ensinamento divino resumido por S. Mateus³. - Seguidamente, eu citava: Joel, Cap. III; Daniel, Cap. XII; S. Pedro, II Epístola, Cap. III; S. Paulo, II Epístola aos Coríntios, Cap. III⁴ e Epístola aos Romanos, Cap. II; S. João, Apoc., Cap. XX - e desenvolvia depois o texto de S. Mateus.

II... A nossa razão diz-nos que Deus deve a Si mesmo a obrigação de manifestar a verdade com brilho e de fazer triunfar a justiça. É preciso que depois de se ter cansado, por assim dizer, de ver a verdade obscurecida pelas trevas da cegueira e da mentira, Deus a faça sair com brilho, seguindo essa admirável palavra de Tertuliano: *“Exurge, veritas, et quasi de patientia erumpe”*⁵. / (116)

O mundo está cheio de hipócritas que, sob a aparência de honestidade, escondem vícios vergonhosos, um orgulho sem limites, uma corrupção degradante, uma avareza sórdida... A verdade infalível de Deus e a sua justiça rigorosa devem, pela sua própria essência, destruir todos estes erros e tirar todas essas máscaras. Será preciso que Deus, um dia, endireite as complacências criminais dos nossos julgamentos humanos a nosso respeito e a respeito dos outros. Será preciso que Ele restabeleça o equilíbrio entre o opressor e o oprimido. Será preciso que todo o vale seja enchido e que toda a colina seja humilhada, isto é que a justiça absoluta seja feita a todos e que as injustiças e que as iniquidades, que são a base da nossa vida terrena, sejam todas reparadas.

Nem é menos certo que o juízo particular não satisfará completamente a verdade e a justiça de Deus. O Juízo Universal é necessário:

1º - A respeito do Filho do Homem. Renegado pelos Judeus, crucificado pelos pagãos, blasfemado pelos hereges, insultado pelos ímpios, desonrado pelos cristãos, é preciso que Ele seja, um dia, solenemente vingado aos olhos de todos, é preciso que uma solene, clamorosa reparação Lhe seja feita. / (117) É preciso que o mundo inteiro caía

³ Mateus, cap. 25

⁴ Refere-se provavelmente ao cap. V, em que o apóstolo fala da esperança futura, e do facto de que nós teremos “de comparecer todos no tribunal de Cristo”. (5,10)

finalmente de joelhos diante daquele que, por amor do mundo, quis morrer sobre uma cruz.

2º - É preciso que se faça justiça a respeito do Justo. Tratado agora como o seu divino Mestre, repellido, desprezado, perseguido como Ele, é preciso que um dia ele veja a sua coroa de ignomínia mudada em coroa de glória. É preciso que a ordem publicamente violada a seu respeito, seja publicamente restabelecida.

3º - É preciso que se faça que se faça justiça a respeito do pecador. Coroado de rosas cá na terra, nadando nos prazeres, troçando impunemente de Deus e da Sua Lei, é preciso que ele reconheça um dia, com o testa no pó do chão, o império soberano daquele Deus, cujas ordens, promessas e ameaças ele ousou desafiar. É preciso que aos olhos dos homens e dos anjos, o vício descarado seja um dia coberto da ignomínia e do desprezo com que ele tentou durante tanto tempo escarnecer a virtude tímida.

4º - É preciso que seja feita justiça a respeito do homem completo. Só a alma terá comparecido ao júízo particular; é preciso que o corpo seja por sua vez julgado, e que o homem receba publicamente, / (118) no seu corpo e na sua alma, a recompensa ou o castigo das obra que a sua alma e seu corpo realizaram em conjunto durante a sua união mortal.

É preciso que se faça justiça a respeito do homem considerado com todas as consequências dos seus actos, das suas boas e das suas más acções. Os nossos exemplos, os nossos escritos, as nossas obras produzem indefinidamente, depois de nós, frutos bons ou maus. É portanto somente no fim do mundo que os resultados da nossa vida moral poderão ser julgados no seu todo;

6º - É preciso que todas as hipocrisias sejam desmascaradas;

7º - Finalmente, é preciso que se faça justiça a respeito da Providência divina. Caluniada, negada pelos cegos mortais, é preciso que um dia o mundo inteiro preste homenagem à sabedoria dos seus conselhos, à doçura dos seus caminhos, à profunda economia do seu procedimento. Numa palavra, é preciso que um dia tudo reentre na ordem destruída pelo pecado. Isso ainda não é tudo; é preciso que tudo reentre nessa ordem de um modo radioso, solene. Ora, um julgamento público, universal, de todas as

⁵ N. T.- “Levanta-te, ó verdade, e como que sacode-te do teu torpor”.

nações reunidas, é o único meio de reparar publicamente a ordem publicamente violada... / (119)

III - A necessidade desse grande acontecimento é tal que seríamos insensatos, se não tomássemos desde já todos os nossos cuidados em escolher e preparar a parte que nele nos será reservada... Cada um de nós pode dizer a si próprio: com certeza, eu estarei presente nessa cena definitiva; mas estarei eu entre os justos ou entre os pecadores? A escolha depende de mim, e é hoje, é em cada dia, é em cada instante da minha vida que o meu julgamento se prepara e que a minha sentença definitiva se formula..." Não durmamos pois como os outros, dizia S. Paulo (1 Tes, 5, 6-7), mas vigiemos, e guardemo-nos da loucura do pecado". "Para nos prepararmos para esse julgamento tremendo, diz S. Bernardo (Serm. VIII, in Ps. 90), devemos-nos julgar a nós mesmos e anteciparmo-nos ao nosso Juiz, exercendo agora sobre nós uma justiça que nos livre da condenação terrível que teríamos de recear." " O espírito dos justos, diz S. Gregório Magno, está continuamente ocupado pelo pensamento desse severo exame que terão de passar depois da sua morte" (Moral. In Jo, livro VIII, c. 13). "Agora, diz S. Agostinho, vós / (120) podeis fazer um arranjo com o vosso Juiz; apressai-vos portanto em o fazer, antes que Ele pronuncie sobre vós o Seu julgamento final" (De decem chordis, c. 2) ...

Na Festa de S. Pedro,

eu mostrava Cristo Jesus tomando Simão, filho de Jonas, com suas qualidades e seus defeitos naturais, com seu bom senso, sua generosidade, sua ousadia, sua presunção, e transformando-o para fazer dele Pedro, o primeiro e o modelo dos Papas; Pedro, com uma fé duma têmpera única, uma caridade que não tem fronteiras, com um zelo que tudo arrasta e conduz segundo as regras da prudência e da sabedoria, com uma autoridade que é a mais alta deste mundo... Pedro vive no seu sucessor, que tem direito à nossa docilidade, ao nosso afecto, à nossa colaboração...

Num Sermão sobre o Coração de Jesus,

eu mostrava a extensão do amor desse S. Coração. Nessa ocasião, notei somente os textos do Evangelho que nos mostram a bondade do Senhor para com a infância e a juventude; para com as almas devotas (os seus amigos de Betânia e S. João); para com os pecadores; para com as almas sofredoras, para com a pátria, para com as multidões; bondade que tem a sua expressão suprema na Paixão e na Eucaristia. / (121)

Outras instruções

Que tive de fazer durante o ano, não as escrevi. O trabalho no Patronato tomava uma boa parte do meu tempo.

INSTRUÇÕES NO PATRONATO

O Patronato tornara-se activíssimo. A sua capela estava sempre cheia de manhã para a Missa, e demasiado pequena à noite para a Bênção. Eu falava às minhas crianças e aos meus jovens de manhã e à noite. De manhã, tomava geralmente como assunto os conselhos de Mons. De Ségur aos jovens operários. Este livrinho está escrito com tanta fé e tem comparações e exemplos tão bem desenvolvidos! Mons. De Ségur sabia bem que os operários e as crianças precisam de coisas concretas que impressionem a imaginação ao mesmo tempo que a razão. Nosso Senhor não nos deu o exemplo, falando ao povo em parábolas? Perdemos o nosso tempo se falarmos ao povo de uma maneira abstracta e filosófica.

À noite, como já no ano passado, eu contava alguma coisa da Terra Santa. As curtas notas que guardei relembram-me o que foi feito cada Domingo. Eis uma breve indicação:

1 de Janeiro - Missa bastante numerosa. Depois da Missa, cumprimentos dos Jovens do Círculo e das crianças do Patronato. Curta reunião à noite. Beberete no Círculo. Loto. / (122).

4 de Janeiro - Peça representada pelo Círculo: "O avaro". Prémios trimestrais. Alocução do Sr. Plusanski, secretário do Comité, professor de filosofia no Liceu.

11 de Janeiro - Solenidade da Epifania. Graças às minhas recordações de viagem, dou à narração do mistério um cunho oriental e realístico que interessa às crianças.

18 de Janeiro - Descrevo Caná da Galileia e as bodas narradas pelo Evangelho.

25 de Janeiro – Narração da Apresentação de Jesus. Descrição do Templo, seu estado actual: a mesquita de Omar.

1 de Fevereiro - Exortação para depositar dinheiro na caixa económica do Patronato. Leitura dos dados relatados pelo Boletim da Sociedade de S. Vicente de Paulo, relativos à economia do Patronato.

8 de Fevereiro - Leitura de outros dados sobre a beneficência no Patronato.

11 de Fevereiro - Concerto dado pelo Orfeão. De facto, já tínhamos um orfeão bem organizado, que nos dava belos concertos e coros.

15 de Fevereiro - Domingo gordo. Concerto. Lotaria.

17 de Fevereiro - Entrudo. Fantasias representadas pelos jovens do Círculo. Lotaria. Na quarta-feira, imposição das cinzas, de manhã e à noite. / (123)

22 de Fevereiro - Narração da morte edificante de um membro do Círculo, Ferdinando Querette, de 19 anos. Era mecânico na oficina do Sr. Mariolle. Já não praticava desde há 3 ou 4 anos. Mostrou-se ávido da Sagrada Comunhão e recebeu-A com fervor. Ele sentiu uma alegria muito sensível: “Que grande graça, dizia ele, que o Bom Deus tenha vindo visitar-me! Eu não queria recebê-l’O com a mais pequenina falta na minha consciência, Ele não teria vindo com gosto ao meu coração.” Testemunhava-me uma afeição filial. Estava feliz por sentir-se em estado de graça. “Mãe, dizia ele, se isso não te desse demasiada mágoa, eu queria morrer já agora porque estou em graça e iria para o Céu.” Como eu sentia pena dos seus sofrimentos, ele diz-me: “Sinto-me forte com a graça de Deus e não faltarei à paciência.” Ele mostrava um devoto respeito pelo seu escapulário; e tomava com devoção e confiança algumas gotas de água de Lurdes.

Vi muitas vezes nos meus doentes essa acção intensa da graça.

- Tinha começado para os meus jovens / (124) do Círculo um curso de Economia cristã, que se realizava uma vez por semana. Eles vinham numerosos e atentos. Conservo ainda os apontamentos.

Domingo, 1 de Março - Início do mês de S. José. Alocução do P. Prévot, pároco de S. João.

Bênção à Quarta-feira: bênção com a Vera Cruz.

8 de Março - Alocução sobre S. José e a sua poderosa intercessão, pelo R. P. Loïez, pregador da Quaresma na basílica.

15 de Março - Solenidade de S. José⁶. Missa Solene; pão bento.

⁶ N. T. - A festa de S. José cai no dia 19 de Março, mas como não era admitido pelas leis civis era celebrada no Domingo anterior ou posterior mais facilmente no anterior, porque o domingo posterior podia ser Domingo da paixão ou de Ramos.

A mesma observação para a festa da Anunciação celebrada no Domingo anterior; a festa cai no dia 25 de Março.

À Quarta-feira, alocução do P. Geispitz.

22 de Março - Narração do Mistério da Anunciação. Descrição de Nazaré.

29 de Março - Ramos, Betânia, Monte das Oliveiras, o Templo.

Retiro pascal.

Segunda-feira, prática sobre o pecado, pelo P. Prévot;

Terça-feira: sobre a eternidade pelo P. Catillon;

Quarta-feira, sobre o juízo final e a confissão, pelo P. Prévot;

Na Quinta e Sexta-feiras fiz narrações da Paixão.

Páscoa, 5 de Abril - Comunhão Geral. / (125)

Segunda-feira - Passeio, Bênção em Dalon. À noite reunião mensal.

10 de Abril - À noite, votos soleníssimos de Boas Festas para S. Leão. Beberete, oferecido pelo Círculo.

Domingo, 12 de Abril - Festa; serão dramático. Representa-se Baldini. Lotaria; bolos.

De 13 a 16 - Assembleia-geral dos Círculos em Paris.

17 de Abril - Serão dramático, para o público: Baldini. Relatório da Assembleia de Paris.

19 de Abril - Concerto. Relatório da Assembleia de Paris. Beberete no Círculo.

26 de Abril - Pormenores sobre a Assembleia de Paris.

Domingo, 3 de Maio - Prémios no Patronato. Assembleia mensal no Círculo.

10 de Maio - S. João à Porta Latina⁷. Festa dos tipógrafos. Panegírico do Santo. Pão bento na Missa. O escudo da corporação é decorado com flores.

Organização da música instrumental.

14 de Maio - Ascensão. História das corporações operárias.

17 de Maio - Continuação do mesmo assunto segundo Leão Gautier. / (126)

⁷ N. T. - Esta festa já não existe (celebrava o suposto martírio de S. João, Apóstolo, junto à Porta Latina, em Roma. Lançado numa caldeira de azeite a ferver, o Santo saíu ileso; foi então para a ilha de Patmos, frente a Éfeso na Ásia Menor, onde teve a visão do Apocalipse.

24 de Maio: Pentecostes - Narração de uma festa no Círculo Montparnasse; a transladação das relíquias de S. Generoso.

À segunda, jogos de sociedade no Círculo.

31 de Maio - Anúncio das festas do Corpo de Deus e das procissões.

7-14 de Julho - Procissões na cidade; patronato e Círculo tomam parte nelas com suas bandeiras. Visita do Sr. Bispo.

21 de Junho - S. Luís Gonzaga, em Roma. Recordações: o seu quarto, a sua festa anual no Colégio Romano.

28 de Junho - 5 de Julho - S. Pedro: narrações da vida de Pio IX. Exemplos da sua bondade e da sua devoção.

12-19-26 de Julho - Momentos da vida de S. Vicente de Paulo: 1º Comunhão renovada. Prémios às crianças do catecismo dos aprendistas.

9 de Agosto - Grande festa no pátio para o Relatório Anual. Presidem o Sr. Vice-Governador e o Sr Arcipreste. O comité protector e os benfeitores foram convidados. A fanfarrinha inaugura as suas execuções. O Círculo representa a peça interessante e dramática "Jorge, o Operário". / (127)

16 de Agosto - Mesma festa para as famílias das nossas crianças.

23 de Agosto - Estou no Congresso de Lyon. No patronato, a alocução é feita pelo P. Prévot.

30 de Agosto - Narração do conjunto da minha viagem a Lyon, La Salette, a Grande Cartuxa.

6 de Setembro - Prémios trimestrais. Resumo do Relatório do P. Decaux em Lyon, sobre os Patronatos.

13 de Setembro - História resumida da Vera Cruz⁸. Na Sociedade S. Francisco Xavier, à noite, faço um relatório do Congresso de Lyon.

20 de Setembro - Descrição de La Salette, da qual se festeja o aniversário.

1-2-3 de Outubro - Retiro dos responsáveis.

⁸ N. T. - A festa da "Exaltação da Santa Cruz" é no dia 14; mas aqui é antecipada ao Domingo precedente.

4 de Outubro - Festa dos Santos Anjos. Comunhão dos responsáveis. Alocução do P. Gironnet, dominicano...

11 de Outubro - Conselhos para a feira. Sessão às 5 Horas. Os nossos jovens representam "Jorge, o operário" para os membros de S. Francisco Xavier.

25 de Outubro - A obra dos soldados é bastante viva; 15 soldados assistem à Missa. / (128) Festas corporativas de S. Lucas e de S. Crispim.

Aqui param as minhas notas. Daí em diante nunca mais escrevi o tema das instruções nem a actividade particular de cada Domingo.

A OBRA DOS CÍRCULOS - ASSEMBLEIA ANUAL

Paris, 12 a 16 de Abril. A Obra dos Círculos só tinha dois anos de vida, mas já tinha uma grande visibilidade e parecia que iria transformar a França.

Ela reunia o que a França tinha de mais cavalheiresco, oficiais cristãos, marinheiros, magistrados, homens de trabalho. Ela ia ao povo, queria aproximar as classes para as conduzir reunidas a Jesus Cristo. O plano era esplêndido. A Obra fez um bem imenso e ainda o faz. Contribui poderosamente para o despertar da vida social cristã. Se tivesse conseguido evoluir em 1875 e aceitar a República, ter-nos-ia dado uma república cristã; mas não conseguiu porque tinha recrutado os seus agentes entre os mais fiéis da ideia monárquica. Desde então nunca mais teve uma grande actuação, mas os estudos sociais que lançou transformarão pouco a pouco os ideais da / (129) nossa sociedade individualista e revolucionária.

No seu número de Janeiro de 1874, o Boletim dos Círculos católicos de operários resumia assim os começos da Obra:

"Dois anos nos separam hoje desse serão de Natal (1871) em que reunidos num pequeno quarto do Círculo Montparnasse, os primeiros fundadores da Obra (o Sr. de Mun, o Sr. Tour du Pin, o Sr. Maignen) sentiram a expiração de lançar à Revolução dominadora das classes operárias, o seu enérgico desafio. - O primeiro ano da Obra começou pela abertura, em Paris, dos Círculos de Belleville e de Montmartre, e continuou com a fundação de Comitês unidos ao de Paris, nas grandes cidades ao Sul da França. No fim do ano quatro Círculos iriam abrir em Paris e seriam constituídos dez comitês nas províncias. A *caderneta-diploma* para os sócios era adoptada pela União das Associações

Católicas. Finalmente, um “Conselho Docente” tinha agrupado, sob a invocação de Jesus Operário, os religiosos mais iminentes das ordens estabelecidas em Paris, para dirigir o ensino administrado nos Círculos da Obra. / (130)

“O 2º ano da Obra abriu-se com o benefício duma bênção especial e de diversos favores com que o santo Padre se dignava cumular a Obra dos Círculos católicos operários. Com esta bênção, o número dos Círculos duplicou em Paris, o dos Comitês locais triplicou e no momento presente, a Obra, unida por um laço religioso, é servida por trinta Comitês e representada por *cinquenta Círculos*, podendo contar no conjunto *dez mil* sócios.

“As etapas percorridas ao longo deste ano foram: no mês de Abril, o sucesso verdadeiramente acima da expectativa das *Missões e das Conferências* públicas dirigidas, em Paris, pelo Conselho de Jesus-operário; no mês de Maio, a *Assembleia Geral* que reuniu num admirável espírito de trabalho e de concórdia, 300 membros da Obra; no mês de Agosto a *peregrinação* regional de Paris e do Norte a Nossa Senhora de Liesse, e em toda a França o desfaldar das bandeiras da Obra; no mês de Outubro, o apelo feito a favor da Obra pelos grandes jornais religiosos, que a elevaram ao nível de uma instituição católica, e a chamaram de a Obra da Reconciliação, a Obra do Futuro. / (131)

“O ano de 1874, começando sob estes auspícios, abre-nos grandes horizontes e impõe-nos fortes obrigações...”

A segunda Assembleia anual abriu no Domingo 12 de Abril, com um encontro íntimo e recolhido dos membros da Obra, na sua Capela de Jesus-operário (Rue des Carmes, 23), tornada nesse ano pequena para os receber.

À saída da Missa celebrada pelo capelão, R. P. Dulong de Rosnay (da Sociedade de Maria), comovido pelo próprio aspecto desses homens dedicados, que uma tão estrita união de esforços acabava de chamar à mesma hora, de todas as regiões da França, transmitiu essa grande emoção para os seus corações com a sua palavra sacerdotal. Esse bom Padre iria falar várias vezes nesse congresso e sempre com uma emoção penetrante, uma elegância de estilo e um hábil emprego do lugar comum que me entusiasmaram.

As reuniões seguintes realizaram-se na bonita sala da Sociedade de Horticultura, na Rua de Grenelle. Mons. Ségur aceitara a presidência de honra deste dia e fechou a sessão com uma dessas quentes e graciosas alocações / (132) de que ele possuía o

segredo. Tínhamos ouvido um relatório de Leão Gautier sobre os trabalhos do Conselho de Jesus-operário, e um relatório do Conde de Mun sobre o Comité de Paris. O serão acabou no Círculo Montparnasse, ao qual pertencia a honra de dar a esses hóspedes amados o espectáculo vivo de uma das suas Assembleias mensais.

Na Segunda-feira, missa matutina na igreja de Jesus; pela manhã, leitura dos relatórios das diversas zonas do Norte e do Leste; pela tarde leitura dos relatórios das zonas do Sul e do Oeste.

À noite, reunião no belo Círculo Santo António, com uma alocução simples e profundamente cristã do Coronel Lion, presidente do Comité de Lyon.

Na Terça-feira, relatório sobre a direcção de um Círculo, pelo Visconde Le Sieur; relatório sobre o funcionamento interno do Círculo pelo Sr. de Givry. O presidente da Assembleia provocava as objecções e as explicações. “Sucessivamente, diz o relatório, tiveram de subir à tribuna, apesar da sua modéstia: o Coronel Lion (de Lyon), o capitão da Marinha, Rallier (de Lorient), Sépulcre (de Maubeuge), o Rev. Dehon (de / (133) S. Quintino), o Rev. Frachon (de Dinan), Guiol (de Marselha), de Lautrec (de Béziers), de la Barthe (de Toulouse), Milcent (de Paris), de Castelnan (de Sainte-Affrique), Benoist d’Azy (de Nevers), etc... Cada um desses homens eminentes (para mim é demasiado lisonjeiro) dava uma nota harmónica no concerto realmente admirável da Obra, e as pausas marcadas pela intervenção dos secretários, de Mun (Paris), de Parseval (Norte), Jorge Martin (Centro), de Langalerie (Sul-Oeste), etc... e pelo deão da Obra, Maignen, secundavam de uma maneira feliz os acordes tão variados.

A tarde desse dia terminou com uma festinha no Círculo de Vangirard, onde a palavra encantadora do capitão da Marinha Rallier manteve tudo quanto nos ensinara a esperar dele.

A manhã da quarta-feira era consagrada à formação e ao funcionamento dos Comités, sobre os relatórios apresentados por G. Martin e de La Tour du Pin. Estes senhores evidenciavam dois princípios: o da Associação da Classe dirigente à classe operária e o da divisão do trabalho nesta obra comum! / 134)

A tarde do quarto dia estava dedicada ao ensino religioso e geral nos Círculos e fora dos Círculos. O Rev. Brettes falou das Missões nos arredores de Paris, o P. Dulong de Rosnay das Conferências públicas e Leão Gautier das publicações da biblioteca popular. Inútil dizer que todos os três nos agradaram profundamente.

À noite, Assembleia solene. A sala tornara-se demasiado pequena apesar dos seus 200 lugares sentados. Sua Eminência o Cardeal de Paris atravessava com dificuldade as fileiras respeitadas, e foi caminhando sobre os ombros da multidão que o capitão de Mun chegou à tribuna para daí fazer ouvir, como ele próprio dizia, como a trombeta que toca na manhã do combate, os acentos vibrantes da sua fé religiosa e social.

A senhora do Marechal Mac-Mahon quisera tomar lugar nos degraus do estrado testemunhando assim a sua solicitude cristã para com uma obra de regeneração social.

Quinta-feira, última missa e comunhão geral no círculo de Gros-Caillou. Mons. Marguerie oficiava e o P. Fristot fez ouvir a sua palavra já conhecida e amada. / (135)

Às três horas, a velha igreja de St. Germain l'Auxerrois abria-se à multidão dos congressistas que tinham a sorte de escudar aí a palavra eloquente do P. Monsabré e de receber a bênção papal pelas mãos do Núncio, Mons. le Prince Chigi. O prelado, que pela primeira vez oficiava revestido da púrpura romana, era aclamado à saída com os gritos de "viva Pio IX".

Às 8 horas da noite, um banquete de 200 lugares era oferecido pelo comité de Paris aos seus confrades da província, e os brindes seguidos por aclamações unânimes fizeram vibrar, uma última vez, os corações em uníssono: Villermont, exaltando o Santo Padre; Paulo Vrignault, a bandeira da Obra; o Coronel Borson bebendo ao comité de Paris, o conde de Mun aos da província, o R. P. Dulong de Rosnay ao exército, o capitão de marinha Rallier à armada, o deputado Keller à Alsácia e à Lorena, o capitão de la Tour du Pin às Senhoras Patronas da obra, o capitão de Mun aos membros ausentes, o conde de Mun aos operários, e o Sr. Lautrec fez na língua poética da Provença a récita duma festa operária.

Depois dissemos um cordial "até à próxima", / (136) levando connosco resoluções generosas e uma alegre confiança.

COMITÉ PROTECTOR

A 2 de Fevereiro, eu conseguira reunir um Comité protector, composto pelas pessoas mais importantes da cidade. Esta reunião foi um verdadeiro acontecimento político e social. Todas as personalidades da cidade tomavam parte nele: a magistratura,

a administração, os oficiais, os industriais. Toda a cidade estava ganha para esta Obra que desafiava a crítica. Só a lista do comité pode dar disso uma ideia exacta:

Presidente honorário: o Sr. Arcipreste; Presidente: Sr. Heitor Basquim, fabricante de bordados; Vice-Presidentes: Sr. Guerard, Juiz de instrução; Sr. Faroux, notário; Tesoureiro: Sr. Guillaume, conservador das hipotecas; Secretários: Sr. Pluzanski, professor de filosofia no liceu; Sr. d'Arcosse, substituto. Membros: Abraham Jules, comerciante; Arpin-Paillette, proprietário, Fernand e Gustave Arrachart, comerciantes de vinhos; Basquin-Pruvost, comerciante; Béguin, proprietário; Bénard, architecto, adjunto do presidente da Câmara da cidade; Bernard, procurador da República; Biel, decorador; Black, industrial; Cardon, notário; Cordier, médico dos hospícios; Coutant, / (137) administrador dos hospícios; Delherm de Novital, comissário de açúcares; Delesale, ex-director do colégio de Verdun; Demamet, ex-comerciante; Faglin, advogado; Falise, comerciante, presidente da Câmara de Rouvroy; Fargeon, cobrador das finanças; Fouquier Henri, proprietário; Huet-Jacquemin, antigo presidente da Câmara; Hurstel, tecedeiro; Jourdain, tecedeiro; Julien, antigo proprietário de hospedagem; Jullien-Fouquier, Juiz suplente; Lebée, industrial de manufactos; Lecot, proprietário; Lehout, industrial de manufactos; Mabile, proprietário; Mairesse, cervejeiro; Malézieux; vice-presidente da Câmara de comércio; Maréchal, decorador; Moureau, tipógrafo; Parmentier, Juiz suplente; Pichon, verificador do registo; Quentin, bancário, presidente de tribunal de comércio; Raffort, comerciante; Roger-Rousseaux, comerciante; Roux, vice-governador civil.

Era um tempo de verdadeira liberdade de consciência, esse, em que os vice-governadores, os procuradores, os magistrados, ousavam patrocinar oficialmente uma obra católica.

Fizeram-se quatro reuniões do Comité durante o ano.

A 2 de Fevereiro, o Comité ficou constituído. Eu dei conta da situação da obra. / (138) Organizámos a subscrição e prometemos o título de *fundadores* àqueles que dessem 200 francos ou mais, de *benfeitores* àqueles que dessem de 50 a 200 francos; de membros honorários aos que dessem anualmente de 10 a 50 Francos.

A 9 de Março, além dos membros já citados, tínhamos o Sr. d'Ersu, juiz, e o Sr. Merlin, vice-governador, ao qual iria suceder o Sr. Roux. Expus novamente a situação da obra. O Círculo compreendia 53 sócios e 10 aspirantes. Eu tinha aí fundado um curso de

economia cristã, que foi dado regularmente todas as semanas durante vários anos e ao qual assistiam uns vinte alunos. O Patronato tinha 250 crianças inscritas, das quais pelo menos 170 vinham regularmente todas as semanas. A Obra começava a atrair grande parte da cidade para uma ideologia cristã. As construções tinham custado 19.000 francos, dos quais ficavam por pagar 6.000. Devia-se pensar em comprar o terreno para o qual tínhamos unicamente uma promessa de venda pelo valor de 20.000 francos. / (139)

A 11 de Abril, terceira reunião. Nela nomeávamos uma comissão de estudos que incluía: o Sr. Basquim, presidente; Lebéé, industrial de manufactos; Moureau, tipógrafo; Jourdain René, tecedeiro; Bernard, procurador da República; d'Arcosse, substituto; Faglin, advogado; Pluzanski, professor de filosofia no liceu. Esta comissão fez as suas reuniões mensais até 1876.

A 28 de Setembro, quarta reunião do ano: situação da obra e das subscrições, relatório sobre os congressos de Paris e de Nantes.

A OBRA EM MARCHA

Para descrever a vida da Obra em 1874, só tenho de servir-me de algumas páginas do relatório apresentado pelo nosso secretário Pluzanski, na reunião anual de Janeiro 1875...

“O Patronato contava, à sua fundação, 40 crianças; a 1 de Janeiro de 1873, 200 crianças; a 1 de Janeiro de 1875 conta com 301 crianças.

O círculo contava, à sua fundação em Outubro 1873 com 23 membros; actualmente (Janeiro de 1875) -139 membros.

Portanto, a Obra de S. José alarga actualmente a sua acção a 440 membros.

Eles estão assim repartidos: / (140) Alunos: 82; Aprendizes e operários: 324; Caixeiros ou empregados: 34.

Se quisermos alguma informação sobre a sua perseverança, eis alguns números que testemunham a constância de alguns e a mobilidade de outros, mas que não são desanimadores.

“Sobre estes 440 actualmente inscritos, 186 já faziam parte da obra em 1 de Janeiro de 1874; 18 estavam entre os 40, de Junho de 1872. Destes 40, 4 ou 5 deixaram

a cidade; outros 9 já não podem frequentar a Obra por motivos legítimos, como doença ou trabalho de turnos aos Domingos.

“A média das presenças, ao Domingo, durante o mês passado foi de 206.

“A caixa económica da Obra tem 198 contas abertas.

“Todos os nossos jovens cumprem o seu dever pascal; 200 assistem à nossa missa da meia-noite, que foi muito edificante; 160 aproximaram-se da Sagrada Mesa. Todos os Domingos, de resto, há alguns que recebem a comunhão. Já tivemos a tristeza de ver morrer jovens do nosso Patronato: todos morreram como bons cristãos. Um deles, Ferd. Q.⁹ operário mecânico de 19 anos, que a prova do sofrimento tinha reconduzido à prática religiosa, morrendo dava ao seu director os sinais / (141) da mais sincera gratidão e do mais vivo afecto, e ele próprio consolava a sua pobre mãe falando-lhe do céu!

“Desde o último relatório, as reuniões da semana tornaram-se mais numerosas. Aliás, a casa está aberta todas as tardes aos sócios do Círculo das 7 às 10 horas. O Rev. Geispitz tem continuado as suas aulas de música vocal; toda a gente pôde avaliar, nos encontros de S. Francisco Xavier e em várias Bênçãos eucarísticas celebradas na Colegial, os progressos que o orfeão de S. José, composto por 50 membros, tem feito em pouco tempo. Uma fanfarra também foi criada, e foram dados cursos de música instrumental. O Sr. Daub ofereceu-se gratuitamente para formar esta jovem fanfarra, e eis que, apenas com só 8 meses de vida, ela começa já a fazer ruído pelo mundo; na festa de S. Cecília, ela foi fazer-se ouvir na Colegiada, seguindo valentemente a sua bandeira, doada pelo Sr. Presidente do Comité protector. Finalmente foi dada aos jovens do Círculo uma série de lições sobre a Economia social cristã.

“O bem atrai o bem, como o mal atrai o mal. Além destas diversas instituições que completam a nossa Obra, foi ainda ensaiada outra que, se os recursos não faltarem, poderá ter um grande desenvolvimento e da qual toda a gente reconhecerá a grande utilidade. Muitos jovens / (142) operários ou caixeiros vivem sós em S. Quintino, ou porque são órfãos, ou porque os seus pais não vivem na cidade. Este isolamento expõe-nos a perigos que toda a gente adivinha... Quanto seria vantajoso para eles que uma *Casa de família* lhes oferecesse a preços módicos um asilo em que a associação com companheiros escolhidos e os bons conselhos do seu director os preservariam das más

⁹ Ferdinand Querette, X, p. 126

companhias e da desordem! É nesta intenção que alguns quartinhos acabam agora mesmo de ficar disponíveis no segundo andar da casa de S. José...

“Se algum dos meus leitores quisesse conhecer de perto a vida interna da nossa Obra, eu convidá-lo-ia a vir visitá-la no momento em que ela está em plena actividade, isto é ao Domingo depois das três horas. Isso não quer dizer que o Domingo começa para nós às três horas; nós já tivemos de manhã a missa e uma breve instrução, mas é o momento em que temos toda a gente em casa... Eis em primeiro lugar na recepção um dos nossos jovens chefes de secção, sentinela voluntária que renuncia por algum tempo aos jogos para assegurar a boa ordem da casa: para / (143) entrar, é preciso fazer-lhe boa cara e mostrar-lhe o cartão de sócio; felizmente ele conhece-me, um bom aperto de mão e passamos. Vem agora o guiché de controlo em que fica depositado o cartão, em que os apreciadores de jornais tomam as suas assinaturas às Pequenas leituras (48 números ilustrados por 20 cêntimos por ano); depois vem a Caixa económica que reclama as economias dos nossos jovens desde os seus primeiros passos dentro da casa; ela não recusa nada: com 5, com 10 cêntimos, abre-vos uma conta corrente; quando se chega aos 5 francos, ela vos dá uma caderneta, e os pequenos riachos acabam por formar um rio. Da sua fundação para cá, a nossa Caixa económica recebeu 4.763 francos... Ah! se nós conseguíssemos fazer adquirir aos 50 ou 60 jovens (é a média) que nos confiaram até hoje as suas economias, o bom costume de não gastar tudo o que ganham, mas de guardar uns recursos para os momentos difíceis!

“Agora já entramos no pátio. Vós talvez nunca vistes um bilhar flamengo, um jogo que nós importamos para cá, que não fica caro e que se tornou muito popular entre os nossos jovens de São-Quintino? Eis o nosso ginásio: trapézios, barras paralelas fixas, anéis, tudo está ocupado: é uma alegria / (144) para as nossas crianças, condenadas muitas vezes durante a semana a uma certa imobilidade, ou a movimentos automáticos sempre iguais, poder aqui distender um pouco os nervos! Vede toda essa gente correr, trepar, gritar a plenos pulmões; é uma tão boa invenção o descanso do Domingo! Porque, ninguém se engane, é descansar mexer-se dessa maneira.

Do outro lado do pátio, eis uns pelotões que manobram sob as ordens de instrutores voluntários, veteranos da Alsácia ou da Argélia! Dentro de alguns anos, alguns já este ano mesmo, estes jovens irão à tropa, e sentir-se-ão bem ao apresentar-se sabendo já distinguir a direita da esquerda, e tendo até noções muito mais amplas da teoria militar. Entramos na sala; em volta de longas mesas, eis ao pé do fogão as pessoas

sossegadas que preferem a uma partida de barra, alguns jogos tranquilos ou uma velha série da Ilustração, que recomeçam a folhear conscienciosamente todos os Domingos. Porque será que estes jogadores e estes leitores tão calmos devem ser constantemente incomodados, especialmente quando chove, pelos turbulentos que do pátio ou do ginásio invadem esta sala? É / (145) a nossa sala para todo o serviço: mal acabada de construir, a colmeia esta já demasiado pequena para o enxame que nela se aperta! Vamos seguidamente para junto do altar que um biombo rolante separa da sala. Hoje é um dia de festa; a lâmpada acesa anuncia-nos que Nosso Senhor está hoje todo o dia entre nós; esse rapazinho, esse moço que vós vedes ao pé do altar e cuja oração foi perturbada um pouco pela nossa entrada, pertence a uma pia congregação que se encarregou de nunca deixar, durante todo o dia, o SS. Sacramento sem adoradores; deixemo-lo aí no seu recolhimento, longe do barulho que estrondeia todo o resto da casa. Quem sabe o que lhe inspirará essa meditação? Um ou dois, já tomaram o caminho do seminário... Com toda a certeza, esse jovem que nós surpreendemos na oração, não virá a ser nem um mau operário nem um mau cidadão, nem um preguiçoso no trabalho, nem um cobarde diante do inimigo!

“Quereis agora que subamos ao primeiro andar, reservado especialmente ao Círculo? Eis em primeiro lugar a sala de conversa, refúgio dos mais tranquilos: sobre a mesa, todos os jornais que nos são amavelmente oferecidos: o Journal de S. Quintino, o Conservateur / (146) de l’Aisne, o Bulletin francês, o Petit Moniteur, a Semana Religiosa, os Anais da Propagação da fé, etc... Mas o barulho das carambolas atrai-nos para as outras salas: o presidente eleito do Círculo descobriu-nos, vem fazer-nos as honras do seu departamento, e mostrar-nos a biblioteca do Círculo e as salas de jogos. Com quatro assessores, também eleitos, é ele que vela pela boa ordem interna e administra o orçamento do Círculo, porque o Círculo tem a sua lista civil: aquele que vedes circular no meio dos grupos, com um caderninho na mão, é um sócio dedicado que aceitou a tarefa ingrata de ser colector dos impostos. Cada membro, de facto, deve entregar uma quota de meio franco por mês; a gratuidade não tem nenhum valor neste caso, cada um apegasse àquilo para que contribuiu com o seu dinheiro... Vedes agora lá além o nosso querido director ocupado num encontro particular de que já adivinho o assunto; ele está-se esforçando para animar esse grande e forte moço que as troças dos de fora perturbam, e que, naturalmente cheio de bons sentimentos, iria à missa, à confissão, a tudo o que se quisesse, se fosse possível dar-lhe esse anel mágico graças ao qual Gygès se tornava

invisível quando queria. / (147) Ah! o respeito humano das fábricas!... Não mais tirânico, diríeis vós, do que o respeito humano dos salões dos nobres!

“Vedes muita gente nessas salas, mas não bastantes mesas, nem bastantes cadeiras, nem suficientes bicos de gás, nem suficiente espaço; bem seria preciso desde já poder fazer recuar os muros!

“Ainda não vos mostrei tudo. Eis o cantinho onde está a biblioteca dos mais novinhos. Enfiemo-nos por esta estreita escada; eis-nos num sótão que foi decorado, tanto quanto era possível, por artistas de boa vontade e que serve para várias pequenas reuniões. Neste momento, estais a ver, é uma sala de aula; estas vinte crianças não podem frequentar os cursos de adultos tão liberalmente abertos todas as noites na cidade, ou não se contentam com isso; eles estão aqui pessimamente instalados, mas a sua ânsia de aprender compensa tudo, e responde à dedicação do seu professor que, apesar das suas ocupações durante a semana, veio ainda oferecer à Obra os seus serviços desinteressados. Mas o sino toca; toda a gente vai reunir-se na sala grande transformada em capela; todos os jogos cessam, é esta a regra: *aut bibat aut abeat*, como diziam os antigos nos seus festins. Mas os nossos jovens não têm vontade nenhuma de se irem embora; / (148) após a breve cerimónia da bênção, escutarão uma conversa familiar do nosso director, é uma narração de viagem, um aviso importante, a refutação desses preconceitos anti-religiosos que circulam pelas oficinas e repartições.

Após esta reunião geral, enquanto os jogos recomeçam, quereis participar na reunião da conferência da caridade que foi fundada por trinta dos nossos jovens mais dedicados, e que um deles preside? Essa conferência encarrega-se de visitar algumas famílias desgraçadas; vereis como se consegue, com bolsas pequenas e coração grande, fazer algumas esmolas e consolar algumas misérias.

“Mas não julgueis que o dia acabou. Já vos disse que hoje é dia de festa. As crianças do Patronato vão partir, mas os membros do Círculo vão ir jantar e voltarão. Qual é o programa desta noite? Talvez um beberete, organizado pelo director (ao qual tiveram o cuidado de desejar um bom ano), com tempero de canções e porventura de bons conselhos discretamente intercalados. Ouvi, a nossa fanfarra participará da festa, haverá uma serenata, os nossos músicos trouxeram os seus instrumentos. Se calhar, em lugar do beberete e das serenatas, / (149) teremos um simples chá com uma conferência de

um dos membros do Comité protector, ou então uma cena dialogada por alguns jovens do Círculo.

Os nossos serões do Círculo realizam-se todos os meses e nunca são parecidos. E falo-vos unicamente das festas privadas do Círculo; três ou quatro vezes por ano temos as nossas festas gerais, que consistem especialmente em representações dramáticas; essas récitas procuram ser elas mesmas um ensinamento, inculcando na assistência ideias sãs e sentimentos generosos; são *Jorge o operário*, ou o argumento bem nacional dos *Zuavos papais em Patay*. Aristóteles estaria satisfeito connosco, pois a nossa arte dramática serve unicamente a sua famosa “purificação dos sentimentos”.

“No mês de Agosto, foi possível fazer a reunião no pátio; estavam convidados os pais dos nossos alunos; a assembleia foi honrada com a presença do Sr. Arcipreste, do vice-governador, do presidente da sociedade industrial, etc... No intervalo dos cantos e das representações cénicas, foram distribuídos aos mais merecedores diplomas de honra que, em qualquer cidade onde o trabalho os chamar, lhes servirão como cartas / (150) de recomendação junto de obras semelhantes à nossa e junto de todos os amigos dos bons jovens.

...Após esta descrição da nossa vida interna, o nosso secretário concluía: “E agora, meu estimado hóspede, que visitastes tudo, só me resta dizer-vos: julgai por vós mesmo e tirai as conclusões! Quem é que não tem o desejo de ver aumentar na população operária a moralidade e o espírito de ordem? Quem não está interessado nisso? Vós dir-me-eis que achais uma certa ingenuidade naqueles que esperam renovar em pouco tempo a face da terra: seja, mas todavia quando Deus quer, isso acontece (vede a Organização cristã da Fábrica de Val-De Bois, livrinho publicado pelo secretariado da União, rue de Verneuil, 32). Mas não achais ser uma santa obrigação ajudar uma Obra que, sem ter pretensões tão vastas, iniciou, se assim posso dizer, o trabalho de desbravar um cantinho de terra e de trabalhar, pela sua modesta parte, nesta renovação que a graça de Deus pode trazer um dia? Imaginai uma cidade onde, entre patrões e operários, houvesse uma generosa emulação de consciência, de justiça, de caridade, de dignidade moral, de bons costumes, de dedicação ao bem público, / (151) de solicitude para com as desgraças privadas, numa palavra, de cristianismo. Não seria essa a idade de ouro da indústria e a última palavra da economia política? Onde é que o trabalho seria mais regular, a produção mais abundante, as crises mais bem evitadas? - Mas esta cidade ideal nunca existiu nem nunca existirá. - Eu sei, o paraíso não é deste mundo, mas o

mundo pode parecer-se mais ou menos com ele. Esforcemo-nos portanto, meu querido hóspede, por aumentar nele a parte do bem, e se a Obra de S. José vos oferece alguns meios para isso, não hesitemos em ajudá-la tanto quanto nos é possível”.

Não era um bom momento, esse, em que estas coisas eram ditas e publicadas por u professor do liceu, e ouvidas por um vice-governador e por toda a alta burguesia da cidade?

Este relatório indica também o meu trabalho. Ao Domingo era preciso multiplicar-se. Durante a semana havia a visita aos doentes, aos faltosos, as festas a preparar, o apostolado diário no Círculo, as conferências, etc., etc. Graças a Deus, creio que esta vida sobrecarregada não me afastava demasiado da união com Deus, todavia a minha alma sofria um pouco com isso. / (152)

SECRETARIADO DIOCESANO

O Sr. Pluzanski no seu relatório de Janeiro de 1875, anunciava-o assim: “O Sr. Bispo, apreciando a utilidade das obras que se dirigem à juventude, constituiu, sob a sua própria presidência, um Secretariado diocesano das obras operárias, ao qual o nosso comité de S. Quintino forneceu o maior número de elementos. Este Secretariado diocesano é sobretudo um centro de informações e um comité de propaganda: ele põe-se em relação com os senhores párocos de todas as paróquias da diocese, estimula-os a fundar obras em favor da juventude, comunica-lhes informações, esclarece-os pela experiência das obras já fundadas, e examina com eles como as diversas obras podem ser apropriadas às necessidades especiais de cada localidade...”

Encarreguei-me eu do Secretariado e fiz todos os esforços para ser dele a mola vital. Com a autorização do Sr. Bispo, comecei um grande inquérito sobre o estado das obras e das associações na diocese. Enviei a todos os párocos o seguinte questionário:

1- Quais são as associações cristãs de jovens ou de homens constituídas na paróquia?

2- Desde há quanto tempo cada associação foi fundada? / (153)

3- Com quantos sócios conta cada uma delas?

4- Quais são os estatutos dessas associações? (o senhor prior é convidado a enviar uma cópia à diocese quando responder ao questionário).

5- Esses estatutos são observados?

6- 7 Há indulgências concedidas aos sócios? Quais são?

8- 9 Os associados celebram com devoção a festa do seu patrono? Nessa ocasião, qual é o número normal de comunhões?

10- Os sócios visitam os seus doentes?

11- Assistem à missa para os sócios defuntos?

12- Não seria possível tornar as associações mais numerosas e mais fervorosas, estimulando o zelo por meio de habilidades caridosas, e procurando de tempo em tempo o benefício de um retiro?

13- Se as associações não existem na paróquia, não se conseguiria fundá-las na sequência de uma missão especialmente dedicada aos homens?

14- Os rapazes são assistidos depois da primeira comunhão?

15- Há ao menos para eles, durante o ano, algumas reuniões especiais na igreja ou na casa paroquial? / (154)

16- Se eles deixam a paróquia, são calorosamente recomendados por escrito ao padre da freguesia onde vão residir?

17- Os homens mais cristãos da paróquia não poderiam agrupar-se, sob a invocação de S. Vicente de Paulo, para se meterem de acordo e dedicarem-se à visita dos aflitos, dos pobres e dos doentes?

18- Quais são as pessoas eclesíásticas ou leigas, domiciliadas nas proximidades, e que estariam dispostas a prestar ao Conselho das associações uma cooperação activa e eficaz?

O conjunto das respostas foi desolador. Não existia quase nada quanto a associações e em toda a parte apontava-se a indiferença ou irreligiosidade dos homens. Farei um relato deste inquérito mais adiante, a propósito do Congresso de Liesse.

Para toda a parte onde havia alguma esperança de fundar ou desenvolver uma obra, eu escrevi e enviei documentação.

O Secretariado diocesano iria manter uma actividade bastante grande até 1878.

Durante esses 5 anos, mantive uma correspondência bastante numerosa; mandei imprimir e distribuir diversos documentos e relatórios, propus e organizei os congressos / (155) de N^a Senhora de Liesse, de S. Quintino e de Soissons.

CONGRESSO DE LYON

Realizou-se de 24 a 28 de Agosto. Contou com 850 membros. Foi o triunfo do Sr. Harmel; os seus relatórios foram os mais notáveis. Pio IX escreveu depois do congresso: *"Amados filhos, as nossas felicitações do fundo do coração pelos progressos da vossa União e pelo fruto dos seus trabalhos. O vosso congresso de Lyon deu-nos provas evidentes desses desenvolvimentos, pois ele ultrapassou o anterior pelo grande número de bispos ou de delegados episcopais que nele participaram; e o brilho que lhe deu a longuíssima indicação das obras recentemente agregadas à União foi sobretudo realçada pelo projecto muito nobre, ainda que difícil de realizar, de orientar os esforços do vosso zelo especialmente para a organização cristã das fábricas, onde se junta um tão grande número de operários, a fim de velar por tantas famílias e de levar essa numerosa porção do povo a pensar na salvação e nos deveres do bom cidadão..."*

Eu assisti ao Congresso como delegado da diocese. Não fui nem orador, nem relator. Não falei nas comissões a não ser para interpelar e me instruir. / (156)

Mons. Dours tinha escrito no mês de Agosto a Mons. de Ségur: *"Mons. Presidente, estou feliz por vos anunciar que constituí em São Quintino um Secretariado diocesano de obras operárias, que têm toda a minha simpatia, e que espero os melhores resultados da organização deste Secretariado."*

Encarreguei o Pe. Dehon, vigário da colegiada de São Quintino, de representar, no próximo Congresso de Lyon, a diocese de Soissons et Laon, como meu delegado e como delegado do Secretariado diocesano."

Alojei-me no Seminário de Lyon onde trabalhavam as comissões do Congresso. As reuniões gerais ocorriam no belo salão de festas do pensionato dos Irmãos.¹⁰

O trabalho repartia-se por dez comissões, algumas das quais se realizavam simultaneamente.

¹⁰ Nesta época "a Escola dos Irmãos" significava muito frequentemente no Norte da França a Escola dos Irmãos das Escolas Cristãs. (de S. João Baptista de la Salle)

Escrevi aqui os nomes dos presidentes e secretários destas reuniões. Estes nomes lembram-me muitas pessoas amadas e estimadas!

1ª Comissão: *A União*. - Presidente, Mons. de Ségur; Secretário, Renato de S. Mauris;

2ª Comissão: *Propagação da União*. - Presidente, / (157) Rev. Pe. Vicente de Paulo Bailly; Vice-presidente, o querido Irmão José, assistente do Superior Geral dos Irmãos; Secretário, o Pe. Augeraud, de Angoulême.

3ª Comissão: *As Obras*. - Presidente, M. Beluze; vice-presidente, o Pe. Debeaux, de Tours; Secretário, o Pe. Jules Hugonin, de Bayeux.

4ª Comissão: *Os Circulos de Militares e de Marinheiros*. - Presidente, o Rev. Pe. José, de Genève; Vice-presidente, o Pe. Debras, de Aire sur la Lys.

5ª Comissão: *As Obras de Juventude*. - I. *As Obras gerais nas cidades com várias paróquias*. - Presidente, o Pe. Peigné, de Nantes; Vice-presidente o Pe. Tournamille, de Toulouse.

6ª Comissão: *As Obras de Juventude*. - II. *As Obras paroquiais nas cidades com várias paróquias*. - Presidente, o Pe. Goux, de Toulouse; Vice-presidente., o Cónego Guillèbert, de Toulouse; Secretário, o Pe. Camut, de Châlons-sur-Marne.

7ª Comissão: *As Obras de Juventude, nas cidades com uma só paróquia e na província*. - Presidente, o Pe. Dufour de Chaumel, d'Agen; Vice-presidente, o Pe. Perné du Sert.

8ª Comissão: *As Obras de propaganda popular*. - Presidente, o Sr. Brac de la Perrière, de Lyon; Vice-presidente, o Conde de Caulaincourt, de Lile; Secretário, o Sr. Giselar, de Périgüex.

9ª Comissão: *Obras de Ensino e Boas Leituras*. / (158) - Presidente, o Rev. Pe. Marquigny; Vice-presidente, o Pe. Vernhet, de Saint-Affrique; Secretário, o Pe. Blanche, de Dôle.

10ª Comissão: *As Obras da Fábrica*. - Presidente, o Sr. Jullien, deputado de Loire; Vice-presidente, o Sr. Leão Harmel; Secretário, o Sr. de Lebucquière, de Amiens.

Conferência eclesiástica: - Presidente, o Pe. Timon-David; Secretário, o Pe. de la Coste.

Todos os membros do congresso eram tidos aliás ao corrente dos trabalhos das diferentes comissões, graças aos resumos redigidos com tanto zelo como talento e espírito pelo Pe. Tournamille, e que eram lidos ao fim do dia na Assembleia-geral.

Eu não posso senão citar o nome desses relatores. A maior parte desses nomes são conhecidos, era a elite da França das Obras, as actas deste congresso são o livro de ouro do apostolado do nosso tempo.

1ª Comissão: - Da fundação dos secretariados diocesanos pelo Pe. Tournamille, de Toulouse - Dos trabalhos dos secretariados diocesanos: o Sr. Vagner de Nancy (relatório notável sobre a actividade e os méritos do primeiro secretariado diocesano de França, fundado pelo Sr. Foulon, em Nancy). - Da acção dos correspondentes diocesanos, pelo Sr. Conde Gaston Yvert. - Do recenseamento das obras operárias, pelo Sr. Paulo Lerolle, advogado em Paris - Da propaganda nos seminários pelo Pe. de la Coste.

2ª Comissão: - Sobre as publicações da União, Boletim, Manual, documentos, etc, pelo Rev. Pe. Germer-Durand e pelo Rev. Pe. d'Arbois de Jubainville.

3ª Comissão: - Monografias: A Obra dos Círculos, pelo Sr. de la Tour du Pin; do Círculo dos Jovens amigos, de Lyon, pelo Pe. du Clot; da Sociedade de S. José, de Orléans, pelo Sr. des Francs; de N.-D. de Toutes-Joies, de Nantes, pelo Pe. Peigné.

4ª Comissão: - Monografias: Do Círculo militar de Versailles, pelo Rev. Pe. Féron, Eudista; do Círculo militar de Riom, pelo Pe. Faure, capelão militar; do Círculo dos Marinheiros de Toulon, pelo Sr. Félix Julien, oficial da marinha.

5ª Comissão: - Monografias: da Obra da Juventude, de Marselha, pelo Sr. Timon-David; do Patronato de Nazaré, em Paris, pelo Rev. Pe. Lautiez; da Associação dos Jovens do bairro sub-urbano de St-Germain, em Paris, pelo Pe. Cabanoux, do clero de São Tomás de Aquino.

6ª Comissão: - Monografias: da obra paroquial de São Sernin em Toulouse, pelo Pe. Goux; da obra de Morlaix, pelo Pe. Guéguenon, pároco de Morlaix. / (160)

7ª Comissão: - Monografias: da obra de la Tessouale (diocese d'Angers), pelo Pe. Leblanc, pároco de Tessouale; de uma obra de Nancy, pelo Sr. Vagner.

8ª Comissão: - Meios para associar os membros das obras à Propagação da fé, à obra de São Francisco de Sales, etc, pelo Pe. Lambey de Troyes; das conferências de São Vicente de Paulo nas obras, pelo Sr. Paulo Decaux...

9ª *Comissão*: - Das conferências públicas estabelecidas nos Círculos de Paris pelo Conselho de Jesus-Operário, pelo Sr. José Aubineau; da obra de S. Carlos em Lile, pelo Conde de Caulaincourt.

10ª *Comissão*: - As Obras da Fábrica. Relatórios do Sr. Harmel, do Sr. Feron-Vrau, e do Sr. Cónego Schorderet.

- Conferência Eclesiástica. - Relatórios do Rev. Pe. Hello e do Pe. Bernard, de Lyon, sobre os retiros e a religiosidade nas obras.

- Relatórios gerais do Rev. Pe. Vicente de Paulo Bailly, do Rev. Pe. de Varax, do Sr. Camilo Rémont, do Visconde de St-Mauris.

Como dizia o Boletim da União, depois dos brilhantes congressos de Poitiers e de Nantes, poderíamos perguntar se seria possível voltar a encontrar jornadas tão belas e com tão / (161) deliciosas emoções. Graças a Deus, o congresso de Lyon respondeu da maneira mais consoladora a esta questão. O entusiasmo de Nantes renovou-se e completou-se com uma convicção enérgica e com fortes resoluções. O método das monografias é excelente, vale mais do que todos os raciocínios, permite a todos os auditores dizer a si mesmo: *Cur non potero quod isti et istae?*

Tomei notas sobre os relatórios do Sr. Harmel e fiz um resumo dele, quando regressei, aos meus operários do Círculo e aos da Sociedade de São Francisco Xavier.

1º *Relatório*: Necessidade das associações cristãs na fábrica.

Capítulo I - Necessidade das associações por causa da situação actual dos operários e da fábrica.

Proprietários ímpios obrigam-nos a trabalhar ao Domingo.

O amontoar confuso de homens, de mulheres e de crianças produz uma constância de crimes desconhecida nos tempos passados.

O respeito humano exerce uma tirania que impõe as ideias mais monstruosas sobre a religião, a família, a moral e a sociedade.

As associações destroem o respeito humano.

A alegria da alma livre reflecte-se nas relações dos operários entre eles e com os patrões. / (162)

Capítulo II - Necessidade da extensão das associações a todos os membros da família, às meninas, às mulheres, aos homens (O Sr. Harmel ilustrava a sua demonstração com episódios engraçados que mostravam a dedicação e o apostolado em acção entre os operários).

Capítulo III - Organização das associações em vista da satisfação das três grandes necessidades do operário:

Necessidades religiosas: instrução cristã, facilidades para os sacramentos;

Necessidades utilitárias: cursos técnicos, conferências, instituições de previdência, seguros em caso de acidente, posse do lar.

Necessidades recreativas: festas e jogos dominicais; festas periódicas.

Capítulo IV - Utilidade das reuniões gerais, quer religiosas quer utilitárias ou recreativas, para mostrar a união da família e edificação geral.

2º Relatório: Das Obras nas cidades.

As obras são fáceis nas cidades. Encontramos os operários arruinados, desviados, mas ávidos da salvação que lhes foi tão frequentemente recusada. Ainda estamos espantados com a sua ânsia admirável em voltar para Deus. Tínhamos visto as casas abertas / (163) pelo amor cristão a estes pobres irmãos, tornarem-se demasiado pequenas antes que tivéssemos tido tempo para terminar as organizações.

Todas as associações devem ser levadas por diante nas cidades, ao mesmo tempo que todas as instituições económicas e de ensino. É preciso reconstruir a sociedade reconstruindo a família. As obras isoladas não puderam parar a decadência constante que desorganiza as nossas populações. A sociedade regressa ao paganismo com uma velocidade vertiginosa. Sem as associações alargadas a toda a família, a sociedade estará perdida e nós acabaremos numa imensa catástrofe que nos arrastará com as nossas obras isoladas e dissipará esta geração que escorraçou a Deus.

3º Relatório - Da propaganda das obras da Fábrica.

É preciso desiludir a nossa sociedade. Sem a religião, toda a economia social moderna não é mais do que uma mentira que nos prepara catástrofes novas. - Não há alegria sem a paz da alma. - Não há bem-estar sem a economia, a temperança e a moderação, que ensina a religião. Não há família sem o respeito e os bons costumes. Não há nada de tudo isto sem a religião. Não são portanto as sociedades cooperativas,

nem as caixas de poupança e de seguros, nem a subida / (164) dos salários que salvarão a nossa sociedade, se nos obstinamos em recusar a Deus.

O Sr. Harmel também indicava sumariamente os resultados das suas obras.

Resultados religiosos: O reino de Deus na fábrica; 1.200 comunhões por mês.

Resultados económicos: Instituições de toda a espécie: seguros, caixas de auxílio, caixas de poupança. 49 depositantes deixaram em 6 meses 11.000 francos. Operários que entraram no estabelecimento com dívidas, têm hoje um capital de dois, três, quatro a seis mil francos, graças às obras cristãs, que são uma fonte de economia e de poupança.

- O congresso termina com diversas cerimónias. Sábado, saudação do arcebispo na Catedral. Veneração do coração de São Vicente de Paulo.

Domingo, festa no Círculo na Croix-Rousse¹¹. Monsenhor Callot e monsenhor de Ségur assistem a ela tal como o Sr. Ducros, prefeito do Rhône e vários funcionários superiores. O general Bourbaki enviou a música da 16ª infantaria. O Pe. José teve um grande sucesso com o seu discurso patriótico.

- Os congressistas foram no dia seguinte / (165) agradecer a Deus, uns a Ars, outros a Paray. Eu tinha feito estas peregrinações no ano precedente, e preferi ir desta vez à grande Cartuxa e a La Salette.

A CARTUXA

A Cartuxa tem um duplo encanto, a sua bela localização e as grandes recordações de São Bruno e de toda uma linhagem de grandes monges. Bruno tinha escolhido bem este ermo, belo e selvagem, que chamou de Deserto e que está situado entre o céu e a terra a mil metros de altura, separado da agitação do mundo por uma coroa de montanhas.

O deserto não tem outro acesso a não ser pelo desfiladeiro ou pela garganta de Fourvoirie (*forata via*), e nos séculos passados, uma dupla porta fechava o desfiladeiro e sentinelas vigiavam para proteger a solidão do Deserto.

Eu subi por Voiron e St.-Laurent. Que belo caminho! A estrada vai direita às montanhas arborizadas, depois sobe a portela de Guiers onde a torrente murmura no seu

leito abrupto e pedregoso. Passa-se pelas fábricas de Fourvoirie, pelo desfiladeiro, pela ponte ousada de S. Bruno, pelos túneis. Uma porta lembra o velho forte de l'Aiguillette, que protegia o Deserto contra os Huguenotes e contra o bando / (166) do famoso Mandrin. Avança-se por entre muralhas de rochedos e chega-se finalmente ao planalto diante do vasto mosteiro e dos cumes altaneiros do Grand-Som.

Foi de Colónia que Bruno veio para lá em 1.033 para procurar a solidão e uma bela natureza que lhe falasse de Deus. Uma capela assinala o lugar do seu primeiro mosteiro, na floresta. Um século depois, uma avalanche destruíra os edifícios erguidos por São Hugo, bispo de Grenoble. O mosteiro actual data do século XVII (1766).¹² O Estado adjudicou-se a propriedade e empresta-o aos bons monges, que adquirem meios de subsistência vendendo o seu licor. Os seus ricos benefícios são, aliás, consagrados em grande parte às boas obras. A região que os rodeia aproveitou por primeira os seus benefícios; eles ajudaram a construção de uma multidão de Igrejas, escolas, câmaras municipais e de hospícios.

Que belo dia lá passei! Percorri com emoção a grande galeria silenciosa para a qual dão os refeitórios e as celas dos empregados do convento, depois a Sala do Capítulo com a estátua de São Bruno de Foyattier e os seus grandes quadros copiados de Lesueur, / (167) e enfim o vasto claustro com as suas 130 arcadas em parte do século XIV e do século XVII.

Eu gostaria da vida na Cartuxa com a sua modesta cela, os seus livros, o seu pequeno jardim. Frequentemente desejei esta vida, mas a Providência reteve-me na vida activa onde estou muito menos seguro de salvar a minha alma.

A ordem dos Cartuxos conta com uma vintena de mosteiros, metade dos quais na França. Felizes solidões onde as almas dão a Deus o amor intenso que as pessoas do mundo não lhe podem oferecer!

GRENOBLE - LA SALETTE

Eu gosto muito de Grenoble. Ocupa um dos belos sítios da nossa França. Ela tem os seus dois pequenos rios, o Isère e o Drac, mais vivos e mais límpidos que os grandes

¹¹ Bairro de Lyon situado na colina entre o Rodano e o Saône.

¹² O mosteiro actual é de 1676.

rios de Lyon e a sua coroa de montanhas igualmente mais imponente que Fourvières e a Croix-Rousse. A sua velha Igreja de Notre Dame, meio romana, foi fundada por Carlos Magno. Gosto do seu belo cibório do século XIV, com os seus mil pormenores inventados pelos génios dos séculos cristãos. Pode ser comparado ao belo cibório de Adam Kraft em Nuremberga. Gosto de venerar na Igreja de Santo André o túmulo de Bayard. Estes heróis cristãos merecem as nossas homenagens quase iguais às dos Santos. / (168)

O palácio da justiça sucedeu ao antigo castelo dos Dauphins e ao parlamento, e contém belos vestígios das épocas de Luís XI, de Carlos IX e de Luís XIV. Ainda aí vemos a ábside da sua antiga capela ogival. Os parlamentos de outrora eram, pela dignidade e liberdade, bem diferentes dos nossos pobres tribunais e Concelhos gerais de agora.

Vizille tem o seu grande castelo dos Casimiro Périer, antigo castelo dos Dauphins. Era lá que se realizavam os antigos Estados do Delfinado, que pediram o voto dos impostos para os representantes do povo em 1788.

Subi lentamente de Vizille a Corps com as velhas diligências. O caminho percorre o vale da Romanche até ao grande lago de Laffrey. Encontramo-nos no sopé da Grand-Serre que tem 2.000 metros e do Tabor que tem 2386. Mais longe em La Mure estamos aos pés do Seneppé. Em La Salle, aproximamo-nos da torrente do Drac que dominamos de 300 metros de altura.

Dormi em Corps, que está situado num planalto fértil. Tive a boa sorte de ouvir da boca de Maximin a narração das aparições de 1846 e fiquei / (169) profundamente emocionado com isso.

Passei um bom dia em La Salette. Os padres aí são muito hospitaleiros. A grande Igreja de estilo românico foi construída em 1852. Todas as pedras para lá foram transportadas no dorso de mulas. É uma obra de fé.

Os grupos que representam as aparições falam à alma. Experimentamos um sentimento de tristeza e de penitência junto da estátua da Virgem lacrimosa.

Ai! Os castigos que a Santíssima Virgem nos predisse já foram bem terríveis e, sem dúvida, ainda não terminaram, pois que a nação continua a ofender a Deus pelas suas leis, pela sua vida pública e pelo seu governo!

INCÊNDIO EM VAL

O Bom Deus tem os seus desígnios misteriosos. Quando a Obra de Val-des-Bois se tornava o ponto de referência para toda a França, quando todos os homens zelosos se alegravam por ver resolvido o problema da fábrica cristã, Deus permitiu que toda a Obra do Val fosse momentaneamente reduzida a cinzas. Um incêndio com causas desconhecidas devorou toda a fábrica do Val na noite de 13 de Setembro.

Perante as ruínas fumegantes, o Sr. Leão / (170) Harmel escrevia ao Pe. Vicente de Paulo Bailly as palavras cristãs que se seguem:

"Muito venerado e estimado Padre,

Os aplausos de Lyon espantavam-me e eu via Deus contra nós (O Sr. Harmel tinha com efeito interrompido os aplausos em Lyon gritando: "Senhores, vós assustais-me, eu jamais ergui as obras senão nas humilhações...").

A humilhação está no começo de toda a obra séria. Nós devemos portanto estar seguros, porque a provação é tão grande que a colheita deverá ser imensa.

O nosso magnífico estabelecimento já não é mais do que um amontoado de ruínas. Três horas foram suficientes para destruir aquilo que tinha custado tanto dinheiro e tantos anos. - Que acordar no Domingo às 3 da manhã! Que dor pungente desde esse tempo! Todos os nossos pobres operários estão no desespero, mas sofrem uma dor cristã. Segunda-Feira (festa de exaltação da Santa Cruz), às 7h da manhã, toda a nossa família comungava, seguida por mais de duzentos destes pobres, que vieram pedir ao Sagrado Coração, força e coragem.

Não sabemos como fazer / (171) para empregar os nossos queridos trabalhadores durante os seis a oito meses que vai durar a reconstrução. Estamos mais sensibilizados com o seu sofrimento do que com o nosso. Reze connosco para que nenhuma destas queridas almas se perca nesta terrível transição de 6 a 8 meses.

Nós estamos assegurados, mas sabeis que as perdas são imensas. Que se faça a santa vontade de Deus e que Ele se digne fazer servir esta nova provação para a sua glória e para a salvação das almas!

Apesar de todos os sofrimentos que perturbam a minha vontade inferior, tenho fé de que esta provação é um benefício, especialmente para as obras da fábrica..."

Este doloroso acontecimento deu uma enorme notoriedade às obras da fábrica. A família Harmel revelou-se admirável. Alugou uma fábrica em Neuville e levou para aí uma grande parte dos operários. Instalaram-se aí dormitórios. As famílias permaneceram em Val e os operários aí vinham retemperar as forças ao Domingo. As jovens iam trabalhar a Bazancourt. As irmãs da Caridade olhavam por elas.

Todas as obras da França enviaram o resultado de uma subscrição aos operários do Val. / (172) A nossa foi uma das primeiras. Isso contribuiu para desenvolver a fraternidade que os congressos e as jornadas especiais sobre obras alimentavam, particularmente o Boletim.

MINISTÉRIO

O meu ministério de vigário permaneceu muito sobrecarregado.

As relações do Patronato aumentaram as minhas confissões e os meus doentes.

Eu tinha sempre as catequeses dos Irmãos¹³, que eu cuidava o melhor que podia. Para os perseverantes, servia-me do catecismo do Concílio de Trento, que punha ao seu alcance.

As nossas Irmãs Servas do Coração de Jesus, ocupavam-me também um pouco de tempo. Eu ia confessá-las, fazia-lhes uma conferência sobre a vida religiosa todas as semanas, valendo-me de dois volumes de S. Afonso de Liguori, sobre "A verdadeira esposa de Jesus Cristo", e do "Tratado da Perfeição cristã", de Rodriguez. Dava também uma catequese às suas órfãs.

Eu ia muitas vezes aos bairros populares à procura dos ausentes do Patronato. Visitava as suas famílias e insistia para que nos enviassem ao Domingo. Eu cuidava as minhas conferências sobre Economia Cristã aos membros do Círculo. / (173)

Estudava a Economia Social Integral, o progresso nacional na tríplice perspectiva moral, intelectual e material. Estuda-se habitualmente a economia temporal e material separadamente, e corre-se o risco de lhe dar a primazia. É bom que o desenvolvimento nacional seja apresentado no seu conjunto. Já não é, se se quiser, a economia política no seu sentido vulgar, mas é verdadeiramente a economia social integral; é bem preciso

¹³ cf. pag. 157, nota 1

apresentá-la ao público num tempo como o nosso quando as tendências materialistas dominam a vida pública.

Eu gostaria de poder completar mais tarde este trabalho e de publicá-lo.

ORATÓRIO DIOCESANO

Queria fazer alguma coisa pelo clero, porque a sua santificação é o melhor dos apostolados. Recebia a pequena revista do Sr. Lebeurier "*Etudes ecclésiastiques sur les devoirs du sacerdoce et du ministère pastoral*", e resolvi fundar uma associação sacerdotal segundo o modelo das que o Sr. Lebeurier já tinha fundado em diversas dioceses.

Falei disso ao meu amigo, Sr. Petit, pároco / (175) de Buironfosse. Pensámos que seria bom ter um dignitário do clero para presidir à associação, e rapidamente obtivemos o acordo do Sr. Frion, decano de Neuilly.

As negociações duraram vários meses. Pudemos organizar a associação no mês de Julho, durante um retiro especial feito junto dos Jesuítas, na sua casa do terceiro ano em St-Vincent de Laon.

O Rev. Pe. Dorr pregou-nos o retiro.

A 28 de Julho começavam as nossas reuniões. Estávamos presentes seis: o Sr. Frion, decano de Neuilly; o Sr. Petit, pároco de Buironfosse; o Sr. Legrain, pároco de Gandelu; o Sr. Déjardin, pároco de Mont-Notre-Dame; o Sr. Petit, pároco de Montigny e eu. Lemos o Breve de Pio IX e a carta pastoral de Monsenhor Simor sobre os clérigos seculares que vivem em comunidade. Adoptámos o caminho de Holzhauser¹⁴ como guia e a revista do Sr. Lebeurier como órgão da nossa associação. Monsenhor Dours enviou-nos palavras de encorajamento. Adoptámos o regulamento de Holzhauser¹⁵, com o

¹⁴ cf. nota 1, c X, p.65

¹⁵ O cónego Barthélemy Holzhauser fundou em 1640 o "Institutum clericorum saecularium in communi viventium" ("Bartelemitas").

Estes clérigos não faziam votos públicos e permaneciam sob a jurisdição do bispo. Todavia prometiam: 1º cohabitar uns com os outros - 2º excluir tanto quanto possível todo o pessoal feminino dos seus presbitérios - 3º pôr em comum os proventos dos seus cargos (eles conservavam o direito de disporem livremente do seu património, mas deviam dar conta aos superiores do uso que dele faziam). Por outro lado, comprometiam-se a não abandonar o Instituto. A idade de ouro dos Bartelemitas situa-se em finais do séc. XVII. O Instituto desapareceu pouco depois da morte do Dr. Christian Honold, que foi o seu último superior geral. Morreu em 1770. Desde meados do século XIX, foram feitas numerosas tentativas para o ressuscitar, a fim de dar ao clero secular as vantagens da vida comum, com a criação dos cónegos regulares da Imaculada Conceição (de Dom Gréa), do Oratório Diocesano do Mons. Dupanloup, etc. ... No

objectivo de ter mais tarde na diocese um centro de vida comum. O Sr. Frion foi eleito presidente, o Sr. Petit, assistente, e eu, secretário.

Os membros presentes pronunciaram a seguinte / (175) fórmula:

"Para a maior glória de Deus e salvação da minha alma e da dos meus confrades, eu..., faço por um ano a promessa de estabilidade no Oratório Diocesano de Soissons, de entrega a este instituto e de fidelidade às suas regras."

Começámos imediatamente a prestação regular e mensal de contas de consciência ao nosso presidente, o Sr. Frion.

O Oratório iria desenvolver-se. Além dos seis já citados, entraram pouco a pouco os RR.

Leleu, vigário em S. Quintino,

Luzurier, pároco d'Andigny,

Rasset, pároco de Clamecy,

Marchal, professor em S. Léger,

Caron, deão de Coucy,

Lemaire, vigário de Guise,

Dufour, vigário de Chauny,

Brochart, de S. Quintino,

Houpeaux, pároco de Luzoir,

Dufour, pároco de Cuisy,

Jovenay, vigário de Chateaux-Thierry,

Hecq, vigário de Crécy.

As reuniões dos anos seguintes iriam realizar-se no seminário maior de Soissons, durante os retiros pastorais. / (176)

O Oratório fez certamente um grande bem mantendo um certo número de sacerdotes na fidelidade ao seu regulamento quotidiano.

tempo do Pe. Dehon, o animador em França dos Oratórios diocesanos (segundo a inspiração de Holzhauser, era o Sr. Lebeurier que dirigia uma revista especial para esses grupos diocesanos).

Inquérito Diocesano

Obtive de Mons. Dours que se encarregasse de enviar ao seu clero uma carta circular com o nosso programa de inquérito. Ele fê-lo a 4 de Dezembro de 1874. Eis o seu teor:

“Senhor Pároco,

, e mais particularmente conservar a fé entre as nossas classes operárias. Após ter sofrido convosco com o mal tão profundo da nossa sociedade, após ter pedido Vós não ignorais certamente o impulso que em toda a França foi dado às obras e associações que têm como fim reconduzir *os homens* à prática da religião a Deus que nos indique os remédios mais eficazes, vimos com muito prazer a criação e o desenvolvimento providencial dessas obras. - A nossa diocese não ficou alheia a esse movimento. Várias dessas associações prosperam entre nós, mas nós desejamos vê-las generalizarem-se. É por isso que fundamos um Secretariado Diocesano das Obras operárias, que em breve terá / (177) uma organização mais completa e começará a ter reuniões periódicas. Este secretariado reunirá as obras já fundadas e suscitará novas. - Mas nós precisamos de saber ao certo em que situação se encontra a diocese neste campo. Com este fim, dirigimos-vos o questionário anexo que vós procurareis preencher conscienciosamente e reenviar-no-lo cuidadosamente dentro de *quinze dias*.

Eis agora um apanhado das obras que tereis de nos indicar como existentes ou com a esperança de uma próxima realização nas vossas paróquias:

1º Obras para crianças: catecismos de perseverança, patronatos para os estudantes, obra dos limpa-chaminés (nas cidades), orfanatos;

2º Obras para adolescentes e jovens: associações de perseverança, patronatos, escolas nocturnas, obras de primeira comunhão (preparação especial dos aprendizes), hospedarias ou casas de família, confrarias, círculos, orfeões e músicas instrumentais com carácter religioso;

3º Obras para homens: confrarias operárias, confrarias religiosas, sociedades de socorros mútuos, círculos, círculos, reuniões ditas da Sagrada Família, Conferências de S. Vicente de Paulo, etc.; / (178)

4º Obras sem vínculos de associação: retiros especiais, bibliotecas, missas especiais, cursos públicos, etc.

Insistimos em especial para que nos indiqueis com exactidão: 1º o que resta das antigas conferências operárias e a importância do espírito cristão que elas ainda conservam ou que poderiam retomar sob o vosso impulso; 2º as Obras que contais fundar em breve; não há paróquias em que não se possa criar, com esperança de sucesso, pelo menos uma biblioteca e uma obra de perseverança para a juventude; 3º as obras para a fundação ou direcção das quais vós desejais informações ou indicações práticas. O Secretariado Diocesano ficará encarregado de vo-las enviar.

Contamos com a vossa exactidão. Queira aceitar, etc...

João-Júlio, bispo de Soissons”

Numa diocese bem disciplinada e muito activa como a de Cambrai, teríamos recebido em quinze dias tantas respostas quantas as paróquias. Na nossa, não chegamos a receber um / (179) terço das respostas esperadas. Deve-se contar com os velhinhos, os desiludidos, os distraídos, etc.

Fiz o resumo dos resultados do inquérito para o apresentar ao congresso diocesano que iria realizar-se em breve em Nossa Senhora de Liesse; eis aqui esse resumo...

“A minha tarefa, como secretário diocesano, é de vos informar do estado das Obras e das Associações de homens na nossa diocese, com base nas respostas que foram dadas ao inquérito enviado pelo Sr. Bispo. Temos de percorrer um itinerário; não precisaremos de conhecer antes o ponto de partida? Trabalhadores ousados e empreendedores, propomo-nos edificar belas Obras na nossa diocese, não teremos de sondar primeiro o terreno sobre o qual deveremos construir?

“O meu relatório será necessariamente defeituoso em vários pontos, porque nos faltou um grande número de respostas ao questionário, certamente pela não existência de associações de homens num certo número de paróquias, e da pouca esperança de chegar brevemente a fundar alguma devido às dificuldades que talvez estejam a ser exageradas.

Vereis que, na realidade, há muito que fazer a este respeito na nossa querida diocese. / (180) Mas a grandeza da tarefa, longe de vos abater, far-vos-á compreender a urgência duma acção enérgica, e reforçará as vossas resoluções.

“Eu serei o eco fiel das respostas que recebi. Mostrarei primeiro a necessidade premente das Obras, a qual nos fica super abundantemente demonstrada e que prova que a nossa assembleia é, para a nossa diocese, um acontecimento providencial, de que nunca seremos suficientemente gratos a Deus...”

I - Qual é a extensão do mal?

Este capítulo é um daqueles que se enfrentam unicamente diante de uma assembleia como esta, composta de homens de generosidade e entrega. Para outros, seria um motivo para perder a coragem e para recuar diante da grandeza da tarefa. Para vós será um enérgico estímulo. Vós sabeis que a honra aumenta com a importância do obstáculo vencido; e a gravidade do perigo, longe de vos desanimar, redobra as vossas forças e vos impele a recorrer a meios mais poderosos. - Eis então as impressões de tristeza e às vezes de desânimo, que nos chegam de mais de quarenta paróquias da diocese.

1º Dificuldades resultantes do estado geral das paróquias. - Um pároco escreve-nos: “Já não há / (181) seiva, já não há vida religiosa nas pobres almas destas zonas, outrora tão ricas de associações, como de monumentos religiosos.” Outro: “Prevenções contra o que de longe ou de perto se refere à religião, não deixam nenhuma esperança, pelo menos próxima, da parte destes homens.” E outro: “O espírito revolucionário conta demasiados adeptos e mesmo propagandistas aqui. Nós temos aqui só dois homens realmente cristãos: um velhinho, doente e surdo, não pode ser elemento de associação, e o outro pela sua posição não pode tomar iniciativas.” E outro ainda: “O egoísmo e o amor ao dinheiro são grandes obstáculos. Os poucos cristãos que restam são muito avançados em idade para pensar em empreender qualquer coisa.” Numa paróquia: “Os homens mais cristãos não cumprem o preceito pascal.” Noutra: “Não há cá homens cristãos: só três em 700 habitantes.” Noutra: “Só alguns homens cumprem o preceito pascal e a maior parte são estranhos à paróquia pelo seu nascimento.” Um pároco de campanha conta só dois homens que se aproximam dos sacramentos pela Páscoa e, por carácter como por / (182) educação, não estariam dispostos a fazer mais.” Noutra: “O Domingo aqui não é conhecido, as únicas reuniões são nos bailes nocturnos e na taberna.” Um pároco diz-nos: “Não temos um único homem cristão.” E outro: “Se por cristãos se entendem os homens que frequentam os sacramentos, penso que não há nenhum na minha paróquia.” E outro ainda: “Numa paróquia onde nem uma mulher assiste às vésperas, pode haver lugar para associações de jovens ou de homens?”

(Estas constatações aflitivas feitas por quarenta párocos poderiam ter sido formuladas por mais trezentos, se a tristeza e o desânimo não os tivessem impedido de escrever).

“Eis uma resposta que, por baixo de uma solução original, esconde um significado bem triste: “Não podendo ter os meus paroquianos senão pela festa de Santo Antão, padroeiro da aldeia, desde há muito tempo, pergunto a mim próprio se não será possível estabelecer entre os jovens uma associação de Santo Antão... Vou tentar. A festa do padroeiro é celebrada com um certo espírito religioso. Julgariam faltar a todos os seus deveres / (183) faltando à missa de santo Antão, a 17 de Janeiro, mas esta presença chega mais ou menos para todo o ano...” Oh meu Deus! neste fraco resto de prática religiosa não haverá ainda mais superstição do que fé? ...”

“Um pároco, alguns anos atrás, organizou uma missão na sua paróquia; os missionários foram expulsos. Na paróquia anexa o respeito humano impediu todos os frutos da missão. Quanto a comunhões pascais, na paróquia principal não há um único homem e há apenas uma mulher...”

“Eis outra resposta que retrata com alguns pormenores a situação religiosa da zona mais abandonada da nossa diocese, a Brie: “Aqui não temos associações de cristãos e não vejo que seja possível fundar alguma. É excessivamente raro que alguns jovens ou homens assistam à Missa no Domingo. Há nesta paróquia a indiferença mais absoluta e mais invencível em matéria de religião. Exceptuando as festas principais do ano, há somente cinco homens na Missa do Domingo, e eles / (184) nunca vêm dois Domingos seguidos. Tentei muitas maneiras para os fazer vir, tento ainda todos os dias; todas as minhas tentativas quedam infrutuosas e os meus esforços inúteis. Que fazer? É impossível dar-lhes instrução na igreja: no Verão, eles não vêm com a desculpa de não terem tempo; no Inverno, também não vêm, com a desculpa de que faz mau tempo e é muito frio! ...”

(Não há, infelizmente, 25 outras dioceses da nossa pobre França que estão mais ou menos nas mesmas condições?)

“Para completar este quadro tenebroso, indicamos as principais causas às quais um dos nossos correspondentes atribui, não sem razão, o triste estado em que se encontram a maior parte das nossas paróquias rurais sob o ponto de vista religioso.

São: 1º A indiferença da lei civil, se não nos textos, pelo menos na aplicação, relativamente à profanação do Domingo. Este abuso chegou agora ao grau supremo da permissividade: lavrar a terra, semear os campos, espalhar o estrume, tudo isso se faz sem espécie alguma / (185) de vergonha. Os protestos que nós fazemos do púlpito só irritam, sem deter ninguém; 2º A construção de uma multidão de fábricas de açúcar, laboração de beterraba, básculas públicas. Frequentemente, estas fábricas são verdadeiras escolas de desmoralização. Certos mestres são ateus que às vezes se gabam disso mesmo publicamente. Nelas trabalha-se dia e noite, domingos e festas. Nem o dia de Todos os Santos ou o dia de Natal se distinguem dos dias ordinários. 3º A facilidade ilimitada de abrir tabernas e os hábitos do alcoolismo; 4º Os maus jornais acabam por extraviar os espíritos e por tirar deles os preciosos gérmens de fé que ainda lá se encontravam...

“Diante desta invasão da indiferença e do materialismo, recuaremos nós e deixaremos o campo livre? Não, isso não seria cristão. A cruz é um estandarte de combate; os apóstolos venceram bem outros obstáculos...”

Todavia, o inquérito não deu somente estes resultados dolorosos. Encontram-se nele algumas luzes de esperança. Umas quarenta paróquias têm catecismo de perseverança mais ou menos frequentado. Soissons e Laon têm, como S. Quintino, obras bastante bem organizadas / (186). Dez paróquias rurais têm Patronatos mais ou menos activos, especialmente Liesse, Epieds, Lemé, Fieuculaine, Landouzy-la-Ville e Montescourt.

Triste situação, fruto do galicanismo e do jansenismo. Desterrando a religião da vida política e social, foram afastados dela primeiro os homens, depois a população quase toda.

Depois da exposição deste quadro, traçado pelos depoimentos das próprias testemunhas, não me era difícil provar ao Congresso de Liesse a necessidade urgente de um apostolado incansável, ajudado por meios novos, mas infelizmente, eu iria ser bem pouco seguido.

O Jornal

O *Journal de St. Quentin* não era mau; era liberal, embebido de respeito humano, incapaz de contribuir para a tentativa de restauração que se queria fazer. O Sr. Julien era, frequentemente, o confidente dos meus projectos. Decidimos, eu e ele, tentar a fundação

de um jornal católico e monárquico. Era um projecto ousado, num ambiente tão pouco favorável como era / (187) a região de S. Quintino. Encontrámos alguns accionistas em S. Quintino. Fiz um apelo a toda a aristocracia do departamento. Em toda a parte havia confiança; encontrámos muito boa vontade e uma cooperação bastante activa.

Eis os nomes das principais famílias às quais eu me dirigi e, quase sempre, com sucesso.

-Em Soissons:

M. de la Prairie,

M. de Violaine,

M. de Blavette,

M. de Flavigny

M. de Cacqueray,

M. de Sahune,

M. Eug. Rigaux.

- Em Laon:

M. de Sars

o barão Nachet

M. de Rougé,

M. LaTour du Pin,

M. de Saint-Valier,

M. de Grilleau,

M. de Hennezel,

o Rev. L' Elleu de la Simone,

a Marquesa de St.-Chamans.

-Na região de Chateau-Thierry:

o conde de Lavaulx,

M. de Tillancourt,

M. Brajon de Viffort,

-No cantão de Braisne

M. de Laurès à Jouaignes,

M. Debonnefoy de Montbazain à Paars;

-No cantão de La Fère:

Os Biver de S. Gobain,

M. Rohart de Barisis,

-Em Chauny: M. Leroy,

-Em Nouvion: M. Lenain-Proyart,

-Em Câtelet: M. Loiseau, de Villeret.

- No mês de Dezembro, o *Conservateur de l'Aisne* começava a sair. Ele irá lutar durante dez anos e absorverá em seguida o *Journal de Saint Quentin*.

Encontrei também nesta nova obra bastantes preocupações. O tipógrafo, Sr. Penet, era bastante duro conosco. Às vezes, o dinheiro faltava e era preciso encontrar sócios capitalistas de boa vontade. Os redactores ultrapassavam muitas vezes a finalidade do diário e isso resfriava muitos leitores. A afirmação católica neste departamento fez algum bem / (189) e a obra continua através do *Journal de Saint-Quentin*.

Caderno XI

Retiro em Laon

O meu retiro não ficou prejudicado pelas reuniões simultâneas do Oratório Diocesano, que tinham como único fim a nossa santificação.

Passámos em Laon quatro dias, de 27 a 31 de Julho, sob os auspícios de Santo Inácio. Tínhamos por mestre um santo religioso, o Pe. Dorr, Reitor do 3º ano.

Manifestei-lhe as minhas inclinações, os meus desejos de vocação religiosa.

Era preciso esperar a hora da Providência e, esperando, preparar-se pela observância estrita do meu / (1) regulamento, pela prática da oração, a leitura espiritual, a pureza de consciência.

Uma carta do mesmo Pe. Dorr, que recebi mais tarde, recordava as minhas impressões do retiro. “Estou contente, dizia ele, pela boa lembrança que guardais do vosso retiro em S. Vicente e do desejo de experimentar ainda em breve esta calma tão salutar, tão fortificante. Sereis sempre recebido com solicitude, quando as vossas ocupações vos permitirem vir procurar o repouso sobre a nossa santa montanha. E realmente deveréis sentir a necessidade de vir retemperar-vos bastantes vezes na solidão, para conservar bem firme a vossa decisão. Parece que até agora a Providência não tenha querido afastar os obstáculos. Mas será para Ela difícil aplanar num instante o caminho que vos conduzirá ao fim tão desejado? Conservai uma confiança sem limites e não vos canseis de importunar a divina misericórdia.

A vocação é uma graça tão superior, que bem merece ser desejada longamente, pedida com perseverança, paga com muitos sacrifícios. Estou a escrever à sombra de Nossa Senhora de Liesse. Que esta boa mãe queira obter-vos uma fidelidade / (2) constante à vossa grande resolução e a todas as resoluções parciais que deverão assegurar a primeira...”

Tínhamos feito um bom trabalho para a organização do Oratório Diocesano. Fizéramos oito reuniões, elegêramos a nossa mesa, estabelecêramos o nosso regulamento. Nomearam-me secretário da Associação. Parece-me que esta Obra fez algum bem; possa ela pesar um pouco a meu favor na balança do meu julgamento, cuja espera me espanta e me assusta!

Universidade de Lille

Em 1874, situa-se uma campanha ardente do Rev. Hautcoeur para me convencer a colaborar com ele na fundação da Universidade de Lille. Ele soubera das atractivas que eu tinha tido durante vários anos para trabalhar na regeneração dos estudos. Eu tinha-o visto em Donai, em 1872 e ele escrevera-me nessa altura:

“Aceitando uma colocação no santo ministério, vós não renunciastes certamente aos vossos projectos de outrora. Por que não utilizais os vossos tempos livres (eles já então eram bem curtos) publicando alguns artigos na *Revue des sciences ecclésiastiques*? / (3) Eu creio que a nossa obra é actualmente o único meio para preparar o renascimento

dos estudos sagrados... O meu sonho teria sido a realização de um projecto, outrora idealizado pelo Cardeal Gousset. Ele queria formar um Collegium theologicum, de cinco ou seis membros, especialmente encarregados da redacção da *Revue des sciences ecclésiastiques*, à qual naturalmente teriam sido adicionados outros trabalhos. Quem sabe se daí não teria saído uma escola teológica? Mas, neste momento, esse projecto não parece muito realizável, e receio muito que os outros de que se falou não se realizem também... O que nós poderemos fazer é unir as nossas forças, combater pela imprensa, na expectativa de que uma outra acção seja possível. Tenho confiança de que aceitareis as minhas propostas. Vós tendes tudo o que é preciso para fazer muito bem neste ministério e é absolutamente necessário que vos lanceis nele. E afinal vós não sois desse tímidos que julgam dever ser defendida a couve galicana...

Em 1874, a Universidade de Lille é fundada e o Rev. Hautcoeur torna-se muito insistente. Ele escreve-me a 6 de Agosto:

“Vós estais certamente informado / (4) daquilo que foi feito para a Universidade Católica, cuja fundação é prevista em Lille. Eu disse e digo desde há muito tempo que o vosso lugar está reservado nessa grande instituição. - É provável, quase certo, que alguns cursos de Direito, de Ciências e de Letras, de Filosofia, vão funcionar neste próximo ano lectivo com autorização ministerial... Um curso de Direito natural e dos povos, 4 ou 5 lições de uma hora por semana, em francês, vos conviriam? Poderíeis em caso de necessidade, ou preferiríeis ensinar filosofia em francês para os futuros estudantes de direito, de medicina, etc..., ou ainda em latim para os futuros estudantes de teologia, pois nós esperamos que venham a ser criados esses dois cursos. - Se vós preferis outros ramos de ensino, fora dos indicados, tende a amabilidade de dizer-me para que lado se inclinariam as vossas preferências...”

Escrevi para Roma a fim de consultar o Pe. Freyd.

A 23 de Agosto, o Rev. Hautcoeur volta à carga:

“Não recebendo de vós a resposta definitiva que estava prometida, permito-me / (5) insistir. Evidentemente essa vossa resposta só pode ser afirmativa. As obras por vós começadas são daquelas que podem ser continuadas por qualquer zeloso sacerdote. Aliás, sobre algumas delas, vós podereis continuar a velar, mesmo estando em Lille. Pelo contrário, o trabalho que vos reclama aqui requer uma aptidão toda especial e qualidades que bem poucos sacerdotes reúnem. Não preciso de insistir junto de vós para vos fazer

compreender a sua importância excepcional e os resultados imensos que ela pode produzir, se for bem dirigida. - Estabelecei um confronto entre o que podereis fazer em S. Quintino, onde outros padres vos substituiriam facilmente, e o bem que poderíeis realizar em Lille, onde, convencei-vos disso, os operários que será possível empregar com toda a confiança não abundam, especialmente nos começos. Evidentemente não podeis hesitar. Há aqui uma missão de dedicação que se vos impõe, um caminho todo providencial que se abre para vós e que vós tendes a obrigação de seguir. Por isso, meu querido confrade, vós ireis permitir-me que conte com a vossa entrega e que vos inscreva / (6) na minha lista. No princípio, na nossa organização ainda rudimentar, provavelmente haverá somente dois ou três sacerdotes entre os professores. Eles exercerão uma influência considerável sobre o espírito da nascente instituição: por isso, precisaremos em primeiro lugar de homens seguros e ligados até ao fundo das entranhas à Igreja Romana. A nossa obra apresenta-se sob os melhores auspícios. Ela terá as suas dificuldades e provações, sem dúvida nenhuma, mas ela terá para triunfar a bênção de Deus, que já se manifestou de uma maneira visível no que foi feito até hoje. Temos connosco um grupo de leigos com um zelo verdadeiramente admirável.

Deixo-vos a meditar estas coisas diante de Deus, caro confrade... Espero com segurança a vossa resposta. Terça-feira, temos em Lille uma reunião do nosso comité organizador; se desejais ver e ouvir, vinde comigo..."

- Não se podia ser mais insistente, e a proposta era tentadora. Respondi evasivamente; esperava os conselhos do Pe. Freyd, meu director.

- A 29 de Agosto, nova insistência do Rev. Hautcoeur:

"A vossa última carta dá-me todas as esperanças de que vos decidireis em favor de uma obra tão importante como é a da Universidade Católica. Espero por vós, conforme / (7) a vossa promessa. Poderíamos fazer na quarta-feira o que vos propunha para terça-feira passada: irmos juntos a Lille e assistir à sessão do Comité..."

A 6 de Setembro, nova carta: "Parto para retiro. Até sexta-feira de manhã, estou no seminário maior de Cambrai. Peço-vos que me escrevais para lá neste intervalo. Espero ter uma resposta (favorável, bem entendido) para sábado de manhã, ao mais tardar. Há neste dia a reunião do comité para organizar a lista de pessoal e já com muito atraso. Depois de ter rezado muito, reflectido muito, é impossível que vós nos falteis..."

Realmente, eu rezei muito e muito reflecti. Inclina-me fortemente a ceder. Foram dias de angústias, esses. Evitei fazer a viagem, para não me comprometer. A decisão do Pe. Freyd chegou; ele escrevera-me a 25 de Agosto:

“Meu caríssimo, o Rev. Bernard Charles escreveu-vos, ontem à tarde, uma palavra *in nomine meo*. Não a tereis recebido ainda, porque a carta foi para S. Quintino (eu estava no Congresso de Lyon). Respondo à vossa última para vos dizer que *a minha opinião é que fiqueis em S. Quintino*. As vossas obras vos retêm aí, e mais outras considerações que vos direi de viva voz...” / (8)

O Pe. Freyd não acreditava no futuro das nossas Universidades e, em especial, da de Lille. Ele via nelas também uma concorrência ao seu seminário. Nesses aspectos, ele enganava-se, mas ele era o meu director; eu obedecia. Quanto a mim, pessoalmente, ele achava que eu devia ficar no ministério activo e chegar a cargos altos, ou então entrar na Vida Religiosa, preferivelmente no seu Instituto. Ele acrescentava que, nesse caso, eu seria provavelmente designado pelos superiores para lhe suceder em Roma. Eu não discuti nada e deixei-me conduzir. Respondi negativamente a Lille.

O Rev. Hautcoeur escreveu-me a 13 de Setembro:

“Estou desolado com a vossa decisão; entendo que já não posso fazer novas insistências. Outros, eu sei, não renunciam ainda (a insistir). Possam eles ter mais sorte do que eu! Se a vossa decisão, para este ano, é absolutamente irrevogável, espero que vos teremos entre nós pelo menos no próximo ano... rezai ao menos por aquele que tendes a crueldade de abandonar e pelo bom êxito da obra tão difícil que se vê obrigado a empreender sozinho. Sim, absolutamente / (9) sozinho, pois já vos demonstrei que não posso contar com nenhuma ajuda. Estamos nas mãos de Deus...”

Mons. Monnier juntou as suas insistências às do Rev. Hautcoeur. Os Srs. Féron-Vrau e Destombes vieram visitar-me e pressionar-me, eu mantive a minha decisão. Iriam ser renovadas as mesmas propostas em 1875.

Correspondência: o bispado

O bispado mostrava-se benevolente com todas as minhas obras. Era sempre o Rev. Dours que me escrevia em nome do seu irmão.

A 30 de Março, ele escrevia-me: “O Sr Bispo autoriza com muito gosto a celebração das cerimónias da Semana Santa na capela das Franciscanas.

- Tenha a bondade de inscrever o Sr. Bispo à cabeça da vossa lista dos fundadores da excelente Obra que vós dirigis (o Patronato). - Estou-me ocupando do Oratório Diocesano, e em breve haverá uma decisão a seu respeito.”

A 7 de Agosto: “O Sr. Bispo aprova com gosto a formação em S. Quintino de um Secretariado Diocesano das Obras operárias, do qual aceita ser presidente honorário, como também aceita os nomes por vós propostos. - Se for do vosso agrado e tiverdes possibilidade de vos ausentar, o Sr. Bispo vos / (10) escolheria para representar a diocese no encontro de Lyon (Congresso da União das obras)...”

No fim do ano, eu preparava o congresso de Liesse e organizava o inquérito diocesano sobre a situação das obras e das paróquias. O Rev. Dours escrevia-me a 2 de Novembro:

“Vou mandar imprimir o questionário. Enviai-me portanto o mais cedo possível a breve circular que o Sr. Bispo assinará de boa vontade. Ocupar-nos-emos depois dos outros pontos indicados na vossa carta.”

No mês de Dezembro, tentei obter do Sr. Bispo um auxiliar para a direcção do Patronato. O Rev. Dours respondia: “ Compreendo perfeitamente todos os vossos desejos e todas as vossas necessidades. Como gostaria de vos poder ajudar! ...” Depois, ele propunha-me alguns sacerdotes que por motivos de saúde ou de família tinham aceitado ser preceptores em Paris: O Rev. Fleuret, o Rev. Mailfert, o Rev. Ferdinand...

O Rev. Pe. Freyd

Eu continuava a corresponder-me com o Pe. Freyd, sobre os pontos mais graves da direcção espiritual.

A 3 de Junho, ele escrevia-me: “Meu caro amigo, desta vez li-vos com um prazer que dilatou a minha alma. Vejo com a mais viva / (11) satisfação as numerosas obras que devem a sua existência à vossa iniciativa e actividade. Concluí, de todo este bem, realizado até agora, que vós estais realmente no vosso lugar esperando que a Boa Providência vos tome pela mão e vos conduza aonde Ela sabe, mas aonde eu não sei ainda mais do que vós. E não vos importeis nada em saber o que o futuro vos reserva.

Continuai a ser, nas mãos do Senhor, o dócil e fiel instrumento das Suas obras e da Sua adorável vontade. *Et sufficit*¹⁶. Estou encantado com o bilhete que me comunicastes (sobre o Oratório Diocesano). Eu acho, contudo, que o vosso número, embora pequeno, já é considerável, porque afinal a vossa zona não se estende muito ao longe, e depois nem toda a gente morde o anzol. Falais de um centro a descobrir; não vos inquieteis. *Omnia tempus habent*¹⁷. O essencial parece-me ser que vós formeis primeiro a circunferência. Já tendes um chefe; mais tarde, alguma coisa se criará que vos oferecerá um lugar de retiro, onde podereis uns e outros retirar-vos de tempos a tempos para vos retemperar. Mas sede prudentes e não entregueis facilmente tal centro em mãos religiosas / (12) que se ocupariam dele talvez para pescar peixes que seriam convenientes para eles próprios. Seria necessário que alguma coisa de diocesano se pudesse criar para esse efeito. Mas não apresseis nada.

Vós desejais notícias de Roma, mas não tenho nenhuma digna de interesse. O Santo Padre sofre um pouco de catarro, mas não tem outras doenças. Os senhores de Roma fazem o seu trabalho maravilhosamente. Mais de 90 conventos estão agora vazios e os corvos aninham-se neles sem todavia ousar esperar ter neles uma duradoura permanência. *Tutto va al fondo*. Aqui em Santa Chiara vamos muito bem, graças a Deus. O *pusillus grex* de 19 alunos caminha com grande regularidade e trabalha bem. Até agora os colégios não estão ameaçados, mas quem sabe se o demónio não nos apoquentará bem depressa. Estamos na mão de Deus. Neste momento temos connosco alguns antigos alunos: Mons. de Méneval, o Rev. Echapetoy, secretário da diocese de Laval e Benjamim Paquet, o deão da faculdade de teologia de Québec. Sentimo-nos felizes por nos tornarmos a ver. Quando voltarei a ver-vos, meu caro filho Leão? Vós sabeis que há certos filhos aos quais os pobres papás estão mais afectuosamente apegados e estão ansiosos por rever estes filhos de predilecção. / (13)

Bem quereria obter-vos um corpo santo (é difícil), ao menos uma relíquia insigne (para a capela do Patronato). Estaremos atentos e aproveitaremos da primeira boa ocasião. Adeus, meu caríssimo; que o amor de Nosso Senhor e a graça do Espírito Santo estejam convosco e em vós!...”

¹⁶ Nt: E isto basta.

¹⁷ Nt: Tudo tem o seu tempo.

A 25 de Agosto ele dava-me a decisão já citada umas páginas acima, quanto à Universidade de Lille.

A 6 de Outubro: “Meu caro e bom amigo, ontem ao chegar encontrei a vossa carta e estou muito contente com o seu conteúdo. Estou mais do que nunca convencido de que Nosso Senhor guiará os vossos passos e vos conduzirá para onde O deveis servir e glorificar. Se soubésseis como é bom nunca precipitar nada e quanto é preciso desconfiar até dos bons desejos que às vezes podemos ter! Acabo de ver os RR. Bretenières e Poiblanç. Vós conheceis as suas aspirações. Eles tinham dificuldade em esperar; contudo, acataram as minhas constantes recomendações e tiveram paciência, e eis que no próprio dia da minha chegada a Dijon, o Bispo manda chamar R. Bretenières e pergunta-lhe neste momento se está disposto a fundar uma obra diocesana! *Omnia tempus habent*. Chegou então o momento para esses dois amigos de se ocuparem seriamente da sua obra... Este / (13bis) acontecimento poderá consolar-vos e instruir-vos. Continuai portanto, meu caro filho, no caminho em que vos comprometestes. Eu não teria realmente conseguido acostumar-me com a vossa entrada em Lille. Isso me repugna a vosso respeito, ainda mais que Nîmes. E penso que as vossas obras de S. Quintino, que sem vós não se fundariam e não se sustentariam, são pelo menos tão importantes como a obra do Rev. Hantcoeur (!!). Estou pasmado por este bom sacerdote já não se lembrar que a antiga Universidade de Douai foi um foco de Jansenistas dos mais enraivecidos. Ele vai para a frente à cega e não sabe prever que a sua grande faculdade de teologia (principal problema para ele) é uma das coisas mais perigosas se não por agora, pelo menos e certamente de seguida e num futuro mais próximo do que se pensa (!!). Quanto mais eu avanço, quanto mais vejo e oiço, tanto mais essa convicção aumenta em mim. Mesmo assim, eu não sou contra as Universidades, mas contra todas as faculdades de teologia que não estejam organizadas de modo a assegurar um ensino *verdadeiramente romano*, e vós sabeis qual é o meu pensamento a este respeito. Paro aqui, mas repito-vos a minha alegria e a minha satisfação por vos saber / (14) dócil às minhas recomendações, e por agora fielmente dedicado ao trabalho que o próprio Deus vos deu ou que vos inspirou a fazer em S. Quintino. Essa pobre cidade precisava de vós, Deus abençoará o vosso trabalho, e os pobres jovens vos agradecerão no tempo e na eternidade...”

Portanto, eu obedeci cegamente ao meu director nesta circunstância, como já tinha feito em 1871 no assunto da Assunção. O Pe. Freyd enganava-se quanto à importância

das Obras das quais me afastava, a Assunção de Nimes e a Universidade de Lille. Isso não tem importância, eu obedeci, o que é sempre o mais seguro.

Ele iria depois, nas suas duas últimas cartas, no mês de Dezembro, *propor-me* outra vocação, a de entrar na sua congregação. Senti de facto alguma atracção. Mas as mesmas obras retinham-me ainda em S. Quintino.

E três meses depois, a 6 de Março, Pe. Freyd morria deixando-me sem director.

Eis as suas duas últimas cartas:

2 de Dezembro: "Meu caro amigo, a vossa segunda carta não deve esperar tanto como a primeira. Quero simplesmente pôr-me ao trabalho e responder-vos sem atraso, tanto mais que o andamento da casa está bem encaminhado, e eu encontro um pouco / (15) mais de tempo livre. Sabei, contudo, meu caro filho, que respondendo ou não, eu sou sempre para vós um velho pai devotado e afeiçoado.

- Há uns dez dias, tendo de escrever ao Rev. Briegne, que é agora professor no colégio de Belzunce (Marselha), mas que não está nada satisfeito e que de resto ainda não está incardinado na diocese de Marselha, eu disse-lhe para se meter em comunicação convosco, que vós teríeis talvez alguma proposta para lhe fazer para uma obra por vós fundada. Como vós não me falais nele na vossa carta, concluo que ele não vos escreveu ainda. Informo-vos disso para que, havendo oportunidade, vós possais fazer-lhe alguma proposta.

Tenho aqui outro sacerdote que vós conheceis, creio eu, e que não pede nada melhor do que incardinar-se em alguma diocese (ele encontra-se livre, pois o seu bispo concedeu-lhe o *Exeat* quando ele pediu para vir a Roma se aperfeiçoar nos estudos). É o Rev. Redoy que, durante um ano, foi vosso condiscípulo. Tereis a bondade de lhe escrever e de lhe fazer as vossas propostas? Eu encarregar-me-ei de lhe dar a vossa mensagem. - Compreendo a vossa aflição ao ver-vos absorvido pelo santo ministério e de já não poder estudar; / (16) da minha parte, eu não lamento minimamente não vos terdes rendido às insistências do Rev. Hautcoeur. Um pouco de paciência, meu caríssimo, e o bom Deus indicar-vos-á o que tereis de fazer. *Tempus meum*, diz Ele, *nondum adveni, tempus vestrum semper prope est*. De resto, se vós estais com tanta pressa e se desejais verdadeiramente a vida religiosa, vinde cá. O Pe. Daum bem precisaria de vós, pois está só ele para as explicações. Encontraríeis facilmente com que utilizar o vosso tempo e a vossa cultura; vós dirigiríeis os outros e teríeis tempos livres e magníficas ocasiões para

vos instruir cada dia mais. Vós iríeis depois fazer na nossa casa um magnífico ano de noviciado, após o qual o vosso lugar seria naturalmente em Roma, no Seminário Francês. Por minha autoridade privada, nomeio-vos meu sucessor e sabeis por experiência própria que aqui há muito bem a fazer. Eis, meu caro Leão, uma proposta que vem do céu. Mas porque, diríeis vós, não me fizestes noutros tempos a mesma proposta? Eu não pensava muito nisso, mas agora que penso nela, vo-la apresento. Isto convém-vos? E porque não? Já que encontraríeis aqui duas coisas que tanto desejais: uma *regra religiosa* e a *facilidade* de aplicar os vossos conhecimentos especiais que adquiristes. / (17) Estas duas coisas tinham-vos impellido bastante para a Assunção, mas certamente, vós as encantaríeis mais seriamente na nossa pequena congregação. Vejo cada dia melhor o bem imenso que o Seminário Francês pode fazer e a necessidade real que a França tem desta casa. Cada dia também (por assim dizer) o Sumo Pontífice mostra-nos mais carinho e deseja que o nosso país venha procurar aqui a sã doutrina e o amor à Santa Sé. Ele já nem quer mesmo conceder aos bispos franceses a faculdade de conferir graus académicos... Concedê-la-á de hoje em diante, unicamente, se os bispos franceses lhe propuserem colectivamente algum projecto que ofereça reais garantias.

Adeus; amanhã levarei ao Vaticano os nossos 36 alunos, que estão todos muito bem.”

A última carta deste bom padre chegou-me a 19 de Dezembro (6º aniversário do meu sacerdócio). Ele escrevia: “Antes de vos responder, quis rezar. Assuntos tão graves como estes que nos ocupam, só podem ser tratados com o céu. Por isso, depois de ter muito rezado e reflectido, creio que a escolha por mim proposta é aquela que para vós está conforme a vontade de Deus. Confesso-vos / (18) que durante algum tempo acalentei a ideia que de um dia vós daríeis um bom bispo. É essa a razão pela qual Nevers tanto me atraía, pois aí vós poderíeis fazer uma excelente aprendizagem (Mons. de Ladoue pedia-me que fosse ao pé dele). Nisso falhamos por um beneplácito especial do Céu de que não duvido minimamente. E é desde então que a minha solicitude paterna por vós (que está em continua actividade para com o meu filho Leão) fez-me reconsiderar acerca daquela que eu chamaria a minha ideia mãe a vosso respeito, ideia que muitas vezes me ocupou durante o vosso seminário, mas que por prudência, por desconfiança de mim mesmo, por medo de me armar em juiz na minha própria causa, nunca quis comunicar-vos. Essa ideia era então que o vosso lugar me parecia fixado no seminário francês e que Deus vos quererá aqui. Os vossos estudos, as vossas aptidões, o vosso

próprio gosto diziam-me que era assim mesmo. Somente o receio de vos tirar talvez do futuro governo de uma diocese me fazia parar, e, apesar da vida penosíssima que o episcopado oferece (quando é tomado a sério), apesar da espécie de isolamento em que eu vos via antecipadamente, não teria querido então desviar-vos do / (19) caminho que, segundo todas as aparências, vos conduziriam para lá. Hoje, a minha ideia é outra e eu creio sinceramente que Deus vos desviou de Nîmes e vos colocou no ministério unicamente para vos fazer voltar a Santa Chiara com uma preciosa experiência da vida de paróquia e da direcção das almas, experiência impagável para um director de seminário. Entre Lille e Roma, meu querido filho, não há comparação; quero dizer, entre o bem a fazer lá ou cá, vós percebeis isso muito bem. Mais ainda, entre a vossa vida e actividade numa universidade, e a vida religiosa que tereis aqui com as vantagens de estudos que só se encontram em Roma, há a distância do sol à lua. Portanto, pelo próprio bem da vossa alma, pelos vossos gostos e capacidades, por essa espécie de aspiração à vida missionária, por esse antigo sonho de uma vida regulada numa comunidade religiosa, pela própria incerteza do vosso futuro, fosse ele até de 1º vigário, etc. etc., por todas essas razões, eu vos direi: Vinde corajosamente. Tenho a convicção moral, *não metafísica*, que vós sois chamado a trabalhar aqui como filho do S. Coração de Maria. - Mas que dirão / (20) em La Capelle e em Soissons?! Tentarão fazer oposição, com certeza, e depois? Se tivésseis ido para Lille, que teria podido dizer Soissons? Quanto aos vossos pais, eles sofrerão talvez um pouco, mas também em Lille ou em Nevers vós não teríeis estado com eles. E depois, quando Deus fala, a natureza deve calar-se. - Eu não concordaria com a vossa entrada imediata no nosso noviciado. O caminho mais suave será o seguinte: Vinde para cá, logo que vos for possível, lá pela Páscoa por exemplo, ou logo depois. Entretanto, organizai bem o vosso Patronato. Da nossa parte, neste momento, não se pode esperar nada porque todos estão colocados. Mas escrevei ao Pe. Cartier, que vós vistes aqui em Roma, e que é o Superior geral dos Missionários da Imaculada Conceição, rua de Fougères, 3, em Rennes. Mando-vos aqui uma palavrinha para ele. Ele poderá certamente dar-vos um Padre e um Irmão. Vós passaríeis o ano connosco e em Outubro próximo iríeis começar o vosso noviciado, que para vós será de um ano só pois vós fostes educado por nós; caso contrário seria de dois anos. Sem dúvida o Superior geral não dará a nenhum noviço uma certeza de que o enviará para tal lugar desejado, / (21) mas todos os antecedentes lhe indicarão naturalmente que o vosso lugar é em Roma.

Eis, meu querido, o que me parece o vosso caminho já traçado, e se, como penso, o Bom Deus vos fizer avançar por ele, vós tereis motivos para agradecer-lhe, pois nele estareis em segurança e fareis nele um bem incalculável. Mando-vos estas linhas sob os auspícios de Maria e asseguro-vos o meu mais paterno afecto.”

Aceitei os seus conselhos e procurei realiza-los, eu tinha confiança completa no Pe. Freyd. Mas a Divina Providência mudou tudo. O Pe. Freyd morreu de modo imprevisto dois meses depois, a 6 de Março de 1875, em Roma. Sucedeu-lhe o Pe. Eschbach. Era uma mudança completa, e de resto não encontrei nenhuma comunidade que quisesse aceitar as obras de S. Quintino. Escrevi inutilmente para toda a parte e fiquei prisioneiro!

O Rev. Demiselle

O bom cónego Demiselle tinha sempre para comigo uma dedicação paterna. Escrevia-me com muita frequência.

A 3 de Abril, anuncia-me um contributo da Obra de S. Francisco de Sales para a capela das Franciscanas.

A 25 de Junho, chega ele de Lille, cujas / (22) festas o entusiasmaram: Inauguração de Nossa Senhora de-La-Treille, procissão histórica, numerosos bispos, 300.000 estrangeiros, etc., etc. Fala-me nessas festas e acrescenta: “As obras católicas devem afirmar-se para e contra todos, provocar pedidos, fazer demonstrações que dêem um corpo ao espírito religioso, que ainda vive em nós. Nada de timidez; audácia e sempre audácia, nos limites de uma prudência toda cristã.

- É lastimável que não se possa criar um Secretariado diocesano numa cidade episcopal, mas é melhor vê-lo com sede em S. Quintino, do que não ter nada. Somente com a chegada de um novo bispo, pode acontecer que ele queira ter aqui um Secretariado... O postura da nossa Assembleia nacional dá-me náuseas. Ela sucumbirá debaixo de uma montanha de desprezo, e Deus nos salvará sem ela e apesar dela, fazendo-nos tocar com o dedo o crime do catolicismo liberal, essa lepra que arruína tantas almas de cristãos...”

Esta carta faz ressaltar bem o ardor do bom cónego. Ela revela também um dos obstáculos à acção cristã na diocese. Soissons é uma cidade morta, que não sabe agir, mas não vê com bons olhos as / (23) iniciativas de S. Quintino!!!

A 9 de Julho, ele anuncia-me uma ajuda da Obra de S. Francisco de Sales (400 fr.). E acrescenta: “Enviei ao Secretariado Central uma relação das obras operárias diocesanas. Tirando as somas, é o vosso Patronato a obra cimeira e sobre a qual se devem concentrar todas as ajudas.

O Círculo de Liesse, tão confortavelmente instalado, não pode deixar de prosperar estando nas mãos dos Padres Jesuítas. Cilly avançará com algumas pequenas ajudas.

Fora disso, só temos algumas reuniões dominicais, que não se pode fazer figurar entre as obras propriamente ditas, embora elas façam algum bem...”

A nossa pobre diocese tinha, portanto, ainda bem poucas obras!

A 22 de Julho: “O Rev. Palant, que veio aqui pregar a festa de S. Vicente de Paulo, fala-me num jornal que seria fundado em S. Quintino, e que se tornaria o órgão de ideias sãs e religiosas. Em boa hora! Bravo!”

A 14 de Agosto: “Fizestes bem em formar o Secretariado diocesano antes do Congresso. Aqui não há nada a fazer.” / (24)

A 14 de Setembro, ele faz coro com o Comité de Lille para que eu vá à Universidade Católica. Escreve-me:

“Mando-vos cópia da carta que recebo hoje do Rev. Proyart (Vig. Geral de Arras). Ele é da opinião que vós deveis aceitar a cátedra que vos é oferecida, com autorização do Sr. Bispo, naturalmente. Suponho que esses Senhores fizeram junto do Sr. Bispo as diligências necessárias. O arranjo indicado no P(ost) S(criptum) do Rev. Proyart parece-me que concilia todas as coisas. Um curso de aulas por semana não vos impediria de dar uma boa ajuda à vossa bela obra operária, para transferi-la na devida altura para outras mãos. Seria necessário, nem é preciso dizê-lo, que vós ficásseis aliviado do trabalho de vigário. O Sr. Bispo e o Sr. Arcipreste deveriam perceber isso e prestar-se com todos os meios para este acordo. Há nisso uma tentativa de tal modo importante para a Igreja, que é preciso sacrificar tudo para fazê-la florescer ... Eis a minha fraca opinião. Da vossa parte, dizei-me o que pensais dela.”

Eis a carta do Rev. Proyart ao Rev. Demiselle: “Senhor e venerado confrade. Volto agora mesmo de Lille, onde tive de deslocar-me a toda a pressa para aí fazer avançar e levar a bom termo o grande assunto da Universidade, que, neste momento, só pode aparecer com o título de *Instituto de Estudos Superiores*. O Bispo de Lydda aceita com

gosto ser o Protector, enquanto espera adoptar o título de Reitor... O Rev. Hautcoeur será director de estudos e ocupará uma cátedra. Vários professores já estão nomeados. Mas para ter um bom começo (*dimidium facti qui bene habet*), é absolutamente necessário que o Rev. Dehon faça o sacrifício das suas obras de S. Quintino e venha a Lille fazer outra obra de bem maior importância, duma importância capital, que interessa à Igreja, no mais alto grau. Pela Igreja, devemos sacrificar tudo, até a nossa vida. Estou encarregado de vos pedir que useis toda a vossa influência sobre o Rev. Dehon para convencê-lo a aceitar a cátedra proposta. O tempo urge; tencionamos começar as aulas a 8 de Novembro. O Rev. / (26) Hautcoeur espera em Douai uma resposta favorável. - Se o Rev. Dehon não pudesse por enquanto deixar completamente S. Quintino, não haveria a hipótese de ele aceitar a cátedra que lhe é oferecida e deslocar-se a Lille para dar as suas aulas no dia de semana indicado para esse efeito?"

Eu era então muito desejado em Lille, e os meus gostos para lá me impeliam com força. Obedeci ao meu director.

Condiscípulos de Roma

Alguns dos meus antigos colegas de Santa Chiara escreviam-me ainda de tempos a tempos.

O bom Rev. Bellune: "O excelente Rev. Julien esqueceu em Tours a sua carteira e o seu barrete. Graças a Deus e a S. Martinho, a carteira foi encontrada. Tinha 90 fr. que vos envio... Sei tudo o que vos fazeis em S. Quintino; peço a Deus que queira abençoar sempre mais as vossas obras..."

O Rev. Dartein escreve-me também. Espera por Henrique V e por muito boas coisas ainda. Ele ensinava história no Seminário de Estrasburgo, mas, tendo optado pela França, teve de abandonar as suas aulas...

O Rev. Bourgoïn é sempre muito afável. "Espero, diz ele, que Roma, que pôs o selo / (27) da sua eternidade em tantas coisas, o terá também posto sobre a nossa boa amizade do seminário francês. Pobre Santa Chiara! Que provação tremenda estes três anos passados sem alunos, ou quase! ... Quinze alunos são todo o contingente actual... Soubeste da morte do querido Rev. Popiel (um dos meus bons amigos, polaco)? Sei que o seu único pensamento era Roma, e que os nomes dos seus amigos, as recordações do seminário francês lhe vinham continuamente à boca, nos últimos meses da sua vida. - E

vós, meu caro amigo, vós tendes uma actividade que se multiplica por dez, e digo pouco! O Bom Deus pede-vos muito. Uno de boa vontade as minhas Filhas do Calvário às vossas de S. Francisco, para que a sua vida penitente seja um equilíbrio e um amparo para nós, mas sobretudo para vós que trabalhais mais... Não digo nada da nossa Universidade, que sempre começa a nascer (a faculdade de Teologia fundada por Mons. Pie). Aqui, à minha volta, vejo tantas metamorfoses, oiço tantas vezes proclamar as insuficiências, inutilidades e perigos desta instituição, que me tapo os ouvidos, dizendo: “Ah! os homens, os homens! e creio que acabarei por fazer-me ermitão...”

O Rev. Rossi pedia-me ajuda para a sua capela do Colégio de Lesneven. / (28)

O Rev. de La Ferrière escrevia-me do seu castelo de família em Cöethuan perto de Rohan: “Mando-vos a fotografia de Mons. Pie que tanto desejáveis; pedi-lhe na Quarta-feira que a assinasse em intenção vossa. Eu estou melhor, graças a Deus e também graças à satisfação moral que o meu coração e a minha alma sentem neste meio tão bom de Poitiers (Mons. Pie tinha-o feito seu secretário). Simpatizo duplamente convosco, porque vos ocupais duma obra operária. Eu vou como amigo à obra do Rev. Fossin. É para mim uma grande consolação e uma suavíssima distracção...”

O Pe. Gilbert, de Troyes, falava-me muito da sua obra dos Oblatos de S. Francisco de Sales, talvez com alguma secreta intenção de me atrair a ela:

“Recebi cartas dos meus antigos colegas de estudo do seminário francês e o prazer que provei ao reatar conhecimento com aqueles que eu ia esquecendo, desde há muito tempo, despertou-me o desejo de ter notícias daqueles de quem guardei a melhor e mais preciosa recordação. Por isso, éo desejo de conversar um pouco convosco sobre vós e as vossas obras que me leva a escrever-vos. Sei que sois director de um Círculo em S. Quintino... Creio que há grande proveito em comunicar-nos o / (29) que se empreende, o que se deseja fazer... Hoje, vou falar-vos um pouco daquilo que eu faço, daquilo em que me tornei, quase sem me dar por isso: ou antes, reconheço claramente que o Bom Deus me conduziu pela mão e me conseguiu o que era melhor para mim. Após ter ajudado durante cinco anos no pensionato de St. Étienne, voltei a Troyes... Foi então que o capelão da Visitação me mandou chamar e o R. Brisson, logo no nosso primeiro encontro, me comunicou umas ideias que me pareceram *singulares*. A mim, a quem ele via pela primeira vez, falava de vida religiosa, etc. etc... Agora que se passaram cinco anos desde essa entrevista, cuja data para mim é preciosa - 6 de Janeiro -, posso

dizer-vos o que se fez. - Com cinco alunos, comecei um pequeno pensionato e mudei de domicílio quatro ou cinco vezes, em poucos meses, um pouco consumido pelo inspector que nos contestava o direito de ter alunos. Tínhamos seis alunos, quando o R. Brisson se decidiu a comprar uma bela propriedade às portas de Troyes. Tínhamos uns trintas quando, depois da guerra e da Comuna, lançávamos os alicerces de um colégio agora acabadinho e que pode receber uns 250 a 300 alunos. Presentemente, temos 130. Os professores apareceram. Uns / (30) seguiram caminho, outros ficaram, e no Domingo, 12 de Outubro último (1873), éramos admitidos (quatro padres, um subdiácono e um clérigo), na capela do senhor Bispo, ao noviciado dos Oblatos de S. Francisco de Sales. Hoje somos doze e em breve seremos mais. Mons. Mermillod é nosso fundador e nosso superior. Já recebemos de Roma um Breve do Santo Padre.

A regra, inteiramente tirada de S. Francisco de Sales, que trabalhava numa sociedade de sacerdotes quando a morte o surpreendeu, foi recolhida pelos Padres de Nossa Senhora de Einsiedeln, com os quais estamos em ligação e em união (o Abade-Príncipe mandou-nos um dos seus religiosos como professor de alemão). Nós vivemos portanto da vida e dos ensinamentos de S. Francisco de Sales, isto quer dizer que vivemos felizes; e mais, nós aplicamos o método de direcção do nosso Santo Fundador e os nossos alunos sentem os benefícios. O espírito dessas crianças e jovens (porque os pequenitos do *quinto ano* que eu tinha no começo, são agora filósofos) é muito bom. São simples e devotos e, por cima disto tudo, digo-vos que eles têm maneiras verdadeiramente distintas. Finalmente, facto muito consolador e pelo qual agradeço a Deus de todo o coração, é que vários deles têm vocação; quatro ou cinco, com o consentimento dos pais, deverão unir-se / (31) a nós no próximo ano. Não descobris nisto tudo que acabo de vos dizer um sinal visibilíssimo da bênção especial do Bom Deus? Tivemos as nossas provas que também são bênçãos e que só serviram para nos fortalecer sem nos desanimar. Já diversos sacerdotes de diferentes dioceses se dirigiram a nós, por intermédio de Mons. Mermillod ou de Mons. Ségur, para conhecerem as nossas regras. Alguns só esperam a ocasião favorável para se unirem à nossa comunidade... Se passardes por Troyes, vinde visitar-nos..."

A Primavera das obras é sempre a época mais sedutora. O bom Pe. Gilbert não me falava na grande parte que teve nesta fundação a Venerável Irmã Maria de Sales Chapuis.

O Pe. Poiblanc escrevia-me a 4 de Agosto: “Se fordes ao Congresso de Lyon, fazei-nos, ao Rev. Bretenières e a mim, o grande prazer de parar aqui para nos ver... Que felicidade voltar a falar convosco de Roma, desse caro Seminário francês, das obras, dos jovens e também das associações sacerdotais. Ser-nos-ia agradável e também muito útil saber o que vós fazeis em favor dessas duas tão belas obras. - Desde há muito tempo que eu devia escrever-vos acerca do vosso / (32) querido Popiel. À última carta que lhe escrevera, foi a irmã que me respondeu dando-me a notícia da sua morte. Ela dá também uns pormenores muito edificantes sobre a sua prolongada doença. Ele pediu muito que rezassem por ele, mas como ela não sabia os endereços e frequentemente tinha ouvido falar de vós, do Rev. Bretenières e do Rev. Dugas, encarregava-me de recomendá-lo às vossas orações...”

Tinha escrito ao Rev. Bourgeat de Metz, como a muitos outros, para que ele me arranjasse um sacerdote que me substituísse no patronato. Respondeu-me a 20 de Outubro: “Falei na vossa proposta ao Superior do Seminário Maior. Por enquanto, na nossa diocese não há nenhum padre disponível. Nós tínhamos em Metz uma obra operária bem organizada que era dirigida por dois padres de S. Vicente de Paulo, de Paris. Actualmente, o Superior dessa associação é o Rev. Leprévost. Um desses sacerdotes, devido à supressão da obra, por parte da administração alemã, voltou a Paris. Talvez ele não tenha recebido ainda outro destino, e poderia então ser-vos conveniente...” / (33)

Estudos

Infelizmente, eu estava demasiadamente sobrecarregado nesse ano para poder estudar e era um dos meus maiores contratemplos. As obras e a questão operária absorviam-me. Eu anotava mesmo as alusões que a ela encontrava na Sagrada Escritura.

Sobre a missão de Cristo, Salmo 71:

Liberabit pauperem a potente, - pauperem cui non erat adjutor. - Parcet pauperi et inopi - et animas pauperum salvas faciet. - Ex usuris et iniquitate redimet animas eorum - et honorabile erit nomen eorum coram illo (vv. 12-14).¹⁸

¹⁸ Nt Libertará o pobre do poderoso, o pobre que não tinha auxílio. - Perdoará ao pobre e ao miserável - e levará a salvação às suas almas. - Resgatará as suas almas das usuras e da maldade, e o nome deles será honrado diante dele.

É completo; Cristo não dá somente a esmolinha aos pobres, mas também a justiça, a estima e a honra.

Sobre a divisão do trabalho e a organização das sociedades e das obras, as palavras de Jetro a Moisés no Êxodo (Ex 18) são surpreendentes de sabedoria e de bom senso. Que contraste com o sonho dos anarquistas! Que lição para os homens de acção!

Stulto labore consumeris et tu et populus iste qui tecum est: ultra vires tuas est negotium, solus illud non poteris sustinere. Sed audi verba mea et consilia, et erit Deus tecum. Esto tu populo in his quae ad Deum pertinent, ut referas quae dicuntur ad eum; ostendasque populo caerimonias et ritum colendi... Provide autem de omni plebe viros potentes et timentes Deum, in quibus sit veritas / (34) et qui oderint avaritiam (não homens que sacrifiquem a justiça ao dinheiro) et constitue ex eis tribunos, et centuriones, et quiquagenarios et decanos, qui judicent (que julguem e administrem) populum omni tempore: quidquid autem majus fuerit, referant ad te et ipsi minora tantum judicent: leviusque sit tibi, partito in alios onere (vv. 18-22).¹⁹ Temos aqui as regras sumárias da administração e da organização sociais.

Como leitura espiritual, eu lia o Pe. Faber. E notava as suas reflexões sobre o excesso de trabalho: “Não tenho tempo! Estar ocupadíssimo é uma das desgraças mais frequentes no mundo moderno... A multidão das ocupações é causa da ruína das almas”. O Pe. Faber tinha diante dos olhos pessoas atarefadas e tocava com a mão essa incurável miséria moral que já não nos deixa recolher-nos, não nos deixa rezar; Já não se comparam os assuntos, já não se distingue homem de homem, nem coisa de coisa... É preciso muito tempo para sermos justos, porque é preciso discernir, e o discernimento vem do recolhimento.

Pobre de mim, o excesso de trabalho tem estragado muito a minha vida. Fez-me perder demasiadas vezes a união com Deus na qual eu me tinha fixado bem depois do meu seminário.

¹⁹ Nt Estás a consumir-te com um trabalho louco, tu e este povo que está contigo: é um trabalho acima das tuas forças, não poderás aguentá-lo sozinho. Mas escuta as minhas palavras e os meus conselhos, e Deus estará contigo. Fica-te com o povo nas coisas que se referem a Deus, para referir-Lhe tudo o que te digam; e mostrarás ao povo as cerimónias e os ritos do culto... Escolhe porém de entre o povo, varões fortes e tementes a Deus, nos quais esteja a verdade e que odeiem a ganância (*não escolhas homens que sacrifiquem a justiça ao dinheiro*) e nomeia entre eles tribunos, centuriões, cinquentenários e decuriões, que julguem (*judquem e administrem*) o povo durante todo o tempo: o que depois houver de maior, eles depois refiram a ti e julguem só os casos menores: e será mais leve para ti o peso estando assim partilhado com os outros.

Anotei uma reflexão do general / (35) Augusto de la Rochejaquelein. Dizia: “quando perco a minha missa da manhã, sinto-me um pouco infame durante o resto do dia.” Não será a mesma coisa para o sacerdote que não celebra bem a sua missa da manhã?

Anotei especialmente várias reflexões políticas e históricas de Le Play²⁰.

Sobre o decálogo e as legislações:

“Os preceitos do decálogo podem agrupar-se sob dois títulos principais: - o respeito de Deus, do pai e da mulher (1º, 2º, 3º, 4º, 6º, 9º mandamento); o respeito do próximo, dos seus bens e da verdade (5º, 7º, 8º e 10º mandamento). Esta distinção tende a passar para as leis de certos povos europeus.

A legislação que criou as raças mais fortes impunha-lhes, sob pena de severos castigos, a prática de todo o decálogo. Mas na França, desde a Revolução, só os mandamentos do segundo grupo estão incluídos no Código penal. Esta tendência, porém, não é a de todos os povos prósperos. Mas as duras provações da experiência, cedo ou tarde nos reconduzirão a uma melhor prática.”

Le Play mostra claramente as vantagens da hierarquia das classes sociais e da monarquia:

“O objectivo de uma sociedade bem organizada / (36) é de trabalhar para a elevação de cada classe para a classe superior. -1º Ao assalariado que vive do seu trabalho, ela deve oferecer instituições que lhe abram uma passagem para a classe burguesa, ajudando-o a fazer frutificar e capitalizar as suas economias; - 2º Ao burguês, a sociedade deve oferecer-lhe um caminho para elevar-se às classes superiores pelo esmero dos serviços e pela superioridade dos talentos e dos caracteres; - 3º A

²⁰ Frederico Le Play, engenheiro e economista francês; Nasceu em La Rivière, Saint-Sauveur, Calvados, 1806; morreu em Paris, 1882. Antigo aluno da escola politécnica, engenheiro das minas, professor na escola das minas, conselheiro do Estado (1855), Senador (1867-1870), criou em 1856 a Sociedade de economia social e organizou a Exposição Universal de 1867. Adversário do intervencionismo e do socialismo, opôs-se igualmente aos liberais optimistas; na sua obra mais importante, *La Réforme sociale* (1864), escrita depois de numerosas viagens ao estrangeiro, ele defende a necessidade da autoridade, tanto no plano da empresa comercial, da Igreja (ele é profundamente católico) e do Estado, como no plano da família, mas quer uma autoridade baseada sobre o amor e não sobre a coacção. A influência de Le Play foi considerável sobre um certo movimento social patronal, durante a segunda metade do séc. XIX: o “paternalismo”, como foi chamado desde então com sentido pejorativo. Ele imagina um mundo patriarcal cujas diversas células devem funcionar como um tipo de família, no intuito de procurar mais o bem-estar dos homens tal como ele o vê (as únicas famílias felizes são aquelas que, reunidas sob a autoridade paterna, conformam a sua vida com o Decálogo) do que a produção de riquezas. As suas ideias inspiraram alguns animadores das escolas cristãs sociais. O seu contributo ao desenvolvimento das ciências económicas é importante, na medida em que os seus primeiros estudos são fundados sobre métodos de inquérito directo, em particular sobre o exame crítico dos orçamentos familiares, permitindo a preparação de monografias: (l' *Ouvrier européen*, publicado em 1855, traz 36 séries dessas monografias).

aristocracia que fica assim formada por todas as superioridades individuais é o elemento por excelência da força e da grandeza nacional; ela é o fermento social e civilizador das nações, como a Igreja é delas o fermento divino. Nela (aristocracia) resumem-se os esforços e as virtudes de todo um povo. Tirar a um povo a sua aristocracia, é arrancar-lhe o coração que o anima e a cabeça que o dirige. - A herança é em todas as coisas o prolongamento e a capitalização dos méritos adquiridos pelo homem, e é também um factor essencial para a organização social. A honra é o primeiro capital de uma família; é a primeira riqueza, para ela e para o Estado. Aboli a herança do capital material, o país / (37) cairá na miséria; nenhum homem se sacrificará para amontoar bens que não passem aos seus filhos. Aboli a herança do capital imaterial da honra, a nação cairá na decadência extrema: poucos homens procuram uma honra que se extingue com eles. E o dinheiro será a única finalidade. As consequências são o direito ao enobrecimento, a herança da fidalguia (?), o restabelecimento do direito de fazer testamento e, no topo, a dinastia real que foi o factor secular da nação francesa. Tal é a pirâmide racional e vivente que constitui um grande povo...”

Le Play dá realmente todas as vantagens do regime monárquico e aristocrático, mas não dá os seus inconvenientes. Eu penso como ele que, em teoria, este regime é o melhor, mas com determinadas condições que já não existem nos últimos séculos da nossa vida monárquica: 1º- de que a aristocracia permaneça aberta, que ela preste serviços e que não viva na ociosidade; 2º- que a monarquia respeite a Deus e as liberdades populares; 3º- que se tome em conta a elevação / (38) gradual do povo e que esta elevação seja amplamente favorecida.

Sobre a História, Le Play tem observações curiosas: “A política monárquica na França foi conforme à liberdade popular. Na Idade Média tinha-se erguido uma multidão de tiranias diferentes que a monarquia se esforçou por destruir. Luís o Gordo e Suger, no reino de Luís VII, trabalharam para isso com a espada e com a lei. Os reis governavam com colaboração dos Estados, aos quais pediam os impostos e taxas a título de presentes; tomavam conselhos desses Estados para governar e reformar o país. (É o que se deveria ter continuado a fazer-se).

Os abusos introduzidos nessas três ordens pela decadência dos séculos XV e XVI, pelas longas guerras e pelos excessos do protestantismo, levaram os três Estados em

1614 a pedir à monarquia que tomasse em mãos o poder absoluto para operar as reformas necessárias. Os Estados de 1614 foram *unânimes* neste ponto!!! Richelieu neles falou neste sentido em nome do clero e mais tarde ele mesmo foi encarregado de executar este programa. Foi portanto a vontade do povo que provocou o absolutismo exagerado do século XVII...” - Os reis não deveriam ter aceitado esse Cesarismo, deviam saber que ele produziria uma reacção.

Le Play tem também uma nota curiosa / (39) sobre os perigos que uma revolução faria correr à nação na época actual: “A revolução actualmente está fora do poder humano diferentemente da de 1789. Havia então uma população vinte e cinco milhões de almas que viviam da agricultura. Acabada a revolução, permanecia o solo, essa população encontrava-se sempre com os pés na terra. Hoje, que faríeis vós dos vossos 8 a 9 milhões de população industrial assente sobre o capital fictício desmoronado? Mas já agora o capital do solo abandonado e onerado (de impostos) conserva num semi-pauperismo a sua própria população. (Pode-se responder todavia que o capital fictício, acções e obrigações, recupera e rapidamente se refaz com a paz e a confiança). E quem lhes faz abandonar os campos de há 50 anos para cá? Estudai os instintos que desviam o moço e a moça dos campos, e vede se tendes uma força capaz de equilibrar esses instintos desenvolvidos pelos vossos exemplos. Por que meio veremos em França voltar o espírito em lugar da carne, a simplicidade em lugar do luxo, o trabalho do campo em lugar da banca, e o verdadeiro capital em lugar da usura?” - Leão XIII encontrou o verdadeiro remédio na Ordem-Terceira de S. Francisco. / (40)

Correspondência de família

As minhas cartas à família, que a minha boa mãe guardou todas, reflectem todo o andamento do meu ano. Resumo-as:

Janeiro: “As minhas obras crescem cada dia e dão-me as maiores alegrias. Tenho agora, além dos meus duzentos aprendizes, cinquenta jovens no Círculo. É uma obra abençoada por Deus. Organizei um Comité protector que me vai ajudar a encontrar recursos.”

Fevereiro: “Tentamos fundar um jornal conservador e religioso... Mando-vos alguns livros para ler nos vossos serões de Inverno: Peregrinação a Paray - Narrações de Loreto - Fabíola...”

Abril: “Estou em Paris com os senhores Masquin e Lecot para a Assembleia-geral dos Círculos. Estamos encantados e animados...”

Maior: “Foi-me possível assistir a minha avó nos seus últimos momentos. As suas disposições deixam-me cheio de confiança.”

Junho: “Bela e devota cerimónia nas Franciscanas: profissão e vestição.”

Julho: “Posso gozar alguns dias de solidão passados em S. Vicente de Laon.”

Agosto... Congresso de Lyon, peregrinação a Dijon (S. Bernardo), a Cartuxa, a La Salette... Encontro o Pe. Freyd em Paris. - Negociações para a Universidade de Lille. Aconselhado pelo Pe. Freyd e pressionado por Mons. Dours, recuso o professorado, (Os meus pais lamentam a minha decisão). / (41)

1875- Quarto ano de vigário

PREGAÇÕES

Não escrevi muitos sermões em 1875. Encontro nas minhas notas: um sermão para a festa do santo Nome de Jesus, uma alocução sobre a reparação para o Lausperene, apontamentos para uma exortação do mês de Maria, e um plano do retiro paroquial.

Mostrava que o nome de Jesus é uma luz para a inteligência, uma alegria para o coração, uma força para a acção. Inspirava-me em S. Bernardo.

Estas espécies de sermões são bons para uma assistência devota, mas não servem para atrair os homens às nossas cerimónias religiosas.

Na alocução para a reparação, mostrava Jesus Cristo, constituído pelo Pai rei do mundo e ofendido cada dia na sua realza, e explicava a conveniência da reparação pela Eucaristia.

Reproduzo algumas páginas: / (42)

“Contemplo com espanto e respeito a ordem admirável que a Sabedoria divina concebeu. Cristo, Filho de Deus, foi constituído rei da criação. Ele era digno disso pela união hipostática da sua humanidade com o Verbo. Ele mereceu-a pela santidade

eminentíssima da sua vida mortal. “O Meu Pai, diz Ele, tudo me entregou” - *Omnia mihi tradita sunt Patre Meo*²¹ (Mt. XI). *Omnia dedit in manu ejus*²² (Jo. III). *Omne iudicium dedit Filio*²³ (Jo. V).

“Que consagração majestosa foi essa! Que magnífica entronização! Cristo ressuscitado que recebe do seu Pai o império sobre o mundo! O Novo Adão que recebe sob as suas leis não só a superfície da terra, mas também os céus e os Anjos que neles habitam!

“Há todavia um contraste. Adão recebia um império em que o seu domínio não era contestado. Os animais vinham receber dos seus lábios o nome que ele lhes determinava. Cristo, como Moisés, recebeu em herança para o tempo presente somente uma terra prometida que deve ser conquistada pelos seus apóstolos, pelos seus ministros, pelos seus fiéis. / (43)

“Eis que há quase 19 séculos que Cristo marcha à conquista do Seu Reino. Ele avança lentamente. Há demasiadas defecções no seu exército. Rei das regiões luminosas deste mundo, Ele está em luta com o rei das trevas. O combate é ardente, a luta é universal. As nações, as famílias, digo, mesmo cada alma é o teatro do combate entre Cristo e Satanás. Não há nada que Lúcifer não dispute a Cristo, nem uma alma, nem mesmo uma acção ou um pensamento.

“O exército de Cristo tem os seus quadros, os seus chefes e seus soldados e entre eles há valentes e cobardes. Há dias em que a luta é mais ardente, em que o furor de Satanás é super excitado por um aguilhão novo. Nós vivemos nesses dias, meus irmãos. Nós estamos nesses dias porque Satanás, enraivecido pelos progressos da Igreja, suscita-lhe mil entraves; porque o despertar da fé na nossa nação trouxe para cá todas as legiões de Satanás desejosas de o contrariar; porque Satanás, furioso por ver chegar o tempo da penitência, da mortificação e da oração, desencadeia todos os demónios da impureza, da embriaguez e da blasfémia.

“Convém, meus irmãos, que sigais esta / (44) luta em detalhe, tanto quanto nos permitem os mistérios da vida das almas. Vós sabeis que o que Cristo inscreveu na sua bandeira, primeiro, são os mandamentos do Seu Pai: adorarás o Senhor teu Deus, não

²¹ “Tudo Me foi entregue por meu Pai”.

²² “Pôs todas as coisas nas Suas mãos”.

²³ “Entregou ao Filho o poder de tudo julgar”.

blasfemarás, respeitarás teu pai e tua mãe, não matarás, não praticarás a impureza, não roubarás. E a isso acrescentou a lei da Cruz, a penitência, a expiação, a mortificação. Quem quiser vir após Mim, tome a sua cruz e siga-Me! - Vós sabeis também, meus irmãos, o grito de guerra de Satanás é o ódio a Deus, é o orgulho, é a concupiscência da carne, é a concupiscência dos olhos. Qual dos dois triunfa hoje? Embora não estejais metidos nas loucuras do mundo, vós sabeis, meus irmãos, que durante estes três dias de devassidão Satanás triunfa. Há sem dúvida no campo de Cristo algumas acções brilhantes. A insolência de Satanás espicou a honra de alguns soldados de Cristo, que vingam nestes dias dolorosos servindo-O com maior zelo. Mas é sobretudo no campo de Satanás que vigora um ardor excepcional. A bandeira está desfraldada e os homens seguem ao desafio o caminho contrário às leis de Cristo. Em vez de reservar algum tempo para a oração, blasfema-se nas reuniões nocturnas. A juventude despreza os sábios conselhos da família. A impureza faz / (45) vítimas inumeráveis. A embriaguez já não tem vergonha e os outros vícios, embora não tão relevantes, tomam também novo incremento. Cristo é, portanto, muito ofendido nestes dias de devassidão.

II - "Jesus-Eucaristia é o centro, o meio e o modelo da reparação. - Lembrai-vos das severidades de Deus no Antigo Testamento, esses olhares fulminantes da justiça divina, esse dilúvio que engoliu a humanidade, essa chuva de fogo e enxofre que aniquilaram Sodoma e Gomorra, as pragas tão estranhas do Egipto, a terra que se abriu no deserto; a guerra, a peste, a fome que exterminaram 10.000, 20.000, 100.000 homens num instante, a cada recrudescimento da impiedade e do vício. Foi assim, meus irmãos, porque o altar da reparação não tinha ainda sido elevado. A cruz do perdão e da misericórdia ainda não fora erguida.

"Vós não pudestes meditar, sem ficardes profundamente tristes, sobre o combate de Cristo contra Satanás e a defecção dos soldados de Cristo e estais admirados de que Deus tenha adiado as suas vinganças. Ó meus irmãos, é porque Deus já não é agora somente nosso criador e juiz; Ele fez-se um dos nossos, Ele é nosso irmão. Ele conheceu as nossas enfermidades. / (46) Os nossos interesses tornaram-se os seus interesses. Ele é nosso advogado e nosso intercessor. Ele segura o braço vingador do nosso Juiz. Ele é nosso refúgio, nosso perdão, nossa paz. Ele tem nas suas mãos o preço das nossas dívidas, Ele tem o tesouro do seu sangue.

"Ele pede somente que nos sirvamos da Sua reparação e que a apliquemos. Pede que façamos valer a sua cruz e que nos unamos a Ele para levá-la. Não ouvís, meus

irmãos, as repreensões do Coração de Nosso Senhor? Ó insensatos, diz-nos Ele, pensais vós que o preço do Meu sangue e da Minha cruz tenha um limite? Coloquei-o Eu nas vossas mãos, porventura, para que permaneça infrutífero? Porque não o ofereceis mais ao Meu Pai por meio da oração? E para dar mais valor à sua aplicação actual, porque não vos unis sempre mais a Mim para levar a Cruz? - A cruz é agora a rainha do mundo. Ela é a onipotência suplicante. Ela é a fonte de todas as graças. É a verdadeira árvore da vida simbolizada pela árvore do Paraíso terrestre; dos seus pés correm todos os rios da graça. Por que negligenciais esses tesouros? Por que não levais com mais alegria a cruz do trabalho, a cruz da mortificação, / (47) a cruz da obediência, a cruz da penitência, a cruz da humildade, a cruz da modéstia, a própria cruz do sofrimento, se a Providência a coloca sobre os vossos ombros?

“Mas se Cristo é, pela Sua cruz, o centro, o instrumento, o modelo da reparação, Jesus-Eucaristia é mais ainda a sua especial aplicação e extensão. Jesus-Eucaristia, é o sacrifício do Calvário renovado cada dia e em cada hora do dia em milhares de lugares na superfície da Terra. É o rio da reparação que leva as suas águas por toda a Terra para lavar todas as iniquidades. Jesus no sacrário, é Jesus aniquilado, humilhado; é Jesus sem glória e sem vida aparente; é Jesus orante, intercedendo por nós; é Jesus repetindo actualmente a expressão da Sua última palavra: meu Pai, perdoai-lhes. É Ele portanto, meus irmãos, de maneira especialíssima a aplicação presente, o centro actual e o modelo vivo da reparação.

“Eis porque, meus irmãos, a Igreja tem tido a santa inspiração de nos convidar a usar largamente, nestes dias de festas mundanas, os tesouros da Eucaristia. A Eucaristia está / (48) exposta aos nossos olhos, à nossa adoração e nós somos convidados a recebê-la nos nossos corações. A Igreja quer unir-nos à reparação eucarística.

- Vivamos então, durante estes dias de reparação, em união íntima com Cristo e especialmente com a Eucaristia. Vivamos da vida da cruz. Ofereçamos a Deus a cruz de Cristo, o sangue de Cristo, o sacrifício de Cristo, a vida eucarística de Cristo. Tomemos também a nossa cruz. Ofereçamos a Deus as nossas adorações, as nossas reparações, os nossos sacrifícios, as nossas mortificações, todo o nosso ser. Cristo é a reparação perfeita. Sejamos com Ele, nele e por Ele, os auxiliares da reparação. A Providência espera isso de nós, a justiça exige-o da nossa consciência, a caridade pede-o ao nosso coração. O apóstolo mostra-nos a recompensa: *Si compatimur ut et conglorificemur*. Se sofrermos com Ele, com Ele seremos glorificados.”

Maria, mater Christi. Eu mostrava nesse discurso Maria mãe do Rei, do Profeta e do Sacerdote, Maria partilhando a realeza de Cristo, a sua missão profética e até, de certa maneira, a Sua graça sacerdotal... / (49)

Na quaresma, o pregador achou-se cansado e eu tive de improvisar, para o substituir, um retiro paroquial. Servi-me dos exercícios de S. Inácio. Só aponte o plano geral e em alguns desenvolvimentos em latim. Um discurso sobre a tibieza causou bastante emoção entre as pessoas devotas. Possam elas tirar proveito! ...

- E todavia eu só tinha indicado os sinais da tibieza: orações sem frutos, quedas frequentes no pecado venial, leituras sem atenção, ausência habitual de actos de generosidade, conversas sem discernimento, comunhões sem fervor; acções diárias sem intenção, sem ordem, sem método; exercícios espirituais feitos por rotina... Explicava depois os perigos deste estado: a falsa consciência, a tibieza, o abandono do Senhor, a dificuldade de tornar a levantar-se... Deus queira que não seja eu mesmo um mau exemplo disso.

- No mês de Maio, fiz o sermão de Pentecostes. É uma meditação; será proveitoso copiá-la em parte.

“Emitte Spiritum tuum et creabuntur et renovabis faciem terrae...”, sal. 103.

“Há duas cenas na vida do mundo / (50) que disputam o privilégio de impressionar mais fortemente o nosso pensamento e a nossa fantasia: são a primeira criação e a redenção ou renovação por Cristo ou pelo Espírito Santo.

“No princípio, diz-nos a sagrada narração do Génesis, a terra era árida e sem vida: *Terra autem erat et inanis et vacua.* Havia só trevas e caos. Era um amontoado confuso e sem luz que Deus lançara nos espaços: *Et tenebrae erant super faciem abyssi.* Por cima deste abismo, como para o fecundar, pairava o Espírito de Deus. Este divino Espírito, amor substancial do Pai e do Filho, ia pôr em movimento toda essa matéria, iluminá-la, coordená-la, vivificá-la, e produzir no seio das águas, nos espaços do ar e na superfície da terra, essas vidas múltiplas dos reinos vegetal e animal, que deviam manifestar até ao fim do mundo a sabedoria e o poder do Criador. Ao mesmo tempo, a augusta Trindade deliberava criar o Homem à sua semelhança...

“A esta cena histórica e muito real, seja o que for que pensem os materialistas, corresponde outra cena que não é menos empolgante, é a renovação do mundo, que foi o

/ (51) fruto da redenção e que pode ser considerada como uma nova e universal criação na ordem intelectual e moral.

“A terra estava de novo vazia e estéril, vazia em virtudes e estéril de verdades. Eram as trevas e o caos: as trevas da ignorância e o abismo de todos os vícios na ordem moral e social. O Espírito de Deus pairou de novo sobre o mundo. De novo Ele fez a luz, separou, coordenou, fecundou. E Ele fez brotar em toda a parte a verdade e a caridade. O mundo foi transformado, como tinha previsto, profeticamente, o rei David: “Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra”.

“Nós celebramos hoje o solene aniversário do dia em que o Espírito Santo começou esta estrondosa renovação. Para confirmar a nossa fé, consideremos como ela tem maravilhosamente mudado o estado das inteligências e dos corações. E para concluir, tomaremos a firme resolução de submeter-nos docilmente e fielmente a esta acção renovadora que elevará as nossas almas e as preparará aos destinos gloriosos do céu. Invoquemos Maria que presidiu a essa primeira recepção do dom celeste. Ave-maria.

/ (53)

I - Como começou esta nova criação. Escutemos a narração sagrada: “*Subitamente ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa em que se encontravam...*” (Act. 2, 2). Essa casa, vós o sabeis, era o cenáculo. Lá estava a virgem Maria, a alma da Igreja, os apóstolos, as colunas da Igreja; os discípulos, membros dessa Igreja. Eram 120 a se prepararem em oração comovida e palpitante. O Espírito da verdade pára sobre eles, partilha-se entre todos e prende ao mesmo tempo todas as suas inteligências. A primeira condição da ordem, é a unidade; a harmonia das inteligências é a unidade na verdade. O mesmo Espírito anima toda a Igreja, que é o corpo místico de Cristo. E tal como a alma humana, dando vida ao corpo dá a cada um dos membros a actividade que lhe é própria, assim o Espírito divino, feito alma da Igreja, dá a cada um dos seus membros a vitalidade que lhe convém: a um, a autoridade do ensino; a outro, a docilidade do discípulo. Como dizia o apóstolo S. Paulo, há uma grande diversidade de graças, mas é o mesmo Espírito que opera em todos. É este o arranque e como que / (53) o primeiro movimento desta criação que vamos descrever.

“O Espírito de Deus criou a Igreja no seu gérmen já radioso. Criou para Si uns instrumentos, reservando-se de movê-los oportunamente para continuar a sua obra. Assim já fizera na criação das hierarquias celestes.

“Mas continuemos a meditar sobre a Sua acção: *Então apareceram umas línguas de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles* (Act. 2, 3). - Que mistério é este? Que sinal é este? S. Gregório Magno ajuda-nos a interpretá-lo. A língua, segundo a observação deste grande pontífice, tem uma união íntima com o pensamento, verbo da inteligência; ela é o seu órgão, ela é o instrumento que a comunica. Convinha, portanto, perfeitamente esta forma de língua ao Espírito da verdade, que vinha à Terra para nos comunicar o pensamento divino e para manifestar o Verbo de Deus: *Quando vier esse Espírito da verdade que Eu vou enviar-vos, Ele vos fará conhecer a verdade total e vos tornará capazes de compreender a de confessar que Eu vim de Deus*. O Espírito Santo é a língua do Verbo divino. É Ele que manifesta para fora o pensamento / (54) substancial de Deus, que revela os Seus mistérios e as Suas grandezas. Era, portanto, conveniente que Ele aparecesse sob a forma de línguas. E enquanto Ele se mostrava sob esse sinal, Ele falava às almas dos discípulos reunidos.

“Quereis conhecer o efeito dessa palavra da língua do Verbo divino? Considerai e escutai esses apóstolos, há minutos tão ignorantes e grosseiros, sempre prontos a interpretar em sentido material as palavras de Cristo... Escutai Pedro que fala à multidão, ao povo, aos sacerdotes, aos doutores da lei: que mudança milagrosa! Que excelência de pensamento! Que conhecimento admirável da Escritura e do sentido das profecias referentes à vida, à morte, à ressurreição de Cristo! Toda a multidão fica estupefacta, atordoada e comovida. Esmagados, conquistados por essa eloquência duma nova espécie, pois é a eloquência do Espírito Santo, humilhados, confusos, por ter crucificado o próprio autor da vida, esses homens mostram logo a docilidade dos verdadeiros arrependidos; eles dizem a Pedro e aos outros Apóstolos: Que faremos nós, irmãos? *Quid faciemus, viri fratres?* O perdão não se / (55) faz esperar: Pedro acalma-os e desculpa-os por terem agido por ignorância. O arrependimento e o Baptismo são as únicas condições impostas. *Paenitemini igitur et baptizetur unusquisque vestrum!*²⁴ E eis que 3.000 homens no mesmo instante se arrependem, crêem em Jesus Cristo, recebem publicamente o baptismo e tornam-se cristãos.

²⁴ Nt Arrependei-vos então e cada um de vós se faça baptizar.

“Mas não vos admireis, diz S. Leão, desta ciência e desta sabedoria que brilham nos apóstolos e que actuam tão eficazmente e tão prontamente sobre uma multidão inteira. É o Espírito Santo, é a língua do Verbo Divino que acaba de instruí-los, e que lhes vivifica a palavra: na escola de Deus, o homem aprende sem lentidão: *Ubi Deus magister est, cito discitur quod docetur.*²⁵

“Análogo prodígio, para quem sabe observar, renova-se todos os dias. Não é que os ministros da palavra de Deus obtenham todos os dias resultados tão brilhantes, nem que os missionários, novos apóstolos, tenham, com igual facilidade, influência sobre milhares de bárbaros; sem dúvida, a palavra de Deus é sempre fecunda, mas o prodígio que eu vos quero fazer observar / (56) está mais perto de vós, está debaixo dos vossos olhos. Interrogai os pretensos filósofos, que querem construir a sabedoria sem Deus e contra Deus, fora da Igreja e contra a Igreja; perguntai-lhes o que eles sabem, o que eles acreditam de Deus, da alma, da vida futura. Eles ficarão extraordinariamente embaraçados, para formular uma resposta. Eles só sabem articular palavras sonoras, sistemas vagos e ociosos, que lhes servem para encobrir a ignorância de toda a verdade, a carência de qualquer crença e de qualquer convicção.

“Será a mesma coisa quanto aos hereges que tiverem tomado a sério o princípio da sua revolta. Desafiados a definir o seu símbolo²⁶, eles ficar-se-ão pela hesitação, ou cairão em contradição. Os primeiros não perceberam o ensino da língua do verbo de Deus; os últimos não foram dóceis a ela. Pelo contrário, interrogai, não direi um teólogo católico, mas um simples camponês, uma mulher, uma criança que saiba o seu catecismo; ouvi-lo-eis expor com a mais espantosa facilidade, com a mais admirável exactidão, as mais elevadas doutrinas sobre Deus e os seus atributos, sobre Cristo e a redenção, o homem, a sua origem e a sua queda, os destinos da vida futura. Tanto é verdade que os filósofos, fora da Igreja, / (57) só sabem gaguejar ao tratar de questões mais capitais, enquanto os filhos da Igreja possuem uma doutrina clara e segura, e falam como filósofos verdadeiros e sábios.

“Não fiquemos surpreendidos com isso. Quando as vossas boas mães, os professores cristãos e os ministros do Evangelho vos ensinam a doutrina cristã, é o

²⁵ Nt Onde Deus é mestre, aprende-se depressa o que está ser ensinado.

²⁶ Nt **Símbolo** significa o resumo das verdades em que se acredita. Assim o “símbolo apostólico” é o “Creio em Deus Pai”; o símbolo niceno é o “Creio em Deus Pai Todo-Poderoso” que se reza na missa; é chamado niceno porque foi aprovado no Concílio de Niceia (325).

próprio Espírito Santo, é a língua do Verbo de Deus que vos ensina Cristo e a sua religião, e que dá às suas palavras a força e a unção que penetram as vossas almas.

“É mesmo esse um dos mais sólidos fundamentos da nossa fé. A razão nos ensina que o Criador deve ter colocado ao alcance do homem uma doutrina religiosa clara e fácil que ensine a cada um os seus destinos e os seus deveres. A razão reconhece a sua insuficiência para alcançar esse resultado. Ela procura então uma revelação divina sobrenatural e encontra-a nas tradições judaicas e cristãs; e liga-se a ela com a firmeza de uma convicção sobrenatural.

“Mas prossigamos a narração instrutiva do mistério do Pentecostes. A todas as graças precedentes, o Espírito Santo acrescentou outra, que era só transitória, mas que era símbolo dos progressos da sua acção no / (58) decorrer dos séculos. *Ficaram todos cheios do Espírito Santo, diz o texto sagrado, e começaram a falar diversas línguas estrangeiras, conforme o Espírito Santo concedia a cada um deles.* - E como se encontravam em Jerusalém homens de diversas nações, cada um compreendia-os na sua própria língua e era por eles entendido. Os Actos dos Apóstolos citam uns vinte povos diferentes. Todos estavam admirados e estupefactos: *stupebant omnes et mirabantur.* Era um grande milagre esse, mas o prodígio que ele anunciava e simbolizava era maior ainda. Era, diz S. Gregório, o prenúncio da próxima expansão da Igreja entre todos os povos e em todas as línguas; era o gérmen da catolicidade da Igreja.

“Notai ainda que, embora falando em várias línguas, os apóstolos ensinam uma mesma doutrina, uma verdade única. Esta admirável unidade tornou-se o apanágio da verdadeira Igreja de Deus. Hoje como na origem, em mais de mil línguas ou idiomas diferentes, em todos os pontos do globo, a Igreja proclama uma verdade única, uma mesma religião. Como é admirável este fenómeno único no mundo! Como revela bem a acção do Espírito de Deus! Desde há 18 séculos, / (59) centenas de milhões de católicos, espalhados por toda a superfície da terra, em todas as suas diversas línguas, confessam uma única doutrina, praticam a mesma moral e o mesmo culto; eis um prodígio que não se vê em parte nenhuma, fora da verdadeira Igreja, a Igreja católica.

“Os antigos filósofos, que falavam a mesma língua, o grego, estavam divididos em mais de 80 seitas diferentes em relação às verdades mais fundamentais. Os hereges modernos, mesmo quando falam a mesma língua, não estão menos divididos. Vejamos: Os luteranos que falam geralmente o alemão estão divididos em mais de sessenta seitas,

e cada dia aparecem mais. O anglicanismo que só fala inglês, na Inglaterra e nos E.U.A., contava mais de 300 seitas já há vinte anos. Conta hoje mais de 400, a tal ponto que não se consegue encontrar nesses países duas províncias do mesmo Estado, duas cidades da mesma província, duas famílias da mesma cidade e, às vezes, dois indivíduos da mesma família que professem exactamente a mesma religião. O pai pode ser / (60) anabaptista, a mãe quákera, o empregado presbiteriano ou metodista. Toleram-se sem se amarem, agrupam-se sem se unirem. Nessas condições, já não há Igreja. Tudo aí é contradição e incerteza em matéria de doutrinas. É a confusão de Babel nas crenças.

“Que contraste com a religião católica! E como ela é bela na sua unidade de doutrinas, que não exclui a variedade dos ritos, das línguas e dos costumes! Aí é que se encontra a obra do Espírito da verdade. Nós tocamos-na com a mão. Esta unidade está acima da natureza humana. O Espírito Santo inspira a Igreja. Na presença deste espectáculo, como achamos ridículo o espanto dos homens que não querem compreender a nossa crença na infalibilidade da Igreja e do seu chefe! Se é real e sensível que o Espírito Santo anima a Igreja e conserva a sua fé, o que há de surpreendente no facto de a Igreja não poder errar na sua fé? O contrário é que seria incompreensível.

“Ó Santa Igreja de Deus, nascida do Espírito Santo no Cenáculo, as vossas prerrogativas sobrenaturais resplandecem aos nossos olhos! Sentimos a glória de sermos do número dos vossos filhos. Queremos compenetrar-nos do vosso espírito, aceitar todas as vossas doutrinas, viver da vossa vida, dos vossos / (61) sacramentos, do vosso banquete eucarístico, para sermos como vós, de certa maneira divinizados... Ai de nós! os males da nossa pátria são devidos ao seu afastamento do vosso espírito. O galicismo preparou a revolução e o erro liberal perpetua-a. Possamos nós voltar integralmente ao espírito da Igreja romana que é o Espírito de Deus, para ser sob todos os aspectos os filhos e os protegidos da Providência!

II. Não teria sido suficiente que o Espírito de Deus, vindo à Terra, espalhasse nela a abundante efusão da sua luz pelo ensino da verdade; era necessário ainda, era necessário sobretudo que nela espalhasse os princípios e os gérmenes das virtudes pela abundante efusão da graça.

“Relembremos o que dizíamos no começo, que todas as criaturas, mesmo na ordem natural, nasceram do Espírito de Deus que pairava sobre as águas na origem do

mundo. Foi, diz S. Cipriano, o seu calor vivificante que animou tudo, fecundou tudo e conduziu tudo à perfeição. Ora o que o Espírito Santo tinha feito na ordem da natureza, no começo do mundo, Ele repetiu-o de modo mais admirável / (62) na ordem da graça ao nascer do cristianismo.

“A virtude não era menos rara sobre a terra do que a verdade. Todos os povos da terra, excepto um apenas, mergulhados nas trevas da idolatria, apodreciam na lama do vício. Os filósofos, com seus falsos sistemas de moral toda humana, não corrigiram nenhum vício nem conseguiram inculcar nenhuma virtude sólida. Alguns gabavam-se de uma pretensa honestidade que porém não excluía da vida deles as acções mais vergonhosas e as mais contrárias à ordem social. Platão declarava inocentes os amores contra a natureza e a comunidade das mulheres. Cícero mandava matar na mesma noite 6.000 prisioneiros de guerra, para ter o número legal de inimigos mortos, que lhe daria direito às honras do triunfo. A virtude sincera do grande Catão, segundo o testemunho de Horácio, seu panegirista, gostava de ir buscar as suas forças e o seu ardor no vinho e não receava descansar na embriaguez. Deixo-vos apreciar a excelência de uma virtude que se inspirava no deus do vinho para acabar por levar as suas homenagens à deusa das sujas volúpias. E todavia, estes filósofos eram as pessoas mais honestas da antiguidade. A ordem social pagã, para quem estuda história, / (63) só apresenta um conjunto de violências, de injustiças de imposturas, de guerras contínuas, de escravatura, de devassidões, de furores políticos, de falsa moral, de falsa religião. Inutilmente procuraríeis nela a humildade, princípio de toda a perfeição moral e a caridade, fundamento de toda a prosperidade social. A antiguidade pagã não conhecia estes princípios nos seus costumes, pois nem tinha mesmo os seus nomes na sua língua; e por outro lado, está bastante provado que toda a virtude pagã era simplesmente egoísmo e orgulho. Mas, logo que o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos, vedes imediatamente ao lado das mais importantes verdades, florescer as mais sublimes virtudes. De facto, da mesma maneira que o Espírito Santo apareceu sob a forma de línguas luminosas, assim Ele quis que essas línguas fossem uma chama ardente, para testemunhar que Ele vinha purificar e aquecer os corações.

“Considerai primeiro os Apóstolos, ainda há pouco tão grosseiros, tão fracos, tão tímidos: ei-los agora transformados em sábios, em filósofos, em heróis tão intrépidos que a antiguidade não conheceu nenhum igual. É o usurário Levi, que se torna um evangelista, um historiador que saberá sofrer a morte para confirmar / (64) a verdade das

suas narrações; é o incrédulo Tomé que irá testemunhar a sua fé até às extremidades do mundo...; mas porque será preciso enumerá-los todos, um por um? Jesus Cristo escolheu-os a todos como mártires da sua causa.

“Admirai a sua transformação, eles que não tinham nenhuma ideia das dificuldades que iriam encontrar; eles que acreditavam na formação de um reino temporal em que teriam todas as honras. Como eles encaram com calma a sua nova missão, cujo fim e cujos perigos vêem agora claramente! E todavia, se eles tivessem ficado nas suas inclinações naturais, não teriam renunciado à sua nova missão que lhes teria parecido quimérica: reformar o mundo sem a ajuda da eloquência e da filosofia; sem o prestígio das armas e da vitória; pregar a divindade de um crucificado, propagar uma moral severa! Se as suas almas não tivessem sido transformadas, regeneradas, fortalecidas pela virtude do Espírito de Deus, eles teriam voltado às suas redes e ao seu trabalho.

“Consideremos particularmente Pedro, seu chefe, Pedro que passava tão facilmente da presunção ao desânimo, Pedro três vezes traidor. Onde pode vir esta sua nova atitude, tão calma e tão enérgica? Ele enfrenta o juiz / (65) romano, a sinagoga, o furor da multidão. Será ele arrastado por um entusiasmo apaixonado? Nada parecido pode ser imaginado. Que interesse novo dominaria hoje estes espíritos anteriormente tão frios? A sua serena intrepidez exclui estes motivos humanos. Ouvi-os expressar simples e fortemente o motivo da sua nova atitude: “Considerai, dizem eles aos poderosos adversários de Jesus, se é justo diante de Deus escutar-vos a vós em vez de escutar o próprio Deus: *Si justum est in conspectu Dei vos potius audire quam Deum, judicate*” - “Podemos nós deixar de falar do que vimos e ouvimos, acrescentam: *Non enim possumus quae vidimus et audivimus non loqui.*” Dentro em breve, vê-los-eis enfrentar os calabouços, a flagelação, as torturas e a morte, eles que fugiam à vista dos perseguidores de Cristo. Não somente conservam a calma, mas testemunham uma alegria inalterável. Julgam-se felizes por terem sido achados dignos de sofrer pelo nome de Jesus. - Evidentemente, para quem não é cego, estes homens sentiram em si os efeitos da promessa de Cristo: receberéis a força / (66) do Espírito Santo que virá a vós, - e ainda: sereis possuídos, revestidos de uma energia divina que virá do alto. - Eles foram transformados em seres novos, sobre-humanos, divinizados.

“É pela virtude do mesmo Espírito que mais tarde dez milhões de mártires de todas as idades, sexo e condição, virgens, anciãos, mesmo crianças, maravilharam,

desencorajaram, confundiram os mais ferozes tiranos e frustraram promessas, ameaças, seduções e suplícios.

“É pela virtude do mesmo Espírito que os cristãos de todos os tempos, de todos os lugares, souberam trocar o amor de ouro pela pobreza, a glória pela humilhação, os gozos carnis pelas mortificações de toda a espécie, a vingança pelo perdão das injúrias, o egoísmo e o interesse pessoal pela dedicação da caridade.

“Somente o Espírito Santo pôde depositar no coração do homem e fazer brotar nele essas virtudes que caracterizam o cristianismo e que são desconhecidas em qualquer outra parte.

“Sabeis agora o que deveis pensar desses pretensos filósofos que querem estabelecer a ordem pela força, a / (67) virtude pela ciência e a moral sem a religião. Deixemo-los tentar fundar a sociedade sobre o direito com exclusão do dever, sobre as paixões com exclusão da virtude, sobre o interesse com a exclusão da dedicação. Como os filósofos da antiguidade e mais vergonhosamente ainda, mostrarão que as suas obras são vãs como os seus pensamentos (Rom.1).

Os filósofos pagãos desconheceram menos do que eles, por vezes, a necessidade da acção divina. Sob o império do cristianismo, seria demasiado vergonhoso retroceder para além do paganismo.

“O carácter próprio do cristianismo é a caridade, e é pela virtude do Espírito Santo que a caridade é espalhada nos nossos corações. Que seria a sociedade sem caridade? Não é a dedicação do poderoso para com os fracos que extingue os ódios e as divisões? Não é a dedicação recíproca que faz a união das famílias? Não é a dedicação do poder para com o povo e do povo para com o poder, que constitui a segurança e a força dos Estados? Que é que nos podem apresentar as sociedades pagãs frente a esta dedicação? - Uma coragem estóica, orgulhosa e momentânea, sempre aliada com as fraquezas da volúpia e / (68) com a cobardia do suicídio.

“Somos felizes e orgulhosos desta característica própria do cristianismo: a caridade inspirada pelo Espírito de Deus e gerada pelo amor que Deus tem para conosco...

“Não é o espírito de servidão e de temor que nós recebemos, é o espírito de adopção, o espírito que dá aos nossos corações uma língua de fogo e de amor que nos faz clamar para o céu: ó Deus, nosso Pai!

“Nós acreditamos no amor que Deus tem para conosco: *Credimus charitati quam habet Deus in nobis* (Jo.). Esta fé é a fonte da nossa caridade. É esta crença e este amor que caracterizam a verdadeira religião de Jesus Cristo. - O temor que Deus usou para subjugar um povo indócil e grosseiro deixou no judaísmo as suas profundas marcas. O racionalismo com as suas pretensões à independência e a uma falsa liberdade só encontrou constrangimento e frio glacial nas suas relações com Deus. O protestantismo, rompendo com a unidade, rompeu também com as nascentes da verdadeira caridade. A religião do calvário é a religião do amor: o espírito de caridade domina claramente na liturgia como nas obras que ela inspira e na vida social e privada que anima. / (69)

Conclusão. - Reconhecemos a fraqueza do coração humano. Vimos que por si próprio se inclina para todos os erros e para todos os vícios. A acção do Espírito Santo é necessária para erguê-lo; ela é indispensável para lhe dar a vida sobrenatural que conduz à posse de Deus.

“Há pecadores entre nós; nada podem sem o socorro do Espírito de Deus. Sem Ele as suas próprias orações e os seus arrependimentos não seriam suficientemente puros: *Sine tuo numine, nihil est in homine, nihil est innocium.*²⁷ Vinde Espírito Divino, só Vós podeis fazer dobrar a sua resistência, enternecer os seus corações endurecidos, e reconduzi-los dos seus extravios: *Flecte quod est rigidum, fove quod est frigidum, rege quod est devium.*²⁸

- “Há também almas devotas, consciências delicadas, servidores fiéis e tementes a Deus, que são felizes por dedicar-se a toda espécie de obras boas, mas que nem por isso estão livres de certos terrores involuntários ou mesmo de certos desânimos, consequência da fraqueza humana. Vinde, Espírito Santo, reconfortar com as vossas consolações estas almas onde vós já habitais pela graça. Só vós possuis este bálsamo divino de paz e de esperança que pode sarar os seus corações. Por isso a Igreja vos / (70) chamou o melhor o Consolador, o hóspede mais afectuoso e o mais suave refrigerio para a alma perturbada: *Consolator optime, dulcis hospes animae, dulce refrigerium.* Mas para melhor assegurar o efeito da nossa oração, vamos à fonte das graças, à fonte da caridade divina, ao Sagrado Coração de Jesus. Senhor, foi o Vosso Coração tão bondoso que nos disse: Enviar-vos-ei o Meu Espírito, o Espírito Consolador. - Enviai o Vosso

²⁷ Sem a vossa força, nada há no homem que seja inocente (da Sequência de Pentecostes).

²⁸ Dobra o que é rijo, aquece o que está frio, endireita o que está torto (da Sequência de Pentecostes).

Espírito, o dom do Vosso amor, o dom do Vosso Coração, e tudo será criado: a fé e a caridade serão reanimadas nas nossas almas e renovareis a face da terra. Renovai a face da Igreja, concedei-lhe o triunfo e a paz. Renovai a face da terra de França que está seca e estéril pela sua falta de fé e pelas restrições já antigas que ela coloca à sua submissão à Igreja. Restitui-lhe a verdade total. - Finalmente, Senhor, para que este discurso deixe nos nossos corações um fruto duradouro, gravai neles a devoção ao Espírito Santo, a confiança no Espírito Santo, o santo hábito de invocá-Lo frequentemente, de invocá-Lo no princípio de cada dia, de cada acção, de procurar nele a luz, de viver totalmente sob a sua direcção e de tirar dele o fervor até que, abismados nele, cheguemos a possuir o / (71) nosso Deus no eterno amor.”

Fiz este discurso, que é uma tese de apologética aproveitada por muitos pregadores. Voltei muitas vezes a esta tese nos meus discursos, mostrando a acção divina na vida da Igreja e dos povos.

JANEIRO - PATRONATO: RELATÓRIO

Em Janeiro, tivemos no Patronato uma bela sessão, para o relatório anual, diante dos nossos benfeitores e amigos.

O nosso dedicado secretário, Sr. Plusanski, professor de filosofia no liceu, leu um relatório de que vou citar alguns extractos.

“Aparentemente são muito humildes os assuntos sobre os quais devo ocupar-vos: na verdade, trata-se apenas de saber se a obra de S. José conseguiu desviar alguns jovens da desordem, se há mais alguns jovens operários na Missa, e menos alguns na taberna e nos maus lugares! Entretanto estamos a ver, em toda a França, as obras análogas à nossa, felicitadas pelos Breves do Santo Padre, abençoadas pelos bispos, encorajadas e patrocinadas por eminentes personagens, por magistrados, por generais, por industriais...”

Como se vê, o nosso bom secretário não compreendia ainda senão a obra do Patronato, / (72) e não tinha vistas sobre o levantamento social e profissional que esse agrupamento operário devia preparar e no qual eu ia tentado cooperar, organizando reuniões de patrões e um grupo de estudos sociais.

O nosso secretário continuava:

“Desde 2 de Fevereiro de 1874, o nosso Comité protector das obras operárias de S. Quintino assegura o futuro da obra, fazendo esforços para recrutar benfeitores e solicitar subscrições... Por seu lado, o Sr. bispo, apreciando a utilidade dessas obras a favor da juventude, constituiu, sob a sua própria presidência, um Comité diocesano das obras operárias, ao qual o nosso Comité forneceu a maior parte dos elementos. Este Comité é sobretudo um escritório de informações e propaganda, põe-se em relação com os párocos de todas as paróquias da diocese, estimula-os a fundar obras, comunica-lhes informações, esclarece-os com a experiência das obras já fundadas...

“Se a nossa obra obteve estes úteis patronos, a popularidade também não lhe faltou, e o número de jovens que vieram alinhar-se sob a sua bandeira aumentou / (73) incessantemente... O Patronato conta actualmente com 301 crianças; o Círculo conta com 139 membros. A obra de S. José, portanto, estende actualmente a sua acção sobre 440 crianças ou jovens. Eles estão assim repartidos: Alunos, 82, - Jovens operários, 324, - caixeiros e empregados, 34. Se quisermos alguma informação sobre a sua perseverança, eis alguns dados que testemunham a inconstância de um certo número, mas que não são, no entanto, demasiado desanimadores. Sobre estes 440 actualmente inscritos, 186 já faziam parte da obra a 1 de Janeiro de 1874; 18 estavam entre os 40 do mês de Junho de 1872. A média das presenças ao Domingo, no mês passado, foi de 206. A Caixa económica da obra tem 198 contas abertas... Todos os nossos jovens cumprem o seu dever pascal; 200 assistiam à nossa missa da meia-noite, que foi mesmo edificante; 160 comungaram. Todos os Domingos, de resto, há alguns que o fazem... Já tivemos a tristeza de ver morrer alguns jovens do patronato: todos morreram como bons cristãos. Um deles, Ferdinando Q..., operário mecânico de 19 anos, que a provação da doença tinha reconduzido à pratica religiosa, na hora da morte dava ao seu director os sinais da mais sincera / (74) gratidão e do mais vivo affecto, e ele próprio consolava a sua pobre mãe falando-lhe do céu...

“Desde o último Relatório, as reuniões da semana tornaram-se mais numerosas. Aliás, a casa está aberta todas as tardes aos sócios do Círculo, das 7 às 10 horas. O Rev. Geispitz tem continuado as suas aulas de música vocal; toda a gente pôde avaliar, nos encontros de S. Francisco Xavier e em várias Bênçãos eucarísticas celebradas na Colegial, os progressos que o Orfeão de S. José, composto por 50 membros, tinha feito em pouco tempo. Uma fanfarra também foi criada, e foram dados cursos de música instrumental sob a direcção do Sr. Daub. A jovem fanfarra, na festa de S Cecília, foi fazer-

se ouvir na Colegiada, seguindo, seguindo valentemente a sua bandeira, doada pelo Sr. Presidente do comité protector. Finalmente foi ministrada aos jovens do Círculo uma série de lições sobre a economia social e cristã...

“O bem chama o bem, como o mal atrai o mal. Além destas diferentes instituições que formam a nossa obra, foi ensaiada mais outra que, se os recursos não faltarem, poderá ter um grande desenvolvimento. / (75) Muitos jovens operários ou caixeiros vivem sós em S. Quintino, ou porque são órfãos, ou porque os seus pais não vivem na cidade. Este isolamento expõe-nos a perigos que toda a gente adivinha... Quanto seria vantajoso para eles, sob todos os pontos de vista, que uma Casa de família lhes oferecesse, a preços módicos, um asilo em que a sociedade, com companheiros escolhidos e os bons conselhos do director, os preservaria das más companhias e da desordem! É nesta intenção que alguns quartinhos acabam agora mesmo de ser disponibilizados no segundo andar da casa de S. José...

O nosso secretário faz em seguida a descrição de um dia de Domingo no Patronato; foi no meio desta agitação e desta sobrecarga de trabalho que eu passei os meus Domingos durante alguns anos, sem por isso ficar exonerado do serviço da paróquia.

“Se alguém quisesse conhecer em detalhe a vida interna da nossa obra, eu convidá-lo-ia a vir visitá-la no tempo em que ela está na plenitude da sua actividade, isto é ao Domingo depois das três horas. Isso não quer dizer que o Domingo começa para nós às três horas; nós já tivemos de manhã a missa e uma / (76) breve instrução, mas é o momento em que temos toda a gente em casa... Eis em primeiro lugar na recepção de um dos nossos jovens chefes de secção, sentinela voluntária que renuncia por algum tempo aos jogos, para assegurar a boa ordem da casa: para entrar, é preciso fazer-lhe boa cara e mostrar-lhe o cartão de sócio... Eis o Guiché de controlo em que fica depositado o cartão, em que os amadores de jornais fazem a assinatura para as “Pequenas leituras” (48 números ilustrados por 20 cêntimos por ano); depois vem a caixa económica que reclama as economias dos nossos jovens desde os seus primeiros passos dentro da casa: com 5, com 10 cêntimos, abre-se-vos uma conta corrente; quando tiverdes 5 francos, dar-se-vos-á uma caderneta, e os pequenos regatos acabam por formar uma ribeira... Ah! Se nós conseguíssemos fazer tomar aos 53 jovens (é a média) que nos confiaram hoje as suas economias, o bom hábito de não gastar tudo o que ganham, mas de guardar recursos para os momentos difíceis!

“Entrámos no pátio. Vós talvez nunca vistes um bilhar flamengo, um jogo que nós importamos para cá, que não fica caro e que se tornou muito popular entre os nossos jovens São-Quintinenses. Eis / (77) o nosso ginásio: trapézio, barras fixas, anéis, tudo está ocupado: é uma alegria para estas crianças, condenadas muitas vezes durante a semana a uma certa imobilidade ou a movimentos automáticos sempre iguais, poder aqui distender um pouco os nervos! Vede toda essa gente correr, trepar, gritar a plenos pulmões; é uma tão boa invenção o descanso do Domingo! Porque, não vos enganeis, é um descanso mexer-se dessa maneira. Do outro lado do campo, eis uns pelotões que manobram sob as ordens de instrutores voluntários, veteranos de África e da Crimeia! Dentro de alguns anos, ou mesmo já este ano, estes jovens irão à tropa, e sentir-se-ão contentes ao apresentar-se sabendo já distinguir a direita da esquerda, ou tendo até noções muito mais vastas da teoria militar. Entramos na sala; à volta de longas mesas, eis, ao pé do fogareiro, as pessoas pacíficas que preferem a uma partida de barra, alguns jogos tranquilos ou uma velha série da Ilustração, que recomeçam a folhear conscienciosamente todos os Domingos. Porque deverão, estes jogadores e estes leitores tão calmos, ser constantemente incomodados, especialmente quando chove, pelos turbulentos que, do campo e do alpendre, invadem / (78) esta sala?... Entramos seguidamente até ao altar que um biombo rolante separa da sala. Hoje é dia de festa; a lâmpada acesa anuncia-nos que o Senhor está hoje todo o dia entre nós; esse rapazinho, esse moço que vós vedes ao pé do altar, pertencem a uma pequena Congregação que se encarregou de nunca deixar, durante todo o dia, o SS. Sacramento sem adoradores; deixemo-los aí no seu recolhimento, longe do barulho que atoa todo o resto da casa. Quem sabe o que lhes inspirará essa meditação? Um ou dois, já tomaram o caminho do seminário menor...

Com toda a certeza, esse jovem que nós surpreendemos na oração, não virá a ser nem mau operário nem mau cidadão... Quereis agora subir ao primeiro andar, reservado especialmente ao Círculo? Eis em primeiro lugar a sala de recreio, refúgio dos mais pacíficos: na mesa, todos os jornais que nos são amavelmente oferecidos: o diário de S. Quintino, o Conservateur de l’Aisne, o Boletim francês, o Petit Moniteur, a Semana Religiosa, os Anais da Propagação da fé, etc... Mas o barulho das carambolas atrai-nos para as outras / (79) salas: o presidente eleito do Círculo descobriu-nos, vem fazer-nos as honras do seu departamento, e mostrar-nos a biblioteca do Círculo e as salas de jogos. Com quatro assessores, também eleitos, é ele que vela pela boa ordem interna e

administra o orçamento do Círculo, porque o Círculo tem a sua lista civil; aquele que vedes circular no meio dos grupos, com um caderninho na mão, e falar energicamente a alguns que estariam tentados a fazer orelhas mocas, é um sócio dedicado que aceitou a tarefa ingrata de ser colector dos impostos. Cada membro, de facto, deve entregar uma quota de meio franco por mês; a gratuidade não tem nenhum valor neste caso, cada um apega-se àquilo para que contribuiu com o seu dinheiro. Gratuito, obrigatório e laico, não é essa a divisa do nosso Círculo; se pertence a ele quem quiser, mas se se vem, é preciso pagar alguma coisa, e corre-se o risco de encontrar batinas, já que vedes nesta sala o nosso querido director ocupado num encontro particular de que adivinho o assunto; ele está-se esforçando para recarregar a coragem desse grande e forte moço, que anda atrapalhado com as troças dos de fora, e que, naturalmente cheio de bons sentimentos / (89) iria à missa, à confissão, a tudo o que se queres, se fosse possível dar-lhe aquele anel mágico por meio do qual Gygès se tornava invisível quando queria. Ah! O respeito humano nas fábricas!...Vedes muita gente nessas salas, mas não muitas, nem suficiente espaço; bem seria preciso desde já poder fazer recuar os muros. Ainda não vos mostrei tudo. Eis o cantinho onde está a biblioteca dos mais novinhos. Enfiemo-nos nesta escada, eis-nos num sótão que foi decorado, tanto quanto era possível, por artistas de boa vontade e que serve para várias pequenas reuniões. Neste momento, estais a ver, é uma sala de aula; estas vinte crianças não podem frequentar os cursos de adultos ou não se contentando com isso encontram aqui um professor de boa vontade. Mas o sino toca; toda agente vai reunir-se na sala grande, transformada em capela. Todos os jogos cessam, é esta a regra: *aut bibat aut abeat*, como diziam os antigos nos seus festins. Mas os nossos jovens não têm vontade nenhuma de se irem embora; após a breve cerimónia da bênção, eles escutarão uma conversa familiar do nosso director; é uma narração de viagem, um aviso importante, a refutação de um desses preconceitos/ (81) religiosos que circulam pelas oficinas e secretarias. Após esta reunião geral, enquanto os jogos recomeçam, quereis participar na reunião da conferência da caridade que foi fundada por trinta dos nossos jovens mais dedicados, e que um deles preside? Essa conferência encarrega-se de visitar algumas famílias desgraçadas, vereis como se consegue, com bolsas pequenas, fazer algumas esmolas e consolar algumas misérias. Mas não julgueis que o dia acabou. Já vos disse que hoje era dia de festa. As crianças do patronato vão partir, mas os sócios do Círculo vão ir jantar e voltarão. Qual é o programa desta noite! Talvez um beberete, organizado pelo director dos jovens que tiveram o cuidado de lhe desejar um bom ano, com o condimento de canções e de bons conselhos discretamente

intercalados; a fanfarra participará na festa. Talvez um simples chá com uma conferência de um membro do comité protector, ou então uma cena dialogada, interpretada por alguns jovens do Círculo... Três ou quatro vezes por ano, temos as nossas as representações dramáticas, que procuram elas próprias ser um ensinamento, e inculcar na assistência ideias sãs e sentimentos generosos; / (82) são *Jorge o operário* ou o argumento bem nacional dos *Zuavos pontifícios em Patay*. Aristóteles estaria satisfeito conosco, pois a nossa arte dramática serve unicamente a sua famosa “purificação dos sentimentos”. No mês de Agosto, foi possível fazer a reunião no pátio; estavam convidados os pais dos nossos alunos; a assembleia foi honrada com a presença do Sr. Arcipreste, do Vice-governador, do Presidente da Sociedade industrial, etc... Foram distribuídos aos mais merecedores diplomas de honra que, em qualquer cidade onde o trabalho os possa chamar, lhes servirão como cartas de recomendação junto de obras semelhantes à nossa... E agora, julgai e tirai as conclusões! ... Vós achais talvez uma certa ingenuidade naqueles que esperam renovar em breve tempo a face da terra: concordo, mas todavia, quando Deus o quer, isso acontece, como vós podeis ver na organização cristã da união de Val-Des-Bois. Mas não achais ser um dever ajudar uma obra que trabalha pela sua modesta parte, nesta renovação que a graça de Deus pode trazer-nos um dia? Imaginai uma cidade em que, entre patrões e operários houvesse um generosa emulação de consciência, de / (83) justiça, de caridade, de dignidade moral, de bons costumes, de dedicação ao bem público, de solicitude com as desgraças privadas, numa palavra, de cristianismo. Não seria essa a idade de ouro da indústria e o ponto mais alto da economia política? Onde é que o trabalho seria mais regular, a produção mais abundante, as crises mais bem evitadas?! ...”

O nosso bom secretário descreve bastante completamente o dia do Domingo na Obra, e faz imaginar o que isso sopunha de solicitude e organização. Ele omite ainda algumas reuniões especiais: a dos responsáveis e a dos novatos, que deviam receber uma formação especial.

FEVEREIRO: MUDANÇAS POLÍTICAS

O apoio que o mundo oficial nos concedia não iria durar sempre. As coisas na política deterioravam-se. A direita do Parlamento tinha número para restabelecer a monarquia, mas dividiu-se em legitimistas e orleanistas. O duque de Broglie teve nisso o papel capital; ele fez abortar os projectos de fusão. Só restava assim votar a república, e

foi isso que se fez, sob proposta do Sr. Wallon. Mas uma grande parte da direita não concordou. Desde / (84) então, tornou-se um partido de oposição ao governo, um partido de revolução. O povo queria a república e mostrou-o em todas as eleições que se seguiram. O clero e os conservadores, fazendo oposição às tendências republicanas do povo, afastaram-no da religião, e esta perdeu em breve todo o terreno que lhe tinham feito ganhar as provações de 1870.

AS NOSSAS FESTAS

Na obra, tínhamos 3 ou 4 vezes por ano umas festas excepcionais. Eram especialmente o Carnaval, a festa de S. Leão e de S. Nicolau.

Desde 1873, representara-se “uma família de aprendizes” (moralidade); no último dia da escolha “episódio alsaciano”, de H. Baju.

Em 1874 os nossos jovens representaram “Jorge, o operário” drama em três actos; “A bom gato, bom rato”, provérbio num acto; “Baldini”, episódio duma viagem à Itália, drama em três actos; “Os Zuavos pontíficos em Patay”, peça patriótica.

Em 1875, foi representado em Fevereiro: “Máximo, ou o filho do proletário”, drama em três actos; em Maio, para a tomada de posse de Mons. Mathieu, “Fábio ou os mártires”, drama / (85) tirado de Fabíola.

Eu tornava-me ensaiador, ponto, maquinista. Isso exigia-me muito tempo e paciência.

Representávamos as peças duas vezes, para os nossos benfeitores e para os pais dos nossos jovens. Pedíamos aos benfeitores um franco de entrada e fazia-se ainda um peditório. Houve serões que nos renderam 300 ou 400 francos. Ao intervalo, eu fazia um relatório da obra. Esses serões edificavam e afeiçoavam-nos a população.

MARÇO - MORTE DO PE. FREYD

A 6 de Março deu-se um acontecimento que devia ter grande importância para o decurso da minha vida; foi a morte do Pe. Freyd, meu santo director. Perdia-o no momento em que mais precisaria dele pelas grandes decisões que havia de tomar.

Os jornais franceses de Roma e de Florença anunciavam assim a sua morte e o seu funeral:

“O Santo Padre acaba de perder um dos seus mais fiéis servidores, a França, um dos seus religiosos mais dignos de respeito: o Rev.mo Pe. Melchior Freyd, da Congregação / (86) do Espírito Santo, reitor do Seminário francês, deixou esta vida para receber - disso não duvidamos - o prémio das suas virtudes sacerdotais.

“O nosso coração diz-nos que choremos, mas a nossa fé diz-nos que tenhamos confiança. Deus não chama a Si almas tão puras, sem um desígnio de misericórdia para elas e para o mundo que elas abandonam, - para elas, porque Ele as glorifica, para o mundo, porque elas continuam a servi-l’o com mais eficácia na outra vida pela sua intercessão.

“O Pe. Freyd era um modelo perfeito de doçura e de firmeza. Fazíamos mais que amá-lo, respeitávamo-lo, admirávamo-lo. *Na direcção das consciências, era um verdadeiro mestre*, cheio de sabedoria e de bom conselho. No seu seminário, mostrava-se de uma paternidade angélica e dava exemplos constantes de humildade e de oração. Tanto era indulgente para com os outros, quanto era severo para consigo próprio.

O nosso Santo Padre tinha a maior confiança nele e frequentemente o consultava para os assuntos de França, por causa da segurança do seu critério e da pureza do seu amor à Igreja... / (87)

“A Providência evitou-lhe as dores duma longa doença, como se ele estivesse já maduro para as alegrias eternas. Ao fim três dias, foi levado por uma pneumonia que tinha apanhado, assistindo ao funeral do Sr. Simeoni, pai do Núncio de Madrid.

“Toda a colónia francesa está de luto e presta à memória do Pe. Freyd as homenagens do mais terno respeito...”

Eis alguns apontamentos sobre os seus últimos momentos:

“Na Sexta-feira dia 5, pelo meio-dia, o estado do bom Padre agravou-se sensivelmente. Todavia, conservava ainda o uso das suas faculdades e aproveitou estes últimos instantes para se confessar ao Rev.mo Pe. Brichet. Pela tarde, começou o delírio e, ao cair da noite, o mal fez progressos tão espantosos que se pensou que se tinha perdido qualquer esperança. Às 19.30 h, com a bênção do Santíssimo Sacramento dada pela saúde do doente, foi-lhe levado o Santo Viático, depois do qual lhe foi administrada a

Santa Unção. Quando lhe foi levado o Santíssimo Sacramento da Eucaristia, ele saiu do estado de sonolência em que estava e recebeu o Seu Deus com os sentimentos de devoção doce / (88) e profunda que o distinguiram durante toda a vida... De resto, nunca parou de rezar durante todo o curso da doença, e mesmo no seu delírio, invocava a Santa Virgem e recitava os textos da Sagrada Escritura de que se tinha alimentado durante toda a vida. Morreu como viveu, rezando; e a sua morte foi tão edificante como a sua vida...

“Os alunos do Seminário francês foram admiráveis em carinho nesta dolorosa circunstância. Eles amavam o Rev.mo Pe. Freyd como um pai; por isso, prodigalizaram-lhe até ao último instante todos os cuidados do amor filial. Ofereciam-se à porfia para passar os dias e as noites à sua cabeceira. Todos estavam à volta da sua cama, durante as horas da longa agonia, e as suas lágrimas indicavam bem a dor profunda de que estavam possuídos.

“Nesta dolorosa circunstância, os padres Dominicanos, que viviam no Seminário francês desde que tinham sido expulsos do seu convento da Minerva, foram admiráveis na dedicação. Foi o Rev.mo Pe. Zigliara, Mestre dos noviços dominicanos que deu ao moribundo o Santo Viático e que lhe administrou a Extrema Unção... / (89)

“ O nosso Santo Padre, o Papa Pio IX, tinha para com ele um afecto especial e quando lhe foi anunciado que o seu estado era desesperado, Sua Santidade exclamou com pena: “Oh, era um santo! Ele será muito chorado! Deixará aqui um grande vazio.” É o mais belo elogio que se pôde fazer ao venerável defunto. Sua Santidade enviou-lhe desde a tarde da Sexta-feira a sua bênção apostólica *in articulo mortis*. No dia seguinte, Pio IX encarregou Sua Excelência, o Bispo de Rochelle, de transmitir ao moribundo uma nova bênção...”

“As exéquias foram celebradas no dia 9, na capela do seminário, que tinha sido completamente revestida de ricas tapeçarias pretas e brancas, guarnecidas com largas fitas douradas. Foram os seminaristas a fazerem as despesas desta esplêndida decoração. Quiseram dar ao seu padre amantíssimo um sinal vistoso do seu amor filial, honrando após a sua morte com uma pompa quase real aquele que foi durante a sua vida um modelo de modéstia e de humildade.

“A missa de *Requiem* foi cantada por Mons. Renaldini, um dos prelados da Congregação de Propaganda, da qual Pe. Freyd / (90) era Consultor. Mons. Thomas, bispo de la Rochelle fez a encomendação. A assistência era tão numerosa como

escolhida. Foram notados: o Sr. e a Sr^a. de Corcelle e os secretários da Embaixada; o cardeal Pitra; Mons. Rayneval e os capelães de S. Luís; um grande número de prelados; os padres Cardella, Franzelin e Ballerini.

“Sobre o féretro fora gravada a seguinte inscrição: *Reverendus Pater Melchior Freyd, seminarii gallici de urbe moderator et exemplar.*²⁹

“Recebi pouco depois um apelo nestes termos: “Senhor e caro confrade, já sabeis do doloroso acontecimento que nos atingiu. A nossa tristeza, temos a certeza, é partilhada por todos os que tiveram a felicidade de viver sob a paterna direcção do R. Pe. Freyd e de ser formados à vida sacerdotal por um guia tão sábio e tão amado. Certos de corresponder aos vossos sentimentos, apresentamo-vos o projecto de oferecer ao nosso padre um último testemunho de gratidão e de filial afecto, unindo-nos todos para erguer um pio monumento sobre o túmulo em que repousa...” Os Alunos do Seminário francês.

Enviei o meu contributo. / 91)

Um lindo monumento foi erguido pelo escultor Carimini, não longe do monumento dos Zuavos; mas mais tarde os restos mortais do Pe. Freyd iriam ser transportados para uma capela comum às Congregações francesas. O Pe. Angelini compusera este belo epitáfio:

Hic in pace quiescit

Melchior Freyd

Sacerdos

Domo argentorato

E societate Sancti Spiritus

Et Cordis immaculati Mariae

Annos XX seminarium gallicum in Urbe.

Moderatus est

Summa in eo virtus et virtute

Amplificata auctoritas

²⁹ Reverendo padre Melchior Freyd, superior e modelo do seminário francês em Roma.

Paternus in sibi concreditos juvenes animus

Ardens studium in rem catholicam

Et Petri sedem

Decessit omnium qui de virtute

Poterant judicare

Commendatione et lacrymis

Prid. non . Mart. A. MDCCCLXXV

A.N.P.M. L V.

Alumni patris optimi praesidio orbati

Collacrumantes P.^{β0}

Eu era daqueles que perdiam mais. O Pe. Freyd tinha para mim um afecto paterno e mesmo uma amizade verdadeira. A sua morte deixava-me totalmente desamparado.

CONGRESSO DE LIESSE

A 10 e 11 de Março realizou-se em Nossa Senhora de Liesse a Assembleia das Obras católicas da diocese de Soissons. Que belos dias! Foi o melhor momento do meu ministério na diocese.

Eu preparava o congresso desde há seis meses, com o assentimento e o apoio do bispo. Tinha feito um inquérito completo, ajudando-me com questões enviadas aos párocos sobre a situação das obras e a vitalidade das paróquias.

Tinha enviado, com a assinatura do Pe. Hannus (Pároco de Liesse) e a minha, uma carta de convite, que aqui resumo:

“Várias dioceses já fizeram reuniões com o fim de divulgar os resultados dos Congressos católicos que se realizaram nestes últimos anos em Paris, Nantes e Lyon. O Sr. bispo de Soissons deseja que uma assembleia desse género tenha lugar

³⁰ Aqui descansa em paz Melchior Freyd Sacerdote da diocese de Agen da congregação do Espírito Santo e do Coração Imaculado de Maria. Durante 20 anos o seminário francês em Roma governou. Suma (foi) nele a virtude e a autoridade aumentada pela virtude. Coração de pai para os jovens a ele confiados Amor ardente para a fé católica e para a Sé de Pedro. Morreu no meio da saudade e das lágrimas de todos os que puderam avaliar da sua virtude, a 6 de Março de 1875 A. N. P. M. LV. Os alunos privados do amparo desse óptimo pai chorando unidos colocaram.

proximamente em Soissons... O secretariado diocesano toma a iniciativa dessa reunião da qual esperamos tão felizes frutos...

“Um dos principais resultados dessa reunião / (93) será o de encorajar as obras do campo, mais difíceis talvez mas não menos necessárias do que as das cidades. O espírito cristão e a prática religiosa estão a perder-se no nosso campo; a corrupção das cidades penetra neles. Associações cristãs devolver-lhes-ão a fé, com as convicções sérias e a energia do dever...

“A questão da fábrica dará um grande interesse a esta assembleia. A indústria invade-nos: será forçosamente necessário comprar as suas vantagens materiais a custo da desmoralização das nossas populações operárias? Não, a fábrica cristã não é um sonho irrealizável; temos alguns exemplos admiráveis onde foi possível fazer reviver, graças a um conjunto de obras e de instituições várias, o vigor da vida cristã, os costumes das famílias honradas, e com a alegria do dever cumprido, o espírito da ordem e da economia que assegura a prosperidade do futuro. Pensar em suprimir a fábrica seria uma utopia ridícula; o que se deve fazer, é cristianizar a fábrica. A nossa reunião diocesana apelará a todos os industriais para os compelir a tomar todas as medidas que noutros lugares tiveram tão admiráveis resultados...”

Duzentos e cinquenta padres e leigos responderam ao nosso apelo, tudo o que / (94) havia na diocese de homens activos e zelosos.

Tínhamos sido temerários ao fixar a reunião para o dia 10 de Março, mas a SS. Virgem nos preparou um lindo sol e uma temperatura suave.

O Rev. Legrand, vigário geral, presidiu. Ao pé dele, comigo, tomaram lugar na presidência: o Rev. Mimil, delegado do arcebispo de Reims; o R. Pe. Marquigny, redactor dos Estudos religiosos; o Sr. de la Tour du Pin, comandante do Estado-maior; René de Fougerolles, delegado do secretariado central da União das Obras; Paulo de Hennezel, membro do comité da Obra dos Círculos.

Os RR. Ply, pároco de Évigny e Delaplace, pároco de S. Vaast de Soissons, faziam de secretários.

Esperávamos a presença de Mons. Ségur e do Sr. de Mun. Impedidos de vir, escreveram-nos boas cartas.

Mons. de Ségur dizia: “Senhores, um dos membros adjuntos do Secretariado Central da União das Obras operárias aceitou substituir-me junto de vós e de levar à vossa assembleia, com a homenagem das nossas mais vivas simpatias, a expressão do meu pesar. Na verdade eu esperava / (95) poder ir a Liesse e ficar no meio de vós durante esses dois preciosos dias. Infelizmente estou impossibilitado e peço-vos que queirais amavelmente aceitar as minhas desculpas.

“ O objecto principal da nossa grande União das Obras Operárias católicas é de aproximar uns dos outros os homens de fé e de entrega, eclesiásticos, religiosos ou leigos, que, de um extremo ao outro da França, se entregam com zelo e amor a todas as obras que podem salvar as almas dos pobres operários.

“O isolamento desanimou-as e esterilizou o seu empenho. A união que faz a força, eleva a sua coragem tão frequentemente posta à prova e, fortalecidos pelo exemplo e pela palavra dos seus irmãos de armas, duplicam o ardor pela salvação dos aprendizes, dos jovens e dos operários.

“A nossa santa União, à qual peço que deis todos a vossa colaboração e a das vossas obras particulares, saúda sem excepção todas as associações cristãs, todas as obras pequenas ou grandes, que têm como fim a perseverança religiosa dos filhos do povo e dos trabalhadores.

“Ela não se ocupa dos seus métodos particulares; respeita absolutamente a sua / (96) liberdade e a sua autonomia; ela diz somente aos que as dirigem: “Unamo-nos na caridade de Cristo e no zelo das almas, aprendamos a conhecer-nos e a amar-nos, ponhamos em comum as luzes da nossa experiência, e partilhemos com os nossos irmãos tudo o que pode ajudá-los a ter sucesso na fundação e na direcção das obras; amparemo-nos uns aos outros nesta grande cruzada da fé e da caridade católica, a fim de conservar para a Igreja e para a pátria este pobre povo que o inferno tenta arrancar-lhes”.

“Nenhuma obra, desde que seja cristã, deve ficar alheia à União: patronatos de aprendizes, sociedades de jovens operários e de jovens caixeiros, círculos católicos de operários, círculos de militares ou de marinheiros, sociedades de S. Francisco Xavier, associações cristãs nas fábricas, obras paroquiais, obras gerais, pequenas obras rurais, grandes obras das cidades, etc., a União não exclui ninguém.

“ O seu espírito é antes de tudo católico, simplesmente católico, e a sua primeira lei é a obediência mais completa, mais prática à santíssima autoridade do Sumo Pontífice e dos nossos bispos. / (97)

“Ouso recomendar-vos, senhores, a leitura atenta e assídua do Boletim que o Secretariado Central da União publica todas as semanas. Parece-me não haver nada mais útil, para os homens das obras, para os Directores e capelães das nossas queridas associações.

“Quanto às grandes obras da fábrica, elas recomendam-se por si mesmas, tanto como a Obra dos Círculos; e tereis a felicidade de ter entre vós os seus nobres representantes.

“Que o S. Coração de Jesus abençoe os vossos trabalhos e os vossos esforços, caros senhores! Lamento de todo o meu coração que a minha saúde abalada me tire a alegria que eu esperava ter em Liesse; a oração suprirá, assim o espero, a minha presença.

“Tenho a honra de ser vosso servo, vosso confrade e vosso amigo no amor do Senhor e da SS.^a Virgem Maria, a quem glória e bênção!”

Paris, 8 de Março 1875

+Luís Gastão de Ségur

Cónego bispo de S. Denis

Presidente do secretariado Central

Esta carta revela bem Mons. Ségur com toda a sua devoção, toda a sua fé, toda a sua bondade. Fez reviver no meio de nós S. Francisco de Sales e Fénelon. / (98)

O Sr. De Mun tinha-me escrito:

“Senhor padre, sinto o dever de vir exprimir-vos pessoalmente o pesar que sinto por não poder deslocar-me ao congresso de que tomastes a iniciativa conjuntamente com o Pe. Hannus em Nossa Senhora de Liesse. Ter-me-ia sentido felicíssimo de dar toda a colaboração de que teria sido capaz aos trabalhos dessa assembleia, e também, de reencontrar-me nesse santuário bem-amado onde provei emoções tão profundas e tão salutares.

“Deus não permitiu que esta alegria me fosse reservada, e impondo-me outros deveres que me retêm aqui, Ele só quis que eu estivesse no meio de vós pelo coração e pela oração. Eu estarei pelo menos deste modo, totalmente, e unir-me-ei de longe aos vossos generosos esforços.

“O Sr. Comandante Parseval, que se encarregou principalmente da propaganda e da direcção da Obra dos Círculos na zona em que se inclui Nossa Senhora de Liesse, irá representar esta obra no congresso e confio que ele trará dele frutos abundantes. Para já, a recente constituição do comité de S. Quintino é uma garantia das / (99) bênçãos com que a Providência está pronta a cumular-nos e eu encontro nele, ao mesmo tempo, uma nova prova da vossa antiga e fiel simpatia pela nossa obra.

“Permita-me, senhor padre, agradecer-vos por ela e, pedindo-vos para continuar os sinais da vossa benevolência para connosco, declarar-me com respeito, vosso humilde e obediente servidor.

Paris, 9 de Março 1875

A. (Ifredo) de Mun

Secretário-geral da Obra dos Círculos.

- O congresso ouviu uma série de relatórios bem feitos, bem escritos e bastante práticos.

O Rev. Demiselle sobre as Obras centrais: Secretariado Central da União; Comité da Obra dos Círculos; Conselho Central das Conferências de S. Vicente de Paulo;

O Rev. Prévot, sobre a Imprensa: Bibliotecas, Propaganda das boas leituras;

Idem, sobre as sociedades de socorros mútuos.

O Sr. Harmel, sobre as obras da fábrica;

O R. Demiselle, sobre os patronatos de crianças e de aprendizes;

O R. Bahin, sobre a obra do Domingo.

O R. Décaux, sobre as conferências de S. Vicente de Paulo; / (100)

O R. Filliette, sobre os Círculos;

O R. Palant, sobre as antigas confrarias e associações.

Eu li, em duas vezes, o meu relatório geral sobre o estado das obras na diocese. Era um verdadeiro inquérito sobre esta pobre diocese e, por ilação, sobre o estado religioso da França.

É um capítulo da nossa história religiosa. Vou reproduzi-lo em parte.

“A minha tarefa, como secretário diocesano, é de vos informar do estado das Obras e particularmente das Associações de homens na nossa diocese, com base nas respostas que foram dadas ao inquérito enviado pelo Sr. Bispo...

“O meu relatório será necessariamente defeituoso em vários pontos, porque nos faltou um grande número de respostas ao questionário, certamente pela não existência de associações de homens num certo número de paróquias, e da pouca esperança de chegar brevemente a fundar alguma, devido às dificuldades que talvez estejam a ser exageradas.

“Vereis que, na realidade, há muito que fazer a este respeito na nossa querida diocese. Mas a grandeza da tarefa, longe de vos abater, far-vos-á / (101) compreender a urgência duma acção enérgica e reforçará as vossas resoluções.

“Descreverei sumariamente o que já temos em facto de obras de cada espécie, e este capítulo bastante consolador far-vos-á ver que já não está tudo por fazer, que o fermento está já na massa e que já temos entre nós algumas obras modelares que será fácil imitar...

I - Qual é a extensão do mal?

Este capítulo é um daqueles que se enfrentam unicamente diante de uma assembleia como esta, composta por homens de generosidade e entrega. Para outros, seria um motivo para perder a coragem e para recuar diante da grandeza da tarefa. Para vós será um enérgico estímulo. Vós sabeis que a honra aumenta com a importância do obstáculo vencido; e a gravidade do perigo, longe de vos desanimar, redobra as vossas forças e vos impele a recorrer a meios mais poderosos.

“Eis então as impressões de tristeza e às vezes de desânimo que nos chegam de mais de quarenta paróquias da diocese.

1º Dificuldades resultantes do estado geral das paróquias.

“Um pároco escreve-nos: “Já não há seiva, já não há vida religiosa nas pobres almas das nossas zonas, outrora tão ricas / (102) de associações, como de monumentos religiosos.

- Um outro: “Prevenções contra o que de longe ou de perto se refere à religião não deixam nenhuma esperança, pelo menos próxima, da parte destes homens.” - E outro: “O espírito revolucionário conta demasiados adeptos e mesmo propagandistas aqui. Nós temos aqui só dois homens realmente cristãos, dos quais um, velho doente e surdo, não pode ser elemento de associação, e o outro, pela sua posição, não pode tomar iniciativas.”

- Um outro ainda: “O egoísmo e o amor ao dinheiro são grandes obstáculos. Os poucos bons cristãos que restam são muito avançados em idade para pensar em empreender qualquer coisa.” - Numa paróquia: “Os homens mais cristãos não cumprem o preceito pascal.” - Noutra: “Não há cá homens cristãos, só três em 700 habitantes.” - Noutra: “Só alguns homens cumprem o preceito pascal e a maior parte são estranhos à paróquia pelo seu nascimento.” - Um pároco de campanha conta apenas dois homens que se aproximam dos sacramentos pela Páscoa e, por carácter como por educação, não estariam dispostos a fazer mais.” Noutro lugar: “O Domingo aqui não é conhecido, as únicas reuniões são nos / (103) bailes nocturnos e na taberna.” Um pároco diz-nos: “Não temos um único homem cristão.” E outro: “Se por cristãos se entendem os homens que frequentam os sacramentos, penso que não há nenhum na minha paróquia.” E outro ainda: “Numa paróquia onde nem uma mulher assiste às vésperas, pode haver lugar para associações de jovens ou de homens?”

“Eis uma resposta que, por baixo de uma solução original, esconde uma situação bem triste: “Não podendo ter os meus paroquianos senão pela festa de Santo Antão, padroeiro da aldeia, desde há muito tempo, pergunto a mim próprio se não será possível estabelecer entre os jovens uma associação de Santo Antão parecida com a de S. Humberto. Vou tentar ...” Oh meu Deus! neste fraco resto de prática religiosa não haverá ainda mais superstição do que fé? ...”

- Outra paróquia, nos seus dias bons, conta dois homens e uma dúzia de mulheres à missa. Eis uma resposta em que transparece algum desânimo: “O pároco só tem a oração e a administração dos sacramentos, com uma breve introdução e só

ocasionalmente. Ele obtém respeito só pelo seu comportamento reservado e seu amor à solidão!” / (104)

Outro pároco grita: “Tristeza! Tristeza! ... do lado dos homens e dos jovens! A má imprensa e os jornais ímpios são procurados avidamente, os maus livros preferidos aos bons. Todos desconfiam daquele que vem do presbitério. As refutações irritam em vez de esclarecer. Os sacrifícios do pároco para divulgar as boas leituras passam por interesseiras e valem-lhe o ódio dos radicais da região. Que fazer?” - Um pároco, alguns anos atrás, organizou um missão. Na paróquia onde reside, os missionários foram expulsos. Na paróquia anexa, o respeito humano impediu os frutos da missão. Quanto a comunhões pascais, na paróquia principal, não há um único homem e há uma só mulher. Na anexa, nem um homem e cerca de trinta e oito mulheres...” Eis outra resposta que retrata, com alguns pormenores, a situação da zona mais abandonada da nossa diocese, a Brie: “Aqui não temos associações de cristãos e não vejo que seja possível fundar alguma. É excessivamente raro que alguns jovens ou homens assistam à Missa ao Domingo. Há nesta paróquia a indiferença / (105) mais absoluta e mais invencível em matéria de religião: é desolador. Exceptuando as festas principais do ano, há somente cinco homens na Missa do Domingo, e as mesmas pessoas quase nunca vêm dois Domingos seguidos. Tentei muitas maneiras para os fazer vir. Que fazer? É impossível instruí-los na igreja. No Verão, eles não vêm com a desculpa de não terem tempo; no Inverno, com a desculpa de que o tempo é muito mau e muito frio! ...”

“Para completar este quadro tenebroso, permiti que vos indique as principais causas às quais um dos nossos correspondentes atribui, com certa razão, o triste estado em que se encontram a maior parte das nossas paróquias rurais sob o aspecto religioso.

“São: 1º A indiferença da lei civil, se não nos textos, pelo menos na aplicação, relativamente à profanação do santo dia do Domingo. Este abuso chegou ao grau supremo da permissividade: lavrar a terra, semear, espalhar o estrume nos campos, tudo isso se faz sem nenhuma espécie de vergonha. Os protestos que nós fazemos do púlpito só irritam a todos, sem impedir ninguém;

2º A construção de uma multidão de fábricas de açúcar, / (106) laboração de beterraba, básculas públicas. Frequentemente, estas fábricas são escolas de depravação. Certos mestres são uns ateus que disso, às vezes, se gabam publicamente. Nelas

trabalha-se dia e noite, Domingos e festas. Nem o dia de Todos os Santos ou o dia de Natal se distinguem dos dias úteis.

3º A liberdade ilimitada de abrir tabernas. Uma paróquia de mil almas conta 14 casas em que se vende aguardente. A bela lei repressiva da embriaguez não é aplicada.

4º Os maus jornais acabam por extraviar os espíritos e por tirar deles os preciosos germens de fé que ainda lá se encontrem...

“Tal é o estado da vinha do Senhor, e se não estivéssemos nós hoje reunidos para a acção, se tivéssemos o tempo para nos deixar levar pelas impressões do nosso coração, nós repetiríamos com gosto e muito a propósito as lamentações de Jeremias. - Diante desta invasão da indiferença e do materialismo, recuaremos e cederemos o terreno? Não, não seria cristão. A cruz é o estandarte do combate. Os apóstolos venceram bem outros obstáculos. Nós restituiremos estas populações a Cristo, pela educação da infância e pelas missões. As missões sabiamente conduzidas / (107) alcançam grandes resultados. Será preciso repeti-las vários anos na mesma paróquia. Será preciso avançar gradualmente e com prudência. Em certas paróquias, teremos de pregar primeiro só os dogmas do Credo e a moral do decálogo, guardando para um segundo ou terceiro ano a prática dos sacramentos... nunca se deve perder a confiança nos resultados dos nossos esforços. O preço do sangue de Cristo não está esgotado.

“II. Dificuldades suscitadas pela indústria e particularmente pela organização das fábricas de açúcar.

“Há da parte dos nossos párocos do campo uma queixa geral relativa às fábricas de açúcar. Há aí um perigo que devemos conhecer, para ver se será possível remediá-lo. Eis alguns ecos dessas queixas. Um pároco escreve-nos: “O abuso sempre crescente do trabalho ao Domingo nas fábricas de açúcar deixa pouca facilidade para a organização de obras... Como divertir esses homens e esses jovens, impedidos de assistir às celebrações religiosas e mesmo à missa nos dias de festa? Como reuni-los, quando eles respondem: Se eu não for às beterrabas, se não for à fábrica mesmo ao Domingo, já não haverá trabalho para mim durante o Inverno.” / (108)

- Numa vigararia: no Inverno os homens estão presos na fábrica de açúcar, assim como os jovens. No Verão estão todos nos campos.

- Numa paróquia: é difícil, para não dizer impossível, obter bons resultados religiosos e morais, por causa das fábricas de açúcar que pululam na região e que

contratam qualquer operário sem distinção de sexo. - Um pároco fez repetidos esforços inúteis para um catecismo de perseverança. As fábricas de açúcar ou as da fiação captam um terço dos rapazes da paróquia, desde a idade dos doze anos; um segundo terço vai para as quintas onde ninguém se ocupa das suas almas; alguns apenas perseveram dois ou três anos após a sua primeira comunhão. - Noutra paróquia, após uma curta perseverança, as crianças são levadas, umas para as fábricas e as outras para as obras de vimes que ocupam muitas crianças. - Finalmente uma última queixa não menos triste: “A construção desde há quatro ou cinco anos, de três fábricas de açúcar nas proximidades começa a fazer-nos muito mal, e a comprometer seriamente o movimento de regeneração religiosa que parecia prometer tão felizes frutos.

“Estas citações bastam para enunciar a situação. / (109) O desenvolvimento da indústria, numa época de indiferença religiosa, agravou extraordinariamente a desordem social. Se não lhe dermos remédio, é claro que resultará daí uma perversão sempre maior do operário, a diminuição da sua força psíquica e, com a impiedade, o espírito revolucionário e subversivo da ordem social. E visto que estou falando a crentes, só preciso de acrescentar que este trabalho só produzirá uma prosperidade efémera, que desmoronará com acontecimentos inesperados que a Providência dispuser. Procuraremos o remédio estudando a 12ª questão do programa... Poderemos citar como exemplo um fabricante de açúcar da zona de Amiens, que suspende a laboração ao Domingo durante 12 horas, a custo de sacrifícios monetários dos quais será certamente recompensado pela Providência.

III - Insuficiência do ministério paroquial ordinário para a perseverança dos jovens.

“Eis um facto capital que ressalta bem claro das respostas ao questionário do Secretariado diocesano. O ministério paroquial ordinário não consegue obter a perseverança dos jovens. As causas podem ser múltiplas. A má educação, a vida na taberna, a imprensa ímpia, o espírito revolucionário, o trabalho ao Domingo, / (110) o desaparecimento das antigas confrarias e, talvez, algum desânimo que nos fez recuar diante da dificuldade, são sem dúvida os principais motivos. O que eu mais quero frisar, é que o facto é constante, e, por si só, este facto legitimaria esta reunião e seria uma resposta peremptória a todas as objecções que se opõem ao desenvolvimento das nossas obras.

Eis uma série de testemunhos... “Os jovens deixam de vir à igreja logo depois da primeira comunhão, pela razão que eles são, imediatamente, contratados para certos trabalhos... Nada de mais desolador e desanimador para um pároco. Devemos cristianizar as crianças com muito mais canseira, porque nos chegam sem nenhum sentimento religioso e com a certeza de que não obteremos nenhum resultado. Cremos que essas pobres crianças fazem bem a sua primeira comunhão; mas o trabalho ao Domingo é para elas um golpe mortal. Escrevo-vos estas palavras com as lágrimas nos olhos e com a mais amarga tristeza no coração.”

- Eis então o mal descrito em toda a sua extensão. Escutai outros testemunhos: “Numa paróquia sede de concelho, a maior parte dos jovens deixam a aldeia após a primeira comunhão, mas os que ficam não vêm a igreja, nem mesmo / (111) nas quatro grandes festas do ano.” Noutro lugar: “não havendo nenhuma disciplina na escola e na família, as crianças são selvagens e sem freio”. - “Quanto aos rapazes, diz um outro relatório, é já difícilimo o pároco tê-los para prepará-los à primeira comunhão. Um bom número trabalha ao Domingo na fábrica de açúcar ou no cultivo dos campos com seus pais. Até no próprio ano que precede a primeira comunhão, não se consegue tê-los regularmente na catequese, nem na missa, mesmo ameaçando-os de lhes recusar a primeira comunhão: é pegar ou largar.” - Aqui, os jovens depois da primeira comunhão tornam-se alheios a qualquer prática religiosa. - Acolá, só voltam raramente a pôr os pés na igreja depois da primeira comunhão. - Um pároco diz que na sua paróquia não há nada a fazer, mesmo junto das crianças, que frequentam os sacramentos só enquanto vão à escola...

- É inútil multiplicar estes testemunhos. Os nossos confrades provaram amplamente que as condições ordinárias do ministério paroquial são insuficientes para assegurar a perseverança dos jovens. Provaram também, por isso mesmo, a necessidade das nossas obras, que dispõem de mil meios para chegar a estes resultados: / (112) atractivos dos jogos, vínculos das associações, incentivo das recompensas, emulação, hábitos de oração, etc.... O trabalho do Domingo não é um obstáculo insuperável. Começai umas reuniões dominicais para os vossos jovens e em breve tereis auxiliares poderosos para alcançar nas vossas paróquias o descanso dominical. Tereis feito compreender aos vossos jovens a necessidade dele, tereis convencido a sua razão, conquistado o seu coração, excitado o seu desejo pelos vários meios de que dispondes e daí a pouco eles suplicarão aos seus patrões que lhes permitam ir à missa. Eles

abandonarão, se for preciso, com o consentimento da sua família, um patrão demasiado exigente. A vossa obra estabelecerá nesse sentido uma corrente de ideias e de bons hábitos que talvez produzirá a reforma da vossa paróquia. Tereis então realizado a ideia que o próprio Sumo Pontífice exprimiu num dos Breves admiráveis com que encorajou as nossas obras. As crianças dessas obras tornar-se-ão, elas próprias, apóstolos nas suas famílias e nas vossas paróquias.

IV - Catecismo da perseverança; Obras de perseverança; Patronatos.

O facto é certo, os nossos relatórios atestam-no: os jovens normalmente só perseveram onde / (113) se realizam catecismos de perseverança. Sem eles, a primeira comunhão é feita e logo esquecida, a semente lançada não germina.

Sem dúvida as dificuldades assinaladas por vós são grandes; a natureza das crianças, os costumes, a educação, o trabalho ao Domingo, tudo parece opor-se ao vosso zelo. Todavia esses catecismos são possíveis, mesmo no campo, e vós nos dais a melhor prova disso, porque as vossas respostas nos assinalam esta actividade numas quarenta paróquias... Foi preciso desenvolver todas as habilidades do zelo, e todos os meios de emulação, criando cargos, distribuindo recompensas, organizando diálogos, conferências, festas a que se convidam as famílias... Se vós não o fizestes ainda, ponde mãos à obra e se gostais de encontrar o caminho já traçado por conselhos e informações práticas, procurai um livro precioso de Dupanloup intitulado: a Obra por excelência, ou conversações sobre o catecismo...

Os catecismos são necessários, mas insuficientes. Para que eles alcancem todo o seu efeito, seria preciso que o dia do Domingo fosse completado com a assistência aos ofícios religiosos e pelas distrações inocentes da família e da amizade cristã... mas tudo isso desapareceu dos nossos costumes. / (114) É para dar remédio a isso que nascem por toda a parte as obras de perseverança. Nas cidades, são os Patronatos ou as Obras de Juventude com uma organização completa, um local apropriado, reuniões todos os Domingos, às vezes uma fundação religiosa especial, e todo um conjunto de instituições, de congregações de zeladores, uma biblioteca, uma caixa económica, um orfeão, festas, cursos e conferências. As nossas cidades principais, S. Quintino, Soissons e Laon, possuem obras importantes que se aproximam deste ideal (idem, Liesse e Sains). No campo, as obras de perseverança são mais simples. Elas têm regularmente como sede a casa paroquial ou a escola livre. Reúnem os jovens durante as tardes de Domingo e

acrescentam ao catecismo de perseverança o que lhe faltava: o atractivo de jogos inocentes, a expansão, o vínculo das associações, bons hábitos de educação cristã... Tudo isso é realizável, e dez paróquias da nossa diocese têm estas obras tão úteis. - Para terminar este capítulo, assinalamos o modelo dos directores de obras para a juventude, e o livro necessário para esses directores; quero falar do M. Allemand, / (115) de santa memória, fundador da obra da juventude em Marselha, e da sua vida, escrita por M. Gaduel, vigário geral de Orléans. Quereis tornar-vos um bom director de obras e fundar uma obra durável, meditai esse livro e fazei dele vosso *vade-mecum*.

V - O meu relatório geral falava depois das Conferências de S. Vicente de Paulo, das Sociedades de socorros mútuos, das associações de música vocal ou instrumental, das sociedades de “archeiros”³¹ ou confrarias de S. Sebastião, das Congregações e confrarias e, finalmente, dos Círculos católicos.

Eu concluía com estas palavras: “Possas esta nossa assembleia erguer sobre estas bases um esplêndido edifício formado por obras numerosas, unidas pelo cimento da religião, pedras vivas, como as da Igreja de Deus que abrangem, desde os alicerces até ao cimo, a juventude, a idade viril, os campos e as cidades, a classe operária e a classe dirigente; casa mística e espiritual, da qual o nosso Senhor Jesus Cristo seja o único e verdadeiro mestre.

- Na verdade, esse congresso não foi estéril. Deixou um fermento que provocou outros congressos e que / (116) fomentou nesta pobre diocese um certo número de obras e uma bastante grande actividade para a difusão da boa imprensa.

ORAÇÃO PÚBLICA

Tínhamos a 12 de Março as orações públicas por ocasião da abertura das Câmaras. Essas orações eram feitas solenemente, com assistência das autoridades, por convite do Ministro dos Cultos e conforme o artigo 1º da lei constitucional de 16 de Julho de 1874. Era a vida social cristã. A natureza e o bom senso ensinam que uma nação deve rezar e prestar homenagem a Deus. Mas desde há vinte anos nós descemos mais baixo dos povos selvagens. O castigo virá; rezemos a Deus para que Ele o suavize.

³¹Nt “Archeiros” é o nome de batalha dos membros da confraria de S. Sebastião”; este santo foi martirizado com flechas que os colegas lhe atiraram com os seus arcos.

JUBILEU

1875! ano do grande jubileu. Pio IX não podia abrir as portas santas de Roma, onde a paz era precária. Todavia ele concedeu o Jubileu a toda a Igreja pela Encíclica *Gravibus Ecclesiae*, de 24 de Dezembro de 1874.

“Os nossos dolorosos tempos seguiram o seu triste curso, dizia Pio IX, e nós chegámos hoje ao 75º ano do séc. XIX, data sagrada que, seguindo o santo costume dos nossos antepassados / (117) e a sábia instituição dos Pontífices romanos, deve ser marcada pela solene celebração do Jubileu universal. Com que religiosa veneração se observava o Ano Santo nessas épocas tranquilas em que a Igreja podia celebrá-lo na forma consagrada, como são testemunhas os monumentos da história, tanto antigos como modernos: na verdade, este ano precioso foi sempre considerado como um ano de expiação, salutar para o povo cristão, como um ano de graça e de redenção, de indulgência e de perdão; de todas as regiões do Universo os peregrinos acorriam em massa a esta cidade santa, a esta sede de Pedro; e todos os fiéis, excitando-se aos deveres da oração, aproveitavam dos meios superabundantes de graça e de reconciliação que lhes eram oferecidos para a salvação das suas almas.

Desta pia e santa solenidade, o nosso próprio século foi testemunha: tais foram, de facto a prontidão e o fervor do povo cristão, quando o nosso predecessor Leão XII, de feliz memória, anunciou o benefício do Jubileu para o ano de 1825, de que este Pontífice pôde felicitar-se pelo imenso e contínuo / (118) concurso de peregrinos que, durante todo o ano, se dirigiram para esta cidade de Roma, e nela se fizeram admirar pela esplêndida manifestação da sua religião, da sua oração, da sua fé, da sua caridade, numa palavra, de todas as virtudes. - Oxalá que hoje a nossa situação e a do mundo civil e religioso fossem tais que, depois de termos sido forçados, pelo deplorável estado dos tempos, a omitir a solene celebração do Jubileu de 1850, tivéssemos este ano a felicidade de realizá-lo conforme os ritos e os costumes que os nossos antigos desde longa data costumavam observar; mas, longe de desaparecerem, as graves dificuldades que nos impediram então de proclamar o Jubileu, ainda se foram agravando dia a dia; Deus assim permitiu. Todavia, pensando dentro de nós mesmos em tantos males com que a Igreja é atormentada, em tantos esforços inimigos que querem arrebatam almas à fé de Jesus Cristo, corromper a sã doutrina e propagar o veneno da impiedade; reflectindo sobre tantos escândalos que são expostos, de todos os lados, aos olhares cristãos; vendo a

devastação que em toda a parte faz a corrupção dos costumes, e as ruínas que amontoa, na sua marcha / (119) invasora, esta horrenda desordem de todo direito divino e humano, cujo efeito inevitável é de expulsar das almas o próprio sentido do justo e do direito; considerando que, numa tal acumulação de males, é, para o nosso cargo apostólico, um dever mais do que nunca urgente amparar e fortalecer a fé, a religião e a devoção, desenvolver e aumentar o espírito de oração, excitar os pecadores a fazer uma sincera penitência e a mudar de vida, velar para que os pecados que mereceram a cólera de Deus sejam expiados por obras santas; pensando finalmente que a celebração do Jubileu tem principalmente como fim produzir todos estes frutos: Pensámos que não devíamos, nas circunstâncias actuais, privar o povo cristão deste salutar benefício, pelo menos na forma que o estado actual das coisas permite, mas que, ao contrário, devíamos dar-lhe de novo por este meio a força espiritual de que precisa para avançar cada dia com mais ardor nos caminhos da justiça, para expiar todos os seus pecados e para obter de Deus uma misericórdia mais fácil e um perdão mais abundante. – Que toda a Igreja militante de Jesus Cristo escute então esta nossa palavra: / (120) Para a exaltação da Igreja, para a santificação do povo cristão, para glória de Deus, nós determinamos, anunciamos e promulgamos, pela duração do ano de 1875, o grande Jubileu universal. Em vista e por motivo deste Jubileu, suspendemos e declaramos suspensa, pela nossa autoridade e pela autoridade desta Sé Apostólica, a indulgência em forma de Jubileu que tínhamos concedido por ocasião do Concílio Vaticano e abrimos o mais largamente possível esse tesouro celeste das indulgências que é formado pelos méritos, pelos sofrimentos e pelas virtudes de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Santíssima Virgem, Sua Mãe, e a de todos os Santos, e cuja plena distribuição nos foi confiada pelo Salvador do género humano...”

As encíclicas de Pio IX eram sempre escritas num estilo nobre e num bonito latim, mas num tom triste. Eram redigidas por Mons. Mercurelli.

Fizemos o Jubileu em S. Quintino, cumprindo as visitas prescritas às igrejas. Fiz o melhor que pude.

O REV. GOBAILLE

O nosso venerável arcepreste, o Rev. Gobaille, morreu no Sábado Santo, 27 de Março, após oito dias de doença. O Pe. Jenner, pregador / (121) da Quaresma, deu-lhe os últimos sacramentos. Eu estava presente a essa morte, que me fez uma grande

impressão. Era um santo sacerdote e morreu santamente, mas quem estava à sua volta não o ajudou por nada. Pensava-se mais em fazer-lhe pôr em ordem os seus assuntos materiais do que sugerir-lhe pensamentos sobrenaturais. Ele era o meu confessor mais do que meu director. Não tinha ideias muito largas, mas tinha a fé, a simplicidade e o espírito de mortificação do velho clero. O seu mote era: “*Deus somente*” e realizava-o. A sua vida foi escrita pelo Rev. Poindron com o título: “O santo sacerdote descrito por ele mesmo”. Esta biografia baseia-se especialmente em apontamentos e cartas do Rev. Gobaille. É edificante como uma vida de santo.

O Rev. Mathieu, segundo vigário, sucedeu-lhe. Foi instituído solenemente a 7 de Maio. Ofereceu um almoço no hospital, para o qual convidou a administração da cidade e os liberais. Era um espírito muito diferente do Rev. Gobaille. Era homem do mundo, director muito apreciado pela boa sociedade e hábil administrador.

Tomou consigo para a casa paroquial o Rev. Genty, primeiro vigário. Fez-me nomear segundo vigário e director do Vicariato. O Rev. Mignot tinha sido nomeado pároco de Beaurevoir. Ocupei o quarto do Rev. Mathieu no Vicariato.

OS CÍRCULOS

Em Abril, eu tinha ido a Paris para a Assembleia dos Círculos. Que vida havia então nessas reuniões! Éramos entre 500 e 600. Procedia-se um pouco militarmente. Os relatórios da zona eram como documentos do Estado-Maior. Lá estava naturalmente a nata da França Católica. A maior parte eram monárquicos; e se o conde de Chambord tivesse chegado ao poder, teria encontrado aí os quadros da sua administração e do seu exército. Depois do voto da constituição republicana, toda essa gente deveria ter-se unido, mas era pretender o heroísmo.

RELATO DA VIDA DO PATRONATO - 13 DE JUNHO

A 13 de Junho, grande sessão no Patronato. Debaixo de uma tenda, no pátio, tínhamos o Governador civil e toda a aristocracia da cidade. Eu li este relatório:

Senhor Governador Civil,

Senhor Arcipreste,

Senhoras e Senhores,

Vós sabeis que, nas obras, somos sempre levados a olhar para a frente e raramente temos tempo de parar para medir com o olhar o espaço percorrido e para descrever os / (123) detalhes da caminhada.

Certos de que estamos na boa estrada, desprezamos o método dos teóricos estéreis que cada dia imaginam um novo plano de reforma social e nunca chegam à prática.

Todavia não podemos recusar-nos a apresentar-vos, a intervalos certos, o conjunto do nosso trabalho, o fim da nossa acção, o seu andamento e os seus progressos, não para satisfazer uma vã complacência, mas para avançar um degrau na vossa simpatia e para vos assegurar a continuação da vossa benevolência e da vossa generosa ajuda.

É a tarefa que eu empreendo, com a esperança de fazer esquecer os defeitos pelo mérito da concisão.

I - *O nosso fim* - Permitam-me em primeiro lugar que vos relembre brevemente o nosso fim. Muitas pessoas se enganam neste ponto e imaginam que nós temos a única ambição de fazer brincar honestamente algumas crianças ao Domingo. Nós elevamos o nosso olhar mais para o alto. O nosso fim é a salvação da sociedade pela associação cristã. Convidamos a classe dirigente a cumprir para com o operário o seu dever de direcção e de protecção que ela tem/ (124) esquecido demasiado. - Muitas vezes vós exprimistes a vossa tristeza à vista do nosso estado social. Lamentastes o desvario dos espíritos, enganados por doutrinas perversas e a corrupção dos corações entregues ao ódio e à devassidão. As nossas obras têm a pretensão justificada de levar remédio a todos esses males. Os nossos jovens alimentam-se aqui de doutrinas sãs, de sentimentos caridosos, de pensamentos de união e de dedicação. Os que são verdadeiramente nossos e que viveram suficientemente a nossa vida, não são somente cristãos sólidos, mas sabem também praticar as virtudes cívicas e privadas. Sabem fazer justiça a cada um. São temperantes e moderados nos seus desejos e têm a força de alma que faz os homens de energia e de sacrifício. Feliz a nação que tivesse só súbditos desses!

É, portanto, uma obra social a que nós fazemos e foi isso que nos valeu os mais preciosos estímulos. É para louvar e abençoar os nossos esforços que o Sumo Pontífice nos escrevia: “Nós felicitamos a sociedade civil que vê assim tantos adolescentes e jovens, não só arrancados ao campo dos seus adversários, mas também preparados para a sua defesa e agora dispostos a preparar-lhe uma geração laboriosa, honesta e

virtuosa". Sim, será exactamente esta / (125) a característica desta geração. Ela será laboriosa e não sacrificará a um repouso doentio os mais preciosos dias da semana. Será honesta, levando na sua frente tal testemunho. Será virtuosa, porque desenvolve todos os dias no seu coração o espírito de sacrifício e de entrega.

- A sociedade toda inteira emocionou-se então, e com razão, com o movimento criado por estas obras. Ela examinou-as e quando viu o bem que elas fazem e as esperanças que trazem à pátria, veio ao encontro delas.

- Foi assim que os homens mais distintos e os mais eminentes tomaram gosto em conhecer estas obras e em presidir às suas festas. Magistrados, governadores civis, generais, prodigalizaram-lhes as suas felicitações e os seus encorajamentos; e hoje mesmo, estamos contentes e gratos por ter entre nós os honrados representantes da autoridade civil e religiosa no distrito e na cidade.

- E entre estas provas de benevolência que nos são dadas, poderia eu deixar de frisar a insigne honra que o nosso amado Pontífice Pio IX acaba de outorgar ao nosso amado Presidente. Certamente, ele tinha mil direitos a este favor, mas nós somos autorizados / (126) a acreditar que a sua dedicação à nossa obra foi também tomada em consideração e estamos particularmente sensibilizados por isso. A Pio IX portanto a nossa gratidão e honra ao seu cavaleiro.

Eu contava ter de agradecer ainda hoje a um representante desses outros cavaleiros da dedicação e da fé, a um desses nobres oficiais que tão generosamente consagram os seus curtos tempos livres a propagar essas obras de prevenção e de vida cristã, que se chamam os Círculos católicos de operários. O dever chama-os a outros lugares e priva-nos do seu concurso. O Sr. Comandante La Tour du Pin, anunciado nos nossos convites, está retido em Paris pelo desfile militar que deve ter lugar hoje mesmo. - Mas o adágio popular será uma vez mais justificado: Há males que vêm por bem. O Sr. Cavaleiro Leão Harmel, o devotado patrão da fábrica de Val-de-Bois, o zeloso propagador das obras cristãs e económicas, o amigo dos operários, cujo grande coração esteve à altura das mais duras provas, quando o incêndio devorou as suas oficinas no ano passado, o Sr. Leão Harmel fez questão de submeter-se ao cansaço duma longa viagem / (127) para vir falar-nos da Obra dos Círculos. O seu nome é-vos conhecido e é desde há muito que admirais as suas obras. A sua generosidade de hoje apertará ainda mais os laços de simpatia que já são antigos.

II - Os nossos meios. - A forma das nossas associações é o círculo. Mas esta palavra que deve já uma certa nobreza à adopção que dela fizeram vários institutos científicos, literários, artísticos, industriais ou outros, receberá das nossas fundações um valor e uma dignidade nova.

As nossas obras são instituições complexas, que procuram responder, ao mesmo tempo e na medida do possível, a todas as necessidades do operário, aos seus interesses religiosos, intelectuais e práticos. - Eles têm mais do que um aspecto das antigas confrarias e corporações, sem apresentar nenhum dos seus inconvenientes. Do lado religioso, temos o nosso modesto santuário já querido aos nossos jovens pelas piedosas emoções que nele experimentaram. Temos as cerimónias e as instruções do Domingo e, para os que têm o gosto mais vivo pela piedade, temos associações livres, das quais a conferência de S. Vicente é a mais viva e numerosa. - Quanto às vantagens intelectuais, tivemos aqui menos a fazer do que em muitas / (128) cidades, graças aos cursos elementares e especiais organizados pela Câmara Municipal e pela Sociedade industrial. Completamos esta acção com uma biblioteca, com conferências e com a própria escolha de todas as ocupações e de todos os recreios da casa, que tendem a desenvolver a inteligência em vez de a deixar a rastejar na terra das distrações ordinárias de um operário. - Para os interesses práticos dos nossos associados, temos uma caixa económica que reclama cada Domingo o seu modesto supérfluo e uma espécie de agência de emprego que nos permite muitas vezes contentar simultaneamente os patrões e os operários, pondo-os em contacto quando isso lhes pode ser útil.

- Seria aqui o lugar de vos descrever com algum pormenor a vida interna da casa, se isso não tivesse sido feito com tão feliz cuidado por um dos nossos dignos secretários (o Sr. Plusanski), num relatório que todos vós tivestes nas mãos. De resto o pequeno entremez que vem anunciado no programa e que os nossos jovens vos interpretarão em breve, apresentará ao vivo esta vida de associação. Tereis somente a bondade de perdoar a este diálogo o facto de se ter enganado na estação, pois ele vos mostrará / (129) a festa dos Reis Magos, seis meses depois da sua data. Embora ele tenha a forma de um *improptu* (nt = improvis) imaginado por alguns jovens do Círculo com grande espanto dos seus companheiros, ele é devido à pena experimentada de um *gentleman* de Béziers, o Sr. de Lautrec, que se dedicou ao ponto de fazer-se director dum Círculo de Operários...

III - *A política.* - Seria preciso todo o espírito de Molière para descobrir o motivo que leva certos escritores a acusar-nos todos os dias de fazermos política. É claro quero fundo, eles queriam fazer-nos representar o papel de Esganarel para nos granjear a vantagem de receber bordoadas. Em vão lhes repetimos que estamos alheios à política e que todos os nossos esforços tendem unicamente a moralizar a juventude. Eles têm escondida alguma (???) intenção muito mal justificada, pois nós nunca espancámos ninguém. E se nós não estivéssemos prevenidos, eles far-nos-iam representar o papel de políticos contra a nossa vontade, com o risco de nos colocar, como o pobre lenhador de Molière, em perigo próximo de sermos enforcados. - “Médico, repetia Esganarel, eu não sou médico nem nunca o fui.” - “Senhor, mais uma pancada, retomava / (130) o interlocutor obstinado, peço-vos para confessar o que sois” - “Senhores, repetia o lenhador, numa palavra como em duas mil, eu vos afirmo que não sou mesmo médico”.

- É o jogo que nos obrigam a jogar os Valérios e os Lucas dos nossos dias. - “Senhores, repetir-lhes-emos sempre, numa palavra como em duas mil, eu vos afirmo que nós não fazemos política...”

IV. *Algumas dificuldades.* Para dizer a verdade, depois de expulsar de nós a objecção sobre a política, as nossas obras não encontram mais críticas sérias. -O que são duzentos ou trezentos jovens, arriscam ainda alguns, relativamente à nossa população? O quer dizer, num estilo menos cerimonioso, “As vossas obras atingem tão pouca gente que não vale a pena serem consideradas.” - Vós pensais, como eu, que esta objecção tem falta de seriedade. Poder-se-ia responder que são 200 ou 300 almas a crescer, a expandir-se, a purificar-se, não são um proveito a desdenhar. Poder-se-ia acrescentar que a sua boa influência estende-se indirectamente a outras tantas famílias, que um bem maior número de jovens passa pela obra e, embora não se tornando perfeitos, nela colhem alguns bons sentimentos. Mas eu gosto mais de virar o argumento / (131) contra aquele que o apresenta e dizer-lhe: duzentos jovens constituem uma ninharia desprezível; dedicai-vos então a esta obra, ajudai-nos com a vossa influência, com o vosso zelo, com a vossa bolsa, e nós teremos prontamente um segundo círculo e em breve teremos patronatos nas periferias, e então o resultado dos vossos esforços valerá a pena. E contaremos mil ou dois mil protegidos.

Uma outra dificuldade resulta do facto de que certas pessoas possuidoras duma grande fortuna julgam dever deixar só aos industriais o cuidado de favorecer as obras operárias. Claro que os patrões têm, até certo ponto, responsabilidade pelas almas. Eles

exercem em relação aos seus operários uma espécie de paternidade e devem velar pelos seus interesses morais e religiosos, como pelos seus interesses materiais. Mas não há também um dever social para todos os que dispõem da riqueza, da ciência e da autoridade, de fazê-las servir ao bem de todos, especialmente quando há um verdadeiro perigo público e uma necessidade urgente? E se a voz da religião e da pátria não falasse bastante alto, não há o interesse de todos nós na conservação da ordem social, interesse mais urgente do que por vezes se pensa?... / (132)

V - *Os nossos progressos.* - Nós progredimos bastante depressa na realidade, demasiado lentamente segundo os nossos desejos, mas constantemente e regularmente. Desde o começo erguemos um edifício bastante vasto, falo do edifício moral, com algum receio de ver os ventos e as tempestades sacudir estas estruturas unidas por um cimento mole e novo. Hoje o edifício é sólido, o cimento endureceu, e as tempestades já não conseguiriam infligir-nos senão brechas reparáveis. Para falar sem metáforas, a obra tem o seu espírito e os seus hábitos formados. Os seus membros estão unidos entre si e à sua associação por cem laços de razão, de afecto, de amizade, de coração e de piedade. A obra tem agora o seu espírito, ou, se preferis, a sua alma, pois que ela é um corpo moral, e cem elementos novos podem entrar no seu organismo sem mudar a sua vida própria. É esse o maior progresso da obra e a sua maior garantia de futuro. Os outros progressos são somente os corolários deste. O número dos associados vai aumentando sempre mais. Contamos no Patronato com 250 inscritos e no círculo com 160, o que soma para as duas agregações mais de 400 sócios. Poderíamos queixar-nos, como nas outras cidades, duma / (133) excessiva mobilidade nos nossos quadros. Um grande número de crianças e de jovens passam pela obra mas não permanecem. Deixam-se arrastar pelo respeito humano, por hábitos ou relações já formados. Todavia constatámos que a mais pequena permanência entre nós deixa fortes impressões no coração dos nossos jovens. Os desertores voltam mais tarde para nós. Eles encontraram alhures alegrias que lisonjeiam demasiado os sentidos, mas que deixam depois a amargura na alma. Quando estão decepcionados dos prazeres nocivos, eles voltam para, nós felizes por serem novamente admitidos a saborear as alegrias mais doces e mais puras do Círculo ou do Patronato. Por vezes o seu afastamento é devido a melhores motivos. Há várias fases na vida do jovem. Entre a idade da infância e a da mocidade, há o período da adolescência que é como um tempo de transição. Nessa idade, que vai dos 15 aos 16 anos, o carácter transforma-se. Os jogos da infância deixam de agradar. O movimento, a

barulheira, as travessuras do Patronato desagradam a quem vê já os seus lábios sombreados por uma ligeira penugem. Para esta idade, dos 14 aos 16, o Círculo não está / (134) ainda aberto; isso teria os seus inconvenientes. Precisaríamos, como noutras cidades, de salas especiais chamadas «dos meios-grandes»...

Todas as instituições complementares à obra estão também em progresso. Em primeiro lugar está a Caixa económica, que desde a sua fundação recebeu 13.000 depósitos, formando um total de 6.200 francos. Os nossos jovens depositantes não têm ainda em vista a finalidade da sua condição futura. Eles economizam para um termo mais próximo, muitas vezes para comprar um fato; alguns até ao dia em que a miséria do lar paterno lhes pedirá o sacrifício heróico do seu modesto capital. Os reembolsos por estes diversos motivos elevaram-se ao total de 3.500 francos. Restam portanto em caixa 2.600 francos. Gosto de assinalar aqui um procedimento já adoptado por vários patrões, que consiste em dar como recompensa aos seus aprendizes uma soma a depositar na nossa Caixa económica, com a condição de que eles só poderão tocar-lhe após um ano de assiduidade à obra.

Outro progresso recente e realmente considerável, é a organização da nossa casa de família. Nós tínhamos sofrido cruelmente por ver excelentes rapazes vindos do campo para aprender um ofício ou para se formar no comércio, perder todo o encanto da sua simplicidade e dos seus bons hábitos / (135) pela permanência de alguns meses num mau quarto mobilado. Construámos então e pusemos à disposição alguns quartinhos no sótão. Estes jovens tomam parte nas diversas reuniões da casa, e se há alguma coisa que possa compensar a vida de família à qual foram arrebatados pelas necessidades sociais, é a concórdia com a autoridade tutelar e a doce amizade que eles encontram aqui. Esta é outra iniciativa que se desenvolverá segundo a medida da vossa generosidade.

VI - *As nossas finanças.* - Eis-nos no capítulo do orçamento. Começo por dirigir mil agradecimentos às pessoas generosas que nos ajudaram tão copiosamente desde o princípio da nossa obra. Tivemos a felicidade de obter o concurso de toda a cidade, e de maneira especialíssima nestes últimos meses, as famílias que foram provadas por algum luto cruel procuraram com razão consolar-se pela consciência do bem cumprido e assegurar-se os favores de Deus, colocando-nos em condições de fazer vir a Ele as crianças.

A linguagem dos números é muito árida para um dia de festa, por isso, evitarei desenvolvimentos. Eis, em duas palavras, os principais dados do nosso orçamento. De há três anos para cá, conseguimos, / (136) multiplicando os nossos apelos e procurando fora da cidade uma parte notável dos nossos recursos, saldar a nossa construção, o mobiliário e as despesas correntes, cerca de 30.000 francos. Resta-nos, para assentar definitivamente esta obra, pagar o terreno, ou seja 20.000 francos, mais as despesas. Este peso poderia espantar-nos se tivéssemos pouca confiança na Providência. Mas há outra preocupação que nos pesa muito mais, é a insuficiência dos nossos locais. Cada domingo nós sofremos pelo seu acanhamento. A mocidade precisa de ar e de espaço. As salas do círculo em particular precisariam de ser o dobro. No próximo Inverno será uma dor de coração recusar cada dia pedidos de admissão por falta de lugar para acolhe-los neste asilo de religião, de sabedoria e de felicidade. Precisamos de um local mais vasto e não queremos pensar que ele nos faltará por muito mais tempo. A Providência dispensa favores aos homens de fé. Conheci há tempos um homem de obras cujo zelo faz milagres, D. Bosco, sacerdote de Turim, que fundou, sem recursos pessoais, vastos orfanatos nos quais cria, instrui e forma para o trabalho milhares de crianças. / (137)

Ultimamente, esse homem de Deus caminhava tristemente, numa tarde, na praia de S. Pedro-d'Arena (S. Pier d'Arena), populoso subúrbio de Génova-a-Soberba, procurando no seu espírito os meios para fazer face às exigências de um credor insistente, quando imprevistamente lhe apresenta um velhinho cujo aspecto revelava tudo menos opulência. - Não sois vós D. Bosco? Diz o desconhecido. - Sim meu amigo, para vos servir, respondeu o venerável sacerdote aprestando-se para dar-lhe o seu último escudo. - Muito bem! Tome isto, meu padre, e queira rezar por mim. - E com estas palavras, a misteriosa figura desapareceu, deixando D. Bosco estupefacto com tal encontro. O embrulho entregue era um envelope contendo dezanove notas de mil francos.

Surpresas tão agradáveis são raras, mas contamos com a ajuda generosa de todos, para chegarmos ao resultado desejado.

VII - *Aos jovens*. - Para terminar, meus amigos, é a vós que vou dirigir-me. Vedes aqui hoje toda a sociedade, nos seus representantes mais autorizados, vir encorajar-vos, vir interessar-se pelo vosso progresso moral, pelas vossas alegrias, pela vossa felicidade. A esta prova de simpatia e de dedicação, vós respondereis com a vossa gratidão e com o vosso zelo / (138) por esta obra que será o amparo da vossa juventude. Vós estais na idade em que os espíritos se consolidam, em que os caracteres se temperam, em que as

faculdades se desenvolvem. Esta idade tem os seus perigos que só se podem enfrentar com o auxílio de uma educação cristã. Vinde assiduamente receber nas nossas reuniões os conselhos da religião. É na vossa idade que é importante submeter-se às influências mais salutares, enquanto a imaginação tem toda a sua frescura e toda a sua vivacidade.

Vós amais a animação e o entusiasmo; encontrareis isso aqui. Não procureis noutras partes uma super excitação febril. Aqui o sangue circula rápido e quente, mas sem febre. É o ardor que fortifica, não o que consome. E quando tiverdes passado alguns anos nesta atmosfera de vida cristã e pura, medireis em toda a sua extensão a mudança que se terá feito em vós; sentireis com surpresa a vossa inteligência consolidada, as vossas vistas rectificadas, o vosso coração dilatado; mais felizes do que tantos outros cujas boas qualidades não puderam florescer sem cultivo nem amadurecer por falta de sol. Vós estais no caminho da verdade, da alegria e da honra; não vos desvieis dele; sede sempre fiéis...”

- Estes relatórios são a minha vida. Eles caracterizam os meus trabalhos, as minhas preocupações e as minhas consolações. / (139)

O SAGRADO CORAÇÃO

Este ano de 1875 ficará como um dos grandes anos do Sagrado Coração. Pio IX pediu-nos para fazer a consagração ao Sagrado Coração de todos os fiéis, a 16 de Junho, data da grande revelação a Margarida Maria.

Mons. Dours anunciava-no-lo nestes termos: “De há longo tempo, e especialmente nestes últimos anos, dirigiam-se de toda a parte ao Sumo Pontífice vivas súplicas para que tivesse por bem consagrar solenemente a Igreja universal ao Sagrado Coração de Jesus. Via-se nesta consagração uma garantia certa de salvação para a Igreja e para a sociedade.

Embora profundamente comovido por estas pias demonstrações de confiança e de amor para com o Sagrado Coração, o Santo Padre, na sua alta sabedoria, não julgou oportuno até agora dar plena e inteira satisfação a votos que pareciam tão bem fundados. Todavia, na sua paterna solicitude, ele soube encontrar a maneira de conciliar a reserva que julga dever impor-se com os desejos que lhe eram expressados. É por isso que, em vez de consagrar ele próprio toda a Igreja ao Sagrado Coração em virtude da sua autoridade suprema, ele convida hoje todos os fiéis a consagrarem-se em seu próprio /

(140) nome a este Divino Coração pela reza duma fórmula única..., e para encorajar-nos, promete-nos que encontraremos neste Coração adorável um abrigo seguro contra os perigos que nos ameaçam, a paciência nas provações que assaltam a santa Igreja, e a consolação com a confiança entre todas as contrariedades da vida presente. Ao mesmo tempo, o Santo Padre quis dirigir-nos em acto de consagração, composto expressamente para esta circunstância e adaptado às necessidades do momento.”

Copio este acto, renovando-o com todo o coração.

Acto de consagração ao S. Coração de Jesus, aprovado por decreto da S. Congregação dos Ritos, a 22 de Abril de 1875.

Ó Jesus, meu redentor e meu Deus! Apesar do grande amor que tendes para com os homens pela redenção dos quais derramastes todo o vosso precioso sangue, Vós recebeis deles pouco amor, e mesmo eles vos fazem tantas ofensas e ultrajes, especialmente com as blasfémias e a profanação dos dias que vos são consagrados! Oh, possa eu dar ao vosso Coração divino alguma satisfação, possa eu reparar tanta ingratição/ (141) da parte da maioria dos homens que vos desprezam! Queria poder provar-vos quanto amor e culto desejo dar a esse adorável e terno Coração, em presença de todos os homens, e contribuir o melhor que puder para o aumento da Sua glória. Queria também obter a conversão dos pecadores e sacudir a indiferença de tantos outros que, embora tenham a felicidade de pertencer à vossa Igreja, não tomam porém a peito os interesses da vossa glória e da mesma Igreja que é vossa esposa! Queria, ao mesmo tempo, que esses mesmos católicos, que não deixam de se mostrar tais por muitos actos exteriores de caridade, mas que, demasiado obstinados nas suas opiniões, recusam submeter-se às decisões da Santa Sé, e alimentam sentimentos condenados pela sua autoridade doutrinal, - eu queria que esses católicos voltassem ao bom caminho convencendo-se de que os que não escutam em tudo a Igreja, não escutam o próprio Deus que está com ela. - Para obter esses abençoados fins, e mais, para obter o triunfo e a paz definitiva da vossa Esposa Imaculada, a felicidade e a prosperidade do vosso Vigário nesta terra e para ver as suas santas intenções / (142) realizadas, e ao mesmo tempo para que o clero se santifique sempre mais e vos sirva como Vós desejais; por tantos outros fins ainda que vós, ó meu Jesus, sabeis serem conformes à vossa divina vontade, e que, de qualquer maneira, produzem a conversão dos pecadores e a santificação dos justos, para que todos alcancem um dia a salvação eterna das suas almas, e finalmente, porque eu sei, ó meu Jesus, que com isso faço um acto agradável ao

Vosso Santíssimo Coração: prostrado aos vossos pés, em presença da vossa Santíssima Mãe e de toda a corte celeste, reconheço como um acto de justiça e de gratidão que vos pertenço inteiramente e unicamente a Vós, Jesus Cristo meu redentor, única fonte do bem do meu espírito e do meu corpo, e, unindo-me às intenções do Sumo Pontífice, eu me consagro, a mim e a tudo quanto me pertence, a este Sagrado Coração, que quero amar e servir com toda a minha alma, com todo o meu coração, com todas as minhas forças, fazendo minha a vossa vontade e unindo todos os meus desejos aos vossos desejos. Como testemunho público desta consagração que faço de mim mesmo, declaro solenemente a Vós, ó meu Deus, que quero no futuro, em honra desse mesmo Coração, observar seguindo as / (143) leis da santa Igreja as festas prescritas e fazê-las observar igualmente pelas pessoas sobre as quais eu tenho influência ou autoridade.

Unindo assim todos estes santos desejos e todas estas santas finalidades no vosso amável Coração, tais como a vossa graça mos inspira, tenho a confiança de poder dar a esse mesmo Coração uma compensação pelas demasiadas injúrias que Ele recebe dos filhos ingratos dos homens, e de poder encontrar para a minha alma, e para as almas dos meus próximos, a minha e a sua felicidade nesta vida e na outra.

Ámen!

Foi uma festa bonita no Patronato. Nós amávamos tanto o Sagrado Coração! Na mesma ocasião, fundei o Apostolado da Oração. Os mais fervorosos inscreveram-se. Pedi um diploma da agregação a Tolosa.

LEGISLAÇÃO CRISTÃ

As nossas Câmaras apressavam-se em dar-nos algumas leis reparadoras, que recolocavam Deus no seu lugar de honra. As Universidades católicas obtinham o direito de se constituírem. Eu tinha dado o meu fraco concurso, desde há cinco anos, a todo o movimento criado pelo P. d'Alzon e pelo M. Hautcoeur. Fizeram-se novas instâncias para me terem em Lille, mas eu fiquei fiel à direcção do P. Freyd. / (144) Outras leis tinham admitido os sacerdotes a tomar parte na administração dos hospícios, das obras de beneficência, dos liceus; mas tudo isso iria ter uma duração efémera.

RETIRO. ORATÓRIO DIOCESANO.

De 17 a 22 de Agosto, tomo parte no retiro eclesiástico, no seminário de Soissons. Durante esses poucos dias de reflexão, confirmo-me ainda mais na ideia de procurar uma mudança de situação. Estou demasiado atarefado em S. Quintino, tenho aí demasiadas obras. Tinha adquirido no seminário a inclinação e o hábito da vida interior. Sofro pela minha agitação actual. Estou dominado pelas ocupações, não consigo reservar suficientemente os momentos de recolhimento que me são necessários.

Em cada dia do retiro, temos uma breve reunião do Oratório diocesano, onde tenho a função de secretário. Estamos presentes só nove: R. Frion, deão; R. Petit, pároco de Buironfosse; R. Legrain, pároco de Gandelu; R. Petit, pároco de Montigny; R. Déjardin, pároco de Mont-Notre-Dame; R. Luzurier, pároco de Audigny; R. Caron, deão de Coucy, R. Marchal, professor em S. Léger, e eu. Os RR. Leleu e Lemaire, vigários em S. Quintino, e o R. Rasset vigário de Sains, não puderam vir ao retiro. / (145)

Estes senhores edificam-me, são sacerdotes exemplares. O R.P. Dorr, de Laon, e o superior do seminário de Soissons interessam-se pela nossa obra e farão propaganda dela.

Fui reeleito conselheiro e secretário. Todos os antigos fazem a se compromisso de estabilidade, na pequena capela de S. José. Renovamos a nossa assinatura aos Estudos eclesiásticos, publicados pelo R. Lebeurier. Esta pequena revista edificou-me durante vários anos.

CONGRESSO DE REIMS (23-27 de Agosto de 1875)

O congresso da União das Obras, em Reims, foi um verdadeiro sucesso de entusiasmo. Acreditávamos todos num despertar definitivo da vida social cristã em França. Mas as renovações sociais não andam tão depressa. Assistíamos a um grande desabrochar da virtude da caridade. Isso não bastava. Havia na vida social umas injustiças latentes de que não nos dávamos bem conta. Era a consciência social que devia ser totalmente refeita, e isso custaria tempo e canseira. A Santa Sé estava na mesma ordem de ideias que nós. Ela não tinha ainda examinado e aceitado um programa de regeneração social popular. Pio IX escrevia-nos depois do Congresso: “As vossas obras / (146) são um benefício insigne para a religião, para a família, para a pátria, contra

as quais tantas forças (os grupos operários) se reuniram para atacar. Por isso se, pelos vossos cuidados, tantos homens formados à vida cristã aprendem a amar a Deus, a guardar a honestidade nos costumes, a respeitar a autoridade, a obedecer aos patrões, a aceitar sem murmurar a própria condição, a não invejar ninguém, e assim trabalham para a manutenção dessa ordem que os outros teriam destruído, essa obra deve ser considerada como uma obra tão santa, tão nobre, tão útil que seria quase impossível, nas circunstâncias actuais, conceber outra mais elevada...”

Manifestamente, Pio IX estava entusiasmado como nós. E contudo, todas essas obras eram frágeis e insuficientes, porque elas não iam bem ao fundo das coisas. O Direito natural era violado pela organização económica geral. Um programa de reforma social só começava a esboçar-se no Comité de estudos da Obra dos Círculos e nos primeiros escritos do grande bispo de Mayence, Ketteler.

Éramos mil no Congresso de Reims, dos quais 80 eram da diocese de Soissons. / (147) O movimento na nossa diocese estava bem lançado.

Mons. de Ségur, adoentado, não pôde vir presidir. Foi o P. Vicente de Paulo Bailly que o substituiu. Ele obteve um completo sucesso, pela sua bela inteligência e o seu espírito parisiense.

A primeira comissão tratou dos Secretariados diocesanos e dos seus trabalhos; a segunda, das assembleias diocesanas, da sua utilidade e do seu modo de organização; da propaganda das obras operárias nos seminários maiores e nos colégios católicos; da propaganda da União e das publicações do Secretariado central; da Obra dos Círculos e da Obra da Adopção. A terceira: dos Círculos de operários e dos Círculos de empregados. A quarta: das Obras de Juventude. A quinta: das Obras de ensino e das boas leituras. A sexta: das Obras da Fábrica. Havia também reuniões de capelães militares e palestras entre sacerdotes.

Alguns relatórios deixaram-me uma lembrança inolvidável: os do P. Gremer-Durand, sobre o concurso dramático, do Conde de La Tour du Pin sobre a Obra dos Círculos; do R. Vagner, sobre uma obra rural da diocese de Nancy; do R. Fernique, sobre as projecções; do P. / (148) de Boylesve, sobre as boas leituras; do P. Marquigny, sobre a corporação operária.

Eu fiz o relatório da segunda comissão sobre as Assembleias diocesanas. Eis o que dizem sobre ele as actas:

“A segunda comissão devia ocupar-se ela também, dos grandes interesses da União. Em primeiro lugar vieram as *Assembleias diocesanas*, de que falávamos há pouco e que são tão úteis, como o demonstrou perfeitamente o R. Dehon, de S. Quintino; elas propagam, de facto, sobre toda a França, a impressão e o entusiasmo do Congresso geral; elas dão aos interesses e às necessidades regionais a atenção que o Congresso não lhes pode dar; elas conservam e desenvolvem o espírito diocesano e, finalmente, elas fazem entrar cada vez mais o movimento das obras na hierarquia católica.

O trabalho do R. Dehon será o *vade-mecum* dessas Assembleias, como o relatório do R. Vagner no Congresso de Lyon se tornou o dos Secretariados diocesanos: por isso nós o recomendamos dum modo especialíssimo à atenção dos nossos leitores...”

Mons. Langénieux presidiu a todas as reuniões gerais e cativou-nos com a sua graça e a sua admirável distinção.

O primeiro Congresso Geral em Nevers, 1871, / (149) reunira 75 membros; o de Poitiers em 1872 atraía já 350; os de Nantes, de Lyon e de Reims contavam com um milhar.

A acta exprime bem o nosso entusiasmo:” Durante esta semana, passada à sombra da antiga catedral de Reims, vimos a fé cristã retomar o seu ardor e o nobre entusiasmo de outrora; a caridade, essa virtude tão francesa, decuplicar a sua actividade e as suas forças; e sentimos passar, sobre este admirável congresso, um poderoso sopro de esperança, que nos anunciava o triunfo próximo da Igreja e a regeneração da pátria. E este espectáculo imponente do despertar da fé e do regresso dum povo a Cristo Libertador, quanta majestade e quanta eloquência renovava das lembranças do passado, que encontram em Reims a sua mais completa e a sua mais admirável expressão! A França de Clovis, de S. Luís, de Joana d’Arc e de Luís de XIV estava lá, e parecia encorajar os esforços heróicos da França do séc. XIX, mostrando-lhe as suas glórias e os seus esplendores demasiado esquecidos e, sobretudo, as maravilhas da sua civilização gerada pelo cristianismo. Após / (150) a aproximação que ela nos ajudou a fazer entre o passado e o presente, já não nos é permitido duvidar da eficácia das Obras operárias, já não nos é permitido procurar alhures a salvação do país! São estes grandes pensamentos, é a convicção de ter sido testemunhas da *renascença cristã*, é a felicidade de ter sido pelo menos um dos mais obscuros artífices desta obra imortal, que nos enche dum profunda emoção. Era assim que deviam estar emocionados, estamos convencidos

disso, os cristãos que viram S. Remígio baptizar Clovis, os Franceses que viram Joana d'Arc na sagração de Carlos VIII! “

Estes sentimentos do R. Camille Rémont eram os sentimentos de todos nós. Na verdade, durante os poucos anos de prosperidade que seguiram à guerra, os operários eram mais acessíveis. E depois, toda a nação estava ainda sob a influência da grande provação de 1870. A má imprensa era mais tímida. Mas com as dificuldades económicas, o socialismo ia retomar crédito. Os católicos deviam compreender que a caridade não bastava, e que deviam iniciar-se aos problemas da justiça social e preparar um projecto de reformas. / (150bis)

CHÂLONS- ARQUEOLOGIA

Durante o congresso de Reims, realizava-se em Châlons a reunião anual da Sociedade francesa de arqueologia, sob a presidência do meu amigo Leão Palustre. Escapuli-me de Reims um dia para ir passar lá algumas horas com Palustre e visitar com ele as belas igrejas de S. Estêvão e de S. João, que marcam a grande vida cristã desta cidade do séc. XII ao séc. XVI; e a encantadora igreja de Notre-Dame-de-l'Epine, no campo. A venerável estátua encontrada numa moita de espinhos cerca do ano de 1400 era querida a Luís XI, e às populações dessa região hoje tão indiferente. O séc. XV ergueu aí uma igrejinha que é graciosa como um relicário e que lembra o estilo florido de Burgos e de Brou-en-Bresse.

Eu continuava a receber o Boletim monumental, mas já não tinha vagar para me ocupar de arte ou de arqueologia.

ANTIGOS ALUNOS DE ROMA

Os antigos alunos de Santa Clara tinham sido convocados para uma reunião no Seminário do Espírito Santo, na rua do Correio. Lá fui. Voltei a ver com grande prazer / (151) alguns anciãos, o R. Désaire, o R. Poiblanç e outros. Rapidamente ficaram formadas duas secções, conforme as nossas competências: secção dos estudos, secção das obras; na primeira, os professores de seminários; na segunda, os padres dados ao ministério. Em suma, estes encontros não são nada práticos. Nós passámos por Roma em épocas diferentes, na maior parte somos desconhecidos uns dos outros, e para mais, as nossas obras são tão diferentes, de Bayonne a Estrasburgo e de Cambrai a Nice!

Eu estava sempre tão preocupado com a minha vocação religiosa que por um momento perguntei a mim próprio se não entraria nos Padres do Espírito Santo; mas eu estava preso a S. Quintino pelas minhas obras.

SECRETARIADO DIOCESANO

O Secretariado Diocesano, era sobretudo o R. Jullien, o R. Guillaume e eu. Tivemos nesse ano uma actividade bastante grande. Foi preciso primeiramente preparar o congresso, fazendo o nosso pequeno inquérito diocesano. Organizámos a reunião de Liesse, escrevemos, publicámos e difundimos o volume das Actas. Convidámos ao Congresso de Reims e correspondemo-nos com um bom número de párocos ou vigários que queriam tentar pequenas obras. Procurámos-lhes / (152) documentos do Secretariado Central e demos informações. Parece-me que a nossa acção não foi estéril e que despertou o zelo de muitos. As quotas do Congresso e a venda das Actas bastaram para cobrir as nossas despesas, com mais algumas subscrições.

COMITÉ PROTECTOR

O Comité protector, composto por magistrados e industriais da cidade teve neste ano duas reuniões importantes.

A 27 de Fevereiro: expus a situação; depois organizaram-se os passos a dar para concluir a subscrição a domicílio, e para angariar benfeitores e subscritores. - Para o bairro de S. Tomás, o Sr. Ferrus, cobrador, o Sr. Fossé d'Arcosse, substituto, e o Sr. Fernando Arrachart encarregaram-se disso. Para o bairro São Martinho: os Srs. Faglin, advogado; Delesale, antigo director; Black, Julien e G. Arrachart. - Para o bairro S. João, o Sr. René Jourdain e eu. - Para o bairro da Praça, os Srs. Guillaume e Pluzanski. - Para o bairro do Governo, os Srs. Guérard, juiz de instrução e Basquin. - Para o bairro de Isole, o Sr. Julien e eu.

Anuncio o congresso de Nossa Senhora de Liesse. / (153) O Sr. Basquin irá, e convida os membros do Comité a irem também.

Discute-se o assunto da agregação à Obra dos Círculos. O Comité protector aceita a agregação da obra mas, como comité, mantém-se independente e reserva-se poder proteger as várias obras católicas de S. Quintino, sem se ligar aos compromissos dos

comités dos Círculos. O motivo secreto é que os Círculos exigem a prática religiosa, e vários membros do nosso comité não estavam maduros para isso.

Reunião do mês de Agosto. Exponho a situação. A subscrição foi bastante afortunada. Temos 3000 francos depositados no banco.

Preparamos a organização duma sociedade civil para assumir a propriedade dos imóveis. Tomamos a decisão de comprar a casa Ideé para crescermos.

Anuncio o congresso de Reims e comprometo os membros do Comité a tomarem parte nele.

O "CONSERVATEUR"

Durante este ano ³² eu devia também preocupar-me com o jornal "Le Conservateur", que tínhamos fundado no final de 1874. Precisávamos de procurar / (154) accionistas e aconselhar o redactor que se tinha lançado numa corrente de extrema-direita bem pouco conforme ao meio de S. Quintino.

CASA DE FAMÍLIA - CAPELÃO E IRMÃS

A Casa de família aumentava. Tínhamos acrescentado um dormitório na casa Ideé acabada de comprar. Durante algumas semanas tive de ir eu mesmo dormir lá, num quartito, e fazer-me assistente de dormitório.

Pelo fim do ano as coisas organizaram-se na casa Ideé. O Rev. Brochard foi-me dado como auxiliar.

Os porteiros (família Derniame) tinham até então preparado as refeições da casa de família. Daqui em diante teríamos duas Irmãs, a irmã Verónica e uma outra. Elas tinham o seu pequeno alojamento na Rua de São Martinho. É uma obra absolutamente necessária para S. Quintino, e que será preciso fazer renascer.

³²Nt Ano de 1875

AS IRMÃS

As Irmãs, Servas do Coração de Jesus, ocupavam-me também razoavelmente. Elas tinham o seu capelão para a Missa, mas era preciso ir confessá-las, fazer-lhes conferências, catequizar as suas órfãs e ocupar-me um pouco da sua administração e dos seus engrandecimentos. Aliás, eu encontrava nisso um proveito espiritual. Elas edificavam-me e a sua direcção mantinha-me numa corrente de vida sobrenatural de que a minha alma tinha sede. Servia-me para as conferências, dos escritos de S. Afonso de Liguório sobre a Verdadeira esposa de Jesus Cristo.

REUNIÃO DE JOVENS

Uma nova obra ia ainda acrescentar-se às outras, era uma reunião de estudantes, um círculo de estudos religiosos e sociais, com uma conferência de S. Vicente de Paulo. Era o que tinha organizado Ozanam para as suas reuniões de S. Vicente de Paulo.

Vários alunos do Liceu e outros jovens que tinham acabado os seus estudos tomaram parte nelas. Alguns encontraram ou desenvolveram nelas uma vocação eclesiástica ou religiosa.

Houve cinco reuniões no mês de Dezembro; copio aqui as suas actas

Reuniões de 1 e 8 de Dezembro. - Estas duas primeiras reuniões são consagradas à organização da nascente sociedade dos jovens... O R. Dehon propõe estudar a organização do trabalho em S. Quintino e as diversas instituições constituídas nesta cidade a favor dos operários: uma brochura redigida em estilo simples, ao alcance de todos, seria mais tarde composta com a ajuda / (156) de documentos trazidos por cada um dos membros da obra e publicada em forma de conselhos. A proposta é adoptada por unanimidade.

É-nos recomendada uma família pobre; iremos visitá-la.

Em seguida fixa-se o programa em cada reunião desta maneira:

1º - Conferência sobre as doutrinas filosóficas actuais;

2º - Leitura e apreciação dos trabalhos realizados;

3º - Conversa sobre as obras operárias e as famílias a visitar.

Estavam presentes: a *1 de Dezembro*: os Srs. Poissonnier, Alexandre e Leão Mairesse, Henri Basquin, Black, Julien, Dellesalle, Malézieux, Mornard, Moureau, Roger.

8 de Dezembro: os Srs. Moureau, Mornard, Dellesalle, Julien, Dablin, Black, Duflot, Léon Mairesse, Henri e Leão Basquin, Roger.

- Reunião de 15 de Dezembro. - Após a escolha dum secretário (Paul Roger), o R. Dehon abre a sessão com um resumo geral sobre a filosofia no nosso tempo. - A reunião examina depois a as primeiras instituições estabelecidas em favor do operário e que poderiam formar a matéria dos capítulos da brochura projectada. Depois o trabalho é distribuído da seguinte maneira:

O Sr. Moureau apresentará um relatório geral sobre o trabalho. Os Srs. Dellesalle e Basquin darão algumas informações sobre a Sociedade / (157) industrial e os cursos que organizou. O primeiro dará conta dos cursos teóricos, o segundo dos cursos práticos. O Sr. Julien estudará as Conferências de S. Vicente de Paulo; o Sr. Black os salários; o Sr. Leão Basquin, o ensino primário.

O secretário faz a leitura das informações recolhidas sobre a família Watteau. O Peditório em favor desta família rende 6 francos.

Estavam presentes: os Srs. Moureau, Mornard, Dellesalle, Julien, Black, H. e L. Basquin, Roger.

As reuniões faziam-se no meu quarto, no vicariato.

Reunião de 22 Dezembro. - Após algumas modificações às actas da reunião de 15, o R. Dehon começa uma palestra sobre as provas da existência de Deus e refuta brevemente as principais objecções.

O Sr. Black comunica um número do "Officiel"³³ sobre os salários; os números ligeiramente forçados terão de ser controlados.

O Sr. Julien lê o seu trabalho sobre as Conferências de S. Vicente de Paulo. O Sr. Black faz notar que o fim desta conferência não é unicamente socorrer os pobres, mas também procurar algum bem moral aos próprios membros.

³³ Nt O "Officiel" é o diário oficial do Governo, como agora em Portugal é o "Diário da república".

Os Srs. Dellesalle e L. Basquin apresentam o seu / (158) estudo: o primeiro sobre os cursos da Sociedade industrial, o segundo sobre o ensino primário. Após algumas observações, estes dois relatórios ficam aprovados.

Distribui-se em seguida o trabalho para a reunião seguinte; ...o Sr. Black é nomeado tesoureiro.

Estavam presentes: Poissonnier, Mairesse, H. e L. Basquin, Black, Julien, Dellesalle, Mornard, Moureau, Roger. Honra a reunião a presença do Sr. Hennezel. Peditório: 6,75 francos.

Reunião de 29 de Dezembro. - R. Dehon: conferência sobre a existência de Deus. - Os Srs. Moureau e Black comunicam os seus trabalhos realizados. O estudo do Sr. Moureau sobre o trabalho e as suas origens é vivamente aplaudido. O Sr. Black fica encarregado de escrever um capítulo sobre a Aprendizagem. Peditório: 4 francos. Estavam presentes: Julien, H. Basquin, Dellesalle, Moureau, Black, Roger.

Dou aqui o programa das minhas conferências para dois anos:

- O perigo social;
- O ateísmo;
- O panteísmo;
- O Deus pessoal: prova psíquica;
prova moral;
prova metafísica;
- As falsas provas: o ontologismo; / (159)
- O positivismo e as fontes da verdade;
- O positivismo e o cepticismo de Kant;
- O positivismo e a ciência:
Cosmologia do positivismo: o atomismo;
O problema do movimento;
Princípio da vida: heterogenismo;
Metamorfismo e transformação das espécies;

- O positivismo e a sua influência sobre as letras e as artes;
- O positivismo e a moral;
- A moral independente;
- O radicalismo e a família;
- O radicalismo e a educação;
- O radicalismo e o poder social;
- Os erros sociais: o liberalismo;
- O Estado não é simplesmente a soma dos direitos individuais;
- O Estado personifica-se naqueles que exercem a soberania;
- A fonte da soberania é divina; o soberano é ministro de Deus e não do povo;
- Como se adquire e como se perde a soberania;
- Os dois grandes deveres do Estado são a religião e a justiça;
- Primeiro dever do Estado: a religião;
- Liberdade do ensino, da imprensa e dos cultos;
- Segundo dever do Estado: a justiça;
- O Estado não é a fonte donde derivam os nossos principais direitos, mas o protector e o defensor / (160) que Deus lhes deu;
- Não se pode ter o direito de professar o erro e de fazer o mal;
- Os direitos do Estado são limitados pelos da Igreja, da família e das outras associações.

Todas estas teses estão desenvolvidas nas minhas notas; seria longo demais reproduzi-las aqui.

Recorri especialmente a Guthlin “Erros Modernos” e a Chesnel “Os Direitos de Deus”.

ESTUDOS E LEITURAS

Os meus estudos ligavam-se sobretudo ao meu ministério e às minhas obras. Li alguns volumes de Mons. Pie, do Pe. Monsabré, do Pe. Félix. Estudei S. Tomás, Taparelli, Le Play, Blanc de St. Bonnet, Chesnel “Os direitos de Deus”, Guthlin “Os Erros modernos”.

Apontei algumas páginas interessantes de Le Play, sobre a União da família e do lar, sobre os alojamentos operários, sobre os camponeses na Idade Média; de Blanc de St. Bonnet sobre o sufrágio universal e sobre a igualdade; da Revue d' Economie sociale sobre a Imoralidade da fábrica, os aprendizes, os filhos naturais, o despovoamento; de S. Tomás, sobre o Fim da sociedade civil; de Chesnel, sobre as Liberdades modernas.

Estes apontamentos estão nos meus cadernos de *Excerpta*. / (161) Seria longo demais copiá-los aqui.

Esse caderno de apontamentos fornecer-me-ia os dados principais duma sociologia cristã e dum estudo sobre a sociedade contemporânea.

Transcrevo só algumas considerações relativas à Sociedade civil e à sua finalidade.

A Sociedade civil é um ente moral, vivo, activo e responsável. deve portanto a Deus seu criador homenagem e adoração.

O fim próprio da multidão que vive em sociedade, diz S. Tomás, não é de viver somente, mas de viver uma vida moral e de viver bem. (*De Regimine Principum*; I, 24)

As duas necessidades do homem, a prática da virtude e a posse dos bens terrestres, podem encontrar-se na família, mas só se realizam duma maneira restrita e incompleta; na sociedade civil, encontram-se duma maneira geral e perfeita. (Ibid. I. 9)

Suarez diz: “A sociedade civil tem como fim permitir aos homens viver em paz e em justiça com uma certa abundância de bens referentes à conservação e ao bem-estar da vida corporal”.(de leg. III, c. XI, 7)

- Item Bellarmino, de membris Ecclesiae III, de Laicis V./ (162)

Para alcançar este fim, a sociedade civil tem duas espécies de meios necessários, uns negativos: proteger os direitos e as liberdades dos indivíduos e dos grupos; os outros positivos: assistir a actividade privada.

Pode-se dizer ainda que o fim da sociedade é a felicidade dos cidadãos, *bonum temporale*, a bem-aventurança nesta vida que consiste na prática da virtude, com um certo conjunto de bens materiais. (S. Tomás, 1ª 2ª q. 4,7).

Mas o que se refere à virtude está, bem se vê, subordinado à Igreja que, para isso tem uma missão especial.

O Estado bem regulado não pode portanto dispensar-se de praticar ele mesmo a religião, pois é um ente moral; nem de favorecer a sua liberdade e o seu desenvolvimento entre os cidadãos, porque ela é uma condição da bem-aventurança mesmo temporal, para a qual o Estado tem a missão de contribuir.

Esta definição é a base de toda a sociologia. O Estado não é uma organização contratual e livre; é o desenvolvimento natural e providencial da humanidade. A sua missão é determinada pela natureza das coisas. Ele deve proteger todas as liberdades e ajudar / (163) todos os desenvolvimentos em geral sem se imiscuir na vida privada dos indivíduos ou das sociedades particulares.

Se esta noção não é apreendida exactamente, concede-se muito ou pouco demais ao Estado.

CORRESPONDÊNCIAS

As cartas que escrevia à minha família e que ela guardou reflectiam bastante bem as minhas ocupações.

10 de Janeiro: “Não tenho ainda um capelão para o Patronato, mas espero tê-lo em breve. Tenho em vista um jovem sacerdote que muito deseja vir para aqui.”

25 de Janeiro: “Boa notícia: terei o meu capelão pela Páscoa. Actualmente ele é o professor em S. Carlos de Chauny. O Sr. Bispo concede-mo com gosto. Ele aliviar-me-á as minhas tarefas, que se tornam demasiado pesadas para os meus ombros. Estou preparando umas festas para a próxima semana e para o carnaval. Os progressos da obra adoçam as minhas canseiras. Os nossos jovens aumentam sempre em número e sabedoria. É preciso também que eu prepare uma Assembleia diocesana que terá lugar pela Páscoa em Liesse, para estimular todos aqueles que têm possibilidade de criar na diocese associações de jovens e de homens.”

11 de Fevereiro: “O nosso congresso diocesano das obras terá lugar em Liesse, a 10 e 11 de Março. As circulares / (164) e os programas vão ser enviados hoje ou amanhã. Devo aviar a correspondência, preparar relatórios. Enviaremos mil convites. Contamos ter mais de cem pessoas...”

A Providência não abandona as nossas obras de S. Quintino. As Franciscanas recolheram, desde 1 de Fevereiro, cerca de 4.000 Francos; o Patronato 1.500. Não encontramos hostilidade séria. Pelo contrário, há entre os nossos benfeitores uns nomes que estamos espantados de aí encontrar!”

24 de Abril: “Irei a Paris para a Assembleia-geral dos Círculos católicos de operários, de 18 a 22 de Maio.”

14 de Maio: O “*Conservateur*” tem-vos ao corrente das nossas festas. A colocação do Rev. Mathieu foi um verdadeiro triunfo... Os meus confrades vão-se habituando à mudança.”

11 de Maio: “O Sr. Bispo confia-me a direcção do vicariato. É uma carga pesada para a qual precisarei da ajuda do Bom Deus que vós pedireis para mim...”

- O R. Petit escrevia-me às vezes. Felicitava-me pela minha nomeação. Falava-me das suas alegrias e provações. A sua igreja de Boujon ia-se acabando. Eu devia ir à bênção; tinha mesmo preparado um discurso, / (165) mas as intrigas do seu presidente da Câmara fizeram adiar a cerimónia.

- A minha correspondência com os amigos de Santa Clara esmorecia muito. Já não tinha tempo!

O R. Poiblanç escrevia-me de Sémur a 20 de Julho: “Espero ver-vos em Paris na reunião dos antigos alunos de Roma. Creio que os organizadores estejam bastante atrapalhados para fazer um programa. Sendo assim, creio que lhes seríamos agradáveis assinalando-lhes uma questão muito importante, que interessaria a todos e que poderia ser útil a muitos. É a das associações sacerdotais. Nós que temos a felicidade de conhecer e praticar uma obra tão importante para a santificação do clero e, por conseguinte, dos fiéis, não é nosso dever fazê-la conhecer? Da minha parte, ficaria muito contente em ver os nossos confrades do seminário francês serem os inspiradores e os organizadores destas associações que se inserem tão admiravelmente no espírito da Igreja...”

Gosto de acreditar que as vossas obras estão sempre prósperas, e rogo a Deus que espalhe sobre elas e sobre vós abundantes bênçãos. Da vossa parte, não me esqueçais nas vossas orações. Recomendo-vos a nossa pequena associação sacerdotal. Este ano o nosso número duplicou. De quatro, já chegamos a oito.../ (166)

Mas a melhor carta dos meus antigos condiscípulos, este ano, foi a do Pe. Dugas, um pequeno santo que uma doença pulmonar consumia na Argélia. Transcrevo-a:

Argel, 3 de Abril - Meu caríssimo amigo, recebi há pouco, adivinhais de quem, uma carta que dava notícias vossas e que me falava bastante extensamente de vós. O Pe. Marquigny, pois é ele o homem em questão, diz-me de vós coisas lindíssimas que não me admiram de maneira nenhuma; mas o que quase me espanta, ou antes me confunde, é que vós ainda conserveis de mim uma boa e fiel lembrança. Desde o nosso encontro em Paray-le-Monial, guardei um silêncio tão drástico convosco; e todavia mais do que uma boa razão deveria fazer-mo quebrar; pelo menos não tenho nenhuma forte desculpa a fazer valer. Na verdade, já há mais de um ano que estou condenado ao repouso forçado; porque não tenho eu aproveitado para tagarelar convosco e fazer-vos tagarelar? A língua devia calar-se, mas as conversas com a pena não me estavam proibidas. Mais ainda, eu sei que neste Verão, aquando do Congresso de Lyon, perguntastes por mim com a mais amável afeição. Porque então não me apressei a pôr-vos em contacto com o meu pai? / (167) Enfim, junto de vós, como junto do Bom Deus, há misericórdia para todo o pecado; e o meu é tanto mais perdoável porque o detesto de há longa data. Não falemos mais nisso.

Que raio, meu caro amigo, caiu sobre nós neste mês passado! (é alusão à morte do P. Freyd). Por minha parte, fiquei aterrado e despedaçado. Esse venerado e amado Padre, com quem tinha mantido frequentes relações, tinha-me escrito ainda com mais coração, mais piedade, mais unção do que nunca, pouco antes da sua morte. A perda dele é sentida certamente por todos os que o conheceram. Mas não é ela particularmente dolorosa para nós, os antigos dos bons velhos tempos, que vivemos mais tempo ao pé dele, que o vimos talvez mais profundamente, e que tivemos, parece-me, uma parte especial nos seus santos conselhos e na sua afeição de pai? Por isso tenho a certeza de que todos nós estivemos nestes dias numa união completa de recordações, de pesar e de orações. Lembrais-vos da nossa primeira missa, dos dois juntos, nessa querida capela de Santa Clara? Era ele que nos assistia. Depois, ele traçou-nos a nossa vida, continuará a nos amparar nela. Creio que tereis tido todos os pormenores que desejaríeis sobre os

seus últimos momentos e sobre o seu funeral. Além do “Univers” e a palavrinha delicadíssima do Veuillot, eu li na Voce della / (168) Verità e no Jornal de Florença alguns artigos muito bem sensatos sobre esse bom P. Freyd. Soube também, pelo P. Brichet, que a Embaixada fará celebrar um serviço fúnebre a 6 deste mês, e o seminário outro, no dia 13, com o discurso fúnebre de Mons. Nardi. Certamente, depois da convicção da sua recompensa e da sua felicidade, este concerto unânime de homenagens prestadas à sua memória é uma preciosa consolação. Recebestes, com toda a certeza, a pequena circular dos alunos actuais relativa ao monumento a elevar sobre a sua campa. A ideia não pode deixar de ter pleno sucesso. Eu queria agora uma breve notícia sobre a vida dele: quantos episódios edificantes ela poderia revelar! Parece impossível que a Congregação do Espírito Santo não trate disso!

Eis-vos então, caríssimo amigo, lançado mais do que nunca na vida activa e militante e nas santas obras operárias. Podemos bem acreditar que o P. Freyd dizia a verdade, e que nos desígnios de Deus, vós deveis ser *deste mundo*. Não é que eu não tenha nenhum pesar disso. Todavia coragem e *duc in altum!* Na verdade, quando oiço a reputação dos vossos sucessos, sinto-me muito mais orgulhoso do que invejoso. Desde as nossas ligações de Roma (desculpai a minha ilusão pretensiosa) parece-me realmente que vós sois alguma coisa / (169) de mim mesmo, e que quando vós trabalhais por uma boa causa, quase que sinto ser eu a trabalhar; como poderia então ser ciumento, e como poderia não me sentir orgulhoso?

De resto, suponho bem que vós tendes a caridade de me guardar na reserva, e de me comunicar alguma coisa de acréscimo aos vossos méritos. Conto com isso inteiramente. Sem isso, impossível estar em ordem com o bom Deus. Na verdade, há mais dum ano que eu vivo no *dolce far-niente*, que eu não recolho mesmo nada e que dissipo o meu pequeno haver, se haver houvesse. Ai de mim! Vós me dizíeis outrora que eu era o soldado escolhido e que vós éreis o humilde soldado de linha: por mim, eu estou raivosamente na retaguarda: triste de mim, se vós não me tirais daí!

Creio que o P. Marquigny vos terá dito os seus belos projectos a meu respeito. Creio bem que o seu coração o enganou nisso, e que se ele conseguir endossar-me, endossar-me-á um mau cheque. Felizmente, entre nós, o homem não propõe mais do que dispõe. Tudo se regula pela obediência: é realmente uma boa e bela invenção, e um dos lados agradáveis da boa parte que eu escolhi. Penso que não demorarei a ter definida / (170) a minha sorte, porque o nosso provincial deve chegar em breve.

Na espera, vou exercendo muito facilmente a paciência neste belo país de África. Os seus perfumes, a sua luz, as suas cores, os seus aloés, os seus Árabes, tudo me recorda tanto a Itália como o Oriente, dois países que vós conheceis e que não se podem ver sem trazer deles uma boa e ridente recordação. Tínhamos outrora dois grandes orfanatos nos arredores. Agora só temos um pequeno colégio na cidade, com diversas obras para os Espanhóis, Malteses, Italianos. Quanto aos Árabes, é impossível abordá-los, graças aos receios tolos e ridículos do governo, nisso sempre demasiado fiel, infelizmente, às más tradições de Luís Filipe e do Império! É desolador ver esta terra ainda tão pouco cristã, após 45 anos de ocupação. E se pelo menos os Franceses dessem bom exemplo! Mas quantos cristãos piores que os Muçulmanos! Temos todavia na Kabília algumas pequenas missões que, apesar da má vontade das Repartições árabes, deixam brilhar alguma esperança.

Soubestes certamente que o Rev. de la Ferrière foi ordenado sacerdote no mês de Julho. Tive a boa sorte de poder assistir à sua ordenação e à sua primeira missa; / (171) coisa que, entre parênteses, me valeu uma Catilinária do P. le Tallec sobre as minhas ousadas cenobíticas e o meu humor vagabundo. Seja o que for, eu pude ver, e não sem alegria, esses bons *Poitevins*³⁴, e o berço dessa Universidade, que outrora parecia abrir-vos os braços, e esse excelente P. Schrader, cheio de vida então e de belos projectos, depois tão rapidamente arrebatado a Mons. Pie e à sua obra. O P. Bougouin, que estava ausente na altura da minha viagem, teve pelo menos a boa ideia de me restituir a visita a Pau, onde passei o verão. A sua dignidade de professor e de director do seminário, os seus cuidados de capelão de religiosas, nada alterou o seu bom humor, e pensais se não fomos reviver as boas velhas recordações! Enquanto estava nessas zonas dos Pirinéus, vi também o Rev. Compans, o grande P. José e alguns outros antigos, vindos em peregrinação a Lurdes.

E vós, que me dizeis dos cidadãos do Norte? Preciso da lista e da crónica do boletim, para ficar sabendo o destino e os feitos e gestas do R. Dartiem e do R. Bourgeat. Os desgraçados já não me dão sinais de vida. E o caro P. Désaire, que fazeis dele? Soube que estava separado do P. Dumpochel e pároco noutra freguesia. Creio bem que

³⁴ Nt “Poitevins” é o habitante da região do Poitou, cuja capital é a cidade de Poitiers. O seu Bispo, mons. Pie tinha fundado nela uma Faculdade de Teologia

num / (172) dia destes não resistirei ao desejo de lhe escrever. *Haec nobis Deus otia fecit*³⁵: seria mau não aproveitá-los.

O bom P. Freyd escrevera-me, há (alguns) meses, que os projectos da comunidade do P. de Bretenières e do P. Poiblanç estavam em bom andamento. Deveis saber alguma coisa disso, pois o P. Poiblanç é também homem de obras e de congressos, e vós deveis tê-lo encontrado.

De longe em longe tenho notícias do P. le Tellec e do P. Guilhen. É inútil falar deles. Não é preciso dizer que os peixes estão contentes na água. Quanto ao P. Rivoyre, pensava-se que estivesse no convento de Marselha, mas venho a saber que ele está inteiramente na vida apostólica e que acaba de pregar a quaresma numa paróquia de Lyon. E o P. Roserot? Há um século que tenho em mente de lhe escrever. Vós sabeis como ele foi dolorosamente provado no ano passado.

São horas, querido amigo, de acabar a minha tagarelice. Não posso todavia concluir sem vos desejar uma boa e santa festa. Convosco, transportar-me-ei em pensamento à basílica de S. Pedro, ao altar de S. Leão, e lá rezaremos juntos por vós, / (173) pelas vossas obras, por Roma e por Pio IX. Lembrais-vos do 11 de Abril de 69? Que festa então e, depois, que mudanças! Especialmente agora, morto o P. Freyd, tudo me parece estar de luto nessa pobre Roma. Da vossa parte, tereis a bondade de não me esquecer junto do vosso santo Patrono, que as recordações do passado e dos “Leão” de Santa Clara me habituaram a amar dupla e triplamente. Que eles me concedam algo do seu grande coração e da sua energia. O facto é que, vede bem, embora esteja contentíssimo na minha vocação, não é preciso dize-lo, eu não me sinto nem bastante forte nem bastante humilde para me acomodar indefinidamente a esta vida arrastada e inútil que eu levo.

Adeus. Não demoreis muito a me escrever tudo o que vos jorre da cabeça e do coração. Tudo o que me vem de vós, só pode trazer-me uma aragem das mais caras lembranças.

Posso rogar-vos de prestar as minhas respeitadas homenagens ao senhor. Vosso pai e à senhora vossa mãe?

Unidos na oração e no sacrifício.

³⁵ N.t Estes tempos livres concedeu-nos Deus

Todo vosso em Cristo.

José Dugas, S.J.

Lestes o belo livro do Rev. Gay? Decididamente, o solo de Poitiers produz belos e admiráveis frutos.” / (174)

1876- 5º ano de vigário

PREGAÇÕES

Tinha o meu turno de pregações na basílica, além das minhas instruções semanais no patronato. Era preciso também, por vezes, aceitar pregações por fora.

Este ano fui pregar o retiro da 1ª comunhão em Essigny-le-Grand, a convite do P. Ply. Tomei por temas: a comunhão, o sacrilégio, a morte e o julgamento, a confissão, a contrição; motivos de contrição, avisos da absolvição... Escrevi só apontamentos informes; que todavia me serviram várias vezes em circunstâncias semelhantes. Tinha o cuidado de dar aos meus jovens ouvintes coisas concretas, e de falar, por assim dizer, em histórias³⁶. A linguagem abstracta ultrapassa-os e deixa-os adormecidos ou distraídos.

O dia de uma primeira comunhão / (175) era para mim um dia de profunda emoção. Resumia assim as minhas impressões no sermão do Evangelho:

“I - Estas crianças tornaram-se os templos do Deus vivo.

Como um belo templo requer anos de trabalho, assim estas crianças foram demoradamente preparadas: baptismo..., educação materna..., cuidados do pároco..., luzes do Espírito Santo....

Hoje é a inauguração solene desse templo...*Haec est dies quam fecit Dominus...Constituite diem solemnem in condensis usque ad cornu altaris...* Vós vos apressais para esta festa. O Salvador toma parte nela...os anjos...as famílias...a paróquia.

Como é santa a religião que sabe produzir numa vida, destes momentos de pureza e de felicidade!...

³⁶N t Jesus falava ao povo “em parábolas”

E seria essa a felicidade normal das famílias, se nelas reinasse a vida cristã em toda a sua plenitude: união de pensamento, de afectos, de orações, comunhão em conjunto, eternidade comum...

II - Pesares, amargura no coração destas crianças. Os seus pais não os acompanham à mesa sagrada. Os seus irmãos mais velhos já caíram na indiferença prática... / (176) Essas crianças conhecem a importância da salvação... Eles vêem, em suas casas, o Domingo violado, os sacramentos negligenciados... O coração duma criança, quando é puro, vê claras as coisas de Deus...

III - Receios que nós sentimos a respeito deles... Que serão eles aos quinze anos? Um pai dizia-nos: Preferia ver os meus filhos morrerem, que vê-los cair na devassidão como todos os outros... Esses são os sentimentos dos pais cristãos. O cristão é por natureza heróico.

É com este intuito que criamos as obras da juventude: queremos conservar nos jovens a força e a graça da primeira comunhão.

A Igreja desespera nunca. Ela continua o seu ministério e espera pela hora de Deus..."

- Escrevi também uma alocução para o casamento dos meus primos; Foucamprez-Carlier, celebrado em Marles a 17 de Julho.

RETIRO DE VOCAÇÃO EM LAON; 21-27 DE MARÇO

A ideia de fugir ao excesso de trabalho perseguia-me todos os dias. Sentia que já não podia conservar a vida interior que adquirira no seminário. Queria a todo / (177) o custo fazer-me religioso. Ia fazer um retiro em Laon, na casa do Terceiro ano dos Jesuítas, sob a direcção do P. Dorr, um santo religioso. Nessa ocasião, eu pensava em particular na Congregação do Espírito Santo. O P. Freyd, após ter tido outros planos, tinha-me dito: "Se quereis absolutamente ser religioso vinde te3r connosco, sereis certamente colocado na nossa casa de Roma".

Apontamentos deste retiro:

1ª Meditação. - Seja qual for a conclusão deste retiro, proponho-me servir melhor a Deus:

1º Pela observância dos Mandamentos. Rezarei melhor; serei mais caridoso para com o próximo, nos pensamentos, nas palavras, nas relações; serei mais casto, mais modesto nos pensamentos, nos olhares, nas acções; afastarei mais rapidamente as tentações; renunciarei a todo o prazer sensível.

2º Pelo cumprimento dos deveres do meu estado: o Santo Sacrifício oferecido com mais fervor; Sacramentos administrados com mais recolhimento, mais dignidade; nas obras, vistas mais puras, mais sobrenaturais. / (178)

3º Pela redacção e observância dum regulamento mais completo: oração feita sempre estritamente; manhã reservada; estudos eclesiásticos prosseguidos; exame particular sério e fiel; preparação do estudo e das relações com uns instantes de reflexão.

Tenho pena de não saber tirar partido da preparação excepcional recebida com os meus extensos estudos. Eu não pude nem completá-los nem mantê-los. O apostolado nas cidades impõe aos jovens padres demasiado serviço material: assistência aos enterros, acompanhamentos fúnebres, etc... Eu tinha sacrificado para me colocar na hierarquia e na obediência, todos os meus atractivos para o estudo, e anulado toda a preparação superior recebida em Paris e em Roma...

2ª Meditação: Fim das criaturas: - Quantos benefícios recebi de Deus! Pelo estudo das ciências e pelas viagens, Ele pôs ao meu serviço toda a natureza para que eu encontre nela a Sua imagem e reconheça a Sua grandeza. Pela Filosofia e a História, Ele pôs ao meu serviço a sabedoria e a experiência de todos os homens. Pela Incarnação, a Eucaristia e a meditação, Ele pôs-se a si mesmo na Sua humanidade santa ao meu serviço com Seus méritos infinitos, Ele deu-me ainda / (179) o tesouro da comunhão dos Santos.

- Por outro lado, quanto Ele me abateu e humilhou pelas consequências do pecado original e pelos meus próprios defeitos!... Aceito, ó meu Deus, estes abatimentos, em espírito de paciência e de penitência, para merecer receber mais tarde a compensação.

3ª Meditação: O uso das criaturas. - Reconheço, ó meu Deus, que vós sois o único fim de todas as criaturas, e que elas não devem ser para mim senão meios para alcançar o meu fim, que é de louvar-Vos e servir-Vos. Lamento ter tantas vezes esquecido este fim único, para seguir os meus gostos e as minhas repugnâncias...

4ª Meditação - Reconheço, Senhor, que tudo o que há sobre a terra é indiferente para o nosso fim. Tudo depende do uso que fazemos das coisas. Um, alcança o seu fim

pela saúde, empregando as suas forças para fazer o bem; outro, pela doença, sofrendo pacientemente; e o mesmo acontece com a riqueza e a pobreza, as honras, os empregos, etc...

- Motivos que me atracam à Congregação do Espírito Santo., – Ela é humilde, pobre, desprezada. Entrando nela, consinto em ser empregado nas missões mais humildes. É um sacrifício meritório. Se me acharem apto, poderei ser enviado a Roma para / (180) formar sacerdotes que mais tarde terão uma grande influência, seja no ensino superior, seja no governo das dioceses. Será essa a vida de penitência que me convém, após todos os pecados da minha juventude. Dei demasiados escândalos para ser elevado no clero diocesano a uma dignidade qualquer. Sinto demasiadas tentações e continuo a pecar demais aí onde estou. Levo uma vida demasiado imperfeita e muito pouco regulada.

2º Dia: Primeiro exercício. - Quanto horror merece o pecado! O pecado que precipitou do céu milhões de anjos! Um só pecado, um pecado de pensamento, é uma condenação eterna e sem remédio! E que condenação: as trevas, o fogo, a privação de Deus, a raiva, a inveja, a função maldita de tentar os homens!

- E o pecado dos nossos primeiros pais: uma só desobediência e uma condenação de todo o género humano! Já houve talvez 200 biliões de homens que sofreram essa condenação: os sofrimentos, a concupiscência, a morte.... E o pecado dos homens que por um só pecado mortal são condenados! Quanta misericórdia Deus mostrou a meu respeito! – Não / (181) quero pecar mais. Não quero mais ficar tão exposto ao pecado. Quero tomar medidas para isso, custe o que custar.

2º Exercício. - Senhor, considere o número dos meus pecados e a sua malícia e estou profundamente humilhado. Eu sou simplesmente o nada, e ofendi a vossa soberana majestade! É preciso que a vossa paciência seja mesmo infinita, para que não me tenhais fulminado. - Concedei-me, por Jesus e Maria, a graça de conhecer a desordem das minhas acções e de lhes pôr remédio. Vou dar-lhes remédio por meio dum regulamento mais exacto e mais bem observado, pela maneira de fazer as minhas acções considerando o fim de cada uma e pela moderação que colocarei em todas as coisas.

Motivos de atracção para ficar onde estou. - O bom Deus abençoa aqui as minhas obras e dá-me a graça de fazer aqui algum bem. Aqui pratico o espírito de pobreza, não

guardando nada e dando todo o meu supérfluo aos pobres e às obras; o espírito de obediência, dependendo de todos.

Último exercício. - Compreendi, senhor, todo o horror do inferno... E pensar eu, que poderia ter precipitado nele tantas vezes! Como sois bom, Senhor, por me terdes perdoado tanto! Que farei para o reconhecer? Quero ser vosso, quero-o porque receio / (182) horrivelmente o inferno. Quero-o também porque vos amo extremosamente.

3º Dia: exercício sobre a morte: - A morte é certa. As circunstâncias são incertas. Onde estarei? Quando será? Que pessoas estarão presentes? Serão elas para mim uma ajuda ou um obstáculo para bem morrer? Tudo isso é incerto. O que é certo é que morrerei uma vez só e que essa vez será decisiva. Não devo portanto descuidar nada para morrer bem. E o meio para morrer bem, é viver bem.

4º Dia: Exercício sobre a tibieza. - Reconheci a natureza da tibieza: é a queda frequente no pecado venial, o afecto a algum pecado. É também a ausência habitual de actos generosos e uma insonsa mediocridade no bem. Os seus sintomas são: dispensar-se habitualmente dos próprios exercícios espirituais; rezar sem atenção; celebrar o santo sacrifício sem devoção; fazer as acções diárias sem intenção, sem ordem, sem método, etc.... os seus remédios: conhecê-los, querer sair dela, agir. *Prima opera fac,*³⁷ fazer os seus exercícios com toda a exactidão e aplicação possível, rezar, invocar o S. Coração de Jesus. / (183)

Exercício sobre o arrependimento de S. Pedro. - Pedro pecou apesar das graças da Eucaristia, apesar das suas fortes resoluções anteriores. Pecou por medo, por receio dos tormentos e dos suplícios, por respeito humano... As minhas faltas têm as mesmas origens. Reneguei o Senhor todas as vezes que pequei, que O ofendi, que me desmazelei no seu serviço. O seu olhar converteu S. Pedro. O pensamento desse olhar será a minha conversão. O seu olhar era triste. As minhas ofensas entristecem-No. Deveria tê-Lo servido com tanto fervor! Haveria na minha vida mais um oceano de méritos. Agora, eu bem me arrependo. Quero amar mais o Senhor e expulsar a minha tibieza.

5º Dia: Exercício sobre O Reino de Jesus Cristo - Senhor, ouvi o vosso chamamento. Protesto que quero responder-lhe com todas as minhas forças com o auxílio da vossa graça! Esclarecei-me, Senhor. Fazei-me conhecer em que medida e em

³⁷ N t Faz as primeiras obras (as mais importantes)

que estado de vida me pedis que vos siga. Dai-me a graça de me aproximar de vós o mais possível por meio duma vida santa.

*Exercício sobre a imitação de Jesus Cristo - Deus o quer: ipsum audite. -Quos praedestinavit conformes fieri imagini Filii sui, hos et glorificavit. - Ego sum ostium. Ego sum via,*³⁸ portanto, é necessário. / (184) A Igreja no-lo pede: *Filii, quos iterum parturio donec formetur in vobis Christus.*³⁹

Eu quero, Senhor, imitar-vos com uma imitação empenhada, constante, atenta, afectuosa...

Exercício sobre a Encarnação - Maria estava em êxtase, êxtase de humildade e de amor. O Verbo oferece-Se pelos homens. Ele humilha-Se infinitamente para expiar as faltas do nosso orgulho. Ele não podia tomar para si menos vida, menos honra, menos riquezas, menos consolos," humiliavit semetipsum" Maria também se humilha: Ecce Ancilla. E Deus a cumula-a de graças: gratia plena..

*Exercício sobre o nascimento do Senhor - Meditei sobre os santos desejos, depois sobre as santas conversas de Maria e de José: crastina die delebitur iniquitas terrae, 40 - veni, Domine, et noli tardare: etiam venio cito.*⁴¹ - Em Belém, lições de humildade, de pobreza, de sacrifício. O Salvador não podia escolher um nascimento mais pobre, mais humilde. *Hostiam et holocaustum noluit, corpus autem aptasti mihi, tunc dixi: ecce venio, ut faciam, Deus, voluntatem tuam. Beati pauperes. Beati qui lugent.* 42

6º Dia: Exercícios sobre as duas bandeiras - A razão e o vosso exemplo, Senhor, / (185) convidam-me a abraçar o amor da pobreza e dos menosprezos. É o único meio para se acautelar contra os ataques do demónio. O amor das riquezas e das honras fica demasiado perto da avareza, do orgulho e dos outros vícios. Aproximar-se tão junto do perigo é expor-se a perecer.

Exercício das três classes. - Graças a Deus, sinto-me totalmente indiferente e pronto a escolher o que poderá granjear melhor a glória de Deus. Estou pronto a escolher a vida religiosa se as dívidas e os encargos actuais da minha obra não colocarem

³⁸ N t são as palavras que se ouviram na transfiguração; "escutai-o". "Aqueles que predestinou para serem conformes a imagem do seu filho, esses também glorificou". "Eu sou a porta. Eu sou o caminho". "

³⁹ N t " Filhos, que gero novamente até que Cristo esteja formado em vós".

⁴⁰ N t " Amanhã ficará destruída a iniquidade da terra"

⁴¹ N t " vem, Senhor, não queiras tardar: vou, vou em breve."

obstáculos, tornando a situação tal que abandonar tudo seria dar origem a um escândalo e expor a obra à derrocada. - Quanto ao resto, se for preciso viver no meio das tentações de sensualidade, de amor-próprio, de antipatia, estou pronto a adoptar os meios de emenda mais favoráveis, afeiçoando-me à pobreza e aos desprezos.

Resoluções: - Levantar-me-ei prontamente ao toque do meu despertador, às 5h e 30. (Tinha frequentemente missas tardias às 10 e às 12h, e as obras faziam-me deitar tarde à noite). Ao vestir-me, pensarei no argumento da minha meditação e dos prelúdios. / (186)

Oração: Depois das orações da manhã, farei meia-hora completa de oração segundo o método de S. Inácio.

Santa Missa: Tanto quanto possível, farei uma preparação à celebração da santa missa com um quarto de hora de reflexão especial. Nos dias em que puder prever que os meus últimos momentos (antes da missa) serão tomados pelas confissões, farei essa preparação antecipadamente. Vestirei os paramentos sagrados com respeito e em silêncio. Lançarei um olhar sobre o *ordo* para não descuidar nada.

Horas Menores, Sagrada Escritura. - Os meus primeiros momentos da manhã serão para a recitação das horas menores e para a leitura da Sagrada Escritura, às 6h e 30 após da oração, ou depois da Santa Missa.

Exame Particular, às 11h e 30, método de S. Inácio.

Vésperas e Completas: no primeiro momento livre depois do almoço, vésperas, visita à Igreja, terço.

Depois das 4h: Matinas e Laudes, leitura espiritual

- Não dedicarei mais do que um quarto de hora à leitura do jornal. Consagrarei o quarto de hora antes do jantar a alguma leitura clássica. Confessar-me-ei todas as semanas

Escreverei para a direcção espiritual cada quinze dias, se o meu director achar necessário.

⁴² “ Não quiseste vítimas e holocausto, mas formaste-me um corpo; então eu disse: Eis que eu venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade! Felizes os pobres. Felizes os que choram.”

Farei o retiro mensal na primeira sexta-feira / (197) como está indicado pelo p. Valuy.

Evitarei toda a familiaridade.

Não falarei daqueles de quem sinto antipatia ou só direi bem deles.

Prometo a S. José dez missas e dez terços, se ele ajudar a minha escolha de vida, desde hoje até a festa do seu Patrocínio.

Caderno XII

RETIRO EM LAON - ESCOLHA

Fim: a glória de Deus e a salvação da minha alma

Meio: os conselhos de perfeição

Vida Religiosa

Absolutamente falando, ela é mais favorável à prática dos conselhos, à glória de Deus e à salvação das almas.

Relativamente a mim próprio: encontraria nela menos tentações de sensualidade; faria com mais fidelidade e mais fervor os meus exercícios de piedade; orações preparadas; refeições com leitura e sem / (1) nada que afague os sentidos; conversas mais reguladas; direcção mais seguida; estudos mais sérios; vida de penitência e de reparação que me convém.

- Todas as dificuldades cá em frente parecem necessitar só de um adiamento que poderia não exceder os dois anos.

- Uma congregação religiosa poderia retomar as minhas obras e torná-las suas.

- Não poderia eu decidir em favor da vida religiosa numa data indeterminada e no caso de circunstâncias providenciais favoráveis?

Sim; é preciso rezar e fazer rezar para isso.

Não me devo comprometer com novas ligações que não sejam necessárias.

- Portanto, terei em vista a vida religiosa, que / (2) abraçarei de preferência à vida secular, para melhor praticar os conselhos de perfeição, e isso para a maior glória de Deus e a salvação da minha alma.

Todavia não entrarei em religião se não quando puder deixar as minhas obras sem escândalo e sem grande detrimento para a salvação das almas.

- Eu não daria outro conselho a um homem a quem desejasse o maior bem.

- Se eu estivesse em perigo de morte, parece-me que aprovaria esta escolha como feita correctamente para a maior glória de Deus. E seria do mesmo modo no dia do julgamento.

Vida Secular

Não posso retirar-me agora. Parece que Deus me queria onde eu estou, visto que Ele pôs obstáculo à minha entrada na vida religiosa há 4 anos e meio, e aqui ele abençoou o meu mistério e as minhas obras: Oratório diocesano, Secretariado diocesano das obras, jornal, Franciscanas, patronato, círculo, orfanato. Ele prendeu-me providencialmente. / (1) Posso eu desligar-me facilmente? Do Oratório diocesano, sim. Do Secretariado diocesano? Talvez, se agradar ao novo bispo organizá-lo sem mim e se ele achar alguém que tome isso a peito.

Do jornal? Talvez. Das Franciscanas? Talvez.

Das obras operárias de S. Quintino? Sim, se encontrar um director, religioso ou outro, zeloso, dedicado, inteligente, que possa aguentá-las.

-Se eu ficar, posso prever crescimentos. São necessários para o Círculo. Outro director não poderia certamente empreendê-los antes de vários anos.

Tudo isso não indica que o Bom Deus quer que me santifique aqui?

-Se eu empreender, dentro de um ano ou dois, esses crescimentos / (2) que se terão tornado mais que urgentes e absolutamente necessários, isso significará retardar por vários anos a minha entrada em religião. A menos que intervenham circunstâncias extraordinárias, sobre as quais não se pode contar, uma congregação religiosa, ou um novo director precisariam ainda da minha colaboração.

Não parecia ajuizado renunciar ao crescimento urgente duma obra útil para muitas almas, para procurar o maior bem duma só alma.

Deus pode afastar os obstáculos actuais e pôr ao meu dispor os grandes bens da vida religiosa.

Retomei então a minha vida de vigário com um desejo sempre crescente de vida religiosa. / (3)

VIGÁRIOS CAPITULARES

Mons. Dours, gravemente doente, tinha resignado. A circular de Quaresma, em Março, foi-nos enviada pelos Vigários capitulares, RR. Guyart e Bourse. Começavam por exprimir a sua gratidão para com o bispo resignadário: “ Ele passou fazendo o bem e os doze anos do seu laborioso e fecundo episcopado estão marcados por obras que perpetuarão a sua lembrança no meio de nós: a extinção quase completa das dívidas, a restauração e o embelezamento da catedral, a instituição dos missionários diocesanos (Lazaristas), a prosperidade sempre crescente dos nossos seminários, as duas novas paróquias criadas na cidade mais importante da diocese (S. Quintino), que só tinha uma igreja para uma população de mais de 33.000 habitantes...”

Eles falavam depois, da sua missão: “Este cargo, essencialmente temporário, deve ser antes de tudo um ministério de pura conservação. Propomo-nos exercê-lo na mais completa dependência das leis da Igreja, provendo às necessidades mais urgentes, e deixando à alta sabedoria do nosso futuro bispo as modificações e reformas que poderiam ser úteis...”

Tereis a bondade de reconhecer em nós, apesar da nossa insuficiência, a autoridade à qual os / (4) santos cânones confiaram a administração da diocese durante a vacância da sede episcopal...Pela nossa parte, não teremos nada mais a peito do que ajudar-vos com todas as nossas posses no exercício do vosso laborioso e penoso ministério, consolar-vos nas vossas tristezas, amparar-vos nos vossos bons e legítimos combates, encorajar-vos nos esforços do vosso zelo.”

Esses senhores foram sempre benevolentes para comigo. Encorajaram a acção apostólicas do Secretariado diocesano e permitiram-me de preparar o congresso de obras de S. Quintino.

CÍRCULOS - CASAS DE OPERÁRIOS

Assisti ainda à Assembleia dos Círculos católicos em Paris, no mês de Maio.

Sempre a mesma brilhante assistência, devotada e disciplinada. Pode-se dizer que estava aí o Estado-maior da França. Encontraram-se lá os elementos da administração duma nação católica ideal. Mas ao nosso lado as massas populares habituavam-se à república e deixavam-se atingir pela ilusão socialista.

Em S. Quintino, o movimento de ideias provocado pela nossa obra suscitou uma empresa de casas operárias. O Sr. Juordain, um patrão cristão, e o Sr. Julien, organizaram uma / (5) sociedade por acções. Imitava-se o que se fazia em Mulhouse. Começou-se por dois grupos de casas, um no bairro da Isle e um no de S. Martinho.

O Sr. Jourdain visitara comigo as espeluncas habitadas pelos operários nas pobres alamedas da avenida Richelieu e à volta do antigo matadouro. Os patrões deveriam fazer muitas vezes estas verificações! Elas explicar-lhes-iam as cóleras latentes da classe operária.

Esta obra de construções de casas para operários é coisa boa, é mesmo necessária; mas não está suficientemente protegida por lei. As casas construídas por estas sociedades são sadias e dignas. Os operários tornam-se pouco a pouco proprietários com o pagamento das rendas. Em S. Quintino, algumas famílias alsacianas, habituadas às ideias de Mulhouse, foram as primeiras a aproveitar. Mas precisaríamos de uma lei favorável à estabilidade do lar. Acontece que os compradores dessas casas vendem os seus direitos após poucos anos, hipotecam a sua casa quando ela está comprada, ou ficam arruinados pelos direitos de sucessão e de partilha à morte do chefe de família, e muito rapidamente o grupo de casas acaba por cair nas mãos dos judeus ou / (6) judaizantes. É toda a organização social que está doente.

UNIVERSIDADE CATÓLICA

A lei de liberdade fora votada. Em Lille estavam organizando-se. Fizera comigo novas instâncias. Recusei de novo. Guardava como sagrada a direcção que o Pe. Freyd me dera antes de morrer e, depois, o meu projecto de tender a vida religiosa já estava definido. Eu estava feliz por ver brotar esse movimento de ideias, ao qual tinha um pouco contribuído. Contentava-me com enviar a minha modesta subscrição para a obra de Lille.

EVOLUÇÃO POLÍTICA

A influência da esquerda aumentava na Câmara e no país. As assembleias-gerais dos Comitês católicos e dos Círculos foram brilhantes no mês de Maio, mas sentia-se chegar a borrasca.

Na clausura da Assembleia dos Círculos, o Sr. Mun apostrofava assim o Cardeal Guiber: “Eminência, alguns dias atrás, acudíeis a este mesmo lugar para abençoar os membros do Congresso dos Comitês católicos e, para fortalecer os seus corações contra as *incertezas do amanhã*, faláveis-lhes nessa eterna vitória que os vencidos do catolicismo alcançam sobre os seus inimigos: / (7) servidores duma obra que recebeu de Pio IX o epíteto glorioso de exército de Deus, suceda o que suceder, nós não desertaremos nem do nosso lugar nem da nossa bandeira, e esperamos, se for verdade que elas nos esperam, ter a nossa parte nessas derrotas que são triunfos!...”

As eleições de Fevereiro tinham dado uma Câmara de maioria republicana. Era lógico, dado que a Constituinte tinha votado a República. Infelizmente, os Católicos não se tinham unido e tinham deixado conquistar a Câmara, isto, é a cidadela do Estado, pelos seus adversários. Mac-Mahon governou penosamente com o ministério Dufaure, apoiando-se sobretudo sobre o Senado; mas no fim do ano, a 12 de Dezembro, Dufaure teve de dar o lugar a Jules Simon, que se tornou o presidente do Conselho.

LIÇÕES DE ELOQUÊNCIA

Quando eu encontrava o Sr. de Mun e quando ele tomava a palavra nos congressos e assembleias, eu recebia uma lição de eloquência, e isso serviu-me um pouco daí em diante.

Há qualidades de orador que lhe vêm da natureza e das circunstâncias, como a boa presença, a voz, o prestígio do seu título de oficial. Mas há outras que se podem adquirir, como a fé, a elevação dos pensamentos e certos artifícios de retórica. Há essas metáforas e esses exemplos bem escolhidos com os quais, para excitar uma paixão, mostra-se-a em acção nalgum facto histórico.

No seu belo discurso de clausura da Assembleia de 1876, o Sr. de Mun tem pensamentos elevados e nobremente expressos sobre o entusiasmo da juventude, sobre a fé das mulheres de França, sobre a oração. Tem também várias dessas tiradas que

emocionam, como os oradores de ofício devem sempre ter preparadas nos seus apontamentos, para semeá-las ao longo do seu discurso. Indico aqui algumas.

1 - Para excitar os membros da obra ao trabalho depois do congresso:

“ Conta-se que estando o imperador Septímio Severo na hora da morte, o oficial encarregado de transmitir às legiões a palavra de ordem do dia veio, segundo o seu costume, pedi-la ao príncipe e que este, erguendo-se um momento sobre a sua cama, respondeu: “*Laboremus!* Trabalhemos!”. Eu gostaria que, no momento em que esta assembleia / (9) geral se vai separar, levássemos connosco esta palavra que resume todo o espírito da nossa obra: “Trabalhemos!”.

2 - Sobre a união de espírito e de coração:

“Homens que todos os dias dão à mesma obra uma parte do seu tempo, da sua inteligência e da sua actividade, nem que fosse apenas uma hora, uma palavra ou um traço de pena, têm com isso, entre si, uma consonância contínua do coração que nada pode substituir: as mesmas preocupações agitam os seus espíritos, as mesmas esperanças sustêm a sua coragem, as mesmas alegrias e as mesmas mágoas enchem as suas almas. Entre tais homens não são precisos encontros frequentes nem longas conversas; o trabalho comum basta para tudo, e para eles já não há espaço, nem separações, nem isolamento. Se, num instante, conseguíssemos reuni-los de surpresa, encontrá-los-íamos, por assim dizer, no mesmo ponto, e pareceria, ao vê-los e ouvi-los, que se trata de velhos amigos que continuam uma conversa começada há muito tempo...”

3 - Para recordar o exemplo das grandes obras do passado:

“A velha tradição do povo cristão reviverá totalmente nas suas associações actuais, e elas serão assim como um testemunho do passado / (10) e como um exemplo para o futuro. Numa aldeia de Bretanha eu vi uma velha igreja de granito, que se eleva no meio das charnecas e que traz no seu frontispício esta inscrição gravada na pedra: *Discite, Melandri, quid potuere patres!*⁴³

Os nossos Círculos erguer-se-ão também, no meio desta multidão, em que a boa semente já não encontra sulcos para a receber, como monumentos de granito, guardando preciosamente a fé dos nossos pais e recordando incessantemente ao povo que passa o que era a França quando era cristã...”

4 - Para encorajar à oração:

“ Quanto mais os obstáculos se acumulam à nossa volta, quanto mais as dificuldades nos oprimem e o futuro nos parece incerto, tanto mais nos é preciso procurar na oração a força e a esperança.

Narra-se que, nessa catástrofe das minas de Jabin que ecoou dolorosamente em toda a França, alguns homens que trabalhavam numa zona um pouco afastada conseguiram, com perigo das suas vidas, abrir uma passagem de salvação através dos caminhos tenebrosos do labirinto subterrâneo; mas ao chegarem ao poço onde esperavam encontrar a libertação, um novo e tremendo obstáculo se ergueu diante deles: os aparelhos (de subida e de descida) destruídos / (11) pela detonação já não podiam funcionar: então esses homens, que já ninguém pensava serem cristãos, levados por um pensamento comum, caíram de joelhos e, das entranhas da terra, ouviu-se a sua voz elevar-se em oração fervente a Deus pedindo-Lhe que completasse a obra da sua libertação. - Senhores, nós também procuramos penosamente o caminho que deve conduzir-nos à salvação e quando, um dia, após ter obtido alguns sucessos, nós julgamos, numa hora de entusiasmo, termos chegado ao porto, no dia seguinte um novo obstáculo vem entravar a nossa marcha e repor tudo em discussão. Então, e quando o desânimo ameaça invadir-nos, é o momento de nos lembrarmos dos mineiros de Saint-Etienne, e de dobrar os joelhos para pedir a Deus que leve a bom fim a obra que Ele se dignou começar...”

5 - Para excitar à confiança:

“Não digais que tudo está perdido e que não vereis o fim da tempestade. Quem sabe se não estais na madrugada da ressurreição? Li algures que uma sociedade de salvamento concebeu a ideia de equipar os navios com bóias especiais, que, lançadas ao mar no momento do naufrágio, aparecerão de repente, por efeito de uma reacção química, dominadas por uma chama brilhante para a qual os naufragos poderão / (12) dirigir-se como para um farol. Parece-me, senhores, que no meio da tempestade que ameaça engolir o navio em que nós estamos, Deus, com a Sua mão poderosa, lançou a nossa Obra nas vagas e que a coroou com uma chama acesa no fogo da caridade, para

⁴³ Nt. “Aprendei, ó Bretões, o que os pais foram capazes de fazer!”

que seja, aos olhos de todos, a bóia de salvação que Ele ainda oferece à França em agonia!...”

6 - Para dar um grito de reagrupamento, ele relembrava este facto muitas vezes citado:

«A imagem da salvação da qual nós esperamos ser os instrumentos não bastaria, talvez, para dar nova carga à nossa coragem em todos os reveses que nos esperam. Convém, a soldados que vão para o combate, após terem procurado, na grandeza da sua causa e na esperança do socorro divino, um motivo para fortalecer os seus corações, convém darem entre si um grito de reagrupamento que reconforte na hora do perigo. Um ilustre escritor contou como pereceu, pela causa de Cristo, no combate de Monte-Libretti, Arthur Guillemin, um dos jovens oficiais dessa falange de heróis que se tinha formado para defender o trono de São Pedro. Foi um dia imortal: os soldados do Papa eram oitenta; / (13) os seus inimigos eram mil e duzentos; e, contudo, eles saíram vitoriosos! Mas o seu chefe estava morto e muitos outros com ele. No auge da luta, vendo perto de si o corneteiro ferido que ainda se esforçava para tocar ao ataque, Guillemin teve uma última palavra: “Grita comigo: Viva Pio IX, e tu poderás combater ainda!” É este, meus senhores, o grito de reunir que eu vos proponho! Quando virmos o perigo no seu máximo e o inimigo fazer estragos a nossa volta, apertemo-nos uns aos outros, gritemos: viva Pio IX! E poderemos combater ainda!...»

ORATÓRIO DIOCESANO.

Os retiros em Soissons foram pregados neste ano pelo Pe. José Jenner. Eu tinha partido para o congresso de Bordéus.

As reuniões anuais do Oratório realizaram-se durante o primeiro retiro. Estavam presentes as RR. Frion, deão de Neuilly, presidente; Petit, Pároco de Buironfosse, vice-presidente; Déjardin, deão de Vailly; Legrain, pároco de Gandelu, Tesoureiro; Marchal, professor em S.Léger; Luzurieux, pároco de Andigng; Petit, pároco de Montigny l’Allier.

Estavam ausentes, como eu, os RR. Caron, deão da Coucy; Lemaire e Leleu, vigários em S. Quintino; Rasset, vigário de Sains.

Foram admitidos alguns membros novos: / (14) Os RR. Houpeaux, pároco de Luzoir; Dufour, pároco de Cuisy-en-Almont, e Jovenay, vigário de Château-Thierry.

A pequena obra desenvolvia-se. O presidente pôde ver o novo bispo, Mons. Thibaudier, que expressou a sua viva satisfação e declarou que aprovava altamente uma instituição tão apropriada para aperfeiçoar o clero.

MONS. THIBAUDIER.

O novo bispo tomou posse da sua sede, por procuração, a 6 de Agosto. Os vigários capitulares apresentaram-no-lo nestes termos: «A fama já nos fez conhecer as suas eminentes qualidades. Ele passou a maior parte da sua vida no laborioso e fecundo ministério do ensino e acumulou abundantes tesouros de doutrina bem adequados a realçar a sua autoridade. Revestido há mais de um ano do carácter episcopal, como bispo auxiliar, deu o seu dinâmico e muito inteligente contributo ao eminente Primaz das Gálias, Mons. Ginouilhac... Após a morte deste pontífice, o capítulo metropolitano escolheu-o para lhe confiar a administração da diocese... As respeitosas simpatias com que o clero e os fiéis o rodeavam, os pesares unânimes que se manifestam no momento / (15) da sua saída, são para nós uma garantia segura de que se realizarão as esperanças por nós concebidas, e que nós temos gosto em manter...»

Não era suficiente dizer isso. Mons. Thibaudier era *um bispo*; esta palavra caracteriza-o mais do que longos discursos. Ele tinha a gravidade, a prudência, a sabedoria do bispo. Ele, dele, tinha também a caridade, o zelo, a piedade. Tinha uma aparência fria, com um coração muito dedicado. Aluno do R. Noirot, tinha conhecimentos filosóficos pouco comuns. Ele era todo lionês e conservava muitas das tendências galicanas, mas com absoluta boa fé. Era também muito apegado às maneiras de ver dos católicos liberais.

Apresentava-se a si próprio numa bela carta pastoral. Começava por falar do seu afecto para com aqueles que adoptava e para com aqueles que deixava:

“É do mais profundo do nosso coração, nossos caríssimos Irmãos, que vos mandamos esta primeira saudação e esta bênção paterna. Quantas vezes não vos temos já abençoado, quantas preces não dirigimos já ao céu por vós como por nós mesmos, desde o dia em que nos chegou o anúncio inesperado que íamos ser vosso Pastor! Sentimentos bem diferentes, / (16) nossos caríssimos irmãos, emocionaram então nossa alma e, porque não confessá-lo, fizeram-na sobressaltar de medo e de dor ao mesmo tempo que de caridade e de alegria.

“O nosso coração inclinava-se certamente com amor para esta grande e preciosa parte do rebanho de Jesus Cristo que o Pastor eterno, pela voz e autoridade do seu Vigário se dispunha a colocar sob a nossa guarda. Mas os laços que nos ligavam ao nosso berço, também nos faziam sentir o seu terno e doloroso aperto. Era preciso deixar o seu natal e a cidade em que habitávamos há trinta anos e esta Igreja de Lyon tão querida aos seus filhos, e todos esses afectos criados no decorrer de uma já longa existência. Ah! nossos caríssimos irmãos, se Melquisedec, o sacerdote *sem pai e sem mãe*, foi na antiguidade a imagem mais perfeita do novo sacerdócio, é sobretudo ao bispo, é a ele que, depois do divino Redentor, possui o sacerdócio na sua maior plenitude, que este tipo misterioso se aplica com mais perfeição. É ao bispo que se exige de modo particular, como um dia a Abrão, de abandonar a sua terra, o seu parentela, os seus amigos para se mudar para o país que o Senhor lhe indica. Todavia, ele não tem nem a vontade nem o poder de se furtar / (17) aos direitos sagrados da natureza; ele não renuncia a amar o que foi o digno objecto dos seus apegos, nem a sofrer com os que ele ama, nem a se entregar por eles ao trabalho; ele renuncia unicamente a alegrar-se com a sua doce presença e com a troca da sua amizade...”

O pio bispo podia fazer a si próprio esta justiça, de não ter, como muitos, forçado a mão da Providência:

“O nosso primeiro motivo de confiança e de coragem veio da manifestação da vontade divina. Não tínhamos procurado o episcopado; ele tinha-nos sido imposto pelo desejo dum Pontífice venerado, a quem o trabalho e os cuidados tinham esgotado as forças, e que nos pedia paternalmente de vir em sua ajuda. Depois deste pai descer ao túmulo, a nossa frente ungida pelo óleo santo, ficava armada para os combates do Senhor; as nossas mãos seguravam um cajado pastoral; sob proposição de velho guerreiro que vela pelos destinos da França, o sucessor de S. Pedro disse-nos: Eis um rebanho a conduzir; eis o campo de batalha onde é preciso disputá-lo ao demónio.” Pareceu-nos impossível recusar. E é assim que nos tornámos vosso bispo... e eis porque acreditamos ser Deus que nos envia.” / (18)

Mons. Thibaudier recordava depois as glórias da Igreja de Soissons e de Laon:

“Foi da Cátedra de s. Pedro que vieram directamente os vossos apóstolos; foi o vigário de Cristo que vos enviou os dois grandes missionários aos quais vós prestais um culto tão filial, S. Sisto e S. Sinício.

“E de que germes de santidade o seu sangue encheu a terra sobre a qual foi derramado! Há bem poucas Igrejas, não somente na nação Cristianíssima, mas em todo o mundo católico, que mostram como a de Soissons, doze dos seus bispos admitidos às honras públicas dos Bem-aventurados e recebendo as nossas orações! Vós reclamais também, com legítimo orgulho, entre as vossas glórias cristãs esses dois patrícios artífices, pregadores leigos, mártires, S. Crispino e S. Crispiniano que o mundo nomeia, sem os conhecer, como acontece com tantas outras coisas, e que tanto merecem as vossas homenagens seculares, e dos quais nenhum homem animado de algum zelo pela verdade deveria ignorar a sublime e comovedora história...

“Vós também, nobre Igreja de Laon, filha de S. Genebaldo, tendes as vossas glórias e os vossos protectores celestes!... Para guardar e honrar penhores tão venerandos, quantos momentos, quantas instituições se ergueram. / (19) Citamos somente a abadia de S. Medardo, onde a nossa recordação filial procurará ainda os traços que devem ter deixado os passos do imortal Leitrado, bibliotecário de Carlos Magno, depois arcebispo de Lyon, cuja antiga Escola, modestamente apoiada sobre os alicerces da Primacial das Gálias, apresenta ainda os seus muros enegrecidos e mutilados, como garantias irrecusáveis do zelo que a Igreja terá sempre pelos bons estudos...”

O piedoso bispo terminava com uma profissão de dedicação à santa Sé:

“Solicitando aqui paternalmente a obediência e a dedicação, como o nosso corpo nos obriga a fazer, nós próprios corremos à frente de semelhante dever, oferecendo ao Vigário de Jesus Cristo, a homenagem da nossa veneração profunda, da nossa terna devoção, da nossa submissão sem reservas aos ensinamentos, às leis e prescrições do Pastor dos pastores. Filho de s. Ireneu por mais dum motivo, ouvimos muitas vezes com emoção lembrar e comentar essas belas palavras, com as quais, ele, vindo das regiões orientais evangelizadas por S. João, proclamava nas nossas margens gaulesas, no segundo século da nossa era, *a necessidade para a Igreja inteira*, de ir procurar a luz e a unidade junto da / (20) Igreja romana, em razão da sua autoridade e da sua posição incomparáveis (Adv. Haer. 1.III. c. 3). Criança e, ainda ontem, servidor da Igreja de Lyon, nós guardamos e reclamamos humildemente toda a nossa parte da honra e dos deveres solenemente atribuídos aos habitantes dessa cidade pelo sumo Pontífice Inocência IV, num acto de adopção *especial* que lhe conferia direitos privilegiados à paternidade da Sé Apostólica... Feito agora sucessor dos santos Sisto e Sinício, pontífices directamente

enviados pelo chefe da Igreja universal, é-nos gostoso transcrever, apropriando-nos dele respeitosamente, o juramento dirigido ao bem-aventurado papa S. Gregório II, pelo apóstolo da Germânia, são Bonifácio, que recebia directamente a sua missão da mesma fonte: «Eu, bispo pela graça de Deus, prometo a vós, bem-aventurado Pedro, Príncipe dos Apóstolos, assim como ao bem-aventurado Pontífice que ocupa o vosso lugar e aos seus sucessores, guardar total e inviolável fidelidade à fé católica, conservar-me firme na unidade desta fé, e testemunhar em todas as circunstâncias uma dedicação não menos inalterável àquele que ocupa a vossa cátedra e àqueles que lhes sucederão.»

“ Mais de 1.100 anos passaram, nossos caríssimos irmãos, desde que S. Bonifácio escrevia esta séria profissão de fé e este juramento: não parece que um e outro poderiam bastar a um bispo do séc. XIX? Se a doutrina definida pelo concílio Vaticano não está aí enunciada, porventura não sentimos que se respira nessas palavras?...

“ Mãe imaculada do Salvador, acabaremos esta primeira alocução ao nosso povo, invocando-vos a vós. A nossa infância vos foi consagrada no vosso santuário de Fourvière; vós recebestes lá a primeira confiança das nossas aspirações ao sacerdócio; quantas vezes aí nos concedestes luz, força, consolo! Santíssima Virgem Maria, cujo culto e protecção encontraremos com alegria no santuário não menos ilustre de Liesse, recebei o nosso novo ministério sob o vosso amparo; orai, quer pelo bispo, quer pelo clero, quer por todos os fiéis da diocese de Soissons e de Laon!”

Repito aqui: era um bispo, um verdadeiro bispo, e dele tinha as graças e as virtudes.

REUNIÕES DE JOVENS.

As nossas reuniões semanais dos jovens da classe responsável tiveram lugar regularmente durante todo o ano; trinta e quatro jovens tomaram parte nelas, a maior parte eram antigos alunos do liceu. Era toda a elite da cidade. Cito aqui os seus nomes:

Malézieux André, Moureau Paul, Moureau Pierre, / (22) Mornard Henri, Delesale, Julien Paul, Basquin Léon, Basquin Henri, Basquin Georges, Lefèvre, Blin Jules, Blin Amédée, Black Octave, Poissonnier, de Catalan, Vitard, Roger Paul, Voisin Paul, Hénocq, Raffard Adrien, Raffard Maurice, Raffard Jules, Lamotte, Mairesse Alexandre, Mairesse Léon, Bonjour, Maréchal Henri, Maréchal Louis, Dépierre Charles, Dépierre Paul, Urion, Beaufrère, Jourdain Maurice, Hurstel.

Nem todos perseveraram da mesma maneira. Três tornaram-se sacerdotes ou religiosos.

A reunião tinha uma palestra filosófica ou literária, e um peditório para os pobres. Todos os meses, havia um serão musical. Em Setembro, fizemos uma encantadora excursão ao castelo de Coucy.

Cada mês, um desses jovens fazia conferência na reunião mensal do Círculo operário.

Eu dei o programa das minhas conversações filosóficas em 1875.

Os secretários eram reeleitos de três em três meses. Os de 1876 foram: Octave Black, Paul Voisin, Jules Blin e Henri Mornard. Os cadernos das actas resumem os nossos trabalhos. Dei-lhes um curso inteiro de economia política. Aqui, analisarei só uma conferência:

A religião e a justiça dominam todos os deveres e toda a missão do Estado.

Para demonstrá-lo, consideremos primeiro qual é o domínio próprio da sociedade civil, quais são a extensão e os limites deste domínio.

O poder e as funções determinam-se pelo fim a alcançar.

O fim próprio da sociedade civil é a prosperidade temporal dos cidadãos. Deus estabeleceu a sociedade, inclinando os homens a realizá-la, para que encontrem nela o que falta na vida solitária ou na vida de família para o desenvolvimento das suas faculdades e para que se encaminhem em paz e facilmente para o seu fim último que é a bem-aventurança eterna

A sociedade civil deve ter em conta a religião e a justiça:

1º Porque, sendo ela mesma uma pessoa moral, deve a Deus um culto de homenagem, de gratidão de oração;

2º Porque ela deve prover à facilidade temporal dos cidadãos que está toda subordinada à religião, à justiça, à felicidade eterna.

A sociedade civil não deve governar a religião, pois que para isso Deus estabeleceu uma sociedade especial que é a Igreja. Mas / (24) deve respeitá-la, favorecê-la mesmo. Na verdade, 1º- o primeiro direito de cada cidadão é de prestar homenagem ao seu Deus ; o Estado portanto não pode pôr obstáculos a isso. 2º- A prosperidade temporal

e a paz pública não podem subsistir longamente com a indiferença religiosa. Já não haveria protecção divina, nem justiça humana nem boa fé nas relações. 3º- O bem temporal dos homens está essencialmente subordinado ao bem espiritual. Caso fosse preciso, ele deve mesmo ser sacrificado ao bem espiritual. A sociedade civil não pode portanto perder de vista o fim espiritual que é o fim principal do homem. Não é possível separar totalmente no homem dois fins dos quais um é subordinado ao outro.

O Estado sem Deus não teria outro limite à sua tirania se não a força bruta, ou a opinião que é instável e fácil de corromper.

Este é o ensinamento da Igreja.

S. Leão Magno (ad Leonem Augustum, ep. 125): “Debes incunctanter advertere regiam potestatem tibi non solum ad mundi regimen, sed maxime ad Ecclesiae praesidium esse collocatum...”⁴⁴

Igualmente, S. Aug. (ad Comitem Bonifacium, ep. 185).

S. Gregório Magno (ad imperatorem Mauritium, 1.2, epístola XI): “Ad hoc, potestas caelitus data est ut, qui bona appetunt adjuventur, ut caelorum via largius / (25) pateat; *ut terrestre regnum caelesti regno famuletur.*”⁴⁵

S. Tomás (de regimine princ. 1.1. c.15): “Cuicumque incumbit aliquid perficere, quod ordinatur in aliud sicut in finem, hoc debet *attendere ut suum opus sit congruum fini...*sicut aedificator sic debet domum disponere ut ad habitandum sit apta... ita ad regis officium pertinet ea ratione vitam multitudinis bonam procurare secundum quod congruit ad caelestem beatitudinem ducunt, et eorum contraria, *secundum quod fuerit possibile, interdicit.*”⁴⁶

Estas poucas linhas de S. Tomás valem um tratado completo de política. O soberano cristão deve ter em vista o bem comum temporal, tendo em conta o fim último. Não deve fazer nada que vá contra o fim último e por conseguinte contra a religião, contra

⁴⁴ N t “ Deves continuamente pensar que o poder real foi-te dado não só para governo do mundo, mas sobretudo para amparo da igreja...”

⁴⁵ N t “Para isto te foi dado do céu o poder, para que os que desejam o bem sejam ajudados, para que seja mais largamente aberto o caminho dos céus: para que o reino terrestre sirva ao reino celeste”

⁴⁶ N t “Aquele a quem incumbe realizar alguma coisa que seja ordenada para outra coisa como para seu fim, deve preocupar-se *de que o seu trabalho seja adaptado ao fim...* como o construtor deve dispor a casa de tal modo que fique apta a ser habitada... do mesmo modo faz parte do dever do rei procurar a vida feliz da multidão, de tal maneira que seja conforme ao que convém para alcançar a felicidade eterna; isto é, ele ordene o que conduz à bem-aventurança eterna, e proíba, tanto quanto possível, tudo o que é contrário a ela.»

a Igreja. Deve favorecê-la, *secundum quod fuerit possibile* (dentro do que for possível). Isso salvaguarda todas as tolerâncias que a razão exige especialmente numa sociedade dividida...

OUTRAS OBRAS

O Secretariado diocesano, era praticamente só eu. Os RR, Julien e Guilherme ajudavam-me pouco. Tinha correspondência com muitos párocos, para tentativas de fundação obras. Devia também preparar o / (26) congresso de S. Quintino, enviar os convites, procurar oradores, Redigia também um opúsculo sobre a fundação dos Círculos e patronatos, e espalhei-o pela diocese.

Comecei também as reuniões de patrões que tinham lugar cada quinze dias. Falávamos dos deveres dos patrões. Tinha uma dúzia. Vários fizeram melhorias nos seus regulamentos de fábrica, por ex: os Srs. Chatelain, Evrard, Viefort, O sr. Basquin; colocou Irmãs de Caridade nas suas fábricas de bordados para se ocuparem das operárias.

Os funcionários públicos começavam a afastar-se de nós. O governo virava rapidamente para esquerda. As obras católicas tornavam-se suspeitas porque os católicos não tinham sabido alinhar com o governo escolhido pela Assembleia Constituinte. O Sr. Pluzanski, professor no liceu, deixou em Outubro de vir ajudar-nos. Ele já não era livre. A Universidade passava a estar sob a influência maçónica.

ESTUDOS E LEITURAS

Este ano li especialmente alguns contemporâneos, Mons. Freppel, Mons. Turinaz, Leão Gautier, Blanc de S. Bonnet. Copiei belas páginas de Mons. Freppel / (28) sobre o carácter e o patriotismo; de Mons. Turinaz sobre o dever de agir e de sofrer; de Leão Gautier sobre a educação; e todo um estudo sobre o regime eleitoral segundo o espírito do Direito Canónico.

Que bela página de Mons. Freppel sobre o carácter! “Já não há homens de carácter! Grita-se de toda a parte, e com muita razão. Na verdade, onde encontrar hoje, senão em pequeno número, essa firmeza de convicção que não se deixa desmoronar pelo medo nem seduzir pelo sofisma; esse apego aos princípios que impede o homem de flutuar por qualquer vento de doutrina, e de se tornar o joquete dos acontecimentos; essa

constância em seguir em todas as coisas a linha recta e invariável da verdade e do bem; esse domínio sobre si próprio que leva a sacrificar o interesse ao dever, e a colocar a honra mais alto do que o sucesso? - A história do tempo actual lá estaria para desmentir-nos, se disséssemos que os caracteres não enfraqueceram no meio da apatia geral. O que há então que lhes possa restituir essa energia, essa mola moral sem a qual a vida humana falta de elevação e de dignidade? A fé crista, a fé que fazia de S. Ambrósio um grande / (28) coração e um grande carácter. Ah, não digais a esse homem que uma fé robusta torna superiores a todas as vicissitudes deste mundo, não lhe digais de transigir com o dever, de fazer dobrar a justiça diante da paixão, de reter a verdade cativa sobre lábios tímidos, de sacrificar a consciência ao ídolo do momento. Não, essas fraquezas, esses abatimentos, essas molezas, esses compromissos entre a verdade e o erro, ele não os conhece: o seu carácter temperou-se nas fontes da fé; e se ele não chega a fazer triunfar à sua volta a justiça e a verdade, saberá pelo menos retirar do meio dos erros e das contradições humanas uma consciência recta e uma alma não perturbada.

- Sobre o direito eleitoral cristão, lembrarei só dois princípios: 1º O voto é obrigatório e deve ser exercido com conhecimento de causa; 2º Os sufrágios não devem ser solicitados.

“Todo o eleitor é obrigado, sob pena de pecado mortal, a dar o seu voto com conhecimento de causa, e a informar-se bem sobre a capacidade da pessoa a eleger. Descuidando essas pesquisas e investigações, os votantes pecam em matéria grave, já que são obrigados, em virtude do seu ofício, a tomar/ (29) as precauções necessárias para evitar a eleição dos indignos ou dos menos capazes, com prejuízo da comunidade e dos seus membros que viriam a ser governados por tais homens” (Decret. Greg. de electione 7 cum in cunctis...etc; citados por Ferraris).

“ O suborno tira a liberdade da escolha e torna a eleição nula. Há suborno quando se empregam as petições ou as súplicas para obter os votos. Os votantes que elegem os que solicitam os seus votos nomeiam indignos.” (Ferraris: electio).

Como tudo isso está longe dos nossos costumes! Entre nós, só se pode votar por aqueles que se apresentam, e tanta boa gente julga poder abster-se...

- Tomava também apontamentos sobre a moralidade relativa dos professores primários leigos e congreganistas, segundo as estatísticas; sobre o aumento da loucura e

do suicídio; sobre os Secretariados de caridade de outrora comparados aos Secretariados de beneficência de hoje.

A Ordem de administração do Secretariado da caridade de S. Suplício em 1777-78 era soberba. Esse Secretariado realizava sem ruído todas as nossas obras modernas. Tinha quatro secções, cada uma formada por quatro padres da / (30) comunidade e quatro senhoras da burguesia tendo à sua frente duas damas da aristocracia.

Normas para a distribuição dos socorros.

Os socorros consistirão:

1º Em fornecer trabalhos aos pobres em estado de trabalhar. Às mulheres e às raparigas será dado de fiar e de cozer...Para os homens, haverá um centro de direcções na paróquia, que indicará onde há trabalho para os que não têm.

2º Em dar o pão a seis reis à libra àqueles cuja pobreza estiver claramente provada; Duas razões determinaram a supressão do pão gratuito: a) os padeiros escolhiam as piores farinhas; b) os pobres habituados a comer um pão que não tinham ganho, enfastiavam-se do trabalho...

3º Em recuperar o comércio dos que experimentaram desgraças e restabelecê-los no seu estado anterior com um auxílio considerável dado uma vez só, mas tomando as mais sensatas precauções para não ser enganados.

4º Em tratar os doentes e fornecer-lhes tudo o que for necessário: o cirurgião, o médico, as drogas, o caldo, e na sua convalescença o que se chama a *ração/porção*, que consiste num pão molete e num pedaço de carne todos os dias.

5º Em dar o leite e a farinha para os bebés alimentados pelas suas mães, que serão avisadas de que, a não ser por motivos muito sérios, não serão ajudadas a pagar os meses de ama, porque o seu primeiro dever é de alimentar os seus filhos.

6º Em libertar os presos por dívidas, quando for para benefício das suas famílias e tomando as precauções necessárias.

7º Em colocar as crianças na escola quando as crianças não tenham posse por isso.

8º Em fixar pequenas tenças aos velinhos e aos doentes; mas os que não tiverem ninguém ao pé deles para curá-los, nem parentes nem amigos, serão colocados nos hospitais.

9º Em fornecer enxovais para bebés, camas, fatos, utensílios para o trabalho; mas raramente ajudas em dinheiro, porque os pobres quase sempre abusam dele por não saberem economizar ou para se divertirem.

10º Em ajudar com uma quarta ou quinta parte da renda aqueles que, apesar da sua assiduidade ao trabalho e as suas economias, precisarem deste socorro.

O regulamento acrescenta que os que não forem de religião católica serão socorridos como os outros...

Gastos desde 1 de Out. 1777 até 1 Out.78: / (32)

| | |
|---|---------|
| 136 Enxovais de bebé | 952£ |
| Leite e farinha para 290 crianças | 3.450£ |
| Meses de ama de 43 crianças | 1.532£ |
| 14 Escolas gratuitas para rapazes ou raparigas | 6.019£ |
| Aprendizagem de ofícios | 1.500£ |
| Para aprendizes/ as | 5.870£ |
| Vestuário para 180 pessoas | 3.240£ |
| 555 Camisas e roupa interior | 2.421£ |
| 351 Camas e cobertores | 3.849£ |
| Lenha | 3.152£ |
| Pequenas pensões mensais a 270 idosos ou doentes | 15.890£ |
| Auxílios extraordinários para restabelecer famílias pobres | 57.367£ |
| Despesas para os doentes, que são habitualmente uma centena | 30.000£ |

Além disso foram dadas durante o inverno 186.000 libras de pão a 6 reis, e 360 rodas a fiar.

Não falamos nos adiantamentos feitos para as novas intuições, especialmente uma casa de empréstimos gratuitos.

Os pais e as mães que descuidassem de enviar os seus filhos ao catecismo e as escolas de caridade, eram privados de ajudas até que não cumprissem esse importante dever.

Aí temos uma obra bem social e bem conforme às obras modernas. O *Livro da esmola* de S. Quintino contém informações análogas. / (33)

CORRESPONDÊNCIA

O bom cónego Demiselle continuava a escrever-me por vezes. Tenho quatro cartas dele de 1876. A 9 de Janeiro, ele escreve-me de Crécý-sur-Serre: “Estou aqui para uma breve estadia de 5 ou 6 dias, por ocasião duma confraria do SS. Nome de Jesus, datando do pontificado de Inocêncio XI. - Estou sempre cheio de esperança quanto ao futuro do nosso país, à vista de todos os esforços que se fazem para reconduzir a classe operária, e da fundação dessas universidades que colocarão nas altas classes da sociedade cristãos sérios.

Por outro lado, as orações públicas e as demonstrações religiosas continuarão a reconciliar-nos o céu e a granjear-nos todas essas graças que desde há cinco anos nos valeram uma relativa tranquilidade... O S. Padre é sempre sublime, sempre inspirado pelo alto nas suas alocações, mas não vejo nenhuma que ultrapasse a que fez ao S. Colégio por ocasião da festa de S. João. A França e a Espanha serão os instrumentos de Deus para a renovação de todas as coisas. Ele poderá também servir-se dos nossos republicanos honestos para esmagar o radicalismo, o que não poderiam fazer as direitas.”

- O caro cónego já estava alinhado quinze anos antes que o Papa o / (34) prescrevesse. Se todos os católicos tivessem feito como ele, teriam sido os donos na república.

A 29 de Março escrevia-me: Apresso-me a anunciar-vos que a obra de S. Francisco de Sales vos concede 200 francos para o vosso Patronato... O novo bispo terá muito que fazer, a diocese está numa situação muito baixa sob muitos aspectos. Para os estudos, em especial, seria preciso dar-lhes uma direcção que tendesse a fortalecer as inteligências. Seria preciso, que o clero levasse do seminário a necessidade bem sentida

do estudo e dum estudo metódico. Poder-se-ia publicar um programa decalcado sobre o que serve para obter os graus académicos. Como estimulante, poder-se-iam dar os graus universitários por meio de exames numa faculdade reconhecida, ou na própria diocese ou numa capital de distrito... Infelizmente a “binação” mata os nossos jovens párocos... Pôr-me-ei à cabeça da pequena caravana para as peregrinações de Roma e de Itália...”⁴⁷

A 25 de Maio: “ Voltei na tarde do sábado, bem cansado, mas bem feliz. A nossa passagem pela Itália produziu grande sensação. O diabo gritou de cólera e houve uma interpelação / (35) no parlamento italiano a nosso respeito. De resto, durante a nossa passagem só recolhemos testemunhos de simpatia e mesmo de admiração. Os bons Italianos, naturalmente tímidos, não podiam senão ficar estupefactos por essa ousadia toda cristã e toda francesa. Encontrávamo-nos, cada manhã, reunidos numa igreja. Cantávamos o credo, havia uma alocução... Os directores de obras católicas mostravam-se admiráveis nas diferentes cidades, pela recepção que fizeram à nossa peregrinação. Em Pisa, Florença, Milão, Veneza, Turim, vieram receber-nos à estação. Alojamentos eram-nos preparados de antemão, e houve serões encantadores com distribuições de lembranças de toda espécie. Esperemos que estas demonstrações, apertando os laços da caridade católica, preparem as almas para os combates do futuro...”

O bom cónego encontrara conhecidos meus, o R. Verrièle, d'Arras; o R. Charles Redoy, que residia em Roma. “ Encontrei em Roma, acrescentava ele, muitas melhorias materiais que fazem contraste com as degradações morais.”

A 21 de Novembro, escrevia-me: “Vinde para a vossa instalação de cónego; a minha irmã vai ter pronto o vosso quarto. Volto agora duma missão que preguei em Vierzy...”

Entre os antigos condiscípulos de Roma, o P. Gilbert, entrado nos Oblatos de S. Francisco de Sales, em Troyes, escrevia-me a 22 de Fevereiro, para me pedir informações sobre um jovem. Dizia-me: “ Recebemos a nossa primeira aprovação. O P. Daum ajudou-nos muito.”Ele falava da congregação dos Oblatos, fundada sob a inspiração da Ven. Maria de Sales Chapuis, e da qual ele foi um dos primeiros membros.

⁴⁷ N t “ Binação” é a celebração de duas missas pelo mesmo padre no mesmo dia. Se as duas missas eram celebradas em lugares distantes, realmente poderiam matar o pobre padre que nesse tempo tinha de ir a pé ou, na melhor hipótese, a cavalo, e devia ficar em jejum absoluto desde a meia noite, nem uma migalha de pão nem uma gota de água. Um padre que por engano comesse um chocolate ou bebesse um dedal de água, já não celebrava. E se fosse Domingo, avisava o povo que voltasse para casa sem Missa.

A 24 de Março escrevia-me: “Felicito-vos pela vossa audácia, ou antes, pela vossa confiança na Providência; Não duvido de que chegareis, prontamente a cobrir as vossas despesas e a continuar as construções. (Aludia à minha obra do Patronato). O P. Lambert, acrescentava ele, vai começar em breve (é o superior local deles, que ia construir-lhes o colégio de Troyes). Ele tem subscritores, doadores ou credores, com ou sem juros. Acabamos de ter alguns dos nossos Oblatos ordenados, um diácono, um sub-diácono e quatro tonsurados. O Bom Deus abençoa a sua obra, e os trinta alunos do colégio S. Francisco de Sales aumentarão de número brevemente...”

No mês de Maio, era nomeado Mons. Thibaudier Enviei-lhe pelo meu antigo condiscípulo, R. Bernard, de Lyon, as minhas actas / (37) do congresso de Liesse, para informá-lo sobre a triste situação da sua diocese. O R. Bernard respondeu-me: «Fui visitar Mons. Thibaudier. Estava partindo para Paris e não recebia. Mandei-lhe entregar a acta da vossa Assembleia das obras católicas, com algumas palavras para explicar o assunto da vossa carta (projecto de congresso em S. Quintino). Quando ele voltar, falarei com ele mais longamente das vossas obras, dos vossos projectos. Eu estou de excelentes relações com ele: desde há muito ele é para mim um pai como um amigo. - Não poderia esconder-vos que a sua partida para Soissons causa uma pena profunda no clero de Lyon, que cada dia aprendia a amá-lo e a estimá-lo. A vossa Diocese recebe das mãos da Providência um santo Bispo. Fará um grande bem entre vós. Não tem nada de brilhante, é simples, modesto, quase tímido. Se o julgarmos pelas aparências, enganamo-nos de certeza. Mas ao fim dum certo tempo, teremos compreendido todas as qualidades sérias que há nele. Possais vós guardá-lo muito tempo, a bem da vossa diocese!...» Esta apreciação era perfeitamente exacta.

O Rev. Bougouin de Poitiers escrevia-me, a 6 e a 10 de Abril, cartas muito amigas, nas quais me / (38) dava informações sobre Mons. Briey, de quem se falava para bispo de Soissons. Dizia-me ele: “Vinde à sagração; Mons. Pie que vos conhece um pouco seria feliz de vos apresentar, ele próprio, ao vosso bispo: e não sou temerário ao dizer isto...” Depois falava da organização da Faculdade de Teologia em Poitiers. Dizia ele: “o professor de Sagrada Escritura e eu deixamos o seminário. O P. Guéraud torna-se ecónomo. O P. Dorvan dá o catecismo de perseverança (pequeno curso de dogma) à retaguarda dos alunos do seminário; o R. Vareilles ocupa-se das matemáticas com os de filosofia. A Faculdade tem actualmente todas as suas cadeiras e funciona sem ruído mas

com seriedade, nas mãos dos PP. Jesuítas. O Sr. Bispo deu-me a capelania do S. Coração...”

A 14 de Agosto, escrevia-me: «Quando fordes ao congresso de Bordéus, não podeis ‘queimar’ Poitiers sem fazer uma paragem. Mando-vos preparar um quarto no seminário... Lamento por vós Mons. Briey, mas estou convencido de que a sua saúde não teria sido suficiente para a tarefa. O bom Deus tudo permitiu pelo melhor. Mons. Pie pareceu-me simpatizar com a nomeação do vosso novo bispo... / (39) Devemos desejar coragem a Mons. Thibaudier; os bons sacerdotes serão a sua força e, desde que ele tenha à sua volta eclesiásticos esclarecidos, rapidamente tereis corrigido os vícios da vossa administração. Vós sois chamado, creio eu, num momento ou noutro, a prestar reais serviços à vossa diocese; seja o que for o que vós penseis, o vosso ministério vos prepara a isso, na minha opinião, a breve prazo. Posso dizer-vos que é também a opinião do nosso Bispo, e, sob este ponto de vista, lamento muito que Mons. Briey não seja o vosso Bispo, como eu tinha muito vivamente desejado. Mons. Thibaudier será bastante clarividente para ver sobre quem pode contar...» O bom Deus conduz-nos, sem ter em conta as previsões humanas.

O Rev. Désaire também me escrevia por vezes. Ele era pároco em S. Ambrósio, mas pensava sempre na vida religiosa. A 28 de Março: “Se não tivesse estado absorvido pelo trabalho que veio aumentar a minha quaresma na Maison-blanche, teria respondido à vossa excelente carta já há muito. Não é que eu tenha a dar-vos instruções muito exactas sobre o que mais vos preocupa (de entregar o Patronato a uma comunidade); mas pelo menos teria vindo a consolar-me um pouco, junto de vós, deste / (40) mal-estar de que sofro sempre no meio dos meus trabalhos e da felicidade relativa que me proporcionam. De que se trata? Não sei bem definir o que é; mas eu ando sempre perseguido pela ideia de que há coisa melhor a fazer, do que obedecer só a si próprio, produzindo assim um bem muito hipotético. Todavia, eu espero sempre e não tomo nenhuma decisão, porque, ao contrário do que quereria o P. Bienville (meu confessor), gostaria mais dos Dominicanos, e mesmo do que deixei na R. Francisco I, 8. Parece que lá tudo corre bem e que se tenham metido por um caminho excelente, tomando desde já bases seguras (noviciado e estudos). Os noviços que aí se encontram parecem muito contentes. Mas ninguém tem ainda coragem de dizer que é o *bonum ex integra causa*; se assim fosse, a voz interior falaria alto demais...”

No mês de Maio, ele espera ver-me por ocasião da Assembleia dos Círculos.

A 13 de Setembro, ele propõe-me para o seminário de Soissons um primo seu, que sai da Assunção. Fala-me dos nossos amigos de Dijon, RR. Bretenières e Poibeanc.

“ Em Dijon, passei uma semana deliciosa com os nossos antigos amigos... São dois santos. Já reuniram `sua volta sete confrades e / (41) não duvido que a sua obra prosperará rapidamente, porque o clero tem-lhes muita simpatia.

PREPARAÇÃO DO CONGRESSO DE S. QUINTINO

O congresso estava decidido para fim de Outubro. Desde Setembro, eu enviava aos sacerdotes e aos leigos cristãos da diocese esta circular: “ Senhor, vós certamente partilhastes connosco as cristãs emoções comunicadas a toda a nossa diocese pela magnífica Assembleia das Obras católicas que teve lugar no ano passado em Notre-Dame-de-Liesse. O entusiasmo de cada um dos presentes expressou-se por esta exclamação do seu presidente: “ Demos graças a Deus, autor de todo o bem, que parece querer abrir-nos como uma nova era, e que acaba de inaugurar da maneira mais feliz, sob os auspícios da Virgem Santíssima, a obra de regeneração do nosso país.” - Sacerdotes e leigos tinham respondido com prontidão ao apelo, feito em nome do nosso Senhor bispo, pelo Secretariado diocesano. No fim deste congresso, todos se alegravam por ter passado juntos uns instantes cheios de encanto, por ter podido conhecer-se e criar doces laços de fraternidade cristã, e sobretudo por ter obtido resultados muito sérios: “as hesitações vencidas, a coragem fortalecida, o zelo / (42) espevitado e mais bem esclarecido, a atenção de todos fixada sobre as necessidades mais urgentes, as soluções dadas ou preparadas, as decisões tomadas, as aspirações e os esforços reunidos num só feixe para alcançar um fim comum.” Esta assembleia viu explodir claramente todos os sinais das abundantes bênçãos celestes: o estímulo do Sumo Pontífice, as simpáticas cartas de Mons. de Ségur e do nobre Conde Alberto de Mun, o entusiasmo que suscitava a eloquência apostólica de alguns oradores, e esse sopro sobrenatural que electrizava e arrastava as almas, tudo isso fazia dessa reunião um segundo cenáculo, do qual cada um saiu gritando: “Devemos agir! Devemos organizar a acção católica!”

Sem ignorar as dificuldades da situação presente e os obstáculos que se opõem à nossa acção, estávamos todos penetrados por uma doce esperança, fundada no pensamento de que Deus está connosco, visto que trabalhamos para a sua glória e pela salvação das almas, e que está connosco também o Vigário de Cristo na terra, cuja

bênção traz sempre felicidade. Finalmente, depois de ter feito o voto de que essas Assembleias se repitam todos os anos, deixávamo-nos com estas palavras do nosso presidente: “Até à vista, coragem e boa esperança!”

Chegou o momento de retomar esses consoladores e frutuosos trabalhos. Mons. Thibaudier, nosso / (43) novo bispo, estimula-nos cordialmente; Sua. Exc. Dignar-se-á presidir em pessoa às nossas novas sessões. - A nossa primeira Assembleia produziu os seus frutos. Vimos surgir Comitês de Círculos, Conferências de S. Vicente de Paulo, Associações de perseverança, numa palavra, Obras de toda a espécie; e aqueles que não obtiveram logo um resultado tão brilhante, pensaram nos meios de criar obras, experimentaram alguma timidamente e sem barulho, ou então deixaram germinar a ideia que poderá desabrochar sob os raios duma nova assembleia...Agradecemos a Deus por aquilo que se fez. Estudaremos as causas da inacção de vários, e juntos procuraremos os remédios a dar-lhe. Sabemos que alguns, por sua natureza, gostariam de se contentar em gemer ao verem sob os seus pés o abismo do mal. Mas nós não queremos partilhar esta espécie de apostasia da vontade e repetiremos sempre com Pio IX: Soframos, mas trabalhemos, *Agere et pati*. - Mãos à obra, então, sob a direcção do senhor Bispo. Ainda este ano, temos a certeza da colaboração de homens que muito contribuíram para o sucesso dos congressos gerais de Lyon, de Reins e de Bordéus. Podemos contar com a presença do Sr. Harmel, o apóstolo da fábrica cristã e de vários / (44) membros do comité da Obra dos Círculos. Pedimos delegados do Secretariado central da União do Conselho geral das Conferências de S. Vicente de Paulo. Teremos também vários representantes das grandes indústrias do departamento (Concelho). As nossas reuniões coincidirão com as festas solenes da peregrinação de S. Quintino...

Para saber quem convidar, eu tinha enviado esta pequena circular aos deões: “Senhor, ser-vos-íamos muito reconhecidos se quisésseis enviar-nos em breve a lista de leigos cristãos do vosso cantão que poderíamos convidar para o Congresso diocesano.”

Para conquistar os industriais, redigimos com o Sr. Basquin esta circular que entrava mais dentro da sua corrente de ideias: “Senhores, o Congresso diocesano das Obras operárias vai reunir proximamente as pessoas da nossa região que se interessam pelos problemas da organização do trabalho e da moralização dos operários. Teremos a vantagem de nele encontrar os industriais de várias cidades importantes, e particularmente de Reins e de Maubeuge, que se dedicaram desde há alguns anos à reforma das oficinas e ao bem moral e material das classes operárias. Ouviremos a

descrição das instituições moralizadoras que valeram à Companhia / (45) dos vidros de S. Gobain e Chauny uma menção honrosa, na última Exposição universal, no concurso para o mérito social das oficinas. Vós não querereis ficar indiferentes aos trabalhos deste congresso que promete ser eminentemente útil e prático...

Tudo se estava preparando para o congresso. Eu tinha pedido relatórios de várias partes.

AS NOSSAS FESTAS EM 1876 - EXPOSIÇÃO

De tempos a tempos, era preciso uma festa, um serão, para entreter a vida na obra. Eis as festas que tivemos de preparar e organizar durante o ano. Em Fevereiro, “O Filho de Ganelon”, drama tirado da peça de Bornier (A Filha de Rolando); em Abril, pela festa de S. Leão, concerto; em Outubro, “ Jorge o operário ou deboche e arrependimento”; em Dezembro, “Onde está a felicidade?”, diálogo em dois actos.

Para os meses de Junho e Julho, tinha organizado uma exposição de trabalhos dos aprendizes e operários do Patronato. A exposição foi um sucesso. Havia de tudo, bordados, tules, tecidos, trabalhos em madeira, em ferro, em couro, impressos, encadernações, ect., ect...

Tivemos uma linda festa solene na bênção e inauguração da sala de festas, e na distribuição das medalhas aos expositores, a 20 de Julho. / (46)

O Rev. Bourse, vigário geral, viera de Soissons para benzer a sala. Fez uma alocução. O Sr. Júlio Coutant, um notável de São Quintino fez o relatório sobre a Exposição e proclamou os vencedores das medalhas.

Tivemos também, em Setembro, uma festinha para a inauguração da nossa congregação da SS. Virgem. Tinha sido erigida pelo Sr. Bispo em Agosto, e agregada a Roma no começo de Setembro. Era a reunião de oração, já antiga da obra, que se tornava uma congregação da SS. Virgem, canonicamente instituída. Esses bons jovens eram para mim uma grande consolação.

CONGRESSO DE S. QUINTINO.

Este belo congresso realizou-se de 23 a 25 de Outubro 1876. Foi o apogeu do despertar católico na diocese. Desde este momento, a mudança de orientação do governo francês afastou de nós os empregados do Estado.

Que belo congresso! Ultrapassou a medida dum simples congresso diocesano. Houve 250 adesões. Citarei somente alguns mais notáveis:

MM. D'Auvigny, proprietário de Pont-Saint-Mard;

os Basquin, manufactureiros de S.Quintino;

Bauchart, proprietário de Villers-le-Sec;

Comandante Barthelemy, do 87º;

Beluze, director do Circulo de estudantes de Paris; / (47)

Bernoville, proprietário de St. Quintino;

Biver, director da Glacerie de S-Gobain;

Boca, manufactureiro de S. Quintino;

Branche de Flavigny, proprietário de Soissons;

Cte de Bueil, proprietário de Varenne;

Cte Caffarelli, conselheiro geral;

Caille, Negociante e director de obras de Amiens;

de Caqueray, proprietário de Soissons;

Carle, membro da conferência se S. Vicente de Paulo de Laon;

Louis de Cissey, director da Obra do Domingo;

Coutant, administrador dos hospitais em St. Quintino;

Debras, capelão militar em Aire;

Paul Decaux, vice presidente do conselho central das Conferencias;

Delherm de Novital, negociante de S.-Quintino;

Doresmieulx de Fouquière, proprietário de Béthune;

Duflot Blanchard, manufactureiro de S. Quintino;

Filliette, presidente da Conferência de Laon;
de Fry, redactor do jornal de S. Quintino;
Gueneret, superior do Seminário Maior;
Guérard, juiz de instrução de S. Quintino;
Guyart, vigário geral;
Léon Harmel e Maurice Harmel, de Val;
Paul d' Hennezel, proprietário de Vorges;
Hervé, director de "la Gazette des Campagnes";
Huet-Jacquemin, antigo presidente da câmara de S. Quintino;
Huges-Cauvin, industrial de S. Quintino;
de Jassaud, Vérificateur de l'enreg à S. Quintino; / (48)
Jourdain, manufactureiro de S. Quintino;
Lefranc, médico em S-Gobain;
Le Gouvello, capitão de infantaria de Havre;
L'Eleu de la Simone, cónego de Laon;
Jules Lehoult, manufactureiro de St. Quintino;
Lenain, proprietário de Novion;
Loy, juiz em Laon;
Malézieux, presidente da Câmara do Comércio em S. Quintino;
Mariolle, negociante de S. Quintino;
Mauduit de Fay, fabricante de açúcar de Marteville;
Mazuc, deão de Villeneuve l'Archevêque (Yonne);
d'Ogny, proprietário de Paris;
Poissonnier, antigo notário de Chauny;
de la Prairie, proprietário de Soissons;
Comte de Rougé, proprietário de Paris;

Salandre, antigo notário de Colligis;

Salanson, proprietário de Villers-Cotterets;

Sepulchre, manufactureiro de Maubeuge;

Schirmer, engenheiro de Saint-Gobain;

Marquês de la Tour du Pin, proprietário de Arrancy; etc, etc...

DISCURSO DO PE. HENRIOT

O discurso de abertura foi pronunciado na basílica pelo R. P. Henriot, prior dos Dominicanos de Paris. Tomando por texto estas palavras da Sagrada Escritura: “*Unicuique mandavit Dominus de proximo suo*”, o orador demonstrou-nos a necessidade do apostolado laico. Frente à impiedade / (49) revolucionária e à guerra encarniçada feita a tudo o que nós amamos e veneramos, todo o cristão hoje deve ser um apóstolo... Foi aos padres, sem dúvida, que Cristo confiou de modo especial a missão de regenerar o mundo... Mas o padre não basta, apesar do seu zelo e da sua actividade, não pode alcançar todas as almas; há mesmo quem tenha medo dele, quem o repele como se ele fosse um mensageiro fúnebre. Então que fará? Dirigir-se-á aos leigos, naturalmente; pertence àqueles que vivem no mundo abrir-lhe uma passagem e preparar-lhe os caminhos. Sem este apostolado laico, o padre teria a mágoa de ver o seu ministério ferido em grande parte por uma desoladora esterilidade...

Cruzados da fé, nós não recuaremos diante dos cruzados da impiedade! Nos não teremos menor zelo e dedicação em propagar a luz e a virtude, do que outros gastam todos os dias para espalhar a mentira e a depravação... Hoje, todo o católico que tem uma inteligência para compreender, um coração para sofrer e para amar deve ser um apóstolo; todo o católico deve comprometer-se pessoalmente. - Ponhamos, portanto generosamente, mãos à obra; é o maior / (/50) serviço que podemos prestar, não somente à Igreja, mas também à sociedade, já que uma sociedade será tanto mais próspera quanto mais for religiosa. Sim, cumpriremos assim uma missão essencialmente patriótica, tornar-nos-emos eminentemente úteis ao nosso país, cem vezes mais úteis que todos esses farsantes que falam em cessar de liberdade, de patriotismo, de civilização e que, pela sua propaganda ímpia e revolucionária, tornaram-se os mais irreduzíveis flagelos da pátria e da humanidade!...

PRIMEIRO DIA

A primeira sessão geral é aberta por uma alocução de Mons. Thibaudier, toda cheia de piedosos encorajamentos:⁴⁸

“ Para maior glória de Deus no céu, e para a paz dos homens de boa vontade na terra, nos abrimos, cheios de confiança, preludiamos a primeira sessão do congresso... Nestes três dias, tereis de vos ocupar do bem moral e material das classes trabalhadoras e indigentes. Será em dúvida, meus senhores, uma perspectiva admirável diante do vosso grande desejo de fazer bem, esperar poder resolver facilmente e no seu todo, todos os problemas cuja discussão se apresenta como oportuna e urgente. Não nos deixemos arrastar por vãs ilusões. Sem fazermos todo o bem desejável, todavia faremos um grande bem / (51) esclarecendo problemas envolvidos nas trevas, facilitando o acesso a soluções ainda inabordáveis, elaborando um primeiro esboço, que deixará um material mais fácil nas mãos de outros operários, para tudo o que é belo, para tudo o que interessa a sociedade e a Igreja, especialmente na diocese que a Providência quis confiar à nossa indignidade... Que visões novas, que esclarecimentos especialmente para aquele que, assistindo pela primeira vez a estas sessões dum género novo, vê, no sentido do bem, obras que até agora, não tinham ferido os seus olhares, e ouve os motivos e os meios para os multiplicar! ... Aprende-se muita coisa num congresso: nem um só de vós, assim esperamos, se retirará daqui sem ter sido iluminado, nos resumos, nos relatórios, nas diferentes comissões, por um raio que esclarecerá a sua inteligência e aquecerá o seu coração. - Aqui, meus Senhores, o simples contacto encoraja por si mesmo, a proximidade de homens generosos, aquece e fortalece e, de um coração que bate para o progresso das obras católicas e para a santificação das almas, escapa-se uma força para fazer bater em unísono os outros corações. - Estas reuniões não servem somente para esclarecer, encorajar; elas são ao mesmo tempo apropriadas / (52) para edificar e para santificar... Rezaremos juntos, pediremos o alargamento da glória de Deus, a diminuição do mal; pediremos uma nova vida cristã para essas gerações que se deixaram despojar dela. Ao ver-vos, meus Senhores, é-nos permitido esperar muito deste congresso para a regeneração social e a santificação das almas.”

⁴⁸ N.T- O estilo de Mons. Thibaudier é rebuscado e pretensioso; difícil de perceber, e ainda mais de traduzir... Se houver pouca clareza, ela vem já do original.

O nosso bom bispo revelava-se nesta alocução com a sua piedade, a sua prudência e também com o seu estilo um pouco abstracto, de professor de filosofia.

O Bispo acrescentava que tinha pedido e obtido uma bênção especial do Santo Padre para o congresso.

- O meu relatório sobre o Secretariado Diocesano:

“Sr. Bispo, Senhores, este relatório poderia ter o título de “Confissões dum Secretariado Diocesano”. É preciso que vos relatemos o pouco que fizemos, frente à obra imensa que havia para fazer.

A falta é devida à nossa insuficiência. E todavia o campo era tão vasto e tão bonito!

O Secretariado Diocesano não foi definido um órgão necessário à vida das obras, um elo de união, um centro de informações, uma base de propaganda, o representante das obras centrais na diocese;/ (53) ele continua a sua acção, distribui os documentos, propaga-os, segundo as necessidades particulares da região, os diversos métodos que tiveram sucesso noutras partes para a organização das obras.

Ele tem os seus correspondentes, os seus zeladores, os seus missionários. Ele faz reuniões especiais, prepara congressos.

Como respondemos nós a esta magnífica missão? Como alimentámos esta fogueira?

Não a deixamos extinguir, graças a Deus! mas a sua chama não tem sido vigorosa. A tibieza do nosso zelo, o nosso pequeno número, as nossas múltiplas ocupações e mais a ganância da sede episcopal que nos deixava sem mentor e sem guia, tudo contribuiu para afrouxar a nossa acção.

Hoje, temos confiança, as obras vão tomar um novo impulso.

Encontrámos um pastor venerado, que nos prodigalizou os seus encorajamentos benévolos.

Vós lembrais-vos certamente do que ele nos escrevia à sua entrada na diocese: “Foi com um sentimento de viva alegria que ele pôde ver, nas actas da assembleia de Notre-Dame-de-Liesse, um número considerável dos seus diocesanos, eclesiásticos e leigos, rivalizar em aplicação e zelo no combate às misérias morais que entristecem as pessoas de bem e ameaçam até mesmo a nossa prosperidade material.” E desde então,

não estais emocionados e comovidos com a / (54) bondade com que a Sua Excelência se dignou convocar-nos aqui, tomar a direcção dos nossos trabalhos, abençoá-los, estimulá-los e dar às nossas obras a seiva que elas podem receber só da verdadeira vinha que é o pastor?

A nossa docilidade e a nossa gratidão atrairão a bênção de Deus sobre as nossas obras; nós queremos entregar-nos às obras de Deus, *“quae sunt Patris”*; o meio para nós é de nos entregar as obras do nosso pontífice, que para nós é também um Pai na ordem da graça; *“In his quae Patris mei sunt oportet me esse”*

Todavia, como o administrador da parábola, devemos dar conta da nossa administração.

E como a ordem cronológica dos factos é a mais fácil, vamos segui-la passo a passo.

I - Desde o dia seguinte à assembleia de Notre-Dame-de-Liesse, pusemos mãos à obra para a preparação e a publicação das actas. Era o primeiro meio para multiplicar os resultados dessa assembleia. Ela iria assim sobreviver a si mesma, e estender-se, por assim dizer, a um imenso auditório. Íamos levar o eco dos seus trabalhos a todos os pontos da diocese. Mais ainda, o Secretariado Central nos comprometia a fazer chegar essas actas a todas as dioceses da França, para que os vários secretariados diocesanos da França / (55) pudessem imitar essa bela assembleia.

Para isso, era preciso dar todos os nossos cuidados a essas actas. Fizemo-las as mais completas possíveis e, em seis semanas, estávamos a despachar 1.500 exemplares dum volume de 160 páginas contendo os dados mais práticos sobre todas as nossas obras...

II - Ao mesmo tempo, tentámos organizar a correspondência cantonal. Colocámo-nos à disposição dos RR. decanos para lhes fornecer, sendo preciso, os documentos e as informações necessárias.

III - Entretanto aproximava-se o Congresso de Reims. Era preciso anunciá-lo, fazê-lo conhecer, e levar para ele o maior número possível de pessoas. Espalhámos uma circular que dava as informações necessárias e que convidava da maneira mais insistente a essa importante assembleia.

Possamos ter contribuído um pouco ao belo movimento que se produziu então! Em Reims contámos 80 congressistas de Aisne.

IV - Tínhamo-nos comprometido em Liesse a propagar a associação para a santificação do Domingo. Não esquecemos as nossas promessas. Lembrávamos essa obra na nossa primeira circular. A de 15 de Julho de 1875 era-lhe / (56) quase inteiramente consagrada. Expúnhamos a sua organização e fazíamos as mais vivas solicitações para que fosse começada em todas as paróquias: algumas dezenas de associados com assinaturas ao Boletim mensal da Obra.

V - A difusão dos documentos foi o trabalho de todo o ano. Espalhámos em grande número os documentos gratuitos do Secretariado Central, com alguns manuais das Conferências de S. Vicente de Paulo e dos Patronatos. Fizemos editar e espalhámos uns Conselhos práticos para a fundação de um Círculo.

VI - Há um meio de propaganda que podemos usar apenas de maneira restrita, o das missões e das viagens a favor das obras. Julgámo-los muito útil, mas os membros do Secretariado não têm tempos livres. Todavia pudemos ir algumas vezes dar conselhos, e realizámos em Concy-le-Château um pequeno congresso cantonal de eclesiásticos e de leigos.

VII - A exposição geral dos trabalhos dos operários e aprendizes, membros das associações católicas da diocese, foi também uma realização do Secretariado diocesano... Ela obteve um verdadeiro sucesso; duzentos objectos foram expostos, trinta e seis medalhas foram distribuídas... / (57)

VIII - O Secretariado diocesano tomou também o encargo de provocar, na última festa da Assunção, uma peregrinação comum de operários da diocese a Notre-Dame-de-Liesse. Foi para nós mais uma excelente jornada...

IX - Entretanto, aproximava-se o dia do congresso de Bordeaux. O Secretariado Central pedia-nos um novo elenco das nossas obras. Enviámos àqueles dentre vós de que conhecemos as obras, umas folhas a preencher, e essas folhas voltaram, mensageiras de alegria e de esperança, dando-nos a conhecer as maravilhas do nosso zelo.

Não contámos menos de: oito Círculos; dezasseis Conferências de S. Vicente de Paulo; cinco Confrarias das Mães Cristãs; onze obras de perseverança para rapazes; seis

associações de damas de caridade ou de Providência; doze obras de perseverança ou confrarias de raparigas.

Quantos pormenores interessantes nos forneceram essas folhas! Tivéssemos nós o privilégio de Josué para criar o tempo necessário para vo-las repetir!

Lancemos só um golpe de vista; escolhemos entre eles:

Notre-Dame-de-Liesse, com as suas obras completas que fazem da paróquia uma verdadeira corporação cristã.

Sains, e o seu Círculo do Sagrado Coração de Jesus, rico / (58) de 71 sócios;

Ribemont, com 24 operários modelos num bonito Círculo, e 12 aprendizes no seu Patronato nascente;

Chauny, cujo pequeno Círculo, dirigido pelos irmãos, conta com 76 membros;

Seboncourt, o modelo das paróquias rurais: a sua antiga e pia conferência é duma fecundidade sempre nova; ela acaba de fundar um Patronato que conta já com 62 membros; tem o seu coral, as suas festas dramáticas, e vai tornar-se o viveiro dum Círculo.

Laon, cujo belo Patronato conta 87 membros e contém também o núcleo dum Círculo.

Neuilly, que já tem Círculo e Patronato com 48 sócios.

Não achais que tudo isso faz algum bem, no meio das tristezas do nosso tempo, por ver por toda a parte os remadores do barco da Igreja trabalhar para subir a corrente! ...”

Eu indicava depois os nossos recursos financeiros.

O Sr. Bispo quis felicitar-me e agradecer-me.

- O Sr. *Lenain-Proyart* fez-nos a seguir um belo relatório sobre os *deveres dos patrões*.

O seu fim é obter que os patrões e os donos de fábrica façam esta confissão: “Absorvidos / (59) pela actividade industrial, nós descuidamos alguns dos nossos deveres de patrões.” Ele vai buscar os seus documentos a três fontes: os economistas contemporâneos, os moralistas cristãos, os homens de acção e de exemplo.

I – De entre os *economistas* cita Le Play e a sua escola:

“O pauperismo, diz Le Play, é uma chaga causada pelos vícios do patrão e do operário; terá como remédio o regresso duns e outros ao respeito pela moral” (La Réforme social, pág.312).

Noutros textos, Le Play indigna-se contra a aplicação absoluta ao trabalho do operário do falso princípio da *procura e da oferta* (reconhece portanto que o trabalho não é uma mercadoria vulgar, e que é preciso ter em conta a vida humana e as relações humanas).

Por força deste falso princípio, o patrão e o operário, nas suas relações mútuas, só teriam em conta as condições actuais do salário, sem preocupar-se absolutamente da continuação das relações e dos compromissos, das vantagens morais, dos laços que criam a caridade cristã, dos serviços prestados, (e da justiça social). Isso é fazer do operário uma máquina inteligente e suprimir ao mesmo tempo tudo o que a moral e a religião têm de mais nobre e de mais elevado (p.476). Isso é, por um interesse secundário de hoje, esquecer / (60) o passado (e o decálogo) e comprometer o futuro.

O dever do dono de indústria, diz Le Play, é criar o Patronato. (Ele não mostra suficientemente que o dever do patronato deriva duma extensão de relações familiares e que tem a sua base e a sua sanção no IVº mandamento do decálogo).

“O regime do patronato, diz ele, reconhece-se especialmente na permanência das relações mantidas por um firme sentimento de interesses e deveres recíprocos. O operário está convencido de que o bem-estar de que goza está ligado à prosperidade do patrão. Este, por seu lado, julga-se sempre obrigado a prover às necessidades materiais e morais dos seus subordinados. Ele nunca separa as disposições tendentes a aumentar os seus benefícios daquelas que asseguram às populações meios de existência. A sua principal preocupação é a de excitá-los a adquirir, por meio da poupança, a propriedade da sua habitação, e de manter, em todo o tempo, a mãe de família no lar doméstico (p. 465 e ss.).

Noutra parte Le Play falou da ajuda que os patrões e a sociedade podem receber das corporações religiosas. Ele classificou estas corporações, segundo o seu fim, em várias categorias, sendo duas as principais. As da primeira categoria aplicam-se a aliviar todos os males que podem / (61) afligir a existência, desde o nascimento até à morte. Elas asseguram o alimento da alma e do corpo àqueles que não o têm; elas procuram

remédios a todas as imperfeições físicas, combatem a desordem resultante do vício e da imprevidência.

As da segunda categoria tendem a desenvolver os bons costumes e a previdência, o gosto da poupança e da propriedade individual; elas combatem a embriaguez e os outros vícios que mantêm as massas numa condição precária.

Le Play acrescenta que a acção pessoal do patrão em favor da ordem moral deve ser secundada pelo ministro do culto.

II - Quanto aos moralistas, o Sr. Lenain cita S. Afonso de Liguori e o P. Houdry. “Os mestres e os superiores, diz S. Afonso, são obrigados a ter cuidado dos seus dependentes e de todos os que lhes são sujeitos. A razão é que eles, em relação aos dependentes, são como a cabeça em relação aos membros; ocupam o lugar dos pais e, por conseguinte, são obrigados de certa maneira aos mesmos deveres dos pais. Mas, sobretudo, são obrigados a fazer com que, tanto quanto deles depender, observem os mandamentos de Deus e da Igreja.”

Poder-se-ia objectar, acrescenta Lenain, que / (62) essas noções sejam relativas às condições da pequena indústria rural ou manufactureira, a única que existia no séc. XVII, condições que oferecem uma aliança mais íntima entre o lar e a oficina. “Abusa-se, responde Lenain (numa brochura sobre a Reforma na Europa), quando, à vista das maravilhas que a grande indústria exhibe, se pensa dever aplicar ao governo da fábrica umas relações sociais diferentes daquelas que convinham aos antigos métodos de trabalho. Este prodigioso progresso na indústria multiplicou os meios de corrupção e as causas de decadência. Teria sido necessário que o freio moral crescesse nas mesmas proporções. Este freio faltou: essa é a origem do mal. Os deveres complicados e as obrigações recíprocas que a lei suprema e o bom costume conservavam, deviam fortalecer-se e estender-se; mas foram eliminados...”

III - Para se apoiar sobre os homens de acção e de exemplo, o Sr. Lemain recorria às brochuras de M. Harmel, que resume os deveres dos patrões, na obrigação de procurar para os seus operários a liberdade do bem, de fazer reinar a justiça na fábrica, de proteger os seus operários no corpo, na alma, nas famílias. O patrão cristão é ajudado pelas associações e pelos ministros da religião. / (63)

O *Rev. Hamet*, pároco de Seboncourt, leu-nos um estudo sério sobre as conferências de S. Vicente de Paulo, em que recomendava a fundação de Patronatos de aprendizes como anexos das conferências.

O bom *R. Beluze* presidiu, com a sua graça encantadora, uma comissão especial relativa às conferências de S. Vicente de Paulo.

SEGUNDO DIA

Fiz a leitura de um projecto de mensagem ao Santo Padre:

“Santíssimo Padre, humildemente prostrados aos pés de vossa Santidade, os membros do Congresso das obras operárias, reunidos em S. Quintino, apressam-se em oferecer-lhe a expressão da sua filial gratidão. Estão profundamente comovidos pela bondade paternal com que Vossa Santidade encoraja o seu trabalho, pela bênção e a indulgência plenária que se dignou conceder-lhes. À sombra do túmulo do apóstolo do Vermandois, sentem-se animados por um zelo mais ardente para a regeneração espiritual dos seus irmãos e a defesa da Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana.

Possa este testemunho da sua fidelidade ao Vigário de Jesus Cristo adoçar a amargura dos sofrimentos com que os inimigos da Fé não cessam de cumulá-lo e dignese o Senhor de abreviar o tempo das suas provações.”

O *Sr. Arrachart* leu depois uma exposição sobre as obras / (64) caritativas e sociais da Companhia dos vidros de S. Gobain, Chauny e Cirey.

Esta Companhia muito fez. Ela tem alojamentos para os operários, são e cómodos, para um terço da sua população operária. Ela não ganha mais do que dois e meio por cento dos capitais que neles investiu.

Tem cooperativas de consumo em S. Gobain e em Chauny. Dá 6% aos accionistas e o resto do proveito é distribuído pelos compradores no fim do ano. Este lucro varia de 2 a 7% do montante das aquisições. Os operários não podem comprar nas cooperativas por mais de dois terços do seu salário.

Há uma cantina, com quartos e restaurante, e balneários tudo a preços muito acessíveis.

Um desconto sobre o salário que varia de 3,50 a 10 francos por mês, é depositado na caixa de aposentação para a velhice.

Há também asilos, escolas, laboratórios e círculos regidos por Irmãos e Irmãs. Dez Irmãos e quatro Irmãs estão ao serviço das obras.

Os dois estabelecimentos têm as suas capelas. A maior parte dos directores são praticantes. Apesar disso tudo, a população operária não é cristã. Falta o capelão, e falta o espírito / (65) apostólico nos patrões.

O Sr. *Leão Harmel* expõe a seguir os seus princípios e descreve as suas obras com o ardor de sempre.

“Monsenhor, diz ele, logo que fostes nomeado para Soissons, a vossa solicitude é-se atraída para essas multidões inumeráveis de operários tão dignos de piedade e de amor. Coitados! Eles estão entregues sem defesa aos seus inimigos, os sedutores do povo; foram levados para longe de Deus e, perdendo Deus, perderam as alegrias da família, todos os bens deste mundo e esse bem inefável que se chama a alegria do coração... A vossa grande alma compreendeu que toca aos nossos bispos organizar e presidir estes congressos católicos em que nós trabalhamos eficazmente para pensar as feridas dos nossos irmãos e para restituir-lhes a felicidade restituindo-lhes Deus. - A Igreja tem uma doutrina social, ela tem a cura para todos os males, porque ela tem a verdadeira solução de todos os problemas...”

Em seguida, ele demonstra que o liberalismo político é absolutamente contrário à verdadeira liberdade. Se Deus não for o Senhor da sociedade, estaremos sob a tirania de César ou sob a da multidão... / (66)

“A Igreja, continua ele, ensina-nos que o Deus do céu e da terra é também o Deus da fábrica, que Ele tem direito ao respeito de todos. A Igreja ensina ao patrão que a sua autoridade vem de Deus, e que deve ser usada para conduzir para Deus todos os que dela dependem. Ela ensina-nos que os operários são nossos irmãos; suscita nos nossos corações um amor sobrenatural para com eles, amor que a ingratidão não pode quebrantar... O patrão não pode contentar-se em fazer respeitar a Deus na fábrica. Fora da própria fábrica, deve exercer os seus deveres de paternidade social sobre as famílias que Deus lhe confiou. Pelos instrumentos exteriores, ensino religioso, escolas, etc..., o patrão fornece aos seus operários os meios necessários para conduzi-los a Deus. Finalmente, pelas associações católicas, ele dá a todos os membros da família operária armas para lutar contra a tirania da fábrica ...; Baccarat e S. Gobain, apesar das grandes somas gastas todos os anos, não chegam a nada por falta de associações cristãs...”

Uma discussão interessante fornece ao Sr. Harmel a ocasião de desenvolver o seu pensamento.

O Sr. *Doresmieulx de Fouquière* lê um relatório sobre a Obra dos círculos, seus princípios e métodos.

O Sr. *Dessons* filho, lê-nos um relatório interessante e valentemente cristão sobre o Círculo de Sains. / (67) Este círculo conta 70 membros, dos quais 20 jovens. “Três palavras, diz o relator, resumem os resultados da obra: fuga das ocasiões, fé militante e prática cristã... A animosidade das tabernas condenou-nos ao ostracismo... Mas nós estamos bem consolados pela aprovação das nossas mães. - Os pais estão bem contentes, dizia uma delas falando do Círculo! - Quantas lágrimas a menos, diziam outras, se o círculo tivesse sido fundado há dez anos! - No fim de seis meses de frequência ao círculo, um operário declarava ter economizado 50 francos sobre as suas Segundas-Feiras e o bastante para pagar as dívidas das Segundas-Feiras precedentes.”

Tornado cristão sem medo e sem respeito humano, o círculo de Sains ia levar altivamente a sua bandeira nas procissões e nas festas da região. As comunhões são frequentes; as cerimónias do Domingo são animadas com cantos. Uma conferência de S. Vicente de Paulo e uma confraria do Rosário são inseridas no Círculo.

- Uma comissão especial trata da Condição dos trabalhadores de cultura. O Sr. *Marquês de la Tour de Pin* preside. Os Srs. Rougé, Hervé e vários eclesiásticos tomam a palavra. / (68) Reclama-se especialmente o descanso do Domingo.

- Outra comissão ocupa-se dos círculos, sob a presidência do Sr. *Doresmieulx* de *Fouquière* e *Le Gouvello*. Os Srs. Harmel, Basquin, Sépulchre tomam a palavra. Recomenda-se sobretudo o agrupamento dos patrões cristãos, como já se fez em *Tourcoing* e *Maubeuge*.

- Terceira sessão geral. Leio a carta seguinte de *Mons. de Ségur*.

“Paris 20 de Outubro de 1876.

Meus senhores, venho em nome do Secretariado central da nossa grande União, expressar-vos os votos que nós todos formulamos para a fecundidade das vossas reuniões e das vossas deliberações fraternas. O Sr. Cónego de *Fougerois*, que tem o gosto de nos representar junto de vós, falar-vos-á do congresso geral de *Bordéus* e das excelentes bênçãos com que o senhor se dignou cumulá-lo. Continuemos decididamente

o nosso trabalho de caridade e de conquista, e que o S. Coração nos encha cada vez mais com as luzes da verdadeira fé e com os ardores do divino amor.

Suplicando esse Coração adorável para que vos abençoe e vos inspire, tenho a honra de ser, caros senhores, o mais devoto dos vossos servidores,

Luís Gastão de Ségur, Cónego Bispo de S. Denys. / (69)

- Temos depois o prazer de ouvir o Sr. *Luís de Cissey*, o apóstolo da obra do Domingo. “Os nossos tempos são penosos, diz ele, mas os séculos passados tiveram também dias maus. Abély, nas suas cartas, queixa-se de que já não há religião nem pastores. Deus suscita então S. Vicente, R. Olier, e a França foi salva.

... A obra do Domingo domina todas as outras. Sem ela, disse Pio IX, a França não se levantará... Nós pedimos aos nossos associados a oração, a observância do Domingo e uma subscrição de 10 cêntimos para a assinatura do Boletim. Numa cidade, já contamos mil dezenas... Já temos para a obra em França 450 000 comunhões mensais, milhões de terços, vias-sacras, adorações, penitências que pelejam por nós. Poderá Deus não se deixar mover a compaixão?

Em Mans, já não se reconhece a cidade: todas as lojas fecham ao Domingo. Em Châlons, fiz uma conferência na Sé, apesar dos medos do governador civil que receava alguma agitação: “Não tenho direito, dizia o Bispo, a ter uma catequista?” Cinco mil assistentes comprimiam-se na vasta nave e, ao sair, todos felizes e satisfeitos repetiam:” O descanso do Domingo é realmente a lei da Humanidade.” / (70)

Deus quer salvar a França, disse-o em La Salette e em Lourdes, mas Ele quer que a sua lei seja observada...”

- O *Rev. Prévot* deu-nos um relatório espiritual escrito com subtileza sobre o ensino e as boas leituras. Fala-nos das escolas, das conferências, dos jornais, dos livros, dos panfletos: “Os inimigos da fé, diz ele, criaram publicações populares, em que o veneno se esconde sob títulos mais ou menos inofensivos: Biblioteca democrática, Biblioteca Franklin, Biblioteca operária, Biblioteca da Sociedade de instrução republicana, Educação popular. Lições de instrução popular Colecção a 5 cêntimos, Catecismo do povo, Escola mútua; anuncia-se mesmo uma Biblioteca do livre pensamento...” Cita-nos alguns horrores extraídos dessas publicações, contra Deus, contra a Igreja, contra a família, contra a espiritualidade da alma, etc... “A brochura sobre a confissão, diz ele, espalhou-se

num ano em 300 000 exemplares. Essas sociedades dispõem de grandes somas para a propaganda; têm armazéns em todas as cidades...

Ora bem! Meus Senhores, acrescentava ele, pergunto-vos: será possível cruzar os braços diante desta infernal ostentação de forças e de actividades contra a Igreja e contra as almas?" / (71)

Não se pode excluir o romance. O R. Prévot cita as obras de M. de Margerie, Anatole de Ségur, Violeau, Bouniol, Henri Conscience, Matilde Bourdon, Zénaïde Fleuriot, Lamothe, etc... Aponta umas revistas populares: Revista da imprensa, França ilustrada, O Mensageiro da semana, o Operário, o Campanário, o Lar, a Semana das famílias...; os opúsculos de Mons. Ségur, do Rev. Mullois, da Biblioteca católica de Tolosa, os da Propaganda católica (Poussielgue), da Sociedade dos livros úteis (Blériot); os panfletos da sociedade bibliográfica, os da Obra dos Círculos, os da livraria São José (Haton).

- Se faltarem recursos, a Sociedade de S. Francisco de Sales ajuda na propaganda, especialmente por ocasião de retiros.

- O Sr. *Lenain-Proyart* lê-nos um belo discurso sobre os deveres dos católicos para com a imprensa. Cita especialmente a Encíclica "Inter multiplices" de Pio IX, que recomendava aos bispos para favorecer e encorajar os bons escritores e a boa imprensa.

Sobre a questão política ele é exemplar:

"A política católica, diz ele, admite a liberdade das preferências particulares para uma ou outra forma de governo, mas ela entende / (72) que essas preferências nunca tomem um carácter agressivo, insubordinado e faccioso em relação aos governos existentes, mesmo quando esses governos não são os da nossa preferência. Na verdade, ela tem como princípio fundamental que se deve, segundo o mandamento divino, obedecer conscienciosamente e com inteira boa vontade aos poderes estabelecidos, sejam eles quais forem, desde que não mandem nada de contrário às ordens e às proibições da Igreja.

Ela quer mesmo que *se encorajem e se ajudem*, tanto quanto possível, esses poderes a servir a verdade, a fazer o bem e a praticar a justiça, todas as vezes que se mostrem dispostos a isso. - Não conhecendo ao certo os decretos da Providência sobre as formas de governo que devem prevalecer num país nas diferentes épocas da sua história, devemos recluir de acusar de falsidade esses decretos por um apego demasiado exagerado às nossas ideias particulares e por uma afirmação demasiado marcada e

confiante das nossas opiniões e das nossas vistas pessoais. É evidente que, sobre questões de forma governamental, não podemos ser tão afirmativos como sobre os assuntos de fé e de moral definidas pela autoridade infalível da igreja. O melhor então para nós será *de aceitar com inteira submissão* as formas que prevalecem mandando / (73) calar provisoriamente as nossas próprias preferências e os nossos afectos, até que Deus queira manifestar as suas vontades ulteriores pela grande voz dos acontecimentos. Há só uma coisa que nós sabemos de certeza absoluta quanto às formas de governo: é que todo o poder que se põe abertamente em guerra contra a verdadeira religião, isto é, contra Deus e a Igreja católica, trabalha desse modo para fornecer a prova mais palpável e mais irrefragável da sua ilegitimidade. - É essa a política que pode ser chamada católica e que convém por conseguinte aos jornais que se honram de ter esse nome. Praticando-a o melhor possível, esses jornais poderão merecer e obter o apoio, a ajuda e as simpatias, não somente dos leigos realmente conservadores, mas também do clero que poderá ajudá-los com menos receio de comprometer o seu ministério...”

É esse o programa dum sábio alinhamento e conforme à doutrina católica.

- O Sr. Cónego *du Fougerais* falava-nos depois do Secretariado central.

- À noite, *sessão recreativa*: é um triunfo para a obra; há 800 participantes. / (74)

Os jovens do Círculo representam um drama emocionante: “Jorge o operário”. O Sr. Cisey faz uma segunda conferência sobre o Domingo. Ele tem uma série de momentos interessantes. O seu trabalho vai tomar um grande desenvolvimento em s. Quintino. “Ameaça-nos uma crise espantosa dizia ele, façamos de modo a aproveitarmos as bênçãos do alto”.

TERCEIRO DIA

A quarta sessão geral é presidida pelo *Sr. de la Prairie*. Ilustra-se primeiro uma obra interessante fundada em Bohain. Um filantropo mandou construir alojamentos gratuitos para casais anciãos com a obrigação para os ditos casais de alojar e tratar, se tal fosse preciso, alguns doentes abandonados ou sem família.

- O Rev. *Jardinier* leu um relatório bem escrito sobre os orfanatos da diocese. Conta-se uma dúzia deles: em Charly, s. Quintino (são três) Vendhuile, Soissons, Laon, Molain, Parpeville. S. Michel e Cerfroid.

A propósito de S. Michel, ele recorda a velha abadia fundada pelo conde Elbert de Péronne. O B. Alcaleine foi o primeiro superior. Há um outro dos seus 45 abades honrado com o culto dos Santos. Um industrial, o Sr. Savart, chamou para lá as irmãs da Caridade que têm 200 órfãs. / (75)

A propósito de Cerfroid, ele recordava o antigo mosteiro dos Trinitários e o corajoso mote desses bons monges: *Gloria Deo uni et trino et captivis libertas.*⁴⁹ Foi aí que João de Matha e Félix de Valois fundaram a sua obra. Félix de Valois, Vermandois, fora criado em S. Quintino. Morreu em Cerfroid em 1212, na idade de 85 anos. - O P. Calixte, que tentou renovar Cerfroid, assistia ao congresso.

A propósito de S. Quintino, ele falava da nossa hospedaria de operários e do nosso orfanato, e queria mesmo dizer estas coisas demasiado graciosas a meu respeito: “Reservamos estas duas obras para o remate final, e é de justiça. Sim, é um dever de justiça oferecer ao Rev. Dehon a nossa afectuosa gratidão. Não é a ele, não é a essas obras dum coração sacerdotal, que nós devemos a alegria, saboreada nestes três dias, de nos encontrar aqui, em nossa casa, nesta sala grandiosa que nós chamaremos a sala dos Estados gerais da fraternidade diocesana...”

O Sr. Lecomte, de Rouvroy, deu-nos a seguir um relatório sobre os trabalhadores da agricultura, uma pequena, obra-prima que foi impressa a parte e que foi espalhada em grande número pela diocese. / (76)

“É impossível, dizia ele, não ficarmos impressionados com a mudança que se realizou nas condições, nos hábitos, nos sentimentos dos nossos trabalhadores da terra de há uns vinte anos para cá. Então, os caseiros eram ao ano, e havia uma espécie de vergonha em deixar o seu lugar antes do tempo. Hoje, eles trabalham ao mês, e muitas vezes não chegam ao fim e vão-se embora pelo menor pretexto. Os seus salários, em grande parte em trigo, asseguravam a alimentação das suas famílias. Presentemente, são pagos quase sempre em dinheiro, e este salário é dum uso mais imediato. Eles comiam na casa onde trabalhavam; em muitas quintas, agora, dão-lhe alojamento mas não comida. A sua pouca estabilidade faz com que, às vezes, hesitem em deslocar os seus móveis; vivem então fora das suas famílias, no albergue ou na cantina. - O entendimento entre os agricultores e os seus assalariados já não é fácil e as suas relações são por vezes tensas. Já não se ouve falar, senão como duma lenda, destes bons e leais

servidores que passavam toda a sua vida junto do mesmo patrão, tomavam parte em tudo o que lhe acontecia e faziam parte da própria família...

Com os novos ganhos criaram-se novas necessidades, e podemos citar como a mais funesta / (77) o consumo desmesurado da aguardente. A facilidade que os trabalhadores encontraram em receber imediatamente o preço do seu trabalho, levou-os a viver ao dia a dia. O desemprego e a doença apanham-nas desprevenidos e fazem-lhes provar privações que não conheciam... A mudança moral é ainda maior. As crianças são entregues aos acasos da rua. Tornados grandes, eles já não reconhecem a autoridade dos pais: cada um reclama uma parte dos seus ganhos para os seus divertimentos e pretende agir à sua maneira...

Mas quais são os meios a usar para obviar ao mal? Há um remédio que resume todos os outros, é o mandamento do divino Mestre: Amareis o vosso próximo como a vós mesmos. Devemos aproximar-nos dos nossos trabalhadores; devemos ser bons, sempre bons para eles. Devemos não somente compadecer-nos das suas penas e procurar fazer-lhes bem, mas amá-los com um amor sobrenatural, que vê neles almas criadas a imagem de Deus como a nossa alma... Mesmo do ponto de vista dos nossos interesses materiais, devemos ocupar-nos dos nossos trabalhadores; mas para nós cristãos, há um motivo de ordem muito superior, trata-se dos nossos interesses eternos; porque não devemos fazer-nos ilusões, e é com este pensamento, que eu termino, ser-nos-ão pedidas contas da alma dos nossos servidores." / (78)

O Sr. Lecomte propunha então um regulamento de associação dos agricultores cristãos. A associação começou, mas para todas as obras sociais seria preciso desde já uma organização diocesana, um Secretariado diocesano activo e zeloso, com sede na diocese.

Encerramento solene do congresso. Celebração pontifical das vésperas na colegial. Preside o cardeal Regnier, assistido pelos bispos de Beauvais e de Amiens. Os congressistas estão reunidos na nave.

Mons. Thibaudier toma a palavra. Fala-nos do mártir S. Quintino e dos seus gloriosos companheiros, Crepino e Crepiniano, cuja festa se celebrava. Ele exalta as suas virtudes, a pureza, a caridade, a coragem em defesa da verdade.

⁴⁹ Nt. Glória a Deus uno e trino, e liberdade aos prisioneiros.

“Mas poderia eu, acrescenta ele, limitar-me a estes princípios gerais, que se dirigem a todos os fiéis, quando me encontro na presença de um sacerdócio e de cristãos escolhidos que me recordam os dois santos operários de Soissons. Vós, Senhores, que vos dedicais às boas obras, deixastes os lugares onde se encontram os vossos interesses pessoais, para vir ocupar-vos dos vossos irmãos, para estudar os meios para esclarecê-los, consolá-los, uni-los cá na terra entre si e convosco, para que convosco estejam unidos no céu...

Obrigado, Senhores, pela alegria, a confiança, a coragem / (79) que nos trouxestes e que foram crescendo durante os poucos dias que passastes nesta cidade, que Deus recompense o vosso zelo, a vossa modéstia; que Ele as recompense cá na terra aumentando-as mais para poder recompensá-las ainda melhor na outra vida.”

-Tal foi este belo congresso. Era um magnífico impulso para as obras, mas seria preciso que o movimento fosse mantido por um Secretariado diocesano bem constituído em Soissons.

BREVE DO PAPA

Alguns dias depois do congresso, a 30 de Novembro, o Papa enviava-nos este belo Breve:

“Pio IX Papa. - Aos nossos queridos Filhos, o Presidente, os membros da mesa e outros membros do Congresso das Obras operárias da diocese de Soissons. - Caros Filhos, saúde e bênção apostólica. A vossa carta, queridos Filhos, que nos foi enviado pelo nosso venerável Irmão Odon, vosso bispo, só podia ser-nos agradável. Ela trata, de facto, dum assunto gravíssimo e duma porção da nossa solicitude pastoral que vai à frente de todas as outras. A impiedade não poupa nenhuma maquinação para arrancar as almas a Deus e corromper o povo, dirigindo as suas forças para a ruína da sociedade religiosa e civil. É por isso que nós aplicamos os nossos cuidados mais prementes a que se providencie às necessidades das crianças / (80) e dos jovens, a que se lhes procurem, com o alimento duma sã doutrina e a moralidade dos costumes, os auxílios oportunos para o desenvolvimento e a realização das faculdades da sua alma e do seu corpo, no seu próprio interesse e no dos outros.

Visto que dirigis para esse fim os vossos estudos e os vossos trabalhos, e que estais reunidos em congresso para a prosperidade e o crescimento da obra que

empreendestes, as vossas homenagens foram-nos agradabilíssimas como um dever de devoção filial, mas mais ainda, elas receberam da finalidade que vos propondes uma nobreza e uma importância maiores. Desejamos, portanto, aos vossos trabalhos frutos abundantes, frutos que serão tanto mais abundantes quanto mais fizerdes penetrar mais profundamente nos corações dos jovens os princípios religiosos, e tomardes mais cuidado em desviá-los de toda a doutrina que de qualquer maneira se afaste dos ensinamentos desta cátedra de verdade, ou que possa quebrar ou mesmo só enfraquecer essa força de unidade que não teme nenhuma emboscada nem nenhum assalto das revoluções. Que Deus secunde a vossa iniciativa pela salvação dum grande número de almas! Como penhor dos seus favores, recebi a Nossa bênção apostólica que a todos vos damos com afecto, ó nossos caríssimos filhos. -

Dado em Roma, junto de São Pedro, a 30 de Novembro 1876, 31º do Nosso pontificado.- Pio IX, Papa. / (81)

Este Breve era muito benévolo. Ele só se referia às obras das crianças e dos jovens. A Santa-Sé não estava ainda orientada para a acção social e democrática. O Congresso ia muito para além das obras para a juventude tratando dos círculos, da mutualidade, das obras de imprensa, etc...

CANONICATO

Na noite do segundo dia, 24 de Novembro, Mons. Thibaudier anunciara na reunião que me nomeava cónego honorário. Mons. Mathieu tinha-me mandado preparar uma murça pelas Damas da Cruz. Não faltaram as felicitações e aclamações; vieram mesmo donde menos poderia esperá-las.

Era um período de sucessos; as cruces viriam depois.

Alguns dias mais tarde fui a Soissons para ser instalado. O Rev. Demiselle deu-me hospitalidade e foi meu padrinho. Reuniu-se o Cabido. Procedeu-se devidamente e solenemente: cortejo até ao assento no coro, juramento, discurso do deão, acta do acontecimento. A maior parte dos cónegos era velhinha, e eu muito jovem. Achei essa cerimónia muito pouco alegre e bastante supérflua para um título que é um simples ornamento. Pus nisso muita boa-fé, simplicidade e rezei um pouco pela Igreja / (82) de Soissons, da qual eu me tornava uma dignidade honorária!

COMISSÃO PROTECTORA

A Comissão teve várias reuniões durante o ano.

A 22 de Janeiro, o Sr. Paisant, presidente do tribunal, estava presente. Fiz um relatório sumário. O ano de 1875 tinha sido muito fecundo. A obra recebera nesse ano 12.000 francos em donativos e cotizações, e 2.000 francos em peditórios na igreja e nos serões. Contávamos 475 utentes: 305 crianças abaixo dos 16 anos, 170 homens ou jovens. O pequeno círculo foi fundado para os adolescentes de 15 a 16 anos. Foi constituída uma associação civil que se fez compradora do terreno Dollé, da casa Idée e do jardim Casier.

Uma casa-de-família (Lar familiar) foi organizada para jovens operários e órfãos. O Rev. Brochard reside nela.

A Exposição estava a ser preparada; a sala grande a ser construída.

O Sr. capitão Bischoff é agregado como novo membro.

A 29 de Junho: relatório: desde 1 de Janeiro, donativos e peditórios, 6.388 francos.

Deu-se uma evolução política. O governo é menos favorável.

Desde Fevereiro tínhamos o ministério Dufaure-Ricard, e as eleições / (83) parciais eram claramente republicanas. Os Srs. Roux (vice-governador civil), Fossé d'Arrosse (substituto) e o capitão Bischoff deixaram S. Quintino. A obra tem sempre muita vitalidade.

A sessão para o relatório anual é fixada para 23 de Julho.

12 de Outubro. Última sessão. O Sr. Pluzanski, professor de filosofia no liceu, dá as demissões de secretário e já não tem coragem para tomar activa nas reuniões.

Mac-Mahon é obrigado a tomar um ministério Júlio Simon.

A OBRA

Eu descrevia a situação da Obra de S. José na bela festa do mês de Julho, quando distribuíamos as medalhas da Exposição diante duma assistência imponente. Copio o meu relatório, que retrata a obra no momento do seu apogeu:

“Vós não esperais de nós neste momento, um relatório pormenorizado, que vos conte toda a vida íntima da nossa obra. Seria supérfluo descrever-vos os nossos dias de

Domingo, partilhados entre os exercícios religiosos e os divertimentos do espírito e do corpo, ou os serões da semana ocupados com reuniões de devoção e de caridade, o recreio e o estudo da música. Já fizemos isso nos relatórios precedentes; hoje, seria para a maior parte de vós uma repetição massadora. / (84)

“Propomo-nos portanto lembrar-vos somente os princípios sobre os quais a nossa obra se apoia, a sua eficácia e as suas esperanças, depois indicar-vos rapidamente os nossos progressos e a nossa situação financeira.

Recebi muitas provas da vossa simpatia, para ser preciso procurar conquistá-la ao começar este discurso. Mas é mais à vossa indulgência que eu tenho de apelar para um trabalho escrito com muitas interrupções nos curtos instantes que me deixa a direcção e uma obra complexa e as preocupações ordinárias do ministério sacerdotal.

A situação social, razão das nossas obras.

“No ano passado falámos da nossa finalidade. Convosco e com todos os espíritos sensatos do nosso século, vimos com tristeza a invasão do mal social. Investigámos as chagas profundas da sociedade, o pauperismo, o antagonismo das classes, a imoralidade crescente no povo. Depois, consultando o nosso coração de cristãos, pensámos que não devíamos contentar-nos em gemer com os homens honestos e tímidos, nem somente emitir fórmulas ocas com os utopistas.

“Nós enfrentámos directamente a dificuldade e chamámos para o mesmo terreno, para o terreno da caridade cristã, o rico e o pobre, o patrão e o operário, para que eles trabalhem em conjunto na solução do problema, / (85) para que os mal-entendidos se dissipem, para que a união se restabeleça, o reino do Evangelho renasça e a chaga social seja curada. Esta tarefa era nobre e cavalheiresca, gostávamos de tomá-la sobre nós.

“Os inquéritos da autoridade administrativa, como os da iniciativa privada, justificaram neste últimos anos a afirmação, por nós frequentemente emitida, de que o mal-estar social resultava sobretudo dum mal moral. – A Câmara do Comércio de la Seine respondia ao questionário da Assembleia: “Os operários poupados e laboriosos estão em condições satisfatórias. Os outros sofrem o castigo do seu mau comportamento e dos seus excessos. Um grande número consome-se pelo abuso das bebidas alcoólicas e os prazeres debilitantes do meio em que vivem.”

“Um antigo ministro, filósofo bastante perspicaz para bem descrever o mal, mas não bastante cristão para encontrar o remédio, o Sr. J. Simon tinha dito isso dum modo

ainda mais impressionante: “Coisa tremenda, o pão falta muitas vezes nos lares operários mais pela culpa do pai, do que por culpa da indústria. Só no dia de Segunda-Feira, a taberna absorve a quarta parte do dinheiro ganho na semana, talvez mesmo metade. É a ordem e o trabalho, mais ainda do que o bom salário que asseguram o bem-estar. Por isso, o mal é sobretudo / (86) um mal moral.”

“Gostamos de tomar os nossos testemunhos num campo pouco suspeito de severidade para com o operário, que lisonjeia muitas vezes desmedidamente. Citamos ainda o quadro da devassidão de Segunda-Feira traçado com vigor pelo escritor que há pouco nomeávamos: “Tudo está a arder nos bairros suburbanos; o vinho e a cerveja correm em torrente; a música faz ouvir os seus sons gritantes; bebe-se, dança-se e briga-se toda a noite. Os que a polícia não arrasta para o calabouço saem de lá após dois dias, arruinados, embrutecidos, aviltados; já não têm coragem para se mostrar na fábrica nem nas suas famílias, objectos de horror e mágoa para os operários honestos. Se nas fábricas se encontram tantos operários cuja mão treme, cuja vista é turva, cujo braço baqueia sob o peso do martelo, qual é a causa? Será o fogo da forja e o ferro incessantemente batido sobre a bigorna? Não. O trabalho fortifica; é a devassidão que mata, é ela que produz os inválidos, que povoa as ruas de pedintes e os hospitais de incuráveis. E se de dia nos introduzimos nessas mansardas das periferias, porque essa estufa sem fogo, essa cama sem colchão e sem cobertores, esse armário vazio, essas crianças moribundas, metade de tuberculose e metade de fome? / (87) Há alguma crise industrial? As fábricas recusam emprego? O pai não sabe o que fazer da sua vontade e dos seus braços? Não, não. A sua mulher e os seus filhos viveriam se ele quisesse; é ele que lhes rouba a cama e os vestidos, ele que os condena ao frio, à fome, à morte; ele, o cobarde, que devorou a sua subsistência na taberna.”

“Este quadro é desgraçadamente muito exacto. E todavia o operário tem o coração generoso, e seria fácil reabilitá-lo. Ele não é o único culpado, talvez nem seja ele o mais merecedor de condenação. O inquérito constatou que uma das causas mais directas da corrupção dos operários é a violação do Domingo. Ora, atribuir toda a responsabilidade dessa falta ao operário, seria faltar à justiça. É um lugar comum acusá-lo de festejar à Segunda-Feira. A verdade é que, tornado indiferente por exemplos vindos de mais alto, ele não tem em nenhuma conta o Domingo.”

“ A sorte do filho do operário não é menos deplorável. Na idade de 12 ou 13 anos ele é lançado para o meio duma fábrica, desconhecido do patrão que lhe paga, crescendo

no meio do vício, cujo espectáculo ele tem cada dia diante dos olhos, aprendendo quase inconscientemente a repetir as / (88) blasfêmias que ecoam incessantemente nos seus ouvidos. Frente a essa situação, não será permitido perguntar-se se não é por ironia que falamos às vezes de “civilização moderna”?

“O aprendiz, ao sair da escola, precisa de um patronato benévolo, destinado a suprir a acção da família absorvida pelos trabalhos da fábrica. Descarregar sobre o pai esses cuidados atenciosos é, na maior parte dos casos, quimérico; ele não pode e, muitas vezes mesmo, não quer. Que se fez, então para eles, além da nossas obras? Quais são as instituições públicas ou privadas destinadas a moralizá-los? Não é de espantar que um grande número deles cedo se entregue à devassidão; que eles quebrem em breve todos os laços que os prendem à religião e à família, e que abandonem mesmo o lar paterno, em vez de ajudar os seus pais, logo que podem ser auto-suficientes, para desfrutarem egoisticamente de um salário que só eles consumirão.

“Tal é o mal em toda a sua extensão. Afora das obras da Igreja, nenhum remédio sério lhe foi oposto. Esse remédio não está certamente no jornal ímpio nem no romance socialista que se lêem na taberna entre dois copos de aguardente.

“É necessária toda a acção das nossas obras, com os conselhos assíduos dum director, a emulação do bom exemplo, a atractiva das alegrias honestas e a força sobrenatural da religião, para assegurar a educação cristã do aprendiz e para levantar a dignidade moral do operário.

A associação cristã, corrige o mal social

“Não há nenhum economista que não constate, no mundo industrial de hoje, um movimento irresistível para a associação. É, de resto, uma necessidade instintiva da humanidade. Destas aspirações nasceram outrora, sob a direcção benéfica da Igreja, as corporações das artes; vemos hoje as associações renascerem das suas cinzas, mas desta vez, ao que parece, para activar o antagonismo das classes. A sua forma, são as câmaras sindicais; o seu fim aparente, a defesa dos interesses legítimos... Uma aspiração natural que poderia ser dirigida para o bem dos trabalhadores e a prosperidade industrial. Está exposta a tornar-se bem cedo, sob a influência das ideias revolucionárias, uma arma de combate, talvez um instrumento de ruína.

“Os donos dos estabelecimentos industriais têm, se quiserem, um grande papel a cumprir. A sua missão é de tomar a chefia do movimento que arrasta os operários para a

associação, mas para lhe restituir o seu verdadeiro rumo, esforçando-se por / (90) dar-lhe como base o espírito cristão.

“Não é o caso de fazer renascer inteirinhas as corporações de artes, de limitar a liberdade do trabalho. Tudo isso, sem dúvida, envelheceu e não conviria aos tempos modernos. Mas o que não envelhece, o que permanece, como a própria essência da vida social, é a necessidade de associar-se; ora as associações que se formam actualmente serão cristãs com os patrões, ou revolucionários contra os patrões. A autoridade, a que cada dia escapa a estes, pode contudo ser reconstituída, com a condição de lhe oferecer como padrão a do pai de família. Desde que o operário reconheça nos patrões uma solicitude paterna, ficará desarmado; desde que o patrão considere os seus operários como seus filhos, será respeitado e a paz social reflorescerá.

“Eis o grande fim que não perdemos de vista, muito embora lamentando não ter até agora caminhado tão rapidamente quanto desejaríamos. Precisaríamos para isso duma colaboração mais eficaz por parte dos patrões. Por isso lhes suplicamos que estudem connosco a organização da fábrica cristã, que protejam, amparem e encorajem as nossas obras e, para esclarecer e guiar o seu zelo, / (91) leiam a Revista das questões sociais e operárias, publicada pela obra dos Círculos.

“Podemos já congratularmo-nos por ver este espírito de patronato cristão avivado na sociedade de S. Quintino, pela iniciativa do R. Arcipreste, na Associação das Mães Cristãs. As senhoras que receberam da Providência os dons da educação e da riqueza, visitam, consolam e dirigem com os seus conselhos as mães cristãs da classe operária...

Os interesses materiais do patrão e do operário.

“Há uns espíritos difíceis que julgaram conceder-nos a gentileza duma apreciação favorável, louvando-nos pelo zelo que nós colocamos em fazer brincar honestamente algumas crianças ao Domingo. Já fizemos ver quanto o nosso fim é mais elevado, pois que trabalhamos de maneira mais activa e eficaz para o progresso moral das nossas populações industriais. Com a Igreja, nós unimos sempre o bem material ao bem moral; estimulamos os nossos aprendizes e os nossos operários ao trabalho e à poupança. A nossa caixa económica que convida cada domingo ao depósito das suas economias, cria neles hábitos que durarão, assim esperamos, toda a sua vida. Os seus depósitos elevam-se a cerca de 3.000 francos por ano e o que resta a sua disposição, após úteis reembolsos, ultrapassa hoje os 4.000 francos. / (92)

“A riqueza dum operário não começa muitas vezes num primeiro estímulo à poupança, dado por um patrão ou por um protector? Eis um exemplo entre mil: um industrial de Roubaix tinha na sua fábrica um operário entregue à embriaguez que assim dava cabo de todos os seus salários. Este operário parte uma perna e fica sem recursos. O patrão, não querendo abandonar o desgraçado, faz-lhe a proposta de lhe manter a família, com a condição de que ele o reembolsará mais tarde com retenções sobre os seus salários. Quando sarou, cada semana, uma leve redução foi feita sobre os seus ganhos. No fim do ano, completado o reembolso, o patrão propôs-lhe de continuar a retenção: “Aplicarei, disse ele ao operário, o fruto das vossas economias; daqui a dois anos podereis comprar a casita em que viveis”. E no fim dos dois anos o operário era proprietário.

“Este caso reproduz-se a aqui cada dia em proporções menores. Muitos patrões e pais dos nossos aprendizes estimulam-nos e habituam-nos à poupança, dando-lhes pequenas quantias a depositar cada semana, e certificam-se do depósito feito pedindo a apresentação da caderneta.

“Toda a nossa actuação sobre a sua vontade tende também a inspirar-lhe o gosto pelo trabalho. Toda a vida da obra os afasta da ociosidade funesta da / (93) Segunda-feira. Eles devem ser, e são-no em geral, operários modelos nas suas fábricas. Por isso os nossos mais antigos já merecem a confiança dos seus patrões e a vantagem de se tornarem inspectores ou contramestres. Os patrões que observaram de perto o bom espírito das nossas obras, insistem com os seus operários para que as frequentem, e pedem-nos de bom grado aprendizes ou caixeiros principiantes. É com esse mesmo pensamento que organizámos a nossa exposição industrial. Nós queremos com isso desenvolver nos nossos operários o gosto, a actividade, a inteligência, e favorecer assim a sua prosperidade temporal.

Os nossos progressos

“Falamos noutra parte do desenvolvimento já bem vasto mas ainda insuficiente, que tomaram as nossas instalações; é do progresso da obra viva, do progresso dos nossos associados, progresso numérico e progresso moral, que queremos tratar aqui.

“O nosso número cresceu ainda desde o ano passado, mas mais lentamente. As salas do Círculo já cheias não tinham mais espaço para os novos, e o pátio do Patronato entulhado de tijolos e de argamassa, tornava demasiado fácil a concorrência às festas

populares e às margens do canal. Contamos actualmente com 170 membros no Círculo e 260 no Patronato; ao todo quatro centos e alguns associados. Mas nós julgamos que, sem ter aumentado muito em número, a nossa associação ganhou em qualidade. Não acontece com um grupo de homens como com uma terra cultivável? É possível, sem aumentar-lhe o tamanho, multiplicar indefinidamente o seu valor. Para isso basta aperfeiçoar a maneira de cultivá-la. É neste sentido que a nossa obra progrediu particularmente neste ano. Cresceu em sabedoria e força; vimos com a maior alegria desenvolver-se nela o espírito de iniciativa que tão felizmente contrasta com a fraqueza de carácter tão geral nas nossas regiões. Os conselheiros e responsáveis do Círculo, sobretudo, preocupam-se com o progresso da sua associação, com o seu bom espírito, com a dignidade dos seus membros. Temos aí um elemento novo de zelo e de apostolado para a nossa cidade. Eles tomaram a peito a sua obra. Com a sua dedicação, dão-nos uma poderosa e preciosa ajuda. A sua acção multiplica e prolonga a nossa. Eles andam mais do que nós misturados com os seus companheiros de trabalho. Eles levam o bom exemplo e o bom conselho lá onde nós não podemos chegar. E está, aliás, no espírito das nossas obras desenvolver essas iniciativas que formam caracteres enérgicos e válidos para o bem.

“A estabilidade da obra também melhorou. Contamos agora com um bom número de sócios fiéis que são assíduos à obra em todas as estações. Eles dão-lhe o tom, formam-lhe o espírito e / (95) asseguram definitivamente a sua durabilidade. Esta obra ainda desconhecida há quatro anos em S. Quintino, agora já conquistou nela o direito de cidadania. Ela demonstrou a sua vitalidade, a sua força. Ela pode dar um concurso poderoso à elevação social. Os operários cá vêm assiduamente, pedem-nos qual o caminho a seguir para assegurar a ordem moral e cristã. É um exército devotado ao bem; é nosso dever fornecer-lhes bons quadros.

“Gostaria de poder assinalar o mesmo progresso na classe dirigente. Não o posso fazer. Os patrões, que nos encontrarão sempre respeitadores e devotos, já nos ajudaram generosamente com o apoio das suas simpatias e o contributo das suas dádivas; asseveramos-lhes a nossa gratidão. Eles devem-nos outra ajuda, a das suas pessoas, da sua inteligência, dos seus estudos e da sua influência pessoal. Eles reconhecerão isso, e no-la oferecerão.

“As revoluções sociais e as transformações industriais e económicas desviaram os espíritos de mais do que um dever, de um século para cá. Outrora os patrões cumpriam

para com os poucos operários da sua pequena fabrica, os deveres de paternidade moral e de protecção, aconselhando-os, dando-lhes o exemplo, interessando-se pela sua família, pelo seu lar, pelos seus bens, pelos seus filhos. As revoluções / (96) sociais fizeram esquecer estes deveres. A organização da grande indústria mudou-lhes as condições. Há uma vasta reforma a fazer-se, um renascimento a provocar. A fé cristã está trabalhando. A experiência já está feita. Nós temos, ao pé de Reims, uma fábrica cristã, uma fábrica de têxteis que começou com grupos de operários análogos aos de S. Quintino e de Reims, e que é agora um paraíso terrestre, onde reinam a caridade, a paz, o desafogo, e a felicidade por meio das associações católicas. O empurrão está dado. Vimos em Paris, no mês de Abril, na Assembleia dos Círculos, um grupo de grandes industriais de Roubaix, de S. Dizier, de Rouen, de Laval, de Fourchambault, de Maubeuge e de outras cidades, decididos a reproduzir as obras de Val-des-Bois. Suplicamos aos patrões cristãos de S. Quintino a se unirem connosco para estudarmos a organização dessas obras e para trabalharmos no progresso moral e material da população operária da nossa cidade.

“Sinto-me feliz em poder assinalar, nesta ordem de ideias, a ajuda que nos prestam alguns jovens escolhidos da sociedade de S. Quintino, que tomaram a peito esses problemas, aplicaram-lhes a sua inteligência brilhante, e já se meteram ao trabalho para nos ajudarem tanto quanto / (97) lhes permitirem os seus vagares. Quiseram encarregar-se de dar conferências nas reuniões mensais do Círculo. Já trataram da organização do trabalho, da desigualdade das condições, das Casas de operários e dos Montepios. Eles trazem para cá o encanto da mocidade, a influência do talento e a honra da dedicação. São amados e podem estar certos da nossa gratidão. Estes jovens serão certamente mais tarde os membros mais devotados do nosso Comité e encontrarão lugar numa associação de patrões cristãos, que não pode tardar a formar-se em S. Quintino, como acaba de se formar em Lyon, Marselha, Nancy, Lille, Nantes e noutras cidades industriais, para o estudo dos problemas de economia social e para a organização das fábricas cristãs.

O nosso Lar familiar

“Uma instituição que completa a nossa obra e que é susceptível de grandes desenvolvimentos, se os recursos não faltarem, é o nosso Lar familiar. Tínhamos sofrido cruelmente ao ver jovens excelentes, chegados do campo para aprenderem uma arte ou para se formarem no comércio, perderem todo o encanto da sua ingenuidade e os seus

bons hábitos pela estadia de alguns meses em algum mau quarto mobilado; e / (98) órfãos demasiado idosos para serem recebidos em hospícios, mas demasiado jovens para se bastarem a si mesmos, tornarem-se vítimas da sua fraqueza ou da sua inexperiência. Estes órfãos, abandonados a si mesmos, não tardavam em cair em condições de serem enviados para casas de correcção; ou então eram recolhidos e explorados por pessoas ávidas, que os sobrecarregavam com os mais duros trabalhos e lhes dispensavam avaramente o pão do corpo sem pensarem nas suas almas. Abrimos para eles um asilo ainda insuficiente. Organizámos já quinze camas, que estão todas ocupadas por jovens e crianças, oito dos quais são órfãos. Ainda ontem, o Lar aceitava dois. Uma carta duma pessoa honrada da cidade pedia-nos a sua admissão nestes termos: “Senhor, tomo a liberdade de vos apresentar duas crianças, dois órfãos, cuja mãe foi enterrada hoje. Demasiado idosos para serem admitidos no hospital geral, mas incapazes ainda de se governarem, vêm suplicantes pedir-vos um asilo e a protecção de S. José. O mais novo, de 13 anos, trabalha nos têxteis, o maior que tem 15 anos poderá fazer o que faz o seu irmão, logo que se lhe encontre trabalho; enquanto espera, poderá servir os pedreiros.” Em casos destes, nós não podemos duvidar da Providência, / (99) e contamos muito que Ela nunca nos faltará. Esta Obra, como todas as que respondem a uma necessidade real, crescerá necessariamente. Pessoas generosas quererão assegurar-lhe o futuro com as suas dádivas e subscrições.

Situação Financeira

“A linguagem dos números é sempre árida. Este capítulo, para não vos maçar, deve ser curto e claro. Eis em poucas palavras o balanço da nossa caixa. Mas em primeiro lugar, antes de chegar ao problema de matemáticas, detenho-me num problema moral ou, se assim quereis, psicológico. Que tom vou eu adoptar neste capítulo? Farei sobressair as dificuldades da nossa situação ou mostrar-me-ei totalmente tranquilo? A presença dos nossos benfeitores diz-me de fazer valer a nossa aflicção para excitar a sua generosidade. A dos nossos credores diz-me de frisar bem os nossos recursos para não perdermos o crédito de que gozamos. Mesmo um político mais finório (do que eu) ficaria atrapalhado. Todavia, julgo ter achado a solução para o problema. Vou tentar tranquilizar os nossos credores alarmando os nossos benfeitores. Há um ano, tínhamos coberto o preço da nossa primeira construção e do nosso mobiliário, ao todo 27 ou 28.000 francos. Apelávamos à vossa / (100) generosidade para juntarmos o valor do primeiro terreno, que é de 20.000 francos. E dizíamos que após conseguirmos essa soma, teríamos uma obra

sem dívidas, mas com um local suficiente só por metade... narrávamos um episódio da vida de Dom Bosco que, num dia de angústia em Génova, encontrou um velhinho que lhe deu 19.000 francos...

- Que aconteceu neste ano? Tudo o que nós ousáramos esperar, realizou-se. O nosso sítio cresceu consideravelmente. Tivemos a audácia de comprar aqui um jardim e uma casa, acolá um outro jardim, e construimos esta sala. E quando digo audácia, não vejo nisso, por minha parte, senão confiança na divina Providência, confiança na protecção do nosso santo Patrono e na vossa inesgotável generosidade.

As nossas previsões realizaram-se. Vós substituístes o bom velhinho de Génova. O total das vossas ofertas iguala mais ou menos a dele. Tudo devemos à generosidade de todos. Às vezes são os donos de indústria que, reconhecendo na nossa obra o remédio para a imoralidade da fábrica, mandam-nos ricos donativos; por vezes são os magistrados que nos ajudam, certamente por encontrarem vagares e feriados ao ver diminuir o número dos delitos praticados por jovens; / (101) por vezes são pessoas piedosas que nos enviam a sua oferta, tantas vezes anónima, para atraírem a protecção do nosso sanbto Patrono, S. José. Temos portanto uma fonte constante de receitas, e o nosso capital é a vossa simpatia.

“Dizemos portanto aos nossos benfeitores: Que a vossa benevolência não fique puramente simbólica e as provas dela não acabem; diversamente a vossa obra ruiria. Não digais: eis uma obra que tem receitas asseguradas. Não, porque as nossas receitas são as vossas próprias dádivas, e elas são-nos necessárias mais do que nunca, visto que triplicamos as dívidas de há um ano para cá.

“Aos nossos credores nós diremos: Não vos inquieteis: nós temos uma galinha de ovos de ouro. Não queremos matá-la e esperamos que ela não morra. Esta galinha dos ovos de ouro é a simpatia dos nossos benfeitores.

“E a vós, nossos benfeitores, dizemos ainda: ajudando-nos, não ficais mais pobres. S. Lourenço, mostrando os que ele tinha assistido como os tesouros da Igreja, dizia: Eis os nossos tesouros. Vós, mostrando estas crianças, para as quais construístes este asilo de caridade, podeis dizer também: Eis os nossos tesouros para o céu. / (102)

Conclusão

“Resumindo, nós ganhamos terreno no caminho do progresso cristão e da pacificação social. Temos entre as mãos um instrumento, uma obra que já deu as suas

provas. Os resultados obtidos não nos deixam lamentar os nossos sacrifícios. Mas o que fica por fazer é ainda imenso. A acção dos patrões cristãos é somente um embrião em S. Quintino. A fábrica cristã e a oficina cristã não são ainda conhecidas aqui senão como um ideal de que não se vislumbra a realização próxima. As nossas periferias populosas pediriam outros círculos e patronatos. Pedimos a todos a vossa ajuda.

“Ao Sr. Vigário Capitular que se dignou deixar as suas graves ocupações para vir presidir, agradecendo-lhe a benevolência e os preciosos conselhos, pediremos que solicite para a nossa obra uma das primeiras bênçãos do nosso novo pontífice, Mons. Thibaudier.

“Ao Sr. Arcipreste que, tanto pela sua sabedoria e dedicação como pela autoridade das suas funções, é a cabeça e o coração das obras de que nós somos os braços, pediremos a continuação do seu paternal apoio.

“Aos nossos benfeitores, oferecemos os nossos agradecimentos, persuadidos de que a sua ajuda não nos faltará / (103) nunca. Agradecemos aos patrões e os chefes de oficinas por quiseram aceitar com gosto as funções de membros do júri da Exposição.

“Finalmente, dirijo a todos uma humilde e insistente petição, ao concluir: suplico-vos que alcanceis com as vossas orações as bênçãos de Deus sobre estas obras, recordando-vos que, para toda a casa que Deus não edifica, é em vão que os homens trabalham.”

BENFEITORES

O nosso relatório impresso continha a lista dos Membros Fundadores e Benfeitores da obra. Os Fundadores tinham dado pelo menos 200 francos; os Benfeitores, de 50 a 200. Esta lista compreendia realmente todas as pessoas influentes da cidade, com alguns notáveis do departamento.

Fundadores: Mons. Dours, bispo de Soissons, M.M. Gobaille, arcipreste; Mathieu, arcipreste; Roux, subprefeito; Genty, vigário; Dehon, Vigário; Arpin Fernand, Basquin Hector, Black-Tonnoir, os irmãos Boca, Jourdain René, Lebée Eugène, Mabile; Malézieux Henri, presidente da Câmara do comércio; Maréchal, Millot, Moureau, Paillette, Lecot, Robert de Massy, Mairesse, Lécuyer sénior, Faroux, Delcourt, Testart, Déprez-Delarbre, Falise, Pluzanski, Jourdain-Boinet, Dr. Cordier, Cambronne, Leproux, Démeline-Boulogne,

J. de Réverony. Senhoras Hennet, Legrand Emile, Bernouille, Raffart, / (104) Desjardins, Fouquier-Coutte, Mennechet, Lecaisne; as Dames de la Croix.

Benfeitores: Srs. Arrachart, Lehout Jules, Souvillé, Guérard, Mariolle, presidente da Câmara; Malézieux, deputado; Huet-Jacquemin, antigo presidente da Câmara; Picard, antigo presidente da Câmara; Desjardins Ernest, deputado; Hugues François, deputado; de Caffarelli, deputado; Godelle, deputado; Féronelle, Leblanc, Dr. Dutems, Béguin, Santerre, Leroy-Lecaisne, magistrado; Lecerf, Dufour Edouard, o notário Cardon, Tansin Louis, Née, Julien; Demiselle, cônego; Geispitz, vigário; Guillaume, conservador das Hipotecas; Tansin Henri, Pluche, Dr. Blin, Colmont, Geneste, Beaufrère, Capron, Fouquier Henri, Hacquard, abade Gilquin, Le Camus, Gourdin, de Fressancourt, Bocheux, Margerin du Metz, Jean Blin, de Namuroy, Delvigne, Moureau, Damoisy, Pichon, Belseur, Agombart-Cheval, Déprez-Joubx, Damay, Halliez, Pecqueux, Quenesson, Mornard.- Senhoras Tilliol, Girardin, Borel, Doublet, Leclercq-Vinchon, Duplaquet, Namuroy, Pouillon, Vicaire, Martin, Fouquier, Maury.

BORDÉUS - BURGOS - POITIERS

A presença no congresso de Bordéus completa a actividade deste ano.

Parei em Poitiers para rever alguns antigos condiscípulos, particularmente o Rev. Bougouin que me hospedou no seminário. Tive o / (105) prazer de assistir a uma recepção da noite no paço episcopal e de presenciar uma troca elevada discussão sobre os acontecimentos contemporâneos entre Mons. Pie e Mons. Gay.

As obras eram bem vivas em Poitiers. O Patronato do Rev. Fossin causava admiração. A faculdade de Teologia tinha a vantagem de ter o Pe. Schrader. Tudo isso havia de durar pouco.

O Rev. Bougouin guiou-me na visita à cidade que é riquíssima em monumentos e obras de arte.

O pequeno Templo de S. João ou baptistério é da época galo-romana; com o templo do Clitumnus (igreja do Salvador, séc. V) perto de Espoleto, é uma das raras adaptações do estilo clássico romano ao uso do culto cristão. Nessas duas edículas foram copiados os templos romanos, ao passo que geralmente se imitavam as basílicas ou tribunais.

N^a Senhora-a-grande e S. Hilário são de estilo românico; Santa Rodegunda e a Sé, no estilo ogival dos Plantagenet. A fachada de N^a Senhora-a-grande, como a da Sé de Angoulême faz lembrar o trabalho dos ourives da Alta Idade Média. Tem três ordens de arcadas, numerosos relevos e duas torrezitas de tecto cónico coberto a escamas de peixe. Faz lembrar o românico italiano de Pisa, Luca, Verona. / (106)

S. Hilário é uma grande igreja românica do séc. XI, com sete naves e seis cúpulas. Tem algo do estilo românico-bizantino e do estilo árabe.

A Igreja de Montierneuf, do séc. XI, é também românica; tem uma cúpula.

A Sé e Santa Radegunda no estilo ogival Plantagenet com naves altas e imponentes. Não se vê nelas a elegância e leveza do estilo ogival da Ile-de-France.

A Igreja de Santa Rodegunda tem o túmulo venerado e milagroso da Santa, e a pegada tradicional dos pés de Nosso Senhor, como no *Quo Vadis* de Roma.

Em resumo, a arquitectura de Poitiers é meio-bizantina e meio-inglesa. Já não é o estilo francês propriamente dito.

Poitiers tem também pinturas interessantes.

S. João e Notre-Dame têm frescos dos sécs. XII e XIII, como há na Itália. A biblioteca tem também miniaturas dos sécs. IX e X.

- Do congresso de Bordéus eu poderia repetir o que disse dos de Reims, Lyon e Nantes. O mesmo entusiasmo, a mesma boa-vontade, a mesma união. Era a adolescência do nosso / (107) despertar social. Tudo aí era cor-de-rosa, tudo era jovem e cheio de esperança, nada de divisões, nenhum desânimo. Parecia que íamos recuperar a juventude, refazer as corporações e reanimar a vida social cristã.

Mons. de Ségour seduzia-nos pela sua doçura e a sua piedade; o Pe. Bailly electrizava-nos com o seu espírito e o seu entusiasmo. - Mas as obras de Deus não avançavam tão facilmente. Era preciso que a privação viesse sacudi-las para consolidá-las.

A Igreja de S. Severino, a antiga catedral, é um edifício bastante pesado, meio românico, meio ogival, dos sécs. XI-XIII. A cripta contém o túmulo de S. Forte, primeiro bispo de Bordéus, o túmulo de S. Verónica e outros sarcófagos do séc. IV ao VI.

A Catedral de S. André é uma das belas igrejas ogivais do Sul, mas é muito inferior às do centro. Tem uma grande nave sem naves laterais, dos sécs. XI e XII, e um coro duplo do séc. XIV.

S. Miguel é uma bonita igreja ogival. Debaixo da torre dos sinos, uma cripta contém uns quarenta cadáveres mumificados encostados ao longo do muro em atitudes que fazem sonhar.

Santa Cruz é de estilo românico de Ourivesaria, como Notre-Dame de Poitiers e a sé de Angoulême. / (108)

- Passando, quis visitar a humilde casa de S. Vicente-de-Paulo em Pouy; foi um bom dia de oração e peregrinação.

- Depois parti para uma fugida à Espanha. Precisava tanto de ter boas narrações a oferecer nas minhas reuniões de jovens! Circulei em comboio-expresso até Burgos. Foi para mim uma surpresa completa. Imaginava-me uma Espanha meio cavalheiresca e meia frívola, a Espanha de Cid e de Fígaro. O Norte da Espanha não corresponde absolutamente a essa ideia. A Vizcaya é uma região de montanhas e de agricultura com uma população robusta e laboriosa. As suas florestas têm carvalhos como a nossa Bretanha, as suas planícies têm pomares como a nossa Normandia. A vertente do Atlântico tem um clima bastante frio.

Mas Burgos maravilhou-me muito. A sua catedral é um relicário pela abundância e a delicadeza dos pormenores. Em França, as nossas Igrejas de Brou e de Épine; na Inglaterra, a abadia de Melrose podem dar uma ideia dela. Uma primeira visita deixa a impressão dum deslumbramento. Prometi a mim mesmo de lá voltar na primeira ocasião e de visitar a Espanha mais em pormenor. / (109)

Depois voltei por Lurdes onde rezei muito para saber o que o Senhor queria de mim; e voltei a S. Quintino entregando-me à Sua Providência.

DE NOVO A OBRA

Numa última reunião da Obra do Patronato a 15 de Dezembro, em exprimia o meu pensamento sobre a situação social da França.

“Serei eu Cassandra ou Jonas? - dizia eu. Cassandra, sob o peso da maldição de Júpiter, via todas as suas profecias incompreendidas. Diz a lenda que ela não conseguiu salvar Tróia da destruição, nem Agamemnon da morte.

Jonas profetizou que Nínive seria destruída se não se convertesse. Nínive converteu-se e foi preservada da ruína.

De há muitos anos nós vos dizemos com a Igreja que uma crise social está iminente, e que é preciso fazer voltar o mundo do trabalho à ordem cristã.

Os 40 dias concedidos a Nínive escoam-se, e as advertências da Igreja foram aproveitadas só por um pequeno número.

A situação social é agora mais tranquilizadora? Notai que eu me coloco fora da política e falo somente da vida moral no mundo industrial e das relações sociais entre o patrão e o operário. / (110) Os progressos do pauperismo têm parado? A imoralidade do povo vai diminuindo? O antagonismo das classes está menos efervescente nos corações? A imprensa que reflecte as ideias dos que dirigem e que prepara as impressões daqueles que se deixam dirigir, tem-se tornado um laço de caridade e de conciliação?

Se for preciso responder negativamente a todas estas perguntas, não temos nós razão em impulsionar-vos para agir?

Alguns meses atrás, vos mostrávamos o único remédio para o mal social contemporâneo na associação católica. Descobristes ou tentastes outro?

O único remédio que tenham apresentado aqueles tribunos de hoje que raciocinam um pouco, é a instrução, e julgando esse remédio infalível, querem torná-lo obrigatório. Quero acreditar que eles estão em boa fé, mas andam errados.

A instrução em si, é um meio indiferente. Ela permite melhor compreender e fazer em maior escala tanto o bem como o mal, conforme a inteligência mais desenvolvida se aplicará ao mal ou ao bem.

Da nossa parte nós queremos o progresso da / (111) instrução cristã, para que o bem se faça em maior escala. A instrução é uma arma. Nós deploramos a cegueira daqueles que não percebem a urgência de ensinar ao povo o seu bom uso por meio de uma educação moral e cristã, ao mesmo tempo que ela é posta ao seu alcance.

Apresentámo-vos um conjunto completo de restauração social e cristã nas nossas obras católicas bem entendidas. Nós queremos-las largamente difundidas. Queremos ver nelas o padre tomar a mão do patrão e colocá-la na do operário, e todos três procurando em conjunto, na caridade cristã, a satisfação das justas aspirações de todos, para o tempo e para a eternidade.

Referimos várias vezes o sucesso alcançado em outros lugares pelos esforços conjuntos dos patrões e dos operários. No primeiro lugar está a oficina cristã do sr. M. Harmel. Progressos menores na vida cristã e na aproximação das classes e na prosperidade do operário realizaram-se em Rouen, Maubeuge, Lille, Roubaix, sob a inspiração dos Srs. Guyot, Screpel, Sepulchre e Féron-Vrau. / (112)

A obra dos Círculos desenvolve um bom zelo apostólico para acender em toda a parte o fogo sagrado da caridade e da vida cristã. Porque será preciso que aqui os nossos progressos sejam tão lentos? Há centos de causas diferentes: o nosso pouco zelo, o pouco tempo que os afazeres deixam à reflexão, a rotina, a desconfiança, o medo. Nunca mais acabaria, se quisesse citá-las todas. Assinalarei só aquela à qual neste momento posso trazer algum remédio. O alcance social das nossas obras não é bastante compreendido por aqueles que lhe poderiam dar o apoio mais eficaz.

Há, com certeza, felizes exceções e quero prestar justiça de maneira especialíssima ao digno e muito amado presidente da nossa Mesa, cuja grave doença faz hoje pesar sobre os nossos corações uma angústia da qual não nos podemos libertar senão contando com a Providência. (Sr. Heitor Basquin).

Queremos esperar que os chefes da indústria farão uma paragem para considerar mais atentamente as nossas obras. Encontrarão nelas a solução cristã da questão social que os preocupa. Eles aceitarão estudar connosco os meios para restaurar a corporação / (113) cristã, não a do século passado com os seus entraves e abusos, mas a corporação livre, o bom entendimento na união, o esforço comum para a prosperidade temporal como para a salvação das almas.

Queremos esperar também a realização próxima de uma associação de patrões cristãos decididos a desenvolver as nossas obras e a estabelecer nas suas oficinas as práticas da fábrica cristã. Confiamos esta esperança às vossas orações, para que elas a levem até Deus, e façam descer, com a inspiração do céu, a sua realização próxima.

Após estas considerações morais, seria descair demais falar-vos hoje nos pormenores da obra. Bastará confessar-vos a nossa alegria em vê-la sempre numerosa e próspera, e repetir a nossa confiança na vossa generosidade, à qual fazemos um apelo premente.

Claro que não temos podido aguardar os recursos para construir esta sala. Estávamos demasiado ansiosos por vos oferecer um ambiente digno de vós e capaz de acolher ao mesmo tempo os nossos utentes que vós nunca encontráis. Pensámos que as vossas dádivas viriam sem interrupção para cobrir a nossa dívida. Temos fé na nossa obra e pensamos que ela continuará a atrair as vossas simpatias / (114) trabalhando directamente para o reino da paz social e para a elevação dos homens do povo, que são a força e a vida das nações. / (115)

Índice

| | |
|---|----|
| Apresentação à edição portuguesa. _____ | IV |
| Introdução _____ | 1 |
| Cronologia da vida do Pe. Dehon, para este 6º volume. _____ | 4 |
| 1874 _____ | 4 |
| 1875 _____ | 4 |
| 1876 _____ | 4 |
| Abreviações _____ | 4 |
| 1874 - Terceiro ano de Vicariato. _____ | 5 |
| Fundações _____ | 5 |
| Pregações _____ | 5 |
| Para a Pregação do XXI Domingo depois do Pentecostes, _____ | 13 |
| Para a prática do XXIV Domingo depois do Pentecostes, _____ | 13 |
| Na Festa de S. Pedro, _____ | 16 |
| Num Sermão sobre o Coração de Jesus, _____ | 16 |
| Outras instruções _____ | 17 |
| Instruções no Patronato _____ | 17 |
| A Obra dos Círculos - Assembleia Anual _____ | 21 |
| Comité protector _____ | 24 |
| A obra em marcha _____ | 26 |
| Secretariado diocesano _____ | 32 |
| Congresso de Lyon _____ | 34 |
| A Cartuxa _____ | 39 |
| Grenoble - La Salette _____ | 40 |
| Incêndio em Val _____ | 42 |
| Ministério _____ | 43 |
| Oratório Diocesano _____ | 44 |
| Inquérito Diocesano _____ | 46 |
| Obtive de Mons. Dours que se encarregasse de enviar ao seu clero uma carta circular com o nosso programa de inquérito. Ele fê-lo a 4 de Dezembro de 1874. Eis o seu teor: | 46 |
| O Jornal _____ | 50 |
| Retiro em Laon _____ | 52 |
| Universidade de Lille _____ | 53 |

| | |
|--|-----|
| Correspondência: o bispado _____ | 56 |
| O Rev. Pe. Freyd _____ | 57 |
| O Rev. Demiselle _____ | 63 |
| Condiscípulos de Roma _____ | 65 |
| Estudos _____ | 68 |
| Correspondência de família _____ | 72 |
| 1875- Quarto ano de vigário _____ | 73 |
| Pregações _____ | 73 |
| Janeiro - Patronato: Relatório _____ | 87 |
| Fevereiro: Mudanças políticas _____ | 92 |
| As nossas festas _____ | 93 |
| Março - Morte do Pe. Freyd _____ | 93 |
| Congresso de Liesse _____ | 97 |
| Oração pública _____ | 109 |
| Jubileu _____ | 110 |
| O Rev. Gobaille _____ | 111 |
| Os Círculos _____ | 112 |
| Relato da vida do Patronato - 13 de Junho _____ | 112 |
| O Sagrado Coração _____ | 120 |
| Legislação cristã _____ | 122 |
| Retiro. Oratório diocesano. _____ | 123 |
| Congresso de Reims (23-27 de Agosto de 1875) _____ | 123 |
| Châlons- Arqueologia _____ | 126 |
| Antigos alunos de Roma _____ | 126 |
| Secretariado Diocesano _____ | 127 |
| Comité protector _____ | 127 |
| O "Conservateur" _____ | 128 |
| Casa de Família - Capelão e Irmãs _____ | 128 |
| As Irmãs _____ | 129 |
| Reunião de jovens _____ | 129 |
| Estudos e leituras _____ | 133 |
| Correspondências _____ | 134 |
| 1876- 5º ano de vigário _____ | 140 |
| Pregações _____ | 140 |
| Retiro de vocação em Laon; 21-27 de Março _____ | 141 |

| | |
|--|-----|
| Retiro em Laon - Escolha _____ | 147 |
| Vida Religiosa _____ | 147 |
| Vida Secular _____ | 148 |
| Vigários capitulares _____ | 149 |
| Círculos - casas de operários _____ | 150 |
| Universidade católica _____ | 150 |
| Evolução política _____ | 151 |
| Lições de eloquência _____ | 151 |
| Oratório Diocesano. _____ | 154 |
| Mons. Thibaudier. _____ | 155 |
| Reuniões de Jovens. _____ | 158 |
| Outras obras _____ | 161 |
| Estudos e leituras _____ | 161 |
| Correspondência _____ | 165 |
| Preparação do Congresso de S. Quintino _____ | 169 |
| As nossas festas em 1876 - Exposição _____ | 171 |
| Congresso de S. Quintino. _____ | 172 |
| Discurso do Pe. Henriot _____ | 174 |
| Primeiro dia _____ | 175 |
| Segundo dia _____ | 182 |
| Terceiro dia _____ | 187 |
| Breve do Papa _____ | 190 |
| Canonicato _____ | 191 |
| Comissão protectora _____ | 192 |
| A Obra _____ | 192 |
| Benfeitores _____ | 202 |
| Bordéus - Burgos - Poitiers _____ | 203 |
| De novo a obra _____ | 205 |
| Índice _____ | 209 |